

A muscular man is shown from the waist up, wearing a white tank top and light blue jeans with a brown leather belt. He is holding a wrench in his right hand and pulling at the neckline of his tank top with his left hand. The background is a workshop with a red toolbox. The text 'FIQUE POR MIM' is overlaid on the image.

FIQUE POR MIM

AMY DAW'S



**FIQUE
POR
MIM**

Copyright © 2018. Wait with me. Amy Daws.
Copyright da tradução © 2019. AllBook Editora.

Diretora Editorial: Beatriz Soares.
Tradução: Alice J. Silva
Preparação: Carolina Caires Coelho
Revisão: Carolina Caires Coelho e
AllBook Editora

Projeto gráfico de miolo: April Kroes.
Modelo: Austin Loes
Fotógrafo de capa: Dan Thorson
Projeto de capa original: Amy Daws
Projeto de capa Brasil: Flavio Francisco
e Alessandra Consolini

Esta obra foi negociada pela Bookcase Literary Agency.
Todos os direitos reservados pela AllBook Editora para publicação no Brasil. A reprodução, transmissão ou distribuição não autorizada de qualquer parte deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Produzido no Brasil.

contato@allbookeditora.com

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D313f

Daws, Amy

Fique por mim / Amy Daws : tradução Alice J. Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Allbook, 2019.
248 p. ; 23 cm.

Tradução de: Wait with me
ISBN 978-65-80455-06-5

I. Romance americano. I. Silva, Alice J. II. Título.

19-57948

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Vanessa Matia Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Agradecimientos](#)

Este livro é inspirado em acontecimentos da vida real.

Exceto todas as partes intensas e românticas.

Minha vida não é tão excitante assim.



1

KATE

Kate Smith. Meu nome é literalmente Kate Smith. Meus pais não tiveram a capacidade de dar uma sofisticada e escolher Katherine ou Katelyn. Minha nossa, se eles ao menos tivessem me dado um nome exótico, como Katarina, minha vida poderia ter sido bem diferente.

Caramba, eu teria me contentado até mesmo com Katie. Esse nome dá a impressão de alguém um pouco mais divertida.

Talvez.

Mas não... Eu sou só Kate.

Eu sou a filha mais velha de uma família de cinco pessoas de Longmont, Colorado. Meus pais estão casados há mais de quarenta anos, e ainda se gostam, por incrível que pareça. Meus dois irmãos mais novos saíram de casa e se casaram com duas irmãs. Os dois casais perfeitos e seus preciosos filhos moram num raio de dois quarteirões da nossa casa de infância. Meus pais tomam conta deles todas as sextas-feiras à noite, para que meus irmãos possam jantar e beber com suas esposas gostosas, como os bons maridos cristãos que são.

E o que faz a entediante Kate, que está beirando os trinta anos?

Ela escreve pornografia.

Em uma loja de pneus.

Em Boulder, Colorado.

— Com licença, mas você parece familiar... — uma mulher de sessenta e poucos anos me diz com um olhar de admiração. Ela tem aquela aparência agradavelmente roliça, que me lembra uma fada madrinha vintage. daquelas que parecem avós, não das que parecem personagens das histórias de Harry Potter.

Eu levanto as mãos do teclado do meu laptop, onde elas estavam digitando sem parar e tiro os fones de ouvido.

— Desculpa, o que disse?

A mulher pisca diversas vezes na sequência.

— Você trabalha em um hospital?

Abro um sorriso amável.

— Não, não.

— Então trabalha numa clínica odontológica?

— Não.

— Num consultório veterinário? Tem que ser isso. Você me é muito familiar. Eu sou Betty, e meu poodle é o Misty, é pequeno e preto.

Sorrio novamente e fico com pena da mulher.

— Não. Me desculpe, Betty. Eu não trabalho em uma clínica veterinária. Sou escritora. Talvez você tenha lido meus livros?

Seus olhos brilham.

— Ah, qual é seu nome?

— Eu escrevo sob o pseudônimo de Mercedes Lee Loveletter — respondo com confiança. *Não me julgue! Tentei compensar porque passei a vida odiando meu nome.*

— É um romance cristão? — Betty pergunta, unindo as mãos, empolgada e esperançosa.

— Não — eu respondo, sem jeito.

— Ah... é Amish¹? Eu amo esses romances.

Respiro profundamente.

— Com certeza não é. — Betty não é meu público. Eu deveria ter adivinhado, mas é de surpreender o tanto de avós que gostam de safadezas.

Ela franze a testa e olha para o meu computador.

— Você está escrevendo agora?

— Sim. — Pressiono o laptop contra meu corpo enquanto ela se movimenta para olhar por cima do meu ombro.

— Posso ver? — Ela pergunta, roçando meu ombro, exalando um cheiro de baunilha.

Fecho o laptop.

— Desculpe, mas não deixo ninguém ver meu trabalho quando ainda

sendo feito... O editor ainda vai mexer no texto. — *E você provavelmente teria um treco.*

— Você estava aqui ontem também, certo? — Ela pergunta, curiosa.

Endireito a coluna.

— Sim, por que está perguntando?

— E antes de ontem?

Eu olho ao redor com nervosismo.

— Bem, qual é o problema? A administração mandou você aqui?

Ela arregala os olhos.

— Ah, não, não. Eu sou apenas a confeitadeira!

Então, entendo o que está acontecendo. Eu a vi mesmo carregando umas travessas ontem.

— Betty, a Confeitadeira! — Eu grito, como se ela fosse uma avó minha, há muito tempo perdida. — Você faz os biscoitos!

Ela sorri orgulhosamente, e eu meio sinto vontade de abraçá-la, mas droga, provavelmente ainda é cedo demais.

— Sim, eu faço os biscoitos. Normalmente, só venho uma vez por semana, mas tenho aparecido muito ultimamente para ver como o novo produto está sendo recebido.

— Os bolinhos! — Eu exclamo e sacudo a cabeça, tentando me acalmar. — Caramba, eles são deliciosos.

— Você acha mesmo? — Ela está praticamente inchada de tanto orgulho. Jesus Cristo, parece que ela vai explodir.

— Ah, sim — respondo. — Eu os mergulho no café que tomo de manhã e a combinação é perfeita. Quase tão bom quanto os biscoitos com gotas de chocolate branco mergulhados no café com leite de amêndoas caramelizadas que tomo à tarde.

Ela ri alegremente.

— Você já provou os pasteizinhos dinamarqueses?

— Eu não vi esses! — Eu quase grito, animada, e, em seguida, tento me

conter. *Caramba, tem pasteizinhos dinamarqueses? Quem está comendo todos eles, inferno?* — Eu costumo chegar aqui por volta das dez. A essa hora, já não vai ter mais nada.

— Bem, é um bom sinal! — A mulher gargalha e então franze a testa. — Há quantos dias você está vindo aqui? Seu carro está com algum problema sério? Aposto que eles poderiam conseguir um carro de aluguel para você.

Fico tensa na hora. *É por isso que você não deve conversar com os clientes, Kate! Você deveria ser discreta, não conversar com a fada-madrinha confeiteira!* Eu respiro fundo e digo uma mentira, entredentes.

— Na verdade, eu não sou uma escritora, de fato, Betty. Posso te contar um segredo? — Seus olhos se arregalam com a minha expressão séria, ela olha em volta para ver se ninguém está escutando e assente, curiosa. *Este é o momento para o qual você está se preparando há semanas, Kate. Não se reprima agora.* — Eu sou da administração. Nós estamos preocupados com o serviço nesta filial, então me enviaram aqui para observar melhor as coisas por algumas semanas.

— Ah, mas eu nunca vi ninguém reclamar! E eu adoro os rapazes da recepção. Eles são sempre muito simpáticos, e adoram meus cookies com gotas de chocolate.

— Eu acho que todo mundo adora seus cookies com gotas de chocolate — eu respondo com uma piscadela. — Mas preciso pedir para você ser discreta em relação à minha presença aqui. Nós queremos ver mesmo como é o atendimento diário ao cliente desta filial, para que possamos fazer as melhorias necessárias.

Ela assente devagar, claramente animada que ela está na minha missão secreta.

— Eu entendo. — *Possível dedo-duro contida.*

— Obrigada por sua discrição. — Estendo a mão para cumprimentá-la de forma muito profissional, mas a mão dela mais parece um macarrão mole e pegajoso. — Foi um prazer conhecer você, Betty. Continue o bom trabalho. Nós não estamos preocupados com você.

Minha piscadela faz com que ela se afaste com um olhar sério, e eu viro e respiro aliviada. Essa foi por pouco. Muito pouco. Preciso terminar este livro antes que alguém perceba que ando muito por aqui.

Eu reabro meu laptop e continuo de onde parei, no livro cinco da minha série erótica *Bed'n Breakfast*. Este livro é a conclusão de um sucesso de vendas internacional instantâneo, recentemente escolhido para virar filme pelo *Passionflix*. Meus fãs estão loucos por este livro, e não consigo parar de pensar no tamanho do esforço que fiz para escrevê-lo.

Claro, alguns podem dizer que é incomum escrever romance erótico na sala de espera de uma loja de pneus. Mas quando você é uma autora bestseller do *New York Times* e, de repente, todas as palavras e personagens em sua mente desaparecem, você toma medidas extremas.

É por isso que no dia em que entrei na sala de espera da loja de pneus, preparada para encarar a tela branca de meu computador, enquanto trocavam os pneus do meu carro, fiquei chocada quando as palavras começaram a fluir novamente. Assim, tipo, fluindo mesmo. Não era um gotejar, mas uma inundação de proporções épicas.

Depois de um período de seca, eu não ousei provocar o destino me afastando daquela merda! Eu mais parecia uma atleta premiada em uma série de vitórias indo para a final do campeonato. Eu não ia lavar as meias nem depilar as pernas. Eu ia comer a mesma coisa, fazer os mesmos caminhos e repetir tudo todos os dias igualzinho até eu terminar o livro!

Por isso estou na minha terceira semana de trabalho na boa e velha loja de pneus. E aprendi muito no meu tempo aqui. Como o fato de a loja de pneus ser muito mais do que uma loja que vende pneus. Para começar, eles não vendem apenas pneus. Fazem troca de óleo, manutenção e reparos mecânicos. Outro dia, ouvi o gerente dizer que eles faziam de tudo, exceto pintura e vidro. *Não é demais?*

Mas pra ser sincera, tenho que admitir que venho aqui apenas por um motivo: O Centro de Comodidade do Cliente.

O CCC na loja de pneus Tire Depot também conhecido como minha nova nave-mãe. Quando eu trouxe meu veículo pela primeira vez há três semanas, e o cara do balcão indicou uma sala de espera no canto, eu achei que encontraria uma cafeteira mixuruca com café comum requentado. Com sorte, eles teriam um creme em pó deste ano.

Quando dobrei a esquina e entrei no Centro de Comodidade do Cliente, com noventa metros quadrados, com uma lareira de tijolos, poltronas de couro e uma cafeteira que fornecia uma enorme variedade de café gourmet, quase caí de

joelhos e chorei.

Em questão de minutos, eu estava com um café com leite de amêndoas caramelizadas, um bolinho quente de aveia com passas e sentada em um lugar maravilhoso numa das mesas altas, bem ao lado de uma tomada. Foi o destino.

Sentindo-me animada como há meses não me sentia, abri meu laptop e, depois de alguns goles de café, as palavras que eu estava me esforçando para encontrar na minha mais recente história obscena subitamente fluíram da ponta de meus dedos. Eu tinha encontrado um jeito de sair do temido bloqueio de escritor! Isso era um maldito milagre de Natal!

Eu pisquei e três horas se passaram. O responsável pelo atendimento ao cliente disse que meu carro estava pronto, mas quando eles disseram que não se importavam se eu ficasse ali por um tempo, na hora pensei: sou uma *baita sortuda!* Quando me dei conta, tinha escrito cinco mil palavras em cinco horas.

Eu nunca tinha escrito tão rápido na minha carreira como autora! E foram boas palavras também! E foi esse o motivo decisivo.

Então, como um cachorro que encontrou as melhores sobras no lixo, decidi voltar novamente. No começo, levei alguns veículos para troca de óleo... do meu vizinho, do meu amigo. Até meus dois irmãos me deixaram levar seus veículos, mas me olharam esquisito o tempo todo porque eu tinha que dirigir por trinta minutos só para pegar os carros deles, aqueles chatos intolerantes.

Mas então, tive a sensação de que um rapaz no balcão estava começando a me reconhecer. Eles recebem muitos carros na loja de pneus e, infelizmente, eu me sobressaio um pouco. Sou ruiva e curvilínea, com uma pele que não sofre com o sol como muitos outros ruivos. Mas acho que o que alertou o rapaz foi quando eu levei o sétimo carro para fazer um serviço. Naquele momento, eu estava levando o veículo de um amigo do meu colega de trabalho, então eu estava claramente desesperada e talvez um pouco louca. Mas sabia que tinha que fazer o que fosse preciso para conseguir meu texto!

Então percebi que o Centro de Comodidade tinha uma entrada própria. Uma entrada localizada longe dos rapazes do balcão. Afinal, eles eram os porteiros. Os únicos com quem conversei. Então, por que eu não podia simplesmente entrar pela porta lateral todos os dias, fazer meu trabalho tranquilamente, beber café de cortesia até cansar e ir embora sem que ninguém notasse?

Bem... claro, minha consciência pesada me incomodou algumas vezes,

mas quanto mais eu vinha, mais fácil ficava. Os maiores assassinos em série da América provavelmente viviam repetindo esse mesmo mantra. Mas tudo bem.

Café de graça ou a morte.

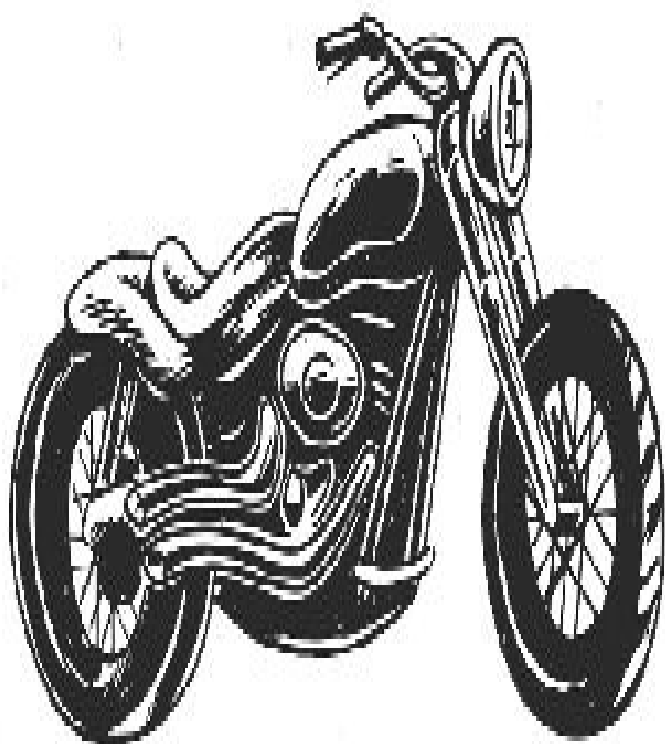
O CCC havia se tornado o meu Luke's Diner. Eu era Lorelai Gilmore, às voltas por aqui todos os dias, e aquela pequena máquina de café automática e inanimada era o proprietário rabugento da lanchonete pelo qual eu estava lentamente me apaixonando. E agora eu conhecia Betty, a confeitadeira dos produtos e a responsável pela minha dieta pobre das últimas semanas.

Mas o amor é uma coisa louca, que ninguém contém nem controla. Ninguém o impede nem controla. É um animal intenso que se deve aceitar como destino.

É assim que me sinto em relação ao CCC da loja de pneus: amor eterno, amor verdadeiro.

Então, por enquanto, estou me misturando à multidão. A loja de pneus é um lugar cheio, e com quatro salas de espera, esconder minha identidade é bem fácil. Já se foram os dias em que implorava para meus irmãos perguntarem a seus amigos se precisavam levar seus carros para trocar óleo. Não preciso mais me programar para pegar a estrada só para conseguir fazer com que meu carro precise de manutenção.

Por enquanto, eu estou anônima, e a Mercedes Lee Loveletter está escrevendo um livro que vai deixar seus leitores mais excitados a ponto de bala. *Olha só... eu fiz um trocadilho. Nossa, não é tão ruim. Vou anotar isso.*



2

MILES

Do lado de fora do prédio, encostada na parede no beco atrás da garagem, eu levo o bastão vermelho de bala de alcaçuz até os lábios e trago através da abertura que acabei de morder. Dou uma mordida e sopro, imaginando a adrenalina intoxicante que eu estaria recebendo se fosse um cigarro de verdade.

Se ao menos eu ainda fumasse.

Olho para a esquerda quando a porta dos fundos do Centro de Comodidade se abre, e de relance vejo cabelos ruivos e encaracolados. A mesma ruiva está de volta. Aquela que eu vi passando por aqui vários dias seguidos. Eu sempre vislumbro sua juba vermelha pela vitrine embaçada da loja onde minha seção fica. Sempre me pergunto de onde ela vem e para onde exatamente está indo.

Hoje, consigo ver muito melhor. Ela está usando calça legging preta, lisa e uma camiseta larguinha e esvoaçante com a palavra PIZZA estampada na frente. Pelo caimento da blusa, fica claro que ela tem seios fartos e, mesmo usando chinelos, consigo ver claramente que suas pernas são torneadas. Curvilínea e pequena do jeitinho ideal. Ela é naturalmente gostosa, e não uma daquelas que se arrumam para ir ao mercado.

A ruiva está andando em linha reta na minha direção, mas olhando para trás como se alguém fosse sair correndo atrás dela. Eu tento tirar o alcaçuz da boca rápido o suficiente para dizer para ela parar, mas é tarde demais. Ela tromba em mim como um coelho contra uma parede de tijolos. No choque, seu chinelo se aloja sob a minha bota de trabalho e, com uma torção desajeitada do tornozelo, ela cai no chão, e sua bolsa cinza voa a um metro e meio de nós.

— Merda... você está bem? — Eu pergunto e me abaixo para oferecer minha mão.

Seus olhos azuis se arregalam.

— Meu Deus. Meu computador!

Ela nem sequer olha para mim antes de ajoelhar no asfalto quente para pegar a bolsa de laptop que parou a poucos metros dela. Ainda de joelhos, ela tira o MacBook da bolsa e o abre rapidamente. Arfando, a ruiva finalmente diz:

— Não está rachada, mas será que vai ligar? — Ela toca na barra de espaço e a tela se abre com uma janela de login. Ela se apoia no quadril e solta o ar, aliviada. — Isso poderia ter sido bem ruim — ela murmura para si mesma. — Argh, é por isso que eu envio o arquivo para mim mesma depois de cada sessão. Erro de principiante!

— Tudo bem? — pergunto, aproximando-me dela com cautela enquanto ela enfia o laptop na bolsa de novo. Eu me sinto estranho pra caralho em interromper a conversa que ela está tendo consigo mesma, mas ficar em silêncio parece ainda pior.

Ela se vira para mim e seus olhos se arregalam quando me observa com atenção. Como se ela só agora notasse outro humano parado ao lado dela o tempo todo.

Seus olhos deslizam subindo pelo meu corpo, observando minhas botas de trabalho pesadas com ponteiros de aço e macacão cinza coberto de manchas de óleo que agora protege minhas pernas cobertas pela calça jeans. Tirei os braços pela parte de cima do macacão, revelando a camiseta esportiva preta que eu sempre uso por baixo. Meus braços brilham com o suor, considerando que é verão e a loja não tem ar condicionado. E convenhamos, um pouco dessa transpiração vem da abstinência de nicotina.

Seus olhos finalmente chegam ao meu rosto, então decido repetir minha pergunta anterior.

— Tudo bem? — Ela franze o cenho e ela assente, seus lábios sem batom ainda entreabertos com uma expressão aturdida.— Você está ferida? — Eu pergunto, tentando ver se ela não sofreu uma lesão na cabeça quando colidimos, porque ela está agindo de um jeito muito esquisito.

Ela nega com a cabeça, então ofereço minha mão para ajudá-la a se levantar. Minha mão quente e áspera segura seus dedos frios e macios enquanto eu a puxo para ficar de pé. Ela é uns bons vinte centímetros mais baixa do que eu, mas eu meço 1,93m, então todas as garotas são pequenas ao meu lado.

Ela pigarreia.

— Você... você... trabalha aqui? — Ela fecha os olhos como se estivesse se castigando mentalmente.

Cruzo os braços e não deixo de notar seus olhos observando com atenção meus bíceps se flexionarem .

— Eu trabalho. Sou mecânico. Você veio para usar um serviço?

Ela ri. Ri com tanta força que o riso se transforma em uma gargalhada, e então cobre a boca com a mão para abafar. Murmurando, ela responde:

— Sim.

Eu franzo a testa e pergunto:

— Então, por que está aqui? Os carros prontos ficam estacionados na frente. Essas portas traseiras são entradas de funcionários.

Seus olhos se voltam para a porta e ela começa a morder o lábio.

— Certo. Eu, hum... estava só... — Ela olha para o bastão sobressalente de alçaçuz que eu coloquei atrás da minha orelha. — Saindo para fumar!

Ergo as sobrancelhas. Há fumantes de todos os tipos, mas algo me diz que esse vulcão ruivo não fuma.

— Ótimo, pode me dar um? — pergunto, desafiando-a.

— Você não estava apenas fingindo fumar com alçaçuz? — Ela pergunta, apontando para o pedaço meio comido que caiu no chão durante nossa colisão.

Sinto o rosto esquentar.

— Você viu isso?

Ela ri baixinho.

— Antes da minha queda triunfante, sim, eu vi algo que parecia uma nuvem de faz de conta flutuando ao seu redor.

Eu reviro os olhos e passo uma mão pelo cabelo curto e preto.

— É uma coisa que comecei a fazer quando parei de fumar há três meses.

— Isso ajuda?

— Talvez machuque o ego. — Uma covinha surge em sua bochecha direita, ela não consegue esconder um sorriso. — É uma atitude máscula fingir fumar um doce?

Ela está me paquerando? Ou me provocando? Eu não sei dizer, mas posso retaliar, com certeza, e devo admitir que sua covinha é adorável. Levanto a mão para pegar o alçaçuz atrás da orelha, me espreguiçar e relaxar, então meus bíceps ficam tensos de forma impressionante.

— Meu ego nunca se fere, gata. — Eu puxo o doce e arranco um pedaço e dou uma piscadela.

Isso faz com que ela ria de verdade. É um som forte e encorpado que parece vir de dentro da alma.

— Com braços de namorado literário, assim, não é de admirar.

— Namorado literário? — Eu pergunto com curiosidade.

— Namorado literário — ela repete. — O protagonista de um romance pelo qual os leitores se apaixonam porque ele provavelmente não existe no mundo real. Basicamente, o homem ideal.

— Eu nunca ouvi esse termo — eu admito, inclinando-me contra a parede e olhando para ela com curiosidade. — Presumo que você curta livros ou algo assim?

— Ou algo assim. — Ela sorri e passa a mão pelos selvagens cachos ruivos. Devem ser naturais, porque nenhuma garota tocaria num cabelo tão bonito se tivesse sido produzido. — E não me surpreende que você nunca tenha ouvido falar disso. — Ela se inclina e sussurra alto: — Você não é meu público-alvo.

Franzo a testa curioso, e mexendo as sobrancelhas, ela se vira e começa a caminhar na direção de onde veio. Depois de olhar para sua bunda por muito mais tempo do que o adequado, percebo que nem sequer perguntei o nome dela.

Posicionando as mãos ao redor da boca, grito para ela:

— E se você for meu público-alvo?

Ela gira para olhar para mim, parecendo muito mais graciosa do que antes.

— Nós só saberemos disso no *FIM*!



3

KATE

— Confessa. Onde você esteve? — pergunta minha vizinha e melhor amiga desde a faculdade, Lynsey, esbravejando, quase me fazendo cair na frente da minha casa soltando as chaves de susto.

— Jesus! — exclamo, virando na direção da minha pequena amiga morena que é a pessoa baixinha mais assustadora que conheço. — Você parece um pinscher saltitante e irritante que fica pulando pra chamar atenção.

— Haha, engraçadinha, que chocante ouvir isso de você. Eu estou falando sério, me diga onde esteve.

— Na biblioteca! Eu te disse na minha mensagem — respondo, virando as costas para ela para retomar meu objetivo. Abro a porta da minha casa com um empurrão e coloco a correspondência, a bolsa do laptop e as chaves na mesa de entrada ao lado da escada, bem ao lado da porta.

— Mentira — diz Lynsey, me seguindo como um cachorrinho. Ela estende a mão e toca a bainha da minha camisa. Encosta o tecido no rosto e inala profundamente.

— Você cheira a café e borracha.

— Também conhecido como liberdade. — Suspiro melancolicamente e queria voltar para onde estava. Eu teria ficado mais tempo se pudesse sobreviver com café e biscoitos o dia todo. Mas que droga, preciso de alguma proteína ou posso morrer.

— Você voltou para a loja de pneus? — Lynsey ferve de raiva. — Kate! Eles vão chamar a polícia.

— Por quê? — Eu protesto olhando para trás enquanto atravesso minha sala até a cozinha para pegar uma garrafa de água na geladeira. — Pra roubar café e biscoitos de cortesia? Por favor, isso não é nada.

— Mas vadiagem é.

Fico parada segurando a garrafa de água.

— Você acha que eles realmente fariam isso?

Lynsey parece um pouco insegura.

— Eu não sei, mas você quer passar vergonha até descobrir?

— Eu não me importo, Lynsey! — Eu exclamo com mau humor. — Encontrei inspiração na LP, e só vou parar de ir até lá quando eu terminar.

— LP? — Ela repete com desconfiança.

— Loja de Pneus é grande demais.

— Você sabe o que é grande demais? Qualquer pena na cadeia. — Reviro os olhos, mas ela continua com o sermão. — Isso é uma muleta, Kate. Você tem que enxergar isso.

— Não é uma muleta.

— Você acha que precisa dela, mas não precisa.

— Eu preciso dela! — Eu me viro, voltando para a mesa na entrada, onde pego minha correspondência. — Eu não conseguia escrever nada antes de ir para lá. E escrever é o que me mantém nesta elegante casa nos arredores da bela Boulder. Se eu quero continuar sendo esta criatura impressionante, levando uma vida boa na colina, eu tenho que seguir a vibe. E a vibe é forte na loja de pneus.

Vou para a sala de estar e me jogo em uma poltrona de couro estofada para começar a verificar os envelopes que estou segurando.

Lynsey se senta na beirada da mesa de café à minha frente.

— Podemos parar de enrolar e falar a sério do que está acontecendo aqui?

— Cuidado com seu traseiro, Lyns, essa é a luxuosa madeira reciclada que Mercedes Lee Loveletter me proporcionou.

— Pare de mudar de assunto. Tem a ver com o seu ex, que por acaso ainda mora com você. — Ela aponta para as escadas, para a suíte master que compartilhei com Dryston Roberts durante a maior parte dos últimos dois anos antes de tudo ir água abaixo.

Dou risada do comentário.

— Nós estamos jogando o jogo da coragem agora, e de jeito nenhum eu vou deixar esse filho da puta de mente pequena tomar esta casa.

— Apesar de não conseguir nem mesmo escrever dentro dela? Você quer lutar pela casa sem “vibe”? — Ela brinca.

— Isso é irrelevante! — eu exclamo e cerro as mãos em punhos. Toda vez que falo sobre Dryston, minhas mãos terminam assim.

Nós nos conhecemos há dois anos em uma festa na piscina, e eu me apaixonei por seu jeito tranquilo. Demorei muito para ver que ele tinha as palavras Síndrome de Peter Pan estampadas na testa.

Infelizmente, alugar aquela casa por três anos foi a única coisa adulta que nós fizemos juntos, e agora virou um desastre. Viver por três meses na mesma casa com seu ex-namorado, um eterno moleque, que nunca vai amadurecer é muito pior do que você pode imaginar.

O único consolo nessa situação é que ele está vai passar o verão fora. Obrigada, Deus.

— Não há a menor possibilidade de eu me mudar — tranco os dentes e olho para Lynsey de maneira acusadora. — Sou vizinha da minha melhor amiga! Você não quer que eu me mude, não é?

Ela revira os olhos.

— Não.

— Exatamente. Então é isso. Ele é um pirralho mimado que sempre conseguiu o que quer, mas não dessa vez. Ele está de férias em Hamptons, pelo amor de Deus, tem dinheiro para pagar o aluguel de uma casa. Eu vou ficar aqui.

— Vocês dois parecem viver em uma novela mexicana... eu não posso com isso! — Lynsey diz e passa as mãos pelos cabelos. — Você deve viver com seu ex no próximo ano. Vamos ver o que acontece.

— Eu estou bem feliz morando aqui embaixo. Este quarto é bem grande. — Não importa que o quarto de cima tenha as melhores vistas das montanhas. Aquele ambiente está contaminado, de qualquer maneira. Cheira à colônia de mauricinho prepotente e idiotice.

Estou distraída quando vejo um logotipo familiar, que conheço melhor do que a minha própria da marca Mercedes Lee Loveletter.

Eu olho para Lynsey com olhos preocupados.

— É uma carta da loja de pneus.

— Eles descobriram. — Ela respira de modo ofegante e cobre a boca como se nós tivéssemos acabado de descobrir que um dos nossos amigos é um assassino.

— Pare de ser tão dramática! — Eu grito de modo defensivo enquanto meus dedos apertam o envelope com força. — Você não sabe se eles descobriram. Isso pode ser só... propaganda ou algo assim. Talvez eles tenham uma oferta especial para a troca de óleo na semana que vem?

— Eles já te enviaram algo assim antes?

— Não! — Eu grito quando compreendo plenamente e o pavor toma conta de mim. Olho para Lynsey com olhos arregalados e cheios de medo. — E se for o que estou pensando?

— O que você quer dizer? — Ela pergunta.

— E se este for o momento que eu sempre temi? Eles podem estar levando meu encanto embora!

— Você não sabe disso — defende Lynsey. Claramente, nós duas processamos sentimentos de maneira diferente, porque giramos em direções opostas, e ela está vindo com desculpas, enquanto estou quase morrendo de desespero.

— Eles não teriam nenhum outro motivo para me enviar uma carta! — Eu grito e respiro de modo instável. — Droga — eu rosno e rasgo o envelope para tornar minha morte mais rápida. Desdobro a carta de papel timbrado da loja de pneus e leio em voz alta. — “Prezada Sra. Smith, Nós percebemos sua satisfação com a área de espera do cliente. Estamos muito felizes por saber que a senhora gosta de passar seus dias conosco. No entanto, excedeu o limite para bebidas de cortesia. Por política da empresa, estamos enviando uma fatura para as bebidas que consumiu além do limite.

— O quê? — Lynsey grita. *Jesus Cristo, estou perdida.*

— Isso só pode ser brincadeira. — Eu forço uma risada falsa e olho para a segunda página que lista os produtos com itens que consumi. Dou um pulo, fico de pé, a correspondência no meu colo cai no chão. — Puta merda! Como eles sabiam?

— Sabiam o quê?

— Quero dizer... essa fatura tem que ser besteira, mas essa lista detalhada é assustadoramente precisa.

— O que você quer dizer?

Mostro o papel para ela e aponto para cada item listado.

— Eu provavelmente já bebi quinze expressos italianos e trinta ao leite com amêndoa caramelada. Isso mostra... exatamente a minha rotina. Começo meus dias com um expresso italiano e tomo dois ao leite à tarde.

— Ah, Kate! — Lynsey diz. — As calorias.

— Mas eu não almoço! — Eu argumento.

Ela assente, aparentemente acalmada pela resposta.

— Então isso é real?

— Não pode ser — eu argumento, mas o aperto no peito indica que não estou totalmente convencida.

O negócio é o seguinte. Eu não estou brava com a fatura de 180 dólares. Uma bebida de quatro dólares é mais barato que qualquer uma no Starbucks. Mas estou furiosa com a audácia da loja de pneus! Que tipo de empresa respeitável cobraria uma pessoa por excesso de consumo de café de cortesia?

— Isso não pode mesmo ser real.

— Ah, Kate! Você pulou uma página. — Lynsey diz, pegando um papel do chão. — Estão cobrando pelos biscoitos. Francamente, você é meio repugnante. Não sei como você não está pesando 90 quilos agora.

— Cale a boca! — Eu arranco a folha de suas mãos e fico arrasada com a lista. *Jesus, eu pareço bem esfomeada vendo essa lista assim.* — Espere um minuto, poxa... aqui está escrito *danishes*. Eu nunca comi um *danish* lá na minha vida! Eles estão me sacaneando!

Olho de modo acusador Lynsey, mas ela parece muito envolvida na situação para ser a culpada. Eu me esforço para pensar em quem mais poderia me enviar uma fatura falsa. Isso pode ser coisa de alguém a quem implorei para me deixar levar seu carro... mas poderiam ser muitas pessoas.

Ou poderiam ser meus irmãos, mas sinceramente, o logotipo no papel timbrado é perfeito demais para ser qualquer velho amigo ou parente.

Meus olhos azuis encontram os castanhos de Lynsey e, em uníssono, nós duas dizemos:

— Dean.

Minutos depois, Lynsey e eu estamos no meu carro, indo em direção à casa do nosso amigo Dean, cerca de um quilômetro e meio dali. O condomínio é

um pequeno tesouro escondido, situado na fronteira de Boulder. Cheio de pessoas entre vinte e trinta anos com boa renda, mas que não mais se sentem atraídas pela vida noturna de Boulder, e têm que conviver com o agito. E como todas as propriedades aqui são muito caras, este local custa um pouco mais e vale o preço. Aqui, você ganha mais espaço, a natureza selvagem, a vista e ainda um bom clima de comunidade.

Depois da faculdade, eu morei no centro da cidade, mas à medida que o tempo foi passando e comecei a escrever em período integral, morar lá ficou apertado demais. Eu odiava ter que desviar de centenas de corredores quando saía para andar de bicicleta nas trilhas. Meu Deus, há muitos atletas em Boulder.

Mas a ideia de voltar a Longmont no mesmo bairro de meus pais, com meus irmãos aumentando suas famílias era uma ideia muito deprimente. Eu já conseguia imaginar, meus pais me convidando para ir à casa deles nas noites de sexta-feira, enquanto eles estavam de babás, e me alimentando com cachorros-quentes e macarrão com queijo ao lado de minhas sobrinhas e sobrinhos. Não me entenda mal, amo aqueles monstrinhos, mas é muito chato ser a irmã mais velha, ainda vista como o bebê da família, só porque eu tenho um trabalho que me permite usar calças de moletom todos os dias.

Sem contar que nenhuma família quer que uma escritora de livros eróticos se torne sua vizinha. *Que tipo de correspondência excêntrica será deixada na porta da sua casa?*

Lynsey havia se mudado para cá cerca de três anos atrás e eu fui morar com Dryston um ano depois. Quando nos acomodamos, as palavras fluíam que era uma beleza. As estradas tranquilas eram felizes e as vistas estavam alimentando minha alma, assim como meus dedinhos. Eu tinha minha melhor amiga ao lado, e as palavras eram abundantes.

Então, o rompimento aconteceu, e minha criatividade secou como a granola caseira que nosso síndico nos dá todo ano no Natal.

Como só existe um outro babaca no planeta que sabe das minhas dificuldades com as palavras, e da minha solução recém-encontrada para o problema, ele vai levar um susto nessa linda noite de sexta-feira.

— Certo — sussurro para Lynsey quando paramos na frente da casa de Dean. Suas janelas lançam luz sobre nós enquanto o sol se põe atrás das colinas. — O plano é o seguinte. Vou me ajoelhar aqui... você bate na porta, e quando ele abrir, vai ver você, e eu dou um gancho de direita nas bolas dele.

— Kate! — Lynsey grita, franzindo as grossas sobrancelhas. — Que exagero. E se ele não fez nada?

— Certamente, ele fez por merecer. Ele é muito safado. Merece.

Eu olho ao redor para a minha amiga, e ela parece muito jovem com seus olhos grandes, marrons e inocentes. Não é de admirar que Dean tenha se sentido atraído por ela quando se conheceram.

Logo depois que me mudei para cá, Lynsey e eu vimos Dean durante sua corrida diária, enquanto saíamos para passear. Eu percebi na hora que havia um clima entre eles. Eles saíram algumas vezes, mas acabaram decidindo ser amigos. No entanto, acho que Lynsey ainda tem uma quedinha pelo pequeno idiota.

Revirando os olhos, aceito o que ela disse e me levanto para bater na porta.

— Por que você é tão madura?

Um minuto depois, Dean abre a porta e apoia o braço no batente daquele jeito impressionante e masculino que ele tem. Dean é a personificação do homem de negócios de Boulder: alto, moreno, bonito e barbudo. Além disso, usa óculos de armação escura que faz com que ele pareça realmente inteligente, o que ele é.

Mas de modo geral, ele é meio nerd, meio lenhador, e meio cara hipster rico. Usa umas calças xadrez e camisas finas de botões com jaquetas cor de pêssego e consegue ficar masculino e elegante. Ele é o único cara que eu conheço que se veste assim e as pessoas não ficam pensando que ele joga no outro time. Às vezes, ele não usa meias com os mocassins, e eu não sei por que fica bom, mas fica. Dryston tentou imitar o estilo, mas foi horrível. Superforçado demais.

Mas Dean tem uma arrogância inegável.

Ele também tem a história mais legal. Dean herdou um monte de dinheiro de seus avós quando tinha dezoito anos. Em vez de fazer faculdade e obter uma educação de qualidade, como seus pais imploravam para ele fazer, ele decidiu se educar no mercado de ações.

Aparentemente, ele tinha o toque de Midas². Lynsey me disse que ele duplicou sua herança no primeiro ano. Agora ele é um tipo de corretor de títulos durante o dia. Eu não sei muito sobre o que ele faz, mas ele tem um escritório no

centro da cidade ao qual vai todos os dias com seus ternos elegantes e modernos.

Sem aviso, dou um soco em sua barriga protuberante. Ok, a barriga é seca e sarada, mas não importa. Eu não vejo Dean dessa maneira. Ele solta o ar, levando as mãos à barriga.

— Você é um idiota, e eu sei que essa fatura falsa veio de você.

Ele geme de dor, mas eu sei que ele está apenas sendo dramático para eu não socá-lo novamente.

— É bom ver você também, Kate — ele murmura.

— Apenas agradeça por ela não ter socado suas bolas — Lynsey diz alegremente atrás de mim. — Eu te salvei disso.

— Obrigado, Lyns — ele geme e se afasta, e nos deixa entrar sem dizer mais nada.

A casa de Dean é idêntica em design à minha e à de Lynsey, mas ele tem a coisa minimalista de casa de solteiro a seu favor. O que é estranho, porque ele é rico. Talvez ele gaste todo seu dinheiro em roupas, porque a única mobília aqui é um pufe gigante e banquetas desconfortáveis. Não há mesa de jantar à vista, embora haja uma luminária onde ela deveria estar.

Passo por ele, vou direto para a geladeira e me sirvo de uma cerveja. Eu pego uma para cada um deles e digo:

— Você é tão óbvio.

— Como você sabia que era eu? — Dean pergunta, esfregando a barriga e ainda estremeando de dor quando lhe entrego uma cerveja, que ele passa para Lynsey.

Eu entrego outra, e o idiota abre um botão da camisa para encostar o vidro frio em seu abdômen esculpido. Ele olha para mim e arqueia as sobrancelhas sugestivamente.

Eu ignoro a atitude idiota e respondo:

— O papel timbrado era perfeito demais, e eu sei que você sabe mexer no Photoshop. Precisa se esforçar mais.

Ele dá um sorrisinho e ajusta os óculos de aro preto.

— É a primeira vez que ouço isso.

Eu reviro os olhos e fico de pé.

— Você é um porco.

— Você é esquisita — ele responde e tira a tampa da garrafa. — Eu vi seu story no Instagram hoje. Como você acha que pode continuar indo à loja de pneus se posta diariamente sobre isso nas redes sociais?

— Porque minhas postagens de mídia social são minha válvula de escape. Fazem com que eu me sinta menos culpada por ir até lá sem ser uma cliente de verdade.

Ele se inclina contra a parede que leva ao quarto de hóspedes, e toma um gole de cerveja antes de responder.

— Então você acha que se for presa e eles virem todos os posts do Facebook, eles vão estender o tapete vermelho?

— Nossa! Sonhar não custa nada! — Eu grito de modo escandaloso e tomo um gole. Lynsey ri sentada na banqueta ao meu lado.

— Você tinha que ter visto, Dean. Pensei que ela ia começar a chorar quando viu a conta.

Eu confirmo balançando a cabeça.

— Nem brinca! Aquela coisa quase me deixou em depressão. Eu estava pensando em mudar-me para uma cidade diferente onde haja outra loja de pneus igual, porque sei que é uma franquia.

— Você é muito simplista. — Ele balança a cabeça e toma outro gole. — Eu tentei fazer você vir conhecer meu espaço de coworking. Também temos um ótimo café lá, sem medo de ser pega em flagrante com café com leite roubado.

— Esse lugar é para aspirantes a magnatas empresariais. Não serve para mim.

Ele cruza os braços enquanto ainda segura a cerveja.

— E área de espera de uma loja de pneus serve? O que tem de bom nisso?

— Você precisa ver para acreditar, cara — afirmo e olho para Lynsey. — Mas pode não ter o mesmo efeito em vocês como tem em mim. Tem a ver com a vibe e se isso conforta seu eu interior. Conte a Dean sobre a cafeteria do hospital, Lynsey.

Seu rosto fica vermelho e ela nega com a cabeça para mim, e seus cabelos castanhos cobrem seu rosto.

— Aquilo aconteceu, mas não vai acontecer de novo.

— Aconteceu, e você deveria estar fazendo acontecer de novo se quiser terminar sua maldita tese — eu afirmo erguendo as sobrancelhas. — Eu estou dizendo a vocês. Nós três temos uma ótima vida. Podemos trabalhar de qualquer lugar que quisermos. Tudo o que precisamos é de um laptop, Wi-Fi e de uma tomada, e pronto. Mas nossa produtividade está intimamente ligada ao nosso estado de espírito. Se encontramos a vibe em algum lugar, temos que lutar por ela. Uma vibe legal é como uma musa moderna. A loja de pneus é para mim o que Fanny Brawne³ foi para John Keats. Isso é poesia em movimento da qual você não pode fugir! Eles provavelmente vão escrever sobre isso na história depois que eu partir desta para uma melhor.

— Você parece uma lunática! — Dean grita, passando a mão pelo cabelo escuro que está sempre caindo à frente de seus olhos. — Eu comprei este lugar aqui para tornar os dias em que trabalho em casa pacíficos e tranquilos. Se você quiser se sujeitar ao barulho das pessoas em um ambiente comum, vá em frente. Continue.

— Não é barulho, é uma vibe — eu argumento e jogo o chinelo no peito dele. Ele se abaixa para pegá-lo e, em vez de entregá-lo de volta para mim, joga-o para fora da porta da cozinha. *Idiota*. — E se você pudesse trabalhar ainda melhor em outro lugar? E se você encontrasse um lugar onde terminasse sua carga de trabalho na metade do tempo? Você teria mais tempo para caminhar, trepar, brincar com seus amigos, comprar mais calças xadrez.

Isso faz com que ele abra um sorriso.

— Você tem notado minhas calças, Kate?

— Não — respondo na defensiva. — E não mude de assunto. Há algo a ser dito sobre as salas de espera. Lugares onde as pessoas estão esperando sem objetivo são minas de ouro mentais. Eu me sinto como uma campeã quando estou detonando palavras, sentada ao lado de uma garota desperdiçando a vida no Facebook. É um grande impulso para a moral de Mercedes Lee Loveletter!

Lynsey ri.

— Eu ainda não consigo acreditar que você chegou à lista de best-sellers com esse pseudônimo.

Dou risada.

— Meus leitores me entendem.

— Eles têm que entender — Dean murmura, mas me lança um sorriso orgulhoso.

— Eu só gosto de ser realista. — Eu me sento sem preocupação, relaxada ao balcão. — Mas vou dizer uma coisa, se servem café grátis onde você encontra sua vibe, você meio que se sente no topo da sociedade. Nós vivemos em um mundo que cobra por quase tudo. Estacionamento. Bolas de sorvete. Escritório. Então, quando você começa a apreciar as pequenas coisas da vida, como café de cortesia, isso restaura sua fé na humanidade. E a porra da cortesia fica mais gostosa, isso é apenas um fato.

— Então você vai voltar lá amanhã — declara Dean, seu comportamento claramente não tão eufórico quanto o meu.

— Claro que sim! Esse livro erótico não vai se escrever sozinho. — Eu levanto minha cerveja para eles e decido fazer um brinde improvisado. — Aguardem, meus amigos. É a revolução da moderna “geração do milênio”. Vocês vão ver.



4

KATE

Tem uma coisa que aprendi depois de três semanas na loja de pneus: Confiança é tudo. Se você entrar como se fosse a dona do lugar, ninguém vai ficar de olho. O Centro de Comodidade do Cliente está cheio de clientes de todos os tipos, e são clientes novos todo dia, toda hora. Os caras são rápidos com o trabalho de lubrificação.

No entanto, existem funcionários que frequentam o CCC. Eles geralmente vêm para roubar um biscoito ou encher os copos na máquina de refrigerante. *Sim, eu sei! Uma máquina fonte de Coca-Cola!* O CCC só seria mais perfeito se eles deixassem *Gilmore Girls* passando sem parar na televisão em vez de novelas cafonas. Mas sinceramente, eu não suportaria esse nível de distração, então novelas de merda são definitivamente o melhor.

Mas como eu vejo os funcionários já familiares com frequência, uso um disfarce para proteger minha identidade, meu fiel boné. Sei que tenho cabelo ruivo que chama a atenção, mas a maioria das pessoas não vai confrontar alguém por algo tão ridículo como frequentar a sala de espera sem um carro. Pelo menos, essa é a minha esperança.

Hoje, eu estou afundada no universo das palavras, boné na cabeça, fones de ouvido com isolamento acústico, com algumas batidas de som sintetizado, que são ótimas para cenas anais, quando sinto um arrepio na nuca.

Meus dedos param no teclado e olho de onde estou, nas poltronas à frente da TV. Todo mundo está olhando ao redor com curiosidade e de modo acusador. Franzindo a testa, eu olho ao redor, e meu sangue gela quando vejo um entregador de pizza em pé na enorme sala de espera, gritando algo para as trinta e cinco pessoas estranhas ali hoje.

Com as mãos trêmulas, arranco os fones de ouvido e ouço claro como o dia...

— Mercedes Lee Loveletter, entrega de duas pizzas grandes, palitos de parmesão e um quilo de asas de frango sem osso. Com... — Ele faz uma pausa para olhar o recibo. — Três molhos.

Por que ele está berrando o recibo de entrega em voz alta? Isso é um problema? Eu não acho que isso seja um problema.

Ele acrescenta:

— Apresente-se agora ou isso vai para o lixo.

A garota mão-de-vaca que existe dentro de mim ganha vida, e meu rosto fica vermelho quando digo:

— Eu sou Mercedes.

O garoto de dezoito anos de idade, com cabelos oleosos e cicatrizes de acne, olha para mim com olhos desanimados.

— Eu estou chamado seu nome há quase cinco minutos.

Ele está mesmo me repreendendo na frente de todas essas pessoas? E aí meu Deus... cinco minutos?

— Bem, eu não pedi a pizza — respondo, me mexendo desconfortavelmente e fechando meu laptop enquanto todos me olham como se eu estivesse prestes a começar uma porra de flash mob ou algo assim. — Você sabe quem mandou?

— Não — diz o garoto e caminha na minha direção enquanto pega comida suficiente para alimentar dez pessoas.

— Isso é uma brincadeira. — Dou uma risada nervosa e coloco meu laptop ao meu lado. Seus olhos desanimados encontram os meus novamente. — Eu nunca conseguiria comer tudo isso.

— Eu... não... me importo — ele afirma, coloca a comida quente no meu colo, se vira com a bolsa de pizza na mão e sai da sala.

Eu estou literalmente sentada com uma montanha de comida quente no colo, e todo mundo está me encarando. Ninguém está sorrindo. Ninguém parece entender a piada. Estão todos olhando para mim e pensando: que tipo de perdedora gorda pede pizza enquanto espera por uma troca de óleo?

Desajeitadamente, levanto-me com minhas caixas de comida e vou para uma mesa alta longe do centro das atenções, mas posso sentir todo mundo ainda me observando. Meu estômago está revirando por causa da humilhação, eu nem estou mais com fome.

Vejo o recibo preso em cima da caixa das asas de frango e arranco-o para dar uma olhada mais atenta. Na parte inferior da transação com cartão de crédito, eu encontro um nome que conheço muito bem: Hannah Martin.

Hannah é a rainha da comédia romântica, e foi a primeira amiga autora que fiz na comunidade editorial independente. Nós duas tínhamos livros bem-sucedidos na mesma época, éramos novas na indústria, e apoiávamos uma a outra. Ela mora na Flórida com o marido e três filhos, mas eu a vejo algumas vezes por ano em sessões de autógrafos. Nós conversamos quase todos os dias sobre coisas literárias e tudo o que nos diverte. Hannah foi quem me incentivou a voltar a loja de pneus, então nunca pensei que ela faria isso.

Pego meu celular do bolso de trás e digito uma mensagem para ela.

Eu: Sua vaca.

Hannah: O que foi?

Eu: Você sabe. Essa pizza!

Hannah: Eu não sei do que você está falando.

Eu: Seu nome está no recibo.

Hannah: MERDA! Eu pensei que você demoraria pelo menos dez minutos para descobrir que fui eu.

Eu: Sim, merda! Eu estou abismada, sua idiota. Estou tentando ser discreta, mas o entregador provavelmente teve que ir falar com os rapazes no balcão para descobrir onde eu estava. Fui humilhada e você é a pior! Você não tem um livro para escrever? Como você tem tempo para isso?

Hannah: Eu estou tremendo de tanto rir, tá até difícil digitar.

Eu: Eu estava com meus fones de ouvido, então não ouvi quando ele me chamou. Ele falou a comida que você comprou para um time de futebol e, em seguida, entregou tudo para mim: a ruiva gordinha assustada no canto. Sua louca!

Hannah: Foi bom, não? Pedi molhos extras para aqueles palitos de pão. Esses custaram um extra, sabe. Eu não sou mão-de-vaca.

Eu: Eu não posso comer porque a humilhação acabou com meu apetite! Mas... isso me dá uma desculpa para experimentar a máquina de refri, então... tem um lado bom.

Hannah: Estou chorando de tanto rir.

Eu: Sua doida, maluca. Meu Deus, eu estava escrevendo uma cena de sexo anal, então estava super concentrada também... não é de admirar o fato de

eu não tê-lo ouvido.

Hannah: PARE. MINHA BARRIGA ESTÁ DOENDO... NÃO AGUENTO MAIS RIR.

Eu: Bela jogada, vaca. Bela jogada. E estou ferrada, porque meu lado mão-de-vaca não vai me deixar jogar esses restos fora. Então vou ter que levar tudo daqui.

Hannah: Ah, eu estava contando com isso. Quer ouvir algo horrível?

Eu: O quê?

Hannah: Eu ia pedir uma entrega do Subway, mas depois decidi que as caixas de pizza seriam mais embaraçosas.

Eu: Você morreu para mim.

Quinze minutos depois.

Hannah: Estou te imaginando de mau humor, e se recusando a comer nos últimos quinze minutos e, finalmente, desistindo e comendo mesmo assim. Acertei?

Eu: Meu Deus, parece que você estava aqui comigo. Foi exatamente o que eu fiz. E que comida deliciosa. Mas não estou agradecendo.

Hannah: Mas é sempre um prazer. ;) Melhores 53 dólares que já gastei.

Depois de terminar meu almoço, coloco a pizza sob a cadeira no canto onde gosto de me sentar à tarde porque fica perto das tomadas, e tento voltar a escrever. Francamente, meu almoço foi completo , então deveria ganhar mais três horas aqui hoje.

Meu protagonista está abrindo o lubrificante quando noto alguém grande parado bem perto de mim. Olho para cima e quase grito assustada quando vejo o mecânico bonitão olhando para mim.

Como ele me viu aqui atrás? Este local é isolado, e ninguém nunca se senta aqui.

— Pois não? — Eu pergunto, tirando os fones de ouvido e observando a largura de seus ombros. Hoje, o Sr. Namorado Literário está vestindo jeans e uma camiseta preta justa da loja de pneus. Ele está muito mais limpo do que estava ontem com o macacão sujo, o que me fez reconsiderar a profissão do meu atual herói literário.

— Você está de volta — ele afirma conscientemente, seus olhos azuis impressionantes me verificando minhas calças de yoga, camiseta e um boné de beisebol.

— Eu, hum... tive um problema com um dos meus pneus. Os rapazes estão consertando.

— Que rapazes? — Ele pergunta, cruzando os braços bronzeados e esculpido na frente do peito. Eu tenho que esticar meu pescoço completamente até conseguir alcançar seu rosto, ele é mesmo muito alto.

— Eu não tenho certeza.

— Ok, bem, qual carro? — Ele pergunta, passando a mão pelo cabelo preto aparado. Porra, ele realmente tem aquela vibe moreno, alto, bonito e sensual. Ele parece quase mediterrâneo. Vou cair dura!

Eu observo.

— Hum... dirijo um Cadillac SRX.

— Um Cadillac? — Ele dá uma leve risada. — Não é um carro de velha?

Franzo a testa.

— Não é um carro de velha. É um SUV de luxo. Maravilhoso. Eu tenho assentos com aquecimento e ar condicionado.

— Bem, se você tem dinheiro para gastar em um veículo, por que não comprar um Lexus ou uma BMW? Bem mais sexy. Você ficaria muito gostosa dirigindo um Lexus LX.

— Talvez eu não esteja tentando parecer sexy. Talvez eu goste de parecer uma velhinha. — Isso foi uma coisa não muito boa para dizer, mas o Namorado Literário cai na risada e se agacha ao meu lado.

— Qual é seu nome? — Ele pergunta, e agora que ele à altura de meus olhos, me surpreendo ao ver como ele é bonito.

Ontem, eu estava tão atordoada que não tive tempo de avaliá-lo. Agora, não posso deixar de cobiçar seu rosto inteiro. Sua pele é bronzeada e quase impecável. Sua mandíbula é quadrada e definida, mesmo por baixo da sombra sexy e escura da sua barba. Seus olhos azuis são como safiras e emoldurados pelos cílios mais grossos, mais negros e mais hipnotizantes que já vi. Seus lábios rosados e exuberantes parecem formar um biquinho naturalmente.

Como se sua expressão normal fosse um show.

Eu fico paralisada fazendo cara de tédio.

— Meu nome é Mercedes — eu respondo e depois franzo a testa. Por que eu dei a ele meu pseudônimo em vez do meu nome verdadeiro? Bem, acho que pelo menos assim ele não será capaz de procurar o meu arquivo e ver quantos carros eu trouxe nas últimas semanas. Além disso, às vezes é mais divertido ser meu alter ego em vez da chata Kate Smith, que muitas vezes esquece de passar desodorante.

— Perfeito. Você ficaria muito bem em uma Mercedes — ele murmura, seu tom profundo fazendo minha pele se arrepiar.

— E o que você dirige? — Eu pergunto, embora já saiba a resposta.

— Uma motocicleta Indian.

Eu sacudo a cabeça.

— Por que não estou surpresa?

Ele sorri, seus dentes são um branco brilhante, e eu meio que gosto que um se sobressaia um pouquinho mais do que os outros.

— Eu sou tão previsível?

— Mais previsível do que o meu carro de velhinha — respondo com uma piscadela.

Ele sorri novamente, e eu sinto um frio na barriga, que cuidadosamente tento descrever de diferentes maneiras em cada livro que escrevo. Estômago borbulhando. Cambalhotas no estômago. Fogos de artifício na minha barriga. Espere, esse último é terrível, parece diarreia.

— Bem, é bom conhecê-la oficialmente, Mercedes. Eu sou Miles Hudson — ele diz, pegando minha mão e apertando-a gentilmente. Sua palma é quente e seca e bem grande, eu tenho que apertar minhas coxas porque receio começar a emitir um cheiro de cio, como um animal. — Agora me diga por que você está aqui.

Volto a encostar a cabeça no encosto da cadeira. Não pode ser o fim da linha. Ainda não terminei meu livro! Eu olho para a pizza morna debaixo da minha cadeira.

— As sobras de pizza fariam você ficar em silêncio?

Ele franze aqueles belos lábios e olha para o meu estoque de comida quase intocada.

— Podem fazer com que você ganhe algum tempo.

Eu sorrio animadamente e quase pulo da cadeira para pegar as mercadorias.

— Ótimo, tempo é tudo de que preciso. — Eu empurro as caixas contra seu peito, e ele as pega dando uma risada.

— Você está falando sério? — ele pergunta com um olhar incrédulo, os olhos azuis passando rapidamente por todo o meu rosto ansioso enquanto eu me sento de novo na minha cadeira.

— Muito sério — respondo, meus olhos implorando.

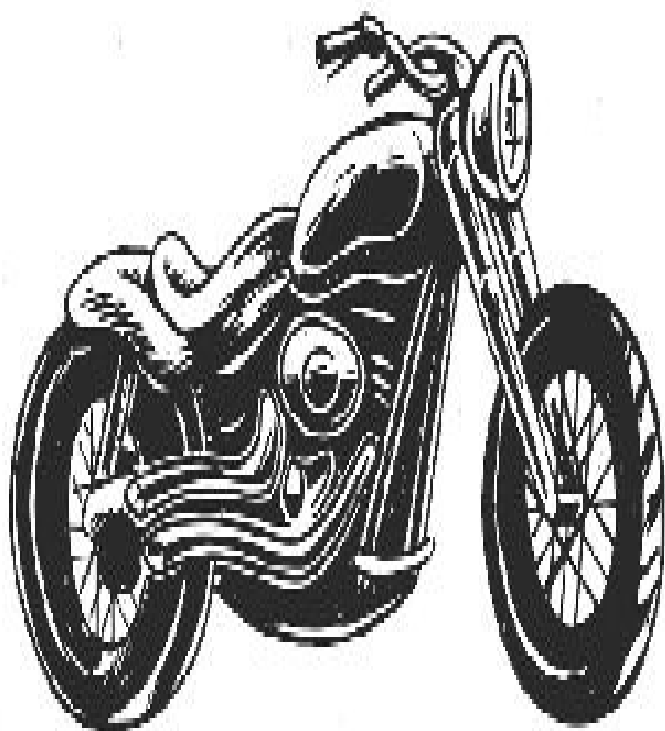
Ele me avalia por um segundo, e eu meio que me arrependo de ter passado só rímel de manhã.

— Muito bem, Mercedes. Eu vou deixar você em paz, por enquanto.

Ele se levanta, e eu não posso deixar de notar a protuberância dentro de seus jeans porque está literalmente no nível dos meus olhos. Não é uma protuberância de ereção, é o tipo de protuberância de um homem que é bem-dotado. Com essas mãos grandes e pés gigantes, não é de admirar.

— Vejo você perto do bebedouro, Miles — digo com a maior cara de pau enquanto coloco meus fones de ouvido de novo.

Ele olha para mim com curiosidade, mas felizmente pega o suborno de pizza e vai embora. Eu aproveito a oportunidade para admirar seu traseiro e não fico desapontada. As coisas que faço para fins de pesquisa...



5

MILES

— Você não notou uma ruiva gostosa no centro de comodidade, não é?
— pergunto ao meu colega Sam, que está sentado ao meu lado em nosso local preferido no centro da cidade, o The Pearl Street Pub.

— Não. Nunca a vi. Ela estava lá hoje? — ele pergunta, acariciando a barba ruiva.

— Sim — eu respondo dando um gole na minha cerveja. — E ontem.

— O que ela estava fazendo?

Dou de ombros.

— Ela estava usando o computador.

— Qual é o problema, então?

— Eu acho que ela não estava com um carro sendo consertado.

— Então ela está usando o Wi-Fi gratuito? Chame a polícia, nós temos uma aproveitadora em nossas mãos — ele diz sarcasticamente e gesticula para o barman pedindo mais uma rodada.

Eu balanço minha cabeça na defensiva.

— Eu não sinto uma vibe aproveitadora nela. Sobretudo parece... desespero?

Sam se recosta e balança a cabeça.

— Agora tudo faz sentido. Você tem um fetiche por garotas desesperadas, mano.

— Eu não tenho.

— Sim, você tem. Você gosta de salvá-las. Ser o galante protetor, aparecer e protegê-las.

— Essa garota dirige um grande e velho Cadillac. Ela não precisa ser salva.

— Então ela não é como Jocelyn? — Ele pergunta, seus olhos se estreitando seriamente em mim.

— Cara, eu terminei com Joce. Nós podemos, por favor, parar de falar sobre ela?

— Miles, você foi trocado, pela sua namorada de longa data, por um pau rico e desprezível. Vai ficar traumatizado para sempre.

Eu resmungo e tomo um gole da minha cerveja, tentando não apertar o copo até que ele quebre. Jocelyn Vanbeek já me fez perder muito tempo da minha vida. A maioria dos caras de vinte e poucos anos estava dormindo com o máximo possível de garotas enquanto eu passei os melhores anos da minha vida obcecado por uma garota. Passei quase dez anos com ela, entre idas e vindas.

Agora tenho trinta anos e finalmente todo esse drama ficou para trás. Não importa que ela esteja casada e seja mãe agora.

Mal-humorado, tomo um gole da minha cerveja e viro na banquetta para avaliar as moças presentes ali naquela noite.

— Deus, eu odeio que em Boulder só haja homens. Por que moramos aqui mesmo?

— Uh, porque meu tio é o gerente, e nenhum outro chefe aguentaria nossas merdas.

Eu sorrio e aponto uma morena gostosa no canto.

— E talvez isso?

Sam concorda.

— Compensando o tempo perdido, entendi. Faça o que achar que deve, mano. — Ele me bate nas costas, e eu avanço para fazer minha jogada.



No dia seguinte, como um obcecado, fico olhando sem parar para a janela que dá para o espaço atrás da garagem. Eu estou na troca de pneus durante todo o dia, o que é legal de certa forma porque é um trabalho automático. É um pouco demorado, porque tenho que limpar as rodas e reajustar o alinhamento, mas não reclamo. Fica fácil para ficar de olho na Mercedes se esgueirando por

aí.

Está chegando ao fim do dia, e estou começando a me irritar com a frequência com que olhei para aquela maldita janela. Em vez de limpar minha estação para amanhã, decido sair mais cedo, me limpar e enfrentar o tranquilo Centro de Comodidade do Cliente para tomar um café antes de sair.

Sem macacão e vestindo jeans e uma camiseta, entro na sala de espera vazia e não controlo o sorriso quando a única alma à vista é uma ruiva parada em frente à máquina de café. A loja deve fechar em quinze minutos, mas ela ainda está se enchendo de cafeína.

Ela está de costas para mim enquanto espera que a máquina sirva sua bebida, então aproveito a oportunidade para olhar o corte revelador de seus shorts jeans. É um short bem curto, azul escuro, desfiado nas bordas, que exhibe suas pernas bem definidas. Uma faixa de pele está visível por baixo de sua camiseta cinza quando ela pega um guardanapo, e não posso deixar de babar um pouco ao ver a curva perfeita de sua cintura.

A morena no pub ontem à noite tinha um namorado, então posso estar mais ansioso para descobrir a história da ruiva hoje. Endireito os ombros e avanço em direção a Mercedes com um propósito. Nossos braços roçam quando me movo para ficar ao lado dela e casualmente estendo a mão para o vidro para pegar um biscoito.

Ela vira a cabeça e olho para lhe dar um sorriso. Ela olha para o meu corpo primeiro e depois, lentamente, move seu olhar para meu rosto.

Eu dou a ela uma piscadela e fico intrigado com o fato de ela estar um pouco pálida.

— E aí, Ruiva? — Parece que ela vai responder quando, de repente, sua expressão muda, e seus olhos se reviram. Ela começa a balançar, e com um palavrão, eu caio de joelhos e a seguro bem antes de sua cabeça bater no chão. — Mercedes! — Eu exclamo, apoiando a cabeça no meu colo e afastando os fios de cabelo vermelho para longe de seu rosto. — Mercedes, você está bem?

Seus olhos piscam rapidamente, um pouco desfocados, depois de abertos. Ela olha primeiro para o teto e depois para mim.

— Miles, é isso?

Dou risada ao ver que ela parece estar bem.

— Sim, Miles.

— O que está acontecendo? — Ela pergunta, sua visão se tornando mais focada a cada segundo que passa.

— Eu acho que você pode ter desmaiado. Já desmaiou antes?

Ela geme e leva a mão ao rosto para beliscar a ponta do nariz.

— Só quando eu não como.

— Você não comeu hoje? — Eu pergunto, balançando a cabeça para ela e olhando para a prateleira cheia de biscoitos ao lado da máquina de café. — Há quanto tempo você está aqui?

— Apenas desde as nove.

— Jesus Cristo — eu quase rosno. — Por que você não comeu um biscoito, pelo menos?

— Eu não gosto de comer todos os biscoitos — ela quase choraminga, ainda claramente um pouco confusa devido ao desmaio. — Betty os faz com muito cuidado. Já basta o fato de eu beber muito café. — Seu queixo treme, e fico boquiaberto quando vejo lágrimas enchendo seus olhos.

— O que há de errado? — Eu pergunto e tento não rir quando seco um caminho úmido de lágrimas em sua bochecha. Ela é tão fofa, eu acho que posso estar apaixonado.

— Eu só... me sinto mal por Betty. Ninguém nunca diz a ela como essas guloseimas são boas. Eu cheguei cedo para experimentar seus bolinhos e eles já tinham acabado. Não é uma loucura? Betty tem que acordar cedo para fazer os doces frescos todos os dias, e as pessoas os engolem em segundos. Eu me pergunto se alguém a valoriza na vida. Você sabe se ela é casada?

Minha barriga treme quando mordo o lábio e tento reprimir a risada borbulhando dentro de mim. Eu não sei quanto café ela tomou hoje, mas tenho certeza de que foi demais.

— Betty recebe um abraço meu toda vez que a vejo. Ela sabe que os rapazes da loja adoram seus doces.

— Sério? — Mercedes fala com os olhos cheios de esperança.

— Sério.

— Isso é muito bonitinho. — Seu queixo treme novamente. — Sinto muito, fico emotiva quando estou com fome. Você sabe como algumas pessoas

são hangry⁴? Faminta e irritada? Eu fico emongry⁵. Emotiva e faminta. Consegui que eles adicionassem isso no Urban Dictionary⁶.

Se ela não parecesse uma tola, eu estaria gargalhando.

— Bem, vamos pegar algo para você comer, então. Comida de verdade, não biscoitos.

— Eu posso resolver isso — ela diz, movendo-se para se sentar.

Eu a coloco de pé, minhas mãos serpenteando por sua cintura para firmá-la quando ela balança levemente.

— De jeito nenhum, Ruiva. Você não vai dirigir assim. Minha moto está bem lá atrás.

— Eu acabei de desmaiar e você quer que eu suba na garupa da sua moto? Como isso é uma opção melhor?

Ela tinha razão, então eu giro rapidamente.

— Então me dê suas chaves, e eu dirijo seu carro. Você agora está zonda de café e fome, e não vou deixar você sair da minha vista até que coma uma pizza.

— Eu amo pizza — ela responde, chorosa.

— Eu sei.

— Como você sabe? — Ela me encara com um olhar sério, seus olhos azuis brilhantes e esperançosos.

— Bem, a maioria das pessoas ama pizza. — Eu dou de ombros. — E você veio com uma camiseta com estampa de pizza dia desses e entregaram pizza para você aqui ontem.

— Ah, sim. — Ela enfia o cabelo atrás das orelhas e se dirige para pegar o computador que repousa sobre uma mesa de canto. Ela fecha o laptop e o coloca na bolsa. — Algo rápido e vou parar de incomodar você.

— Não, você não está me incomodando — eu respondo, enfiando minhas mãos nos bolsos. *Talvez Sam esteja certo, eu tenho uma queda por donzelas em perigo.*

— Por favor — ela responde revirando os olhos. — Eu praticamente desmaiei em seus braços. Nós não conseguiríamos ser mais parecidos com personagens de livros de romance.

Ela se aproxima e olha timidamente para mim, a cor já voltando para suas faces. Eu agarro a mão dela com cuidado e a seguro com um olhar sério.

— Mercedes, não há necessidade de se envergonhar. Esta não é a primeira vez que uma garota desmaia ao me ver.

Ela solta uma risada e tira a mão da minha para me bater na barriga.

— Apenas me alimente antes de começar a dizer mais coisas que seriam ditas em um romance.



6

KATE

É estranho ouvir Miles me chamando de Mercedes, mas não muito, pensando bem. Eu vou para sessões de autógrafos em todo o mundo, onde muitos leitores e amigos autores me chamam de Mercedes. Algumas pessoas no mundo dos livros realmente sabem meu nome real, mas nunca o usam porque não querem cometer o erro de divulgar meu nome verdadeiro aos leitores. Então, no mundo dos livros, eu sou Mercedes, de ponta a ponta.

Mas meus amigos de Boulder me conhecem como Kate. E agora Miles me conhece como Mercedes.

Isso pode ficar complicado.

Mas, na verdade, nós estamos apenas pegando uma pizza. Não estamos nos tornando amigos do Facebook nem nada assim. Eu estou fazendo muito barulho por nada.

Miles estaciona meu carro na frente da Audrey Jane's Pizza Garage. É um ponto movimentado em Boulder que serve uma saborosa pizza ao estilo de Nova York. Minha boca já está salivando antes mesmo de sairmos do meu veículo.

Eu saio pela porta do passageiro, e Miles está ali, pegando minha mão como se eu fosse algum tipo de paciente recém-saída de uma operação nos peitos. Afasto minha mão da dele.

— Eu posso andar, Miles. Já me sinto melhor. O ar fresco está ajudando.

Ele acena e respeitosamente me dá espaço enquanto fecha a porta para mim.

— Por que você não pega uma das mesas do pátio aberto e eu vou pedir uma pizza para nós? Tem algo de que não gosta na pizza?

— Sem cebolas — afirmo, séria. — Elas são ruins e não combinam na pizza.

— E as cebolas roxas?

Eu estreito meus olhos.

Ele levanta as mãos e sorri.

— Ok, ok, sem cebolas.

Ele se vira e sobe os degraus até a entrada do restaurante, de dois em dois, parecendo uma espécie de gladiador em um mundo construído para simples mortais. Jesus, ele é tão grande, os degraus são pequenos demais para ele. E juro que ele fica ainda mais gostoso cada vez que eu o vejo. Aqueles jeans acomodam seu traseiro perfeitamente, e tenho que admitir que nunca pensei que botas de combate me atraíssem, mas em Miles, com aqueles jeans desgastados, aquela camiseta preta apertada e a pele bronzeada? O visual mecânico-motociclista está uma maravilha.

Eu encontro uma mesa longe do cara tocando violão e cantando no canto. Boulder no verão é um paraíso para happy hours nos pátios de restaurantes, com música ao vivo em todos os lugares que os olhos podem ver. A cidade está repleta de músicos aspirantes à procura de um microfone e um amplificador.

Poucos minutos depois, Miles está de volta segurando duas garrafas de água, um balde de cerveja, um número de pedido em uma placa e uma cesta de tiras de pães fumegantes.

Ele os coloca à minha frente e diz:

— Eu tive que matar um cara por isso.

— Eu espero que você não tenha sangue dele nas mão — eu resmungo enquanto pego uma das longas tiras torcidas douradas e a coloco na boca como uma desesperada. Estou muito impaciente neste momento para mergulhar no molho marinara. — Hum — solto um gemido, meus olhos se fecham quando mordo outro pedaço e quase tenho um orgasmo com o sabor. — Você é meu herói.

Dou mais uma mordida, continuo gemendo de prazer. Assim que termino de comer uma tira inteira, abro os olhos e vejo Miles me encarando. Ele está boquiaberto e se segura nos braços da cadeira. Ele não pegou uma cerveja no balde de gelo e não está comendo. Ele nem abriu uma garrafa de água. Ele só está... me encarando.

— Jesus, o que foi agora? — Eu pergunto, passando a língua pelo lábio inferior para pegar o fio de manteiga de alho que escorreu.

— Você é uma provocação ambulante, sabia? — Ele afirma balançando a cabeça. Ele pega uma cerveja, tira a tampa e toma metade da garrafa de uma só vez.

— Como assim? — Eu pergunto rindo, minha boca ainda cheia de manteiga. — Eu acabei de encher a boca de pão como uma criança esfomeada.

— Então me chame sempre que for comer — ele responde e toma outro gole.

Eu olho para seu corpo duro, zombando, porque parece que ele não tem um pinga de flacidez. Com um suspiro melancólico, estendo a mão para pegar uma cerveja e ele rapidamente puxa o balde para fora do meu alcance.

Ele me olha com firmeza, aqueles olhos azuis safira semicerrando-se.

— Beba essa garrafa inteira de água, depois você pode tomar uma cerveja.

Eu inclino minha cabeça e lanço a ele um olhar fulminante.

— Eu tenho vinte e sete anos, Miles. Acho que sei quando posso tomar uma cerveja.

— Bem, tenho trinta anos, e talvez em um dia em que você não desmaiasse em meus braços, eu concordaria com você. Mas por favor, para que eu fique tranquilo, pode beber um pouco disso primeiro? — Ele me mostra a garrafa de água e suaviza o olhar de uma forma que me faz perceber que provavelmente está acostumado a conseguir o que quer das mulheres. Talvez seja ainda mais envolvente do que Dean.

Bufando, pego a garrafa e engulo metade do conteúdo em vários goles. Abaixo a garrafa e ele me dá um sorriso satisfeito que realmente o deixa ainda mais bonito. Ele pega uma cerveja do balde de gelo, tira a tampa e a entrega para mim.

— Obrigada — eu digo e tomo um gole, apreciando o sabor do álcool depois de um longo dia escrevendo. Bem, escrevendo e desmaiando.

— Vamos lá, me conte — ele diz, colocando a cerveja no chão e apoiando os cotovelos na mesa.

— Contar o quê? — Eu pergunto, piscando inocentemente para ele.

— O que você está fazendo para estar tão ocupada todos os dias no Centro de Conforto do Cliente da loja de pneus onde você passa fome e desmaia?

Eu pego outra tira e coloco na boca, mastigando com um sorriso arrogante brincando em meus lábios.

— Tudo o que posso dizer é que eu estava “na área”.

Ele responde ao sorriso. Inferno, espero que meu sorriso esteja pelo menos um pouco sensual como o dele agora.

— Você tem que me dar mais do que isso. — Ele aponta para o espaço entre nós. — Vamos chamar isso de um espaço seguro. Você pode compartilhar abertamente e nada será feito contra você.

Eu respiro fundo porque sabia que não havia como compartilhar o pão com esse cara e não confessar. Então, vou contar a ele toda a minha saga, até o meu café favorito, as brincadeiras e os olhares de soslaio.

Ele não está rindo, mas vejo que morde o lábio inferior para se conter. Eu continuo a delirar sobre a vibe, as pessoas e o café. Fico falando sobre Betty por uns bons cinco minutos. Despejo tudo o que venho pregando para Lynsey e Dean, assim como meus fãs nas redes sociais. Digo que a loja de pneus é como um café despretensioso que inclui todos. Bem, todo mundo que possui um veículo, pelo menos.

Quando termino, estou quase sem fôlego.

Miles balança a cabeça lentamente, sem acreditar.

— E você está fazendo isso há mais de três semanas?

— Basicamente. — Eu dou de ombros.

— E você está escrevendo um livro? Sobre o que é o livro?

Eu faço uma careta ao ouvir a pergunta.

— Não importa. Eu estou trabalhando.

— Por que você não me diz o que está escrevendo? — ele pergunta, surpreendido com minha resposta brusca.

— Porque isso deixa as pessoas estranhas.

— Como assim?

— Se eu lhe contar, estarei respondendo à sua pergunta e não quero responder à sua pergunta.

— Eu não vou julgar! — Ele argumenta, pegando a cerveja e tomando um gole.

Eu reviro os olhos.

— Você vai julgar.

Isso faz com que ele dê risada.

— Bem, é bastante óbvio. — Eu fecho os lábios, e ele finalmente desiste.

— Ok, tudo bem, não temos que falar sobre o que você está escrevendo.

— Eu respiro aliviada. — Mas vou te dizer que sou um fã de histórias épicas, então se você me disser que está escrevendo o próximo *Game of Thrones*, nós basicamente teremos que nos casar e viver felizes para sempre.

Isso me faz rir tanto que quase cuspo a cerveja. Somos interrompidos pela chegada da pizza e, como ainda não ingeri proteína durante o dia, deixamos de lado o que estamos falando e nos concentramos na comida. As fatias são maiores do que meu rosto, e nós dois cuidadosamente dobramos um pedaço ao meio e o engolimos como animais famintos.

Mesmo depois de três tiras de pão, eu ainda estou com fome suficiente para terminar uma fatia enorme, o que não é nada comparado às três fatias de Miles. Ele simplesmente empilhou as duas últimas, formando um sanduíche de pizza. *Um sanduíche de pizza!* Eu fico tentando entender como tudo aquilo cabe dentro dele, porque seu corpo parece definido sob aquela camisa de algodão.

Outra cerveja, e finalmente faço a pergunta que está da minha mente.

— Então, você vai contar a alguém?

Suas sobrancelhas se erguem.

— Contar que há uma ruiva gostosa frequentando a sala de espera para saber se alguém pode, por favor, se livrar dela? Hum, sem chance.

Eu rio novamente. Porra, esse cara está fazendo com que eu me sinta uma adolescente.

— Você acha que alguém mais sabe sobre mim?

Ele nega com a cabeça.

— Não, eu perguntei ao meu amigo Sam, que trabalha no balcão da frente, e ele nem sabia do que eu estava falando.

— Ele vai dizer alguma coisa?

— Não, nós somos amigos.

Isso me faz relaxar.

— Então você é mecânico? — Eu pergunto, percebendo que não tenho feito nada além de falar sobre mim mesma.

— Sim — ele responde, limpando a boca e recostando-se em seu assento, com as longas pernas abertas, os pés grandes ocupando todo o espaço entre as nossas cadeiras. — Eu comecei na funilaria, pintura e algumas coisas de design, mas me cansei de usar o equipamento, então voltei para a escola de mecânica. É um bom negócio. Dinheiro bom. Horas flexíveis. Não há trabalho nos finais de semana.

— Eu sei — resmungo. — Eu odeio que vocês fechem nos finais de semana.

Isso faz com que ele ria.

— Você nunca faz uma pausa?

Eu nego com a cabeça.

— Sou uma viciada em trabalho. Isso é o negócio dos livros. Quanto mais rápido você lançar, mais você fica na mente das pessoas. Eu tive a sorte de ter meu primeiro livro bem-sucedido e não quero perder esse momento.

Ele assente pensativamente.

— É por isso que você trabalha na hora do almoço. — Eu dou de ombros.

— Isso, e às vezes eu esqueço de comer.

Ele solta uma risada educada e acrescenta:

— Bem, acho incrível que você escreva. Não consigo nem pensar em palavras suficientes para o e-mail semanal que envio aos meus pais.

— Onde seus pais vivem?

— Utah. Eu nasci e fui criado lá. Eu vim para Boulder para fazer faculdade. Bem, escola de tecnologia, devo dizer.

— Por que veio para cá para estudar em uma escola de tecnologia. Certamente, há lugares assim em Utah, não? — Pergunto.

Ele parece incomodado.

— Vim por causa de uma garota.

— Oh, putz! Eu acabei de tocar em um assunto doloroso? Você terá que

dizer quando eu for longe demais. Sou escritora, então sou curiosa sobre relacionamentos, por natureza. Minha vontade agora é fazer perguntas rápidas sobre essa mulher, e o que aconteceu entre vocês dois, mas se não quiser, não faço.

— Não quero — ele diz instantaneamente, seu rosto perdendo todo o humor. Eu hesito.

— Entendi. Nada de falar sobre ex-namorada. — Isso funciona bem para mim também, porque quem quer saber que eu, teoricamente, ainda vivo com o meu ex?

— Bem, eu a superei — ele continua —, mas não gosto de pensar nela.

— Sei como é.

Nossos olhos se encontram por um momento tenso, e é como se nossos corpos tivessem algum entendimento instintivo que nossas mentes não alcançaram ainda.

Quase dá para ouvir a tensão sexual crepitando como gravetos secos no fogo.

Miles pigarreia e afirma:

— Bem, Ruiva, não se preocupe. Seu segredo está a salvo comigo. — Ele faz um gesto bobo como se quisesse dizer “promessa de escoteiro”, e acrescenta: — Se você já tiver terminado de comer, nós devemos voltar à loja de pneus para eu pegar minha moto.

— Isso mesmo! — Eu exclamo e rapidamente me levanto da cadeira. — Sim, eu vou te levar de volta. — Meus olhos vagam por um momento antes de acrescentar: — Por acaso você não tem uma chave do Centro de Conforto do Cliente, não é?

— Mercedes! — Ele resmunga e se levanta na minha frente, segurando meus ombros com as mãos grandes e masculinas. — Você precisa descansar, garota. Trabalhar tanto não deve ser bom para sua “vibe” ou seja lá como você se refere a isso.

Eu olho para suas mãos quentes em mim. São ásperas e parecem firmes, mas não são sujas, como se poderia esperar das mãos de um mecânico. E o sorriso que ele esboçou ao dizer “vibe” fez meu corpo todo reagir. Sinto meu corpo querendo se grudar no dele, como se tivesse vontade própria.

— O que você faz quando não está trabalhando? — pergunto, e levo a mão para cobrir a boca. *Eu disse isso em voz alta mesmo? Jesus Cristo, Kate. Se segure. Este não é um dos seus livros!*

Miles parece divertir-se com meu susto, mas então ele fica sério, algo que eu não vi antes.

— Eu gosto de... andar de moto. Caminhar. Ler. De vez em quando, vou ao lago.

Eu cerro meus lábios e faço final de que entendo.

— Legal, vou comprar uma Harley neste fim de semana.

— Faça isso. — Ele sorri e passa o braço em volta dos meus ombros de um jeito simpático e bacana. — Vamos lá, vamos sair daqui antes que eu comece a entediá-la dizendo por que você deveria pegar uma Indian em vez de uma Harley.

Eu dou risada.

— Ah, conversa de mecânico sempre parece uma coisa pervertida.



7

KATE

Sabe aquela cena no filme *Se Brincar o Bicho Morde* quando Squints vê o salva-vidas, Wendy Peffercorn, andando na calçada? Ele rapidamente limpa os óculos fundo de garrafa com a camisa, a música romântica fica mais alta e o vídeo mostra a loira curvilínea em câmera lenta?

Bem, pela próxima semana na loja de pneus, serei a inadequada Squints, e Miles será o maldito Wendy Peffercorn.

No primeiro dia em que eu voltei a escrever depois que Miles e eu comemos pizza juntos, eu acabei parando na porta aberta da oficina. Eu tinha uma visão perfeita de Miles trabalhando muito, e fiquei lá parada, com bolsa de laptop no ombro, queixo caído e o coração acelerado.

Ele estava empilhando um monte de pneus. *Muitos pneus*. Eles deviam ter acabado de receber uma remessa ou algo assim porque ele estava suando muito. A certa altura, ele parou o que estava fazendo, abriu o zíper do macacão e o tirou para se refrescar. Ele estava usando uma regata justa e sensual. Da Nike. Preta. Mas dava para ver que estava encharcada de suor. Seus braços estavam brilhando à luz quando ele limpou a testa no antebraço coberto de graxa. Ele pegou uma garrafa de água, tomou vários goles longos, o pescoço grosso se contraiu a cada gole e ele começou a derramar o resto do conteúdo em seu rosto.

Não tem como inventar uma coisa dessas!

No momento seguinte, ele se vira para olhar para trás para um colega de trabalho, e seus olhos azuis estavam brilhando tão intensamente contra a pele bronzeada que ele não parecia real. Senti meus joelhos tremerem e não foi porque não tinha almoçado naquele dia.

De repente, o bilionário sobre o qual eu estava escrevendo no meu romance pareceu todo errado. Seu tanquinho era muito artificial. Sex appeal não se criava em uma academia com pesos e esteiras. Não, isso nasce em oficinas sujas, onde homens, homens reais fazem trabalho braçal. Onde eles ficam tão sujos, que têm que usar um sabão em pedra para se limparem. Não se encontra isso em lojas. Maldita testosterona.

Sentindo-me inspirada como nunca, eu corro para o centro de comodidade para escrever duas páginas de uma nova série. Jesus Cristo, por que

eu nunca tinha pensado um mecânico antes? Minhas leitoras salivariam por tudo isso! Tenho que escrever o primeiro capítulo, as vozes dos personagens são muito claras, eu tenho que libertá-las. Agora mesmo.

Horas se passam até eu ser arrancada do meu mundo fictício por uma presença forte e opressora na sala. Eu olho por cima do meu laptop e vejo Miles me observando da porta, esboçando um sorriso preguiçoso. Seus olhos estão intensos como nunca vi.

Eu tiro os fones de ouvido quando ele vem até mim.

— Você parece superfocada — diz ele de modo arrastado quando se senta na cadeira de couro ao meu lado.

Meus olhos se arregalam quando rapidamente tiro a caneta do cabelo e desfaço meu coque.

— Sim... eu, hum... tive uma nova ideia para um livro hoje.

— Oh. Sério? — Ele pergunta, passando as mãos pelas coxas cobertas pelo jeans.

O cheiro do sabonete masculino invade minhas narinas. Ele tomou banho. O suor e a sujeira que estavam sobre ele horas atrás se foram há muito tempo, e ele está com o cheiro de uma montanha depois de uma chuva fresca.

— Eles têm chuveiros aqui? — Eu pergunto, curiosa, para poder ter informações para meu trabalho em andamento.

Ele ri da minha pergunta peculiar.

— Sim, por quê?

Sinto minhas bochechas ficam vermelhas.

— Você está com um cheiro bom. Seu cabelo ainda está úmido, certo? — Eu estendo a mão e passo os dedos por seus fios curtos e pretos, a umidade toma minha mão. Sinto um arrepio no corpo ao ver esse toque.

Seus olhos se fecham como se ele estivesse gostando da minha carícia tanto quanto eu, então aproveito a oportunidade para continuar minha trilha do topo de sua cabeça até a base do seu pescoço forte e tenso. *Jesus, esse cara é muito másculo.*

De repente, percebo que nós não estamos sozinhos e rapidamente me forço a parar de acariciar o mecânico gostoso.

Os olhos azuis de Miles se abrem.

— Isso significa que você abandonou a outra ideia de história?

Eu rio desse comentário.

— Meu Deus, não. Eu só tenho que escrever as coisas quando elas chegam a mim, ou elas se vão para sempre. São apenas notas e o primeiro capítulo, para que eu possa mergulhar mais facilmente quando voltar a ele. Eu ainda estou trabalhando muito na minha história original.

— Bem, fico feliz por saber que o centro de comodidade ainda está dando uma boa vibe. — Ele olha para o meu computador. — Você está quase terminando o dia?

Eu mordo o lábio.

— Talvez?

— Quer comer alguma coisa?

— Como se fosse um encontro? — Eu pergunto, porque Jesus, eu tenho uma boca grande e sem filtro, e não consigo evitar.

Ele franze a testa.

— Não, só comida. — Ele encolhe os ombros.

— Eu gosto de comida — respondo, tentando não tomar sua resposta como uma rejeição completa quando começo a fechar o laptop.

De repente, me dou conta da realidade.

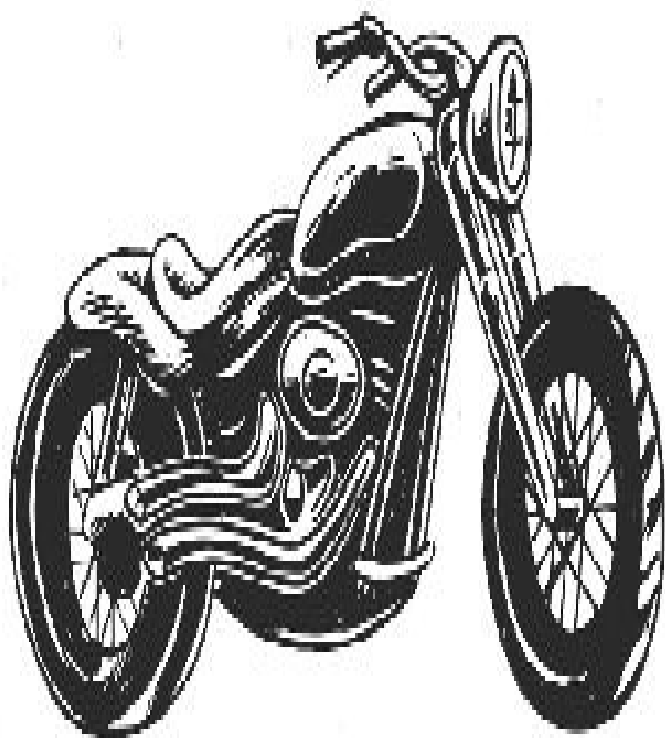
— Droga, me desculpe... eu não posso. Eu prometi a minha amiga que eu passearia com ela como... — Eu rapidamente olho para meu telefone para ver que horas são. — Agora. Merda, preciso ir.

Ele assente e sorri, parecendo um pouco desapontado.

— Eu entendo.

— Outro dia? — Eu pergunto, e começo a arrumar minhas coisas.

— Definitivamente. — E com isso, ele me dá um adeus amigável e sai da sala como o deslumbrante garanhão que é.



8

MILES

Eu nunca senti tanta animação para ir trabalhar todos os dias. Com certeza nunca entrei tanto no Centro de Comodidade do Cliente como nessa semana. Fico falando aos rapazes na recepção que esqueci meu almoço e estou filando os assados de Betty, mas, na verdade, é só para ver a Mercedes.

Ela fica tão linda quando está escrevendo. Eu me pego fingindo estar ao telefone na porta para poder vê-la trabalhar por um tempo. Seus olhos vagam muito no espaço e, ocasionalmente, ela faz alguns movimentos estranhos, como se estivesse tentando descobrir como explicar uma ação em um livro. Uma vez, tive que me conter para não rir alto quando ela fechou os olhos, lambeu os lábios sedutoramente e beijou o ar. Ela certamente escreve livros eróticos.

Eu amo vê-la em seu próprio mundinho, sendo completamente ela mesma, e totalmente alheia ao mundo ao seu redor. E está fazendo isso em uma sala de espera de uma loja de pneus. Eu nunca conheci uma garota como ela.

Eu me sinto atraído por ela todos os dias, gosto de parar antes de sair para ver como ela está. Às vezes, ela me diz quantas palavras escreveu, o que não significa nada para mim, porque não tenho ideia de quantas palavras são necessárias para escrever um livro. Mas ela parece animada com o progresso, e amo sua cara de alegria. Então, ela geralmente me pergunta como foi o meu dia, e eu vejo seus olhos disfarçarem quando começo a falar sobre carros e ferramentas. É o jogo que jogamos, carregado de flerte, mas nada acontece.

Não a convidei para sair depois do trabalho novamente, como fiz no início desta semana. Eu sinto que a primeira vez foi um erro, e quanto mais falo com ela, mais percebo que ela não é apenas uma garota com a qual eu posso ficar. Ela é... legal. É melhor manter nosso relacionamento “exclusivo da loja de pneus”. Deus bem sabe que adoro mulheres bonitas, engraçadas e não loucas.

— Mais uma semana de trabalho se passou — eu digo, e me sento ao lado dela, olhando ao redor do centro de comodidade vazio. É o final do dia e da sexta-feira, então não receberemos mais ninguém.

— Grandes planos para o fim de semana? — Mercedes pergunta, fechando o laptop sobre as pernas e descansando as mãos sobre ele. Ela está adorável hoje com um pequeno vestido de verão vermelho, bem diferente da típica roupa esportiva em que geralmente a vejo.

— Meu amigo e eu talvez vamos ao Golden Gate Park amanhã. Todo verão, nós tentamos fazer a trilha que tem lá.

— Parece divertido e totalmente masculino — ela diz, virando-se para mim. Seus olhos azuis param em meus lábios, então ela rapidamente desvia o olhar.

Eu franzo a testa e me mexo para encará-la melhor também.

— E você?

Ela exala com força.

— Ah, provavelmente vou escrever mais. Talvez vá a uma cafeteria.

Eu suspiro .

— Mas você teria que pagar pelo seu café.

Ela diz, impassível:

— Eu sei, mas a loja de pneus não tem uma caixa de sugestões para eu perguntar se eles vão começar a abrir no fim de semana.

— Eu rasgaria essa sugestão na hora — respondo com um tom sério. — Gosto dos meus finais de semana. Não os incentive a mexer com meus fins de semana.

Ela sorri, e eu vejo a covinha em sua bochecha.

— Tudo bem, vá. Faça coisa de homem. Pegue alguns peixes. Suje-se.

Seus olhos vagam pelo meu corpo e ela morde o lábio inferior. Suas sobrancelhas se franzem da maneira mais adoravelmente intensa. Puta merda, ela é fofa. E se eu pudesse ler sua mente, poderia jurar que ela está me imaginando nu. Eu com certeza a imagino nua cerca de oito vezes por dia desde o momento em que a vi. Mas eu sou um cara, caras fazem essas coisas. As garotas são geralmente menos óbvias.

É por isso que tenho noventa por cento de certeza de que ela escreve livros eróticos. Tenho a sensação de que ela tem uma mente suja e eu gosto muito disso. Pesquisei no Google o nome da autora Mercedes, e com apenas um primeiro nome, não encontrei ninguém parecido com ela. E se pedisse o sobrenome dela neste momento, seria muito óbvio. Então, por enquanto, vou respeitar seus desejos e não insistir em informações sobre a parte escritora de sua vida. Principalmente porque ela me pediu para não fazer isso.

— Bem, tenha um bom fim de semana — digo. Inclinando-me sobre o braço da cadeira, eu a beijo na bochecha. Eu recuo e fico paralisado, olhando em seus olhos arregalados e claramente surpresos. Porra, ela cheira a flores, mas isso já é outra coisa. — Eu não tenho ideia por que te dei um beijo no rosto.

— Nem eu! — Ela ri, suas bochechas e pescoço se corando diante dos meus olhos. — Você sabe, já que somos basicamente colegas de trabalho, isso pode ser motivo para uma reclamação de assédio sexual.

Eu resmungo e fico em pé, passando a mão pelo cabelo, com vergonha.

— Você deveria mesmo. Eu sou ridículo. E absurdamente inapropriado.

— Você não é ridículo e, é muito cedo para eu dizer se você *realmente* é inapropriado. — Ela sorri e ergue as sobrancelhas maliciosamente para mim. — Se você soubesse os pensamentos sujos que passam pela minha cabeça todos os dias, saberia que eu certamente não sou uma vítima.

— Eu sabia! — Dou risada e estalo os meus dedos em triunfo, estendendo a mão e esticando os braços. — Há algo em você que grita... mente suja. Eu acho que é seu cabelo ruivo.

Ela morde o lábio e olha para meu torso, seu olhar lentamente descendo para a minha virilha. Meu pau se anima. Mais como um baque, considerando que o filho da puta parece ter vida própria.

Com um simples encolher de ombros, ela responde:

— Eu culpo muitos dos meus problemas pela cor do meu cabelo. As ruivas têm uma vida dura quando crianças.

— Seu cabelo é lindo pra caralho, e criancinhas são terríveis. — Eu fecho os olhos e aperto a ponta do nariz, grato por ninguém mais estar por perto para me ouvir fazer papel de idiota. — Depois dessa, vou embora, e juro a você que geralmente tenho muito mais potencial do que isso. Eu espero que essa interação não reflita negativamente sobre meu status de namorado de ficção em sua mente.

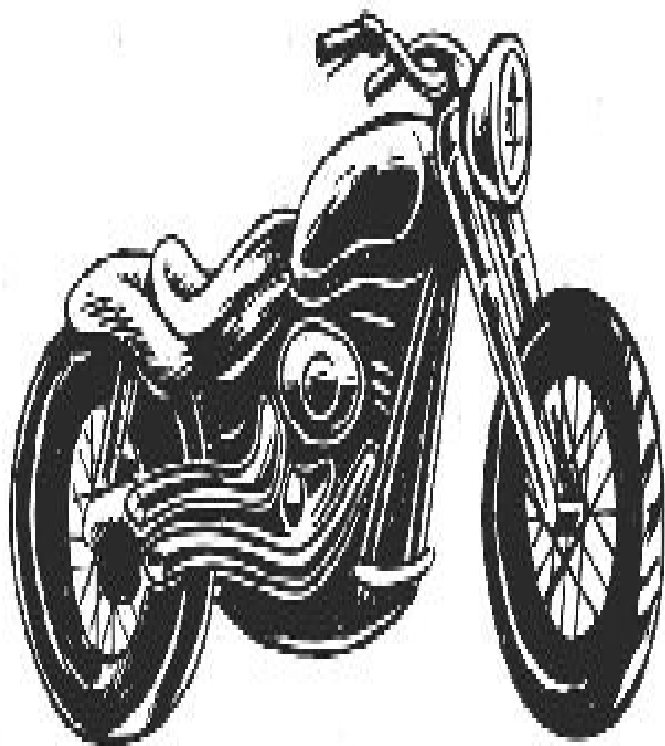
Ela ri com vontade.

— Não se preocupe com isso, Miles. O seu status de namorado literário ainda está muito seguro.

Com um grande sorriso, eu me viro e saio, falando enquanto olho para trás.

— Até segunda-feira, Mercedes.

— Nós nos encontraremos perto da máquina de café, Miles.



9

MILES

— O que você está esperando, mano? Ela diz que tem pensamentos sujos e você não pensa... “sim, eu vou pegá-la”? — Sam grita, batendo a cerveja no bar e passando a mão nos cabelos loiros.

— Não. — Eu balanço a cabeça e lanço um olhar bravo para o cara me pressionando para pedir uma bebida. É sexta à noite, então o The Pearl Street Pub está lotado, mas isso não significa que eu precise sentir o cheiro do desodorante desse cara. O cara se manca e me dá algum espaço. Eu volto para Sam. — Eu não posso só pegá-la, ela é muito legal. Então teria que vê-la todos os dias no centro de comodidade. Seria estranho para caralho.

— Você não tem que vê-la. Só não vá mais lá depois que transar com ela. Problema resolvido.

— Eu gosto de vê-la — eu respondo e franzo a testa porque vê-la é uma das melhores partes dos meus dias.

— Você é tão deprimente — Sam diz, puxando o telefone do bolso e verificando o horário. — Merda, é melhor irmos andando. Meu amigo vai sair às onze e eu não quero acabar preso em uma fila.

Nós pagamos nossas contas e caminhamos as duas quadras de Pearl Street para o The Walrus Saloon. É um bar conhecido que é parcialmente subterrâneo e geralmente fervilha de estudantes universitários, mas como é verão, não deve estar tão ruim. Além disso, sou solteiro. É bom eu ir onde tem carne fresca de vez em quando.

Eu não costumo gostar de garotas mais jovens, mas admito que, ano passado, saí com uma universitária. Eu achei que ela era muito mais nova que eu, e estava tão paranoico que pedi para ver sua identidade antes de sairmos do bar. Não estou orgulhoso disso, mas eu precisava de alguém para ajudar a superar o rompimento com Jocelyn.

Aquela garota me fodeu.

Dez anos de “eles vão ou não vão?”. Nós éramos piores do que Ross e Rachel. E os jogos mentais que ela fazia o tempo todo vão me assombrar para sempre, tenho certeza. Sempre que nós estávamos separados, o que era frequente, ela descobria o bar onde eu estava naquela e aparecia apenas para

ficar com um cara aleatório bem na minha frente. Ela era louca pra caralho. Eu provavelmente ainda estaria vivendo nesse inferno se ela não tivesse embuchado de algum idiota rico durante uma das vezes em que terminamos.

Depois de alguns dias sombrios, estou no que gosto de chamar de meu período de “*Foder e Fugir*”. Uma noite. Nada mais. Sem amarras. Hora de movimentar minha cama.

Hoje estou ansioso para encontrar uma garota que me ajudará a esquecer a ruiva que eu sei que não devo foder.

A música está alta enquanto descemos as escadas até o Walrus Saloon. Dá uma sensação sombria, mas é o único lugar em Boulder que oferece uma pista de dança real. Minhas botas estalam as cascas de amendoim espalhadas por toda parte enquanto Sam e eu nos dirigimos para os dois banquinhos recém-desocupados no final do bar.

Sam faz sinal para um garçom enquanto eu fico atrás do banco e observo o bar. Só vejo caras, exceto por um grande grupo de garotas que já se amontoa na maior parte da pista de dança. Elas estão todas ao redor de uma garota com um vestido curto e branco com um véu preso aos cabelos dela. Festas de despedida de solteira costumam ser um bom momento, e eu inclino meu queixo para algumas garotas que estão me olhando e sussurrando umas para as outras. Ser grande e alto é sempre um atrativo para as mulheres. E o fato de eu não ser feio torna muito fácil escolher em um grupo como esse.

Passo por outro grupo de garotas tomando juntas o líquido azul de uma bebida gigante do tamanho de um aquário, e acho que vejo uma que pode me interessar, quando algo vermelho e familiar chama minha atenção.

Eu viro meu olhar e vejo Mercedes descendo os degraus da entrada. Ela está rindo muito de algo que alguém atrás dela disse, mas, para ser sincero, eu não fico olhando para o rosto dela por muito tempo.

Ela está vestindo uma minissaia listrada preta e branca, suas pernas esculpidas em exibição total e parecendo ainda mais sensuais do que quando as vi naqueles shorts curtos. Ela usa uma blusa preta decotada com um longo colar pendurado entre os seios fartos. Eu diria que ela não está usando roupas suficientes, não fosse pela jaqueta de couro preta, sexy e justa colocada aberta por cima do conjunto. Pelo menos a jaqueta cobre parte do corpo dela.

Seu cabelo ruivo cai liso e brilhante sobre os ombros, como uma cortina colorida, e estilizada de uma maneira que nunca vi antes. Está muito menos

natural do que o habitual, mas definitivamente ainda é sexy. É um visual muito diferente do que vejo na loja de pneus.

Ela é a porra de um nocaute.

Meu pau ganha vida, e eu tenho que fechar os olhos e me concentrar, para que ele não diga olá para a multidão. Paus podem ser tão... paus.

Ela vira a cabeça e sorri para o cara que a segue descendo os degraus. Passando o braço ao redor dos ombros dela, ele está usando óculos e está vestido como se estivesse indo para a porra de um casamento, não a um bar na Pearl Street. Uma pequena morena desce ao seu outro lado e está procurando dinheiro na bolsa para pagar a taxa de consumação para os seguranças.

Mercedes ri de novo de algo que o cara de óculos diz. Seus olhos sorridentes começam a examinar o bar e finalmente pousam em mim. Sou mais alto do que praticamente todos aqui, então não é surpresa que ela tenha me visto. Mas a expressão dela não é o sorriso fácil que eu me acostumei a ver na semana passada.

Ela morde o lábio e gira a cabeça para o cara que de repente firma a mão ao redor dos ombros dela. Ele se inclina para que ela possa sussurrar em seu ouvido e meus olhos seguem sua outra mão enquanto ela envolve a cintura dele. O polegar dele está perigosamente perto da parte inferior de seu seio, e o modo com que ele a envolve faz meu sangue ferver.

Que merda!

— Meu Deus, cara, tudo bem? Você parece estar pronto para arrancar a cabeça de alguém! — Sam diz do meu lado enquanto encosta uma cerveja no meu peito.

— O quê? — Eu praticamente rosno, envolvendo meus dedos firmemente em torno da garrafa fria.

— O que está acontecendo? Você parece... — Sua voz desaparece quando ele vê onde meu olhar está focado. — É a mesma ruiva?

Eu aceno, meu queixo rígido.

— Eu pensei que você fosse apenas amigo da garota.

— Eu sou — eu respondo rispidamente.

— Bem, então fique calmo, mano, porque parece que você está ansioso por uma briga. — Ele se levanta do banquinho e inclina o queixo para perto do

meu ouvido. — Você está como costumava ficar quando Joce andava fodendo por aí.

Suas palavras são como um balde de água fria jogado no meu rosto. Eu instantaneamente olho para sua mão apertando meu ombro, e me viro para tomar um grande gole da cerveja. Bufando, eu me debruço e apoio meus cotovelos no bar, passando a mão pelo cabelo.

Maldição do inferno, o que há de errado comigo? Eu mal conheço Mercedes. Eu só a vi fora da loja uma vez. Não posso correr até ela como uma fera quando a vejo com outro cara.

Um tapinha suave no meu ombro faz com que eu vire minha cabeça para a direita. É Mercedes.

Minha adorável ruiva.

Assim, de perto e pessoalmente, no entanto, ela não está adorável. Está sexy pra caralho. Seus olhos estão delineados com um lápis preto grosso. Sombra marrom em suas pálpebras torna suas íris azuis mais intensas do que nunca. Seu batom vermelho e brilhante enfatiza os lábios. A aparência carnuda deles me lembra da vez em que a observei comer aquela tira de pão e...

— Ei, Miles — diz Mercedes, prendendo uma mecha de cabelo sedoso atrás da orelha.

— Ei, Mercedes — resmungo, pigarreando e levantando-me.

De salto alto, o topo de sua cabeça atinge meu queixo, e posso sentir o aroma floral de seu xampu de onde estou.

— Bom te ver aqui! — Ela ri sem jeito e toca meu ombro. Ela olha para trás, para onde Sam recuou para nos dar alguma privacidade. — Eu pensei que você fosse acampar.

— Eu pensei que você estivesse escrevendo — respondo e olho por cima da cabeça dela e vejo Sam deslizando o dedo indicador no próprio pescoço, como se pedisse para eu pegar leve.

Suas bochechas coram, mas ela levanta o queixo e responde:

— Bem, como você disse, eu preciso fazer uma pausa de vez em quando.

Eu aceno, contraindo a mandíbula enquanto meu olhar encontra o cara com quem ela entrou. Ele está nos encarando como se nós fôssemos o entretenimento ao vivo desta noite, e não o DJ na cabine de cima.

— Esse é seu namorado? — Eu pergunto, apontando para o Sr. Calças Extravagantes. Mercedes olha para trás e começa a rir.

— Deus, não. Esse é Dean. Ele é meu amigo. E essa é Lynsey ao lado dele, minha amiga. Nós somos todos vizinhos, mais ou menos.

Eu aceno, estreitando meus olhos para o cara, irritado. O que quer que ele esteja tentando comunicar é uma linguagem diferente da que a que Mercedes está usando agora. Ele certamente não está olhando para ela como se ele fosse apenas um amigo.

Virando-me, eu aponto para Sam, que está fazendo um péssimo trabalho fingindo procurar algo no pote gigante de amendoim, enquanto escuta nossa conversa.

— Este é meu amigo, Sam.

Sam levanta a cabeça como se não estivesse ouvindo cada palavra que nós dissemos até agora. Fique calmo, Sam. Com um passo gigante, ele para ao lado de Mercedes apertando a mão dela.

— Oi — ela diz com um sorriso verdadeiro.

— Prazer em conhecê-la...

— Mercedes — eu termino quando parece que ela não vai falar. Olho para Mercedes e acrescento: — Sam trabalha comigo na loja.

Mercedes acena devagar, claramente mais cautelosa com ele agora que sabe onde ele trabalha.

— Prazer em conhecê-lo.

— Nós vamos acampar amanhã — Sam diz, claramente tentando compensar minha falta de habilidades sociais. — Nós saímos pela manhã.

Ela olha para mim com os olhos carregados de rímel e sorri.

— Eu vou à cafeteria pela manhã.

Eu esboço um sorriso para ela, e nossos olhos se encontram por um momento. Parece que ambos estamos pensando a mesma coisa neste momento. Um pensamento parecido com a pergunta *por que não saímos de novo?*

Mas por alguma razão, acho que nós dois sabemos a resposta. Mercedes quebra o silêncio.

— Bem, eu vou dei...

— Posso te pagar uma bebida? — Eu pergunto rapidamente antes que ela faça sua grande fuga. Eu sei que é estúpido, e sei que provavelmente não é sábio, mas não estou pronto para vê-la partir ainda.

Aquela covinha no rosto chama minha atenção quando ela olha de volta para seus amigos por uma fração de segundo.

— Uma bebida parece uma boa ideia.

— Por favor, pegue meu lugar — Sam corre, virando seu banquinho para ela e só faltando pô-la sentada ali. — Eu vou dizer oi para o meu amigo. Ele é o DJ hoje.

— Obrigada — Mercedes diz, e ele foge como um cachorrinho ansioso indo buscar os chinelos de sua mãe.

Eu respiro fundo e tomo o assento ao lado dela, aquele em que fiquei apoiado o tempo todo.

— O que quer beber? Eu posso perguntar se eles servem café na veia, se você quiser.

Minha piadinha faz com que ela dê risada, e ela bate no meu braço de modo brincalhão.

— Vou tomar uma cerveja. Já bebi licor e nunca é bom ficar só bebendo licor a noite toda.

Nossos joelhos roçam quando eu me inclino para ela.

— E por que?

— Bem, ou eu fico malvada ou fico sacana.

— Sacana? — Eu ergo uma sobrancelha para ela e bato minha mão no balcão. — Barman! Traga uma dose para essa garota!

Ela ri com aquela risada alta e rica, e eu sinto meu corpo se acalmando.

— Cerveja! — Ela corrige, apontando para o que eu tenho na minha mão.

O barman assente, abre a tampa da cerveja e desliza a garrafa pelo bar, que para perfeitamente nas mãos dela. Ela toma um gole e sorri agradecendo-me.

— Então, o que você tem feito desde que te vi, seis horas atrás? — ela

pergunta.

— Ah, eu venci um câncer e decidi sair e comemorar com meu amigo Sam. Você?

— A mesma coisa. — Ela encolhe os ombros com um olhar sério que tem dificuldades para manter. — Você mora no centro?

— Não, eu moro perto, em Jamestown. Eu comprei uma casa para reformar no ano passado.

Ela pousa as mãos no bar e abaixa a cabeça com um gemido.

— Oh, cara, você é um daqueles homens bem habilidosos, não é?

Eu rio da pergunta dela.

— Eu não sei se sou habilidoso, mas geralmente consigo resolver a maioria das coisas. Ou vou no Google depois de estragar tudo e então resolvo.

Ela apoia o rosto deslumbrante em uma mão.

— Eu aposto que você limpa suas próprias calhas também, não é? — ela pergunta com um olhar especulativo e toma outro longo gole de sua cerveja.

— Sim, eu limpo. Mas normalmente acabo limpando-as na chuva, porque só me lembro de fazer isso quando está caindo o mundo do lado de fora, e a água está transbordando delas.

Ela assente e morde o lábio como se estivesse realmente imersa em pensamentos.

— Então você fica todo molhado em uma escada mexendo nas calhas para tirar as folhas? — Ela usa as mãos para gesticular, depois sacode a cabeça.

— Sim. — Eu rio. — Que porra você está fazendo? Por que seu rosto está assim?

Ela respira fundo.

— Estou imaginando.

Eu reviro os olhos.

— Estou sem camisa na sua imaginação?

Ela ri.

— Não, você está usando uma daquelas camisetas que você usa por

baixo do macacão.

— Você é muito observadora — murmuro e levo o gargalo à boca. — Sempre tramando. — Dou uma piscada enquanto tomo um gole.

Ela pisca de volta.

Na nossa segunda rodada, nenhum de nós está sentindo constrangimento, ambos claramente estão se entregando ao momento.

Mercedes passa a língua pelos lábios e vira o corpo para me encarar de frente, então suas pernas ficam apertadas entre as minhas, que estava abertas.

— Miles — ela fala com um brilho nos olhos.

— Mercedes.

Uma expressão peculiar passa pelo rosto dela, mas ela a afasta e abaixa a cerveja.

— Por que você nunca me pediu para sair de novo como fez naquela noite em que comemos uma pizza?

Ela deve estar bêbada para estar fazendo perguntas diretas como essa. Eu olho para ela por um momento, vendo que seus olhos estão um pouco mais caídos do que antes, mas também não estou muito sóbrio, por isso não posso julgá-la.

Eu dou de ombros sem preocupação e digo com sinceridade.

— A loja de pneus parece mais segura.

— Mais segura — ela repete, pegando a garrafa, mas parando antes de tomar outro gole. — Significa que eu não vou mais trombar com você e não prenderei meu chinelo embaixo de sua bota?

— Algo assim. — Eu rio, tirando o rótulo da cerveja com a unha do polegar. — O que provavelmente é melhor porque, com esses sapatos sensuais, tenho certeza que você acabaria quebrando um tornozelo ou coisa pior.

Ela endireita as costas e esboça um sorriso satisfeito.

— Você acha que meus sapatos são sensuais?

Ela levanta a sandália preta com tiras entre nós, fazendo com que a saia suba bastante. Eu vejo uma boa parte da coxa bronzeada e um flash de calcinha preta, e instantaneamente, meu pau se contrai contra o zíper da calça.

Mercedes percebe o que acabou de fazer e rapidamente abaixa a perna e se vira para o bar. Contraindo os lábios, ela abaixa a saia até as coxas.

Eu me inclino para sussurrar em seu ouvido.

— Muito sensual.

Ela pigarreia e se vira para me olhar.

— Então, quais são seus planos para esta noite? Você estava aqui com o seu amigo para passar o tempo? Ou você estava à caça?

— À caça? — Eu questiono a frase porque acho engraçado.

— À caça de um rabo-de-saia! — Ela fala alegremente, girando em seu assento para olhar para o bar que agora está lotado. — De garotas. Para uma noite de sexo casual que te cause constrangimento pela manhã, porque ela vai querer fazer panquecas, e você vai querer escapar de fininho e sair antes que ela acorde.

Eu começo a gargalhar com essa descrição muito apropriada.

— Bem, considerando que eu estava namorando pela maior parte dos meus vinte anos, sim, acho que estou em busca de algo casual.

Ela assente atentamente, olhando para mim.

— É o que penso sobre você.

— Como? — Eu pergunto, incrédulo.

— Você usa aquelas camisetas que mostram o bíceps. — Ela estende a mão e agarra o material ao redor do meu braço. — Isso não deve ser confortável. Por que você veste camisetas assim?

— É assim que a maioria das camisetas ficam em mim. — Eu olho para baixo, para suas pernas. — E essa minissaia que você está usando é pelo conforto, não é?

Ela encolhe os ombros inocentemente.

— O tecido dela estica.

— Bem, minhas camisetas são assim mesmo.

Nós dois rimos e tomamos outra bebida.

— Qual é o seu tipo? O que te atrai? Cor de cabelo, características. —

Ela está olhando para as pessoas de novo como se estivesse seriamente querendo me ajudar a encontrar alguém com quem transar.

Meu olhar permanece em seus cabelos, deslizando pelos fios lisos que caem suavemente sobre o peito. Eu pigarreio e respondo:

— Morenas. Minha ex era loira. Estou cheio das loiras. Elas não me divertem mais.

— Morenas, é. Vamos ver. — Ela bate palmas e analisa a multidão até que seus olhos pousam em alguém. — Não a minha amiga Lynsey. Ela já namorou nosso amigo Dean, e foi muito estranho durante alguns meses depois disso.

Eu olho para a amiga dela que está em uma mesa com algumas outras pessoas, e elas não parecem nem um pouco preocupadas por eu ter tirado a amiga delas.

— Ok, amigas estão fora do páreo. Acho justo.

— Que tal aquela? — Ela aponta para uma garota tomando uma bebida numa mesa de canto. Ela está entre duas garotas que parecem bem interessadas nas fofocas sobre alguém.

— Ela está cercada por outras garotas. Eu tento evitar os grupos. Ficam inconvenientes.

— Como assim?

— Bem, há sempre uma amiga que tenta impedir. Uma amiga que tenta roubar o cara. E outra que fará sua amiga se sentir mal por ser ousada.

— Rapaz, as garotas sabem ser más.

— Você quem está me dizendo. — Eu tomo um gole da minha garrafa. — E você? Por que não está à caça? Você disse que estava cheia do seu ex, certo?

— Ah, eu estou totalmente. Ele é desprezível.

— E seu amigo Dean não é um candidato? — Eu pergunto, me sentindo irritado com o fato de ainda querer essa confirmação.

— Não. — Ela nega. — Ele me lembra os meus irmãos.

Eu duvido que seus irmãos te toquem do jeito que ele fez mais cedo.

Ela bate a mão no joelho e dá um grito:

— Sabe de uma coisa, Miles? Você está certo! Eu certamente deveria arranjar um encontro casual hoje.

— Uau, eu nunca disse nada sobre casual.

— Bem, você está fazendo isso, então por que eu não posso?

Eu estreito os olhos.

— Você não parece o tipo de mulher para encontros sem importância.

— Talvez eu devesse ser. — Seus olhos estreitam quando ela se inclina e sussurra contra meus lábios. — Posso te contar um segredo, Miles?

— Você pode me contar qualquer coisa, Mercedes.

Ela ri e curva o dedo para me chamar para mais perto. Eu estou tão perto que posso sentir o cheiro fraco de seu brilho labial de cereja, e isso não está ajudando a minha meia ereção que faz uma festa dentro da minha calça.

Seus lábios roçam minha orelha quando ela sussurra:

— Meus textos me deixam com tesão.

Eu quase engasgo com a cerveja.

— Desculpa, o que disse?

— Meus textos me deixam com tesão. — Ela se afasta e acena confirmando. — Estou falando sério. Eu tenho brinquedinho que funciona muito bem e muito rápido, mas sinto falta do calor de um homem, sabe? — Meus olhos se estreitam e eu passo a mão sobre deles para ter certeza de que estou acordado e ouvindo tudo isso corretamente.

— Olha... eu nunca sinto falta do calor de um homem, então acho que não sei bem o que você está dizendo.

— Tudo bem, o calor de uma mulher. — Ela revira os olhos de modo exagerado. — Você sabe do que estou falando. O calor.

Eu franzo a testa e nego.

— Você vai ter que explicar, porque eu penso em muitas coisas quando penso em mulheres, mas a temperatura do corpo delas não é uma delas.

— Você está pedindo. — Ela ri e se inclina para falar baixinho

diretamente em meu ouvido. — O calor de uma mulher é muito mais do que a temperatura. São as curvas suaves e sensuais da forma feminina. A maneira como seus dedos se cravam na carne de suas coxas quando ela está enrolada em você. Sua barriga lisa e plana quando está deitada, as delicadas saliências de suas costelas quando ela está jogando a cabeça para trás ao sentir prazer. Pequenos mamilos rígidos e a pele macia deles. O fato de você poder envolve-los quase completamente e ainda querer mais. Você está dizendo que não sente falta desse tipo de calor?

Eu pisco lentamente, me recuperando do que acabou de acontecer. Sua voz foi uma carícia sensual e verbal que fez meu pau reagir. E senti também o calor quente de sua respiração em meu ouvido. O timbre profundo de seu tom de voz. O jeito com que sua palma quente descansa suavemente na minha coxa.

Puta que pariu!

Meu pau imediatamente passou de meio para totalmente ereto, e estou tão excitado que não dou a mínima.

— Você com certeza escreve textos eróticos — eu afirmo, minha voz profunda e grave devido à excitação. Eu me recosto e balanço a cabeça para ela.

— Merda! — Ela estala os dedos na frente do rosto, claramente irritada por se deixar levar. — Eu não queria que você soubesse!

— Por que não? — Eu quase rosno. — Qual é o grande segredo?

— Porque isso muda a maneira como você olha para mim.

— Como assim?

— Bem, primeiro, você vai achar que sou uma espécie de aberração sexual, que sou experiente pra caralho entre quatro paredes.

— Exatamente. — Eu rio.

— Viu?

— Eu estou brincando, continue.

— Ou segundo, você vai ficar envergonhado com o que eu faço, e não vai querer contar a ninguém.

— Você está brincando? — Eu resmungo e me inclino para a frente para virar seu rosto, para que ela olhe para mim. Ela realmente parece um pouco triste, e isso me deixa louco.

— Bem, seu colega não conta. Ele provavelmente é um tarado — ela corrige. — Quero alguém que seja muito importante para você.

— Foda-se isso — eu argumento e discordo categoricamente. — Então você não me conhece mesmo, Mercedes.

— Eu conheço o seu tipo — ela retruca com um tom arrogante na voz como se isso realmente não a incomodasse. Mas eu posso ver claramente que incomoda. — Vocês são todos iguais. Querem uma dama em público e uma louca na cama.

— Não mesmo.

Ela dá de ombros.

— Não acredito em você.

— Por que não?

— Porque foi por isso que meu ex e eu terminamos. Ele me pediu para mentir para sua família sobre o que eu faço para viver.

Sinto o sangue congelar.

— O quê?

O olhar envergonhado em seu rosto faz com que minha mandíbula se contraia.

— Sim, eu achei estranho que estivéssemos juntos por tanto tempo e ele ainda não tivesse me apresentado à sua família. Então a irmã dele ia se casar e ele meio que tinha que me levar para o casamento. Foi quando ele me pediu para dizer a todos que escrevia histórias de suspense .

— Que filho da puta. — Eu resmungo e tomo um grande gole da minha cerveja para tentar conter a raiva.

— Bem, ele é assim, mas eu escrevo coisas realmente bizarras em meus livros, e isso não é muito fácil de contar para sua avó.

— Foda-se. — Eu rosno e pouso minha cerveja no balcão com força. — Eu contaria à minha avó sobre você.

— Você não faria isso! — ela argumenta com uma risada incrédula. — As avós me odeiam! *Minha* avó me odeia.

— Sua avó não pode te odiar. Você é perfeita!

— Ela me odeia. Ela é bem religiosa, e toda vez que eu chego em casa, ela tenta marcar uma reunião comigo e com seu padre. Ela acha que eu preciso de uma intervenção ou um exorcismo, algo assim.

Não consigo controlar o riso.

— Desculpe-me, não é engraçado. — Eu estendo a mão e toco sua coxa para me desculpar.

Ela encolhe os ombros e pega o rótulo de sua cerveja.

— Isso é um pouco engraçado.

Eu a observo por um momento e odeio a maneira como sua postura muda. Ela passou de uma mulher gostosa, hilária e que fala coisas quentes para uma versão um pouco desconfortável e quase calada da Mercedes que conheci nas últimas duas semanas. Seu ex é um filho da puta, e se ele estivesse aqui, eu faria questão de dizer isso a ele.

Mantendo a mandíbula contraída, eu estendo minha mão para ela.

— Venha comigo.

Ela franze a testa para mim.

— Aonde estamos indo?

— Temos que sair por um minuto... confie em mim.

Eu a tiro de seu assento e respiro fundo ao ver sua saia subir. Ela sorri timidamente e puxa a mão da minha para puxar o tecido para baixo. Merda, ela é sexy demais.

Ela dá a seus amigos um sinal de que volta em um minuto, com o dedo, enquanto eu a puxo através da multidão até a saída. O segurança carimba nossas mãos e pega sua cerveja pela metade, enquanto eu a levo escada acima e saio pela porta da frente.

Do lado de fora está agradável, o ar da noite úmido e quente contra a nossa pele. As luzes de néon azuis do letreiro da Walrus Saloon brilham contra a nossa pele enquanto eu olho em volta à procura de uma área privada longe dos bêbados barulhentos. Empurrando-a ao virar a esquina, puxo meu telefone do bolso e encontro um contato na minha tela. Eu o mostro para Mercedes.

— Pressione o botão de chamar — digo.

Ela dá uma olhada na tela e seus olhos se arregalam.

— Você está louco? — Ela exclama e empurra o telefone para longe. — Passa da meia-noite, Miles. Nós não podemos ligar para a sua avó!

Eu reviro os olhos e dou de ombros.

— Ela não vai se importar. Ela me ama muito, sou seu neto favorito. Pressione ligar. Eu quero contar a ela sobre seus livros obscenos.

— Eu não vou fazer isso! Eu nunca ligaria para uma doce e velha avó no meio da noite para contar minhas obscenidades para ela. Ai, droga, eu preciso tomar nota. Acabei de pensar em uma frase engraçada para um dos meus livros.

Ela desce a mão pela gola decotada de sua blusa e tira o celular do sutiã. Eu franzo a testa ao ver isso.

— Há quanto tempo essa coisa está aí?

— O que você quer dizer? — Ela diz. — O tempo todo. Eu não faço *mágica* com a minha blusa, seu idiota.

Eu rio com a mesma facilidade com a qual ela acabou de me insultar.

— Tudo bem, nós vamos ligar para a minha irmã ,então. Ela lhe dirá a verdade.

— Sua irmã pode estar dormindo também — ela resmunga ao digitar uma nota em seu telefone, balançando seus pés levemente.

Eu nego com a cabeça.

— Ela está tendo aulas de verão na Universidade de Utah. Provavelmente está numa festa. — O telefone toca algumas vezes e alguém atende com um ruído alto e barulhento no fundo. — Megan — eu grito ao telefone e pressiono meu outro dedo no meu ouvido porque não sei como vou ouvi-la com todo esse barulho.

Mercedes ri e pressiona um dedo contra meus lábios para eu falar baixo. Eu mordo o dedo dela, brincando e digo:

— Desculpe.

— Miles — Megan grita de volta na linha.

— Megan — eu repito um pouco mais baixo desta vez. — Você pode ir a algum lugar mais silencioso por um segundo? Eu quero fazer uma pergunta muito rápida.

Parece que ela está se movendo porque já posso ouvi-la um pouco melhor.

— Miles, como é possível você empatar minha foda a oitocentos quilômetros de distância?

— Intuição de irmão mais velho — eu afirmo e fico tenso. — Quem é o filho da puta, hein?

— Miles — ela me repreende, e então o som suaviza quando ela vai para o que eu acredito ser um banheiro, porque ouço uma descarga à distância. — Cale a boca e faça sua pergunta.

Eu olho para Mercedes e faço um gesto pedindo silêncio enquanto clico no botão do viva-voz na tela do meu celular, para que ela possa ouvir o que Megan está dizendo.

— Então, Meg, eu conheci uma garota hoje à noite. Ela é gostosa pra caramba, assim tipo muito quente.

— Eca, Miles! — Megan responde.

— Certo. Então essa garota escreve livros sensuais. É o trabalho dela. Perverso, coisa pesada, eu acho. E ela estava dizendo que as avós a odeiam, e eu disse a ela que nossa avó certamente iria gostar... verdadeiro ou falso?

— Ora, a vovó é louca, então é totalmente verdade.

Eu ergo o punho no ar e dou risada quando a boca de Mercedes se abre em uma satisfeita surpresa.

— Mamãe também gostaria de ver esses livros, você não acha? — Eu pergunto e sorrio ainda mais quando Mercedes leva as mãos ao rosto, escutando em êxtase.

— Putz, Miles, claro que sim. Você precisa dar o nome dela para que a mãe possa procurá-la. Nossa, o papai provavelmente leria as coisas dela também. Você não se lembra quando eu tinha dez anos e encontrei aqueles livros pornôs no banheiro da mamãe e do papai? Eu perguntei o que era “chupar o peito”, e você pirou e ficou todo vermelho, lembra?

Dou tanta risada que me apoiar na parede de tijolos.

— Ai, merda, eu tinha me esquecido de tudo isso!

— Sim, nossos pais são tarados, mano. Você sabe disso, por que está em

dúvida?

— Porque essa garota não acreditou em mim.

— Bem, dê a ela o nome do blog de livros da mamãe.

— Ah, sim, como se chama mesmo? Eu esqueci.

— Dirty Birdy Book Blog. Ela até distribui cartões de visita na igreja. Ela é doida.

Não consigo parar de sorrir enquanto olho para o telefone.

— Você lê os livros também, certo?

— Claro que sim. Mamãe é quem me deixou viciada. É totalmente estranho quando ela empurra esfrega o blog na cara de todo mundo. Algo como, por Deus, mãe, apenas tente não ser tão desesperada.

— Concordo — respondo e olho para Mercedes. Meu sorriso desaparecem quando seus olhos arregalados brilham sob a fraca iluminação. *Ela está chateada?*

— Então quem é essa garota? Eu quero ler o que ela escreve. — Meg pergunta.

Uma lágrima desliza pelo rosto de Mercedes, então sei que preciso sair do telefone imediatamente.

— Eu vou descobrir, mas tenho que ir, Meg. Não transe com esse cara hoje ou eu vou matá-lo.

— Você nem sabe quem é.

— É provavelmente um dos meus amigos.

Ela puxa o ar, surpresa.

— Como você pode...

Eu desligo, minha mente completamente envolvida nas lágrimas correndo pelo rosto de Mercedes.

— O que aconteceu? O que foi que eu disse? Foi algo que minha irmã disse? Eu não estava tentando ofender. Juro que não estou te julgando. Eu estava apenas...

Eu não posso mais falar.

Não posso me defender.

Eu não posso dizer mais nada.

Porque seus lábios estão nos meus, e eles têm um gosto incrível de cerejas.



10

KATE

Sabe o momento em que uma história de amor, quando dois inimigos estão discutindo, brigando, gritando, se debatendo e bravos pra caralho um com o outro a ponto de não conseguirem enxergar direito?

Então, de repente, há um relâmpago e eles se chocam como dois carros em colisão, a cento e sessenta quilômetros por hora?

Sou eu agora, enquanto pressiono meus lábios contra a boca perfeita de Miles.

Eu nem sei muito sobre ele, mas tenho que beijá-lo. Foi intempestivo, coisa instintiva que me diz que esse cara vale a pena beijar. Eu tenho que calá-lo e beijar a pessoa que estava falando ao telefone cinco minutos atrás.

Com um telefonema simples, esse mecânico gostoso acabou com toda e qualquer dúvida que eu dizia não ter. Eu brinco sobre escrever em uma loja de pneus. Eu me chamo de escritora pornô, e vamos encarar isso, eu meio que sou isso mesmo.

Mas no fundo, sei que sou mais. Eu sou uma criadora de histórias. Histórias que têm um enredo, um segmento e um trajeto. Sim, eles experimentam BDSM. Sim, eles fazem anal. E sim, você provavelmente ficará excitada quando as ler, mas elas ainda significam algo para mim. Ainda tenho orgulho delas quando digito FIM. E adoro o fato de ter leitores que conseguem escapar de suas vidas normais por um tempo e fingem que são outras pessoas. Eu lhes dou namorados literários, como Miles.

Mas ele não é fictício. Ele é real, e fez um grande esforço para provar que não se importa com o fato de eu escrever pornografia para viver.

E caramba, esse homem gigante é muito gostoso. Eu tive que puxá-lo pelo pescoço para conseguir beijá-lo. *Deus, ele é alto e forte*. Muito forte. Todos os músculos em seu corpo são firmes e quentes sob meu toque. Não consigo deixar de passar as mãos sobre seus tríceps enquanto nossos lábios dançam juntos no melhor beijo que eu tive em anos.

Anos!

Dryston era um beijador terrível. Seu nome combinava totalmente com

suas habilidades românticas. Vamos apenas dizer que o inferno teria que congelar antes que eu usasse o nome Dryston em um livro.

Ele nunca usava a língua e nunca movia a cabeça. Ele mantinha um ângulo e apenas abria e fechava a boca incontáveis vezes como um peixe lutando por sua vida na praia. Miles, por outro lado, beija como um tubarão.

Eu posso ter começado, mas droga, esse cara assumiu a liderança. Ele move as mãos por todo o meu corpo, apertando, tateando e acariciando como deseja. Ele até vira a cabeça de um lado para outro, como um tubarão mordendo seu jantar, saboreando cada mordida deliciosa. É pura magia. Quando sua cabeça se inclina para a esquerda, ele me dá a língua. Quando inclina para a direita, ele acaricia meus lábios. E quando acho que descobri seu padrão, ele muda. Mordendo meu lábio inferior, ele o puxa em sua boca. Suas mãos apertam minha bunda e me puxam contra sua virilha, deixando-me sem dúvida nenhuma sobre o efeito que o beijo está causando nele.

Jesus Cristo.

E o fato de eu estar usando uma saia curta e elástica faz com que a barreira entre nós seja praticamente inexistente. Se eu estivesse escrevendo um livro sobre esse beijo, agora seria o ponto em que o *bad boy* enfia as mãos pela saia da garota, arranca sua calcinha e fica maravilhado ao ver como ela está molhada para ele. Ele a pegaria, pressionaria contra a parede e bateria seu pênis duro em sua boceta molhada e apertada.

Ou algo assim.

Eu estou curtindo com um cara gostoso, não posso ser uma grande escritora agora!

— Mercedes — ele rosna, afastando-se dos meus lábios, ofegante. — O que nós estamos fazendo?

Eu puxo o ar várias vezes, sem perceber o quanto precisava de oxigênio, enquanto engulo a punhalada de culpa por ele ainda não saber meu nome verdadeiro. Mas não quero que ele me conheça como Kate. Eu sou Mercedes neste momento. Não sou a garota que ainda vive com o ex porque ela não pode fazê-lo se mudar. Eu sou Mercedes, deusa do sexo na ficção e na vida!

— Eu não sei — respondo, encostando meus dedos em seus lábios quentes. Deus, ele é sexy. — Apenas beijei você, eu acho.

— Sim, você beijou — ele responde, e um músculo em sua mandíbula se

contraí como se ele estivesse com dor. Ele pressiona a testa na minha e afasta a virilha de mim. — E por mais quente que isso tenha sido, temos que parar.

Eu engulo em seco e concordo.

— Totalmente. Nós estamos em público.

— E eu não acho que isso seja uma boa ideia. — Ele me observa com os olhos azuis cortantes que brilham mesmo na escuridão. Penetrantes através de seus cílios escuros, como brilhantes raios de safiras.

— Espere, o quê? — Eu respondo, saindo de seus braços e lamentando a perda de seu calor imediatamente. — Depois de toda aquela merda que você disse lá dentro, e agora mesmo no telefone com sua irmã... você... não quer isso?

Ele faz uma careta como se eu tivesse lhe dado uma joelhada nas bolas. E talvez eu devesse ter dado.

— Eu gosto de você, Mercedes. Mas não posso gostar de ninguém agora.

Eu tenho que dar risada. Que frase para um livro! E que reviravolta: a escritora de sexo que não consegue transar. É perfeitamente irônico.

— Entendi. Bem, desculpe colocá-lo em uma situação tão desconfortável.

Me viro nos saltos e desço a calçada para voltar para dentro do pub. Foda-se esse cara. Foda-se este bar. Foda-se deixar o santuário da minha história fictícia e tentar viver no mundo real por uma noite.

Uma mão grande segura meu cotovelo e me gira de volta.

— Mercedes, espere. Eu não... quero que as coisas fiquem estranhas.

— Bem, então talvez você não devesse ter flertado comigo tanto assim!
— Eu falo rispidamente e mordo o lábio inferior, odiando o fato de eu estar sendo tão desagradável em relação a isso.

Ele não me pediu em casamento. Ele me elogiou e me comprou pizza e cerveja. Miles nem sequer fez um movimento, exceto por aquele beijo na bochecha, e ficou claramente desconfortável com isso.

Jesus. Eu escrevo sobre essa merda, mas não vejo isso para mim mesma. Idiota, Kate. Idiota, Mercedes. Qualquer que seja a sua identidade, você é uma idiota!

Miles passa a mão pelo cabelo, fazendo com que as mechas negras se

espalhem por toda parte.

— Eu sinto muito. Eu... não sei o que dizer.

Eu suspiro e sinto pena dele.

— Realmente não há mais nada a dizer. Eu só... A gente se vê por aí, Miles.

Viro e me afasto, humilhada pelo fato de ter sido rejeitada pelo meu namorado literário da vida real.



11

KATE

Milagrosamente, meu momento negro com Miles combinou perfeitamente com o momento negro no livro que quase terminei de escrever. Apenas um pouco mais de páginas de depressão, atitudes grandiosas e BAM... felizes para sempre. Se eu ao menos conseguisse escrever da minha casa!

— Por que você está aqui? — Lynsey pergunta, abrindo a porta da frente sem uma batida, e me encontra sentada de pernas cruzadas na sala de estar, com meu laptop aberto na pretensiosa mesa de centro de madeira. Seu rosto mostra decepção. — Ai, meu Deus, que cheiro horrível é esse? — Ela abre a porta da frente para o cheiro sair enquanto meu rosto aquece com humilhação.

— Não é nada! — Eu apago a vela ao lado do meu computador e coloco a tampa na lata para rapidamente esconder a fonte do meu embaraço debaixo da mesa de café.

— Não me vem com essa. O cheiro é de... borracha queimada. — Seus olhos se arregalam com a percepção. — É uma vela com cheiro de pneu?

Ela deixa a porta aberta e pula em cima de mim, me pressionando no chão enquanto nós duas lutamos pela lata.

— Pare com isso! Você vai me fazer derramar cera no chão!

— Então solte para que eu possa ver o que você está escondendo! — Ela grita e sobe arranhando o meu braço, tentando alcançar minha mão para pressioná-la embaixo da mesa de café.

— Não, você vai rir de mim!

— Pode ter certeza de que eu vou mesmo! — Ela redireciona as mãos para as laterais do meu corpo, e começa a fazer cócegas sem parar.

— Pare! — Grito e começo a rir enquanto ela ataca meus pontos sensíveis, e se contorce em cima de mim. A cadela vai deixar hematomas!

— Mas que porra é essa? — uma voz masculina nos para em plena ação. O rosto de Lynsey está a poucos centímetros do meu, o cabelo caindo ao redor de nós duas proporcionando uma cortina de privacidade.

Eu cautelosamente empurro o cabelo de Lynsey para trás e vejo Dean

parado à porta aberta, olhando boquiaberto para nós.

— Ah, graças a Deus. — Eu digo. — É só o Dean.

— Sim, é só o Dean — ele repete e gesticula com as mãos para nós continuarmos. — Por favor... não parem por minha causa.

Lynsey e eu reviramos os olhos enquanto ela se afasta do meu corpo, mas não sem antes de fazer mais uma tentativa para pegar a lata.

— Arrá, eu peguei! — Ela exclama, mas seu rosto se contorce incrédulo quando lê o rótulo na lata. — Vela de soja perfumada com borracha queimada. Não acredito que seja isso. — Ela a entrega para Dean, e ele faz uma careta quando dá uma cheirada.

— Quanto custou isso? — Lynsey pergunta, cruzando os braços e batendo o pé como se estivesse se preparando para me repreender.

— Apenas 8,50 no Etsy — digo resmungando —, eu paguei mais pelo frete rápido.

Dean começa a rir.

— Meu Deus, você está perdida, Kate!

— Eu sei! — Eu grito e me levanto, olhando para o meu manuscrito ainda aberto na minha frente. — Não consigo escrever uma palavra que seja, e tudo que eu quero fazer é voltar para a loja de pneus.

— Então volte! — Lynsey exclama. — Então você o beijou, e ele te rejeitou? Grande coisa! Seu ex tecnicamente ainda vive nesta casa, e você se recusa a se mudar, sabendo muito bem que ele pode voltar a qualquer dia. Mas um beijinho no mecânico sexy, e de repente, você é uma reclusa novamente? Acho que não!

— Ela tem razão, Kate — acrescenta Dean, inutilmente. — Vai ser estranho por um dia, três dias, no máximo. Você não tem que olhar nos olhos dele na sala de espera. Ele provavelmente vai ficar na garagem e evitar você também.

Dou um gemido e me jogo no meu sofá, esfregando as mãos no rosto.

— Você está certo. Agora minha casa cheira a merda também, não é?

Ambos confirmam. Lynsey acrescenta:

— Você vai ter que conseguir alguém aqui para tirar esse cheiro.

— Ou dê uma grande festa quando você terminar este livro, e nós vamos sujá-la tanto que o cheiro de bebida e vômito vai sobrepor a borracha queimada. — Lynsey e eu olhamos para ele com desgosto. Ele encolhe os ombros. — Só uma ideia.

— Tudo bem, eu vou voltar — eu decido finalmente. — Mas só porque a borracha queimada não é a mesma coisa que borracha nova, e eu não consegui encontrar uma nova vela de borracha em nenhum lugar on-line. E perdi um baita tempo procurando.



Eu entro pela porta dos fundos da loja de pneus com a cabeça erguida. Eu tenho um livro para terminar, droga. Lynsey e Dean estão certos. Eu não deveria parar de entrar para pegar café de cortesia no CCC por causa de Miles e seu tratamento instável.

Foi um beijo. Um beijo com algumas carícias ousadas. Um beijo com algumas carícias ousadas e uma ereção do tamanho de um pepino gigante. Isso não é nada que eu não possa superar!

Felizmente, assim que me sento e tomo meu café expresso grátis, sinto aquele zumbido em meus dedos novamente. O zumbido significa que eu não precisarei parar para comer, porque a inspiração nutrirá minha alma!

E felizmente, nem vejo Miles nos dois primeiros dias que estou de volta. É legal, como nos primeiros dias em que eu estava literalmente invisível para todos ao meu redor. Nem mesmo Betty não me notou digitando no canto quando veio com um novo estoque de doces. E isso é bom porque tenho trabalho a fazer.

Mas no terceiro dia em que entro, tenho a coragem de acenar para ele pela janela da loja. Parece uma coisa normal de se fazer, considerando que passo direto pela garagem todos os dias e posso vê-lo claramente trabalhando pela janela.

Quando Miles me vê acenando como uma idiota, ele pisca várias vezes, como se achasse que estava vendo um fantasma. Eventualmente, seu rosto relaxa, e ele me dá aquele sorriso torto que ainda é sexy como sempre.

Isso é legal. Isso é maduro. Nós somos adultos.

No dia seguinte, é como se meu aceno para Miles na garagem fosse um convite que ele aceita, porque ele entra no CCC como fez muitas vezes antes do “momento ruim”.

— Como vai o livro? — ele pergunta, enquanto pega um biscoito no vidro e se vira para olhar para onde estou sentada, em uma das poltronas grandes e confortáveis.

Sorrindo timidamente, olho para os últimos dois clientes sentados a uma das mesas altas. Um está ao telefone e o outro está folheando uma revista. Ambos claramente desinteressados em nossa conversa.

Miles se recosta contra a bancada e morde um biscoito, com as longas pernas cruzadas na altura dos tornozelos, postura relaxada e amigável. Eu preciso de um momento para me acostumar com sua presença.

Tomou banho, mas não se barbeou. Ainda gostoso como sempre de jeans simples e camiseta.

— Está indo bem — eu respondo, bufando. — Este é o ponto da história em que eu arraso o casal, e estrago tudo o que eles achavam que sabiam um sobre o outro.

— Aí — ele diz, pressionando o punho contra o peito, fingindo sentir dor. — Eles não podem ser felizes?

— Qual é o problema em ser feliz? — Eu pergunto rindo. — Meus leitores gostam da dor, da tortura. Eles amam quando eu arraso as coisas e junto tudo de volta. — Eu me inclino para a frente na minha cadeira e falo mais baixo. — Isso torna o sexo de reconciliação muito mais quente.

Ele ri baixinho e balança a cabeça.

— Você sabe, minha irmã me mandou uma mensagem e pediu seu nome completo de autora para poder ler algumas de suas coisas.

Eu ergo as sobrancelhas.

— Sério?

Ele afirma que sim.

— Eu avisei que éramos uma família de leitores.

Eu olho para ele com curiosidade por um momento. Não há realmente

mais nenhuma razão para manter meu pseudônimo em segredo. Não estamos romanticamente envolvidos. Eu cortei qualquer chance de isso acontecer há vários dias.

Pigarreando, respondo:

— Você vai rir.

— Por que você diz isso?

Eu me preparo para responder, mas faço uma pausa quando uma voz corta a música e anuncia:

— Jeremiah Park, seu Honda Civic está pronto. — O casal sentado se levanta e sai do CCC, deixando Miles e eu sozinhos de novo.

Miles levanta as sobrancelhas, claramente preparado e pronto para eu continuar. Respirando fundo, eu conto a história incomum de como Kate Smith deixou de ser uma editora chata para se tornar uma romancista erótica campeã de vendas, deixando de fora toda a parte do nome real, é claro.

— Então meu primeiro livro começou como uma paródia. Eu estava trabalhando como editora remota de uma grande editora e não tinha intenções de escrever um livro sozinha.

— Ok... — Miles responde, cruzando os braços sobre o peito e ouvindo atentamente.

Eu faço o que posso para não ver que os braços dele fazem as mangas da camiseta se esticarem, e continuo.

— Então, meu ex e eu tivemos uma experiência horrível em um hotel.

— O ex que queria que você mentisse para a família dele sobre o que você faz? — Miles pergunta, com a mandíbula tensa. Eu confirmo, e ele pigarreia como se estivesse segurando algumas palavras.

Maldição, seria uma cena tão excitante se ele estivesse com ciúmes agora.

— De qualquer forma — continuo —, nós aparecemos no que nós achamos ser um hotel no meio do nada no Colorado, e descobrimos que entramos direto em um clube secreto de BDSM.

Os olhos de Miles estão brilhantes e azuis quando ele exclama:

— Você não entrou?

— Nós entramos! É uma história verdadeira! — Eu respondo e continuo.
— E de alguma forma, eles acharam que nós éramos seus convidados de honra da noite. Achamos que as pessoas que eles esperavam nunca apareceram. Eu acho. Não sei, os detalhes ainda são confusos.

— Jesus Cristo.

— Nós meio que só concordamos com isso porque estávamos cansados e pensamos, *“só precisamos de uma cama para dormir, quem se importa com o que essa mulher está fazendo com um cara na coleira? Isso é problema dela”*.

— Seu ex não quis dizer a sua família o que você faz, mas estava de mente aberta para esse tipo de cena?

Eu dou risada.

— Ele estava doidão! Tinha fumado três baseados revoltado por eu ter me esquecido de reservar um quarto de hotel. Eu não sei, ele é um idiota.

— Concordo — Miles acrescenta com uma carranca.

Dou risada do tom sério em sua voz.

— Eu acho que ele nem sequer percebeu o que estava realmente vendo. Então acho que ele realmente estava vendo cachorros em coleiras, não humanos submissos.

Miles dá uma gargalhada, e ele finalmente pergunta:

— O que aconteceu?

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Você quer saber se participamos?

— Sim — ele admite encolhendo os ombros sem vergonha.

— Nós não — eu respondo com um sorriso triste. — Como éramos os convidados de honra, nós estávamos lá apenas para assistir. A diretora foi muito clara sobre isso. Ela nos conduziu a um salão que parecia de faroeste, e nos colocou sentados em malditos tronos, com faixas e coroas. Então, eles basicamente fizeram uma performance de BDSM para nós. Foi louco pra caralho!

— Parece que sim.

— Naturalmente, eu fui para a cama naquela noite pensando que tenho

que escrever tudo o que aconteceu ou ninguém vai acreditar. E foi o que fiz. Isso não foi muito difícil para mim porque eu já era uma editora e uma grande leitora. Mas estava praticamente escrevendo como um livro, não como um diário. Estava completo, com diálogos, descrições e nove capítulos inteiros. Achei que seria muito divertido ter liberdade criativa com a história, então eu continuei. Quando me dei conta, eu tinha um livro! Caramba! Eu inventei esse pseudônimo totalmente ridículo quando estava bêbada, uma noite. Uma história maluca merecia um pseudônimo maluco, então eu decidi... — Eu paro para dar um efeito dramático, e Miles estende a mão, incentivando-me a continuar. — Mercedes Lee Loveletter.

Eu dou de ombros e rio, apreciando o olhar atordoado dele, e ele me pergunta:

— Qual é o seu verdadeiro sobrenome, então?

Eu paro e mordo o lábio, rapidamente tentando decidir até onde quero levar isso. Todavia, é um rápido debate interno, porque sei, sem sombra de dúvida, que adoro ser Mercedes com Miles dez vezes mais do que já amei ser Kate, especialmente com homens como Dryston.

— É Smith — eu respondo honestamente porque ele não vai me encontrar no Facebook nem nada assim. Apaguei minha conta pessoal há muito tempo, porque era demais monitorar esse perfil, bem como o do meu pseudônimo.

— Smith — ele repete com um aceno de cabeça, controlando um sorriso. — Então, por que Loveletter depois?

— Bem, porque foi assim que a coisa do BDSM começou. Uma grande dominadora removeu uma mordaça de bola da boca do escravo dela, para que ele pudesse ler uma carta de amor que escreveu para a amante dele. Foi muito bonitinho, na verdade. Ele até chorou.

Miles assente.

— É assim que sua jornada começou, então?

— Sim — eu respondo com um estalido audível. — Eu auto-publiquei a história e nem sabia que chegaria ao New York Times, até que um agente me mandou um e-mail para perguntar se eu tinha representação.

— Puta merda! — Miles exclama, claramente impressionado. — Essa é uma história incrível.

— Digna de livro — eu corrijo com um sorriso. É divertido. Tem muito tempo desde que eu pensei em toda a saga, e Miles está ouvindo com interesse. — E claramente me deu vontade de escrever, porque quando comecei, não conseguia mais parar.

— Até ficar emperrada com este livro.

— Até a loja de pneus me salvar.

Ele balança a cabeça sem acreditar.

— E você disse que este livro é o último da série?

Eu confirmo.

— Sim.

— E depois vai para o próximo livro.

— É como uma coceira que não para.

Eu respiro fundo e vejo o rosto de Miles se abrir em um sorriso caloroso e carinhoso enquanto olha para mim. Ele é hipnotizante quando olha para mim assim, todo doce e másculo. Também é absolutamente óbvio que está pensando em muito mais do que apenas a história que eu contei a ele.

Porra, os homens são confusos. Como diabos ele pode me olhar assim e não querer me beijar? Minha vontade de beijá-lo é a maior que já senti.

Eu decido acabar com aquele clima.

— Então isso significa que não precisamos agir como se não nos conhecêssemos?

Ele ri, as rugas em seus olhos emoldurando o azul de suas íris.

— Eu pensei que você estar me contando a história de você e seu ex-namorado chapado em um hotel de BDSM praticamente confirmasse esse fato.

— Justo. — Eu concordo. — Então, nós somos amigos?

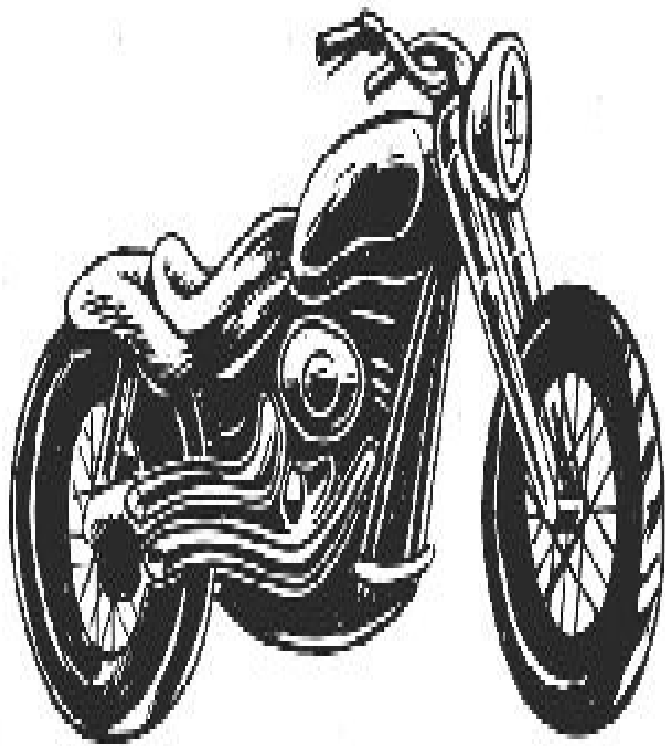
— Amigos — ele aprova com um sorriso de dar calor.

Eu arrumo o computador e ponho a bolsa no ombro.

— Bom, porque, como amigo, eu queria saber se você poderia me ajudar com uma pesquisa para o meu próximo livro.

Suas sobrancelhas se erguem.

— O que você tem em mente?



12

MILES

Com um sorriso, Mercedes parece capaz de estourar de emoção quando lhe entrego um capacete preto.

— Ok, você vai passar a perna por cima, mas não deixe seus tornozelos tocarem nesta área aqui. — Eu gesticulo para baixo para os canos do escapamento ao lado da minha moto. — Vão te queimar e machucar muito.

Ela assente, parecendo muito séria ao soltar os cabelos e sacudi-los, fazendo ondas vermelhas em cascata caírem sobre os ombros. Ela coloca o capacete na cabeça e ajeita os fios por cima do ombro para que eles desçam por suas costas.

Eu engulo devagar quando olho para baixo e vejo seu traje minúsculo. Ela está vestindo um short solto e colorido com uma blusa branca e fina. Ela parece feminina e bem vulnerável, e isso me incomoda. Pensei em mandá-la para casa e vestir um jeans, mas percebi que estava sendo superprotetor, como de costume, e estou realmente tentando melhorar nisso. Especialmente porque nós somos apenas amigos e nada mais.

Depois de um segundo de hesitação, faço a única coisa que não me faz parecer um maníaco por controle total e tiro minha jaqueta de couro.

— Isso não vai impedir suas pernas de serem feridas no asfalto se nos acidentarmos, mas vou me sentir melhor se você usá-la.

Ela assente e pega a jaqueta pesada da minha mão e a veste. Ela cobre seus shorts e fica larga nos braços, nem as pontas dos dedos dela é possível ver. Ela empurra as mangas para cima para poder fechar a alça do queixo do capacete.

— Mas vamos tentar não nos acidentarmos — ela diz, com a voz abafada dentro do capacete.

Dou risada e estendo a mão para agarrar a frente da jaqueta, puxando-a para perto para poder fechá-la até o fim. Seus olhos azuis estão olhando fixamente para mim quando olho para ela e respondo:

— Pretendo nos manter em segurança.

Ela me dá um sorrisinho, e eu juro que vejo seu nariz se enfiar na minha

jaqueta e ela respira profundamente quando o zíper atinge o topo. De repente, ela balança a cabeça e recua para observar.

— Você está sumindo dentro da jaqueta, mas é melhor do que nada. — Eu deslizo a viseira para baixo sobre seus olhos azuis e digo para ela subir na moto.

Mercedes abre as pernas antes mesmo de apoiar um pé no suporte ao lado da minha bota. Eu tento não rir porque acho que estou feliz por ela estar sendo cuidadosa. Apoiando as mãos em meus ombros, ela joga a perna para o outro lado e se acomoda no banco atrás de mim. Sinto seu corpo quente contra meu traseiro, e eu tenho que lutar contra o desejo de me inclinar para trás e tocar suas pernas nuas.

Eu não luto o bastante. Minha mão vai para trás e acaricia sua coxa nua, e viro minha cabeça em direção a ela e pergunto:

— Você tem algum lugar para ir mais tarde?

Ela nega com a cabeça e sua voz é abafada quando diz:

— Não, eu estou totalmente livre.

— Bom — eu respondo, puxando meu óculos aviador da bolsa de armazenamento no console da minha moto. — Há uma montanha realmente grande que gosto de subir, e talvez a gente consiga chegar lá a tempo do pôr do sol.

Mercedes faz sinal de positivo com entusiasmo enquanto eu deslizo meus óculos e ligo a moto. Apoiado em um pé, pressiono meu pé para baixo no pedal de partida. Minha moto ruge e eu piso no acelerador algumas vezes para aquecê-lo.

Suas mãos se movem dos meus ombros para abraçar a minha cintura, seus dedos se afundam no meu abdômen em um aperto firme, e ela grita animada.

— Você está pronta? — Eu grito mais alto do que o motor, as vibrações aquecendo minhas coxas enquanto nós estamos parados.

— Pronta! — Ela grita de volta, animada. Depois saímos do estacionamento da loja de pneus e vamos em busca do pôr do sol.

Cruzamos o sudoeste de Boulder por cerca de trinta minutos até o Twin Sisters Peak, um lugar onde Sam e eu frequentemente fazemos trilhas quando

estamos com vontade de algo rápido e não muito desafiador. Chamamos de nossa trilha da ressaca porque podemos fazê-la mesmo quando estamos nos sentindo mal.

Nenhuma estrada permite o acesso para cruzar até o topo numa motocicleta, mas no topo de uma colina há um mirante onde os caminhantes podem estacionar, e tem uma vista deslumbrante do pôr do sol do Colorado.

Eu amo o Colorado em geral. Depois que Jocelyn e eu terminamos, minha mãe me pediu para pensar em voltar para Utah, mas eu simplesmente não quis. Boulder se tornou minha casa. Eu tinha comprado uma casa recentemente, gostava do meu trabalho e dos novos amigos que fiz.

Eu já tinha perdido a mulher que achava que era o amor da minha vida, então não queria empilhar outra grande mudança em cima disso, e Jocelyn foi saindo da minha vida aos poucos e para sempre, e eu estava bem com isso.

Eu só me organizei para arrumar minha casa e fazer um bom trabalho para o tio de Sam na loja de pneus.

O braço de Mercedes aperta minha cintura enquanto vou para o pequeno mirante. Atrás de nós, é possível ver o Reservatório Gross, à esquerda estão os Aspen Meadows, e à direita está o início do Pico Twins Sister. Toda a área está repleta de enormes pinheiros, animais e de natureza imaculada.

Quando desligo o motor e abaixo o suporte, Mercedes pressiona meus ombros e levanta a perna por cima do assento. Eu imediatamente sinto a falta de seu calor e percebo que isso era uma das muitas descrições que Mercedes fez quando descreveu o calor de uma mulher no Walrus Saloon.

— Deus, isso foi incrível! — Diz ela ao tirar o capacete e sacudir os cabelos ruivos. O sol desliza por seus fios enquanto. As poucas nuvens que permanecem à distância mudam o céu para uma impressionante mistura de rosas e roxos. É o clima perfeito para assistir ao pôr do sol.

— Bom. Você ficou com medo? — Eu pergunto, lembrando que Joyce nunca me deixava levá-la em minha moto porque nunca usava nada além de vestidos e dizia que ficava nervosa andando comigo.

— Não, eu deveria ficar? — Mercedes pergunta, com os olhos arregalados. Eu rio disso, tirando os óculos e colocando-os na minha camisa.

— Não, não mesmo. No entanto, minha ex odiava a moto. Ela nunca quis andar comigo.

— Sua ex é uma boba. Bem, eu entendo que as motocicletas sejam perigosas, mas é o perigo que torna tudo mais legal. Você sabe o que eu quero dizer?

Eu engulo devagar.

— Eu acho que sim.

— Ugh, por que ansiamos pelo perigo? — Ela pergunta, enfiando o capacete debaixo do braço e andando de um lado para o outro na minha frente. Eu tenho a sensação de que ela está fazendo aquela coisa de escritora que a vi fazer quando está trabalhando sobre como descrever algo. Só que desta vez ela quer articular uma emoção em vez de descrever um ato físico. — Quero dizer, o que há no perigo que atrai a mente humana? É uma coisa sexual? Uma atração sexual? O que há no perigo que continua nos faz querer senti-lo tantas vezes?

Mercedes faz uma pausa e olha para mim, dando-me consentimento para dar opinião. Eu dou de ombros.

— Talvez seja a emoção de não saber o que está por vir — eu respondo e passo a minha perna por cima e me levanto para alongar. — Nós ficamos entediados se as coisas permanecem iguais por muito tempo.

Eu olho para baixo e vejo que seus olhos estão no pedaço de pele que está aparecendo no meu abdômen. Meus Deus, eu queria muito transar com ela. Só uma vez. Só para saber como é. Sua suavidade contra minha dureza. Tenho certeza de que seria incrível.

— Você acha que os homens se sentem assim em relação às mulheres? — Ela pergunta, suas pálpebras trêmulas com piscadelas nervosas enquanto olha para mim. Ela parece muito pequena usando minha jaqueta como um vestido com seus chinelos.

— Eu não sei ao certo — eu respondo, enfiando as mãos nos bolsos enquanto me movo para um grande tronco que toma a borda da pedreira. Eu me sento nele e olho para ela. — Mas acho que as mulheres têm culpa por amar o drama, quando os homens são igualmente culpados. Nós nos safamos chamando isso de másculo.

Seus chinelos batem ruidosamente quando Mercedes avança e senta-se ao meu lado, então ficamos ambos de frente para o pôr do sol. Eu olho para ela. Suas bochechas estão coradas e algumas sardas se espalharam pelo nariz, provavelmente pela exposição ao sol.

Ela ajeita os joelhos dentro da jaqueta e descansa o queixo em cima deles.

— Você quer me dizer o que você quer dizer com isso, ou de novo não quer falar a respeito?

Dou um meio sorriso, maravilhando-me um pouco com a facilidade com que ela consegue ler nas entrelinhas. Suponho que seja intuição de escritora para ver os sinais.

Bufando, eu respondo:

— Eventualmente, espero que todas as coisas enigmáticas que eu digo na minha vida não voltem todas para a minha ex.

Mercedes sorri, e sua covinha surge acima do colarinho da minha jaqueta.

— Provavelmente, mas lições de vida vêm de dificuldades, então diga logo, Miles.

Eu resmungo e passo minhas mãos pelo cabelo, sentindo as mechas espetadas em todas as direções.

— Eu acho que passei tanto tempo com minha ex porque gostava do drama em algum nível doentio. Isso era estúpido.

Ela assente, pensativa, processando o que eu disse antes de perguntar:

— Que tipo de drama vocês tiveram?

Eu ergo as sobrancelhas e balanço a cabeça olhando para o céu.

— Pense em algo, e ela provavelmente fazia isso. Mas a coisa que mais odiava era quando ela tentava me deixar com ciúmes.

Eu olho e vejo Mercedes assentir, solidária.

— Sim, o ciúme não é divertido. Mas posso dizer, do ponto de vista de escritora de romances... que minhas leitoras amam um homem possessivo.

Eu rio.

— Bem, existem ser possessivo e ser feito de bobo. Infelizmente, acho que fui feito de bobo com mais frequência.

Ela sacode a cabeça de um lado para o outro e franze o nariz.

— Sua ex parece horrível.

— Digo o mesmo do seu ex.

— Por que nós os namoramos?

— Eu me pergunto isso o tempo todo.

Ela retira as pernas do meu casaco e as estica na frente do corpo, e então as cruza na altura dos tornozelos. Ela olha para o céu por um momento antes de dizer:

— Bem, uma maneira divertida de analisar nossos ex-namorados é que, se não tivéssemos saído com eles, não estaríamos aqui, sentados nesta árvore e desfrutando desse incrível pôr do sol.

Mercedes ergue as sobrancelhas para mim e se vira para ver os últimos centímetros de sol mergulharem atrás de uma colina distante.

Mas eu não consigo tirar meus olhos dela. Seu cabelo é como um pôr do sol. Ela percebe que estou olhando.

— Você está perdendo algo realmente bonito — ela cantarola me provocando.

Minha voz está séria quando respondo.

— Não, não estou.

Seu sorriso desaparece e ela olha para mim com os olhos arregalados e pensativos. O céu rosa suave ilumina seu rosto, dando a ela um brilho angelical. Ela é encantadora.

Sua voz é um sussurro quando murmura:

— Eu não consigo entender você, Miles.

Eu engulo em seco e estendo a mão para tocar seu rosto, passando o polegar da bochecha até o lábio, preguiçosamente traçando a linha de sua boca.

— Eu também não consigo me entender.

Ela inspira profundamente quando me inclino para provar os lábios cujo gosto revivi ao longo da semana, mas de repente um motor de motocicleta rosna alto atrás de nós. Eu congelo a poucos centímetros de sua boca, minha mão ainda está em seu rosto, meus olhos ainda estão focados em seus lábios.

Engolindo em seco, me viro para ver outro casal descendo de uma

motocicleta, provavelmente aqui pelo mesmo motivo que nós estamos.

Pigarreando, eu me afasto e ofereço um sorriso tímido para Mercedes.

— Nós devemos voltar antes que escureça totalmente?

Ela parece desapontada e responde:

— Como você quiser .

Eu a ajudo a se levantar, a se firmar e a se sentar na garupa da moto.

Lá vamos nós, de volta para Boulder e para a vida que estou atualmente vivendo... sem drama.



13

KATE

Quando chega o dia para eu escrever meu epílogo, é quase como se Miles soubesse, porque no meio do dia ele caminha para o CCC vestido com seu macacão cheio de óleo, amarrado na cintura. A camiseta branca por baixo está molhada de suor e suas mãos parecem mais sujas do que nunca. Quase como se ele não se desse ao trabalho de se limpar por saber que estava voltando ao trabalho.

Ele pega três biscoitos e caminha até mim com um sorriso gigante no rosto. Como se fosse um dia normal, e ele faz pausas no CCC o tempo todo, ele se apoia no banquinho em frente à mesa em que estou empoleirada e dá uma grande mordida em seu sanduíche de três biscoitos.

Sorrio com a serenidade deste momento.

— Por que você está sorrindo? — Ele pergunta, retornando o sorriso para mim.

Sério, muito sorridente.

— Porque a vida é engraçada às vezes. — Eu inclino a cabeça e estreito os olhos para ele, observando toda sua glória masculina.

— Como assim? — Miles se inclina sobre a mesa em minha direção, seu cabelo preto precisando de um corte e os olhos azuis brilhantes em meio à sujeira em seu rosto.

Sem dizer nada, viro meu computador de frente para ele, e fico de pé, então estou posicionada ao seu lado. Quando me inclino para pressionar meus dedos no teclado, nossos braços se esfregam e um arrepio de eletricidade surge entre nós.

Mentalizando para ficar calma, eu digito *FIM*.

— De jeito nenhum — ele exclama em voz alta, claramente não dando a mínima para os outros clientes na sala de espera. Ele vira para mim de olhos arregalados. — Você acabou?

— Eu acabei. — Eu sorrio e grito quando ele deixa cair seus biscoitos, fica em pé, e me levanta no ar, girando comigo. Ele congela quando se lembra de que nós não estamos sozinhos e rapidamente me coloca de volta no chão.

Ele se inclina e sussurra:

— Parabéns, Mercedes.

Eu agradeço a ele, porque agora, eu sou Mercedes Lee Loveletter, e completei meu quinto e último livro da série.

— Eu não poderia ter feito isso sem você, Miles — respondo com humor na voz.

Seu peito vibra com a risada.

— Nós devíamos comemorar. Eu posso pagar uma bebida para você? — ele pergunta, e sua testa franze quando vê que não estou mais achando graça.

Ele disse essas mesmas palavras para mim na noite em que o beijei, e eu não esqueci a coincidência.

— Talvez outra hora.

Ele assente e enfia as mãos nos bolsos, um olhar confuso no rosto que está simplesmente acabando com minha alegria.

— Mas ei, vamos dar uma festa sexta à noite na minha casa. Meus dois amigos que estavam no pub e algumas pessoas com quem ainda saímos da faculdade... você... quer aparecer? Pode levar o Sam!

Seu sorriso assimétrico é genuíno, e nós trocamos rapidamente os números de telefone para que eu possa enviar um texto para ele com meu endereço. Fico surpresa por ainda não termos trocado nossos números, apesar de já termos nos visto muitas vezes. Eu acho que talvez esse fosse o seu jeito de me manter afastada.

Miles enfia o celular de volta no bolso e pergunta:

— Então, o que você vai fazer hoje à noite?

Meu rosto se enche de vergonha, mas decido contar mesmo assim.

— Bem, tenho uma tradição que costumava fazer com meu ex depois de cada livro terminado.

— Seu ex — ele diz, claramente confuso com minha menção a ele.

— Sim, nós usávamos pijamas tipo macacão, pedíamos pizza e líamos apenas as resenhas cinco estrelas do meu último livro, enquanto consumíamos uma caixa inteira de vinho. — Eu rio sem jeito e fico surpresa por essa ser a

única coisa verdadeiramente original que eu fazia com Dryston. Ele provavelmente só gostava porque tinha um macacão de dragão, e o cara era meio obcecado por dragões.

Miles assente, ainda mostrando confusão.

— Então você está andando com seu ex?

— Oh, Deus não! — Eu exclamo e dou um soquinho em seu peito, brincando. — De jeito nenhum, eu provavelmente vou fazer isso com Lynsey. Ou Dean, muito provavelmente.

Isso não parece fazer com que ele relaxe. Com a voz rouca, ele responde:

— Você precisa encontrar uma nova tradição.

Fico boquiaberta.

— Por que você diz isso?

— Porque isso começou com alguém que não apoiou o que você faz. — O músculo da mandíbula de Miles treme de raiva, e eu juro que ele parece ainda mais alto na minha frente. — Por que você desejaria perpetuar uma lembrança dele assim?

— Não é a lembrança dele, é apenas algo que eu comecei quando estava com ele. Eu fiz isso com cada um dos meus livros, e parece que dá azar não continuar.

Ele discorda com a cabeça, claramente decepcionado.

— Miles! — Eu o repreendo e olho ao redor da sala e vejo algumas pessoas olhando para nós. — Relaxe. Qual é o seu problema? Era para ser um dia feliz.

Ele dá um passo para trás, e a máscara que vi em seu rosto antes volta com força.

— Desculpe, não quero estragar o seu dia. — Miles se movimenta para sair, mas faz uma pausa para dar um beijo rápido na minha testa. — Eu estou muito orgulhoso de você, Mercedes.

Eu estendo a mão e agarro a dele, impedindo sua partida.

— Você está bem?

Ele assente.

— Por que eu não estaria?

— Porque você está agindo de forma estranha. Como se eu... tivesse te desapontado ou algo assim.

Seu rosto se suaviza com isso.

— Você nunca poderia me desapontar, gata. Eu te acho incrível.

Quando ele diz “gata”, meu coração se acelera. Sendo a idiota que sou, eu rio sem jeito e respondo:

— Sim, eu sou tão incrível que tive que me enfiar em uma loja de pneus por vários dias, para terminar um livro que não encontrei coragem para escrever, porque estava muito envolvida com meu ex.

Miles abaixa a cabeça, e ficamos no mesmo nível, olhos nos olhos, e ele me lança um olhar sério.

— Não tem nada a ver com seu ex. Tem a ver com você encontrar algo que funcione para você. Você foi atrás, no seu limite, e fez o que tinha que ser feito para fazer o trabalho. Você não se importa com o que as pessoas pensam, e isso é realmente legal, então não duvide de si agora.

Suas palavras me atordoam em um raro momento de silêncio. Mas ele está errado em relação a uma coisa.

Eu me importo com o que ele pensa.

Em vez de dizer isso, decido dar um sorriso vitorioso a Miles.

— Eu tive que manter a vibe, então, obrigada por esperar comigo.

Ele abre um leve sorriso.

— Sem problema.

Eu estendo a mão para fechar meu laptop e o coloco dentro da bolsa.

— Te vejo na sexta-feira, então?

Ele concorda.

— Você vai me ver sexta-feira. — Parece que ele quer dizer mais, mas leva a mão à nuca e se afasta. — Boa noite, Mercedes.

E sem um último grande gesto, deixo meu namorado literário ir embora, mantendo-o seguro exatamente onde ele pertence, na ficção.



14

KATE

— Nós temos quase trinta anos de idade. Somos muito velhos para barris de cerveja! — Resmungo enquanto Dean rola o enorme barril prateado pelo meu sofisticado piso de madeira.

Dean bufa e ajusta seus óculos.

— Isso não é uma porra de uma cerveja caseira, Kate. Isto é uma IPA⁷ da minha cervejaria local favorita. Eles não vendem essa merda para qualquer um.

— Sim, porque ninguém gosta disso — eu murmuro e chuto o chão porque, droga, o que há de errado com Coors Light⁸? Era bom o suficiente para nós na faculdade, e deve ser bom o suficiente para nós agora.

Mas Dean não fez faculdade com Lynsey e comigo. Ele é autodidata em todas as coisas extravagantes. E ostensivas. Como cerveja IPA, aparentemente.

Ele nega com a cabeça e acaricia meu braço.

— Você vai gostar, eu prometo. Apenas dê uma chance.

Retomando sua tarefa, sua camisa de bolinhas se estica ao redor de seu bíceps quando ele levanta o barril e o coloca dentro do barril de madeira forrado de sacos que ele trouxe mais cedo. Ele volta para a porta da frente e agarra os sacos gigantes de gelo que deixou no degrau da frente e continua a derramá-los ao redor do barril.

Lynsey entra pela minha porta dos fundos.

— O bar tiki está pronto! — Ela exclama rebolando.

Eu tenho que abafar a risada porque ela teve que rolar essa coisa por todo o caminho entre a sua casa e a minha casa, a fim de levá-lo ao meu quintal.

Apesar de sermos vizinhas, há uma cerca de privacidade gigante que separa nossas propriedades. Quando me mudei para cá, nós ficamos bem bêbadas e tentamos prender uma escada de cada lado da cerca para que pudéssemos circular livremente entre as duas propriedades.

Isso não acabou bem.

Dryston acabou tendo que me carregar para a cama subindo as escadas,

porque eu entrei mancando na casa em busca de mais vodca. Mas eu vivi para contar a história, assim, final feliz.

— Eu também amarrei minhas lâmpadas Edison lá atrás — acrescenta Lynsey com olhos ansiosos. — É ótima para iluminar o ambiente. Perfeito para um ambiente no qual as pessoas fiquem conversando.

— Ou para dar uns beijos — acrescenta Dean, erguendo as sobrancelhas para mim. — Eu convidei algumas pessoas do meu trabalho, então haverá alguns caras novos para você beijar nos cantos, Kate.

— Cale a boca, idiota. — Eu jogo meu chinelo nele, e ele foge pela porta dos fundos sem nem olhar. — Outra coisa — esfrego a mão na testa —, não se esqueça de me chamar de Mercedes hoje, lembra?

Lynsey revira os olhos.

— É sério. É o tema da festa, já que estamos celebrando que digitei “FIM” como Mercedes. Na minha mensagem, eu falei para todos que se alguém me chamar de Kate, tem que ir direto para o barril de cerveja.

— O quê? — Dean suspira, horrorizado. — Isso não é uma cerveja barata de faculdade, Kate!

— Mercedes! — Eu corrijo. — E estou apostando que todo mundo odiará aquela cerveja e ninguém vai querer aquela tortura horrível.

— Você se acostuma com o lúpulo! — Ele resmunga como um maricas.

— Se por lúpulo, você quer dizer veneno, então eu vou passar — respondo e checo mais uma vez os aperitivos espalhados no balcão.

Lynsey se aproxima de mim enquanto mexo lentamente as almôndegas na panela.

— Você vai seguir meu conselho, então? — Ela questiona com a voz baixa, mas Dean pergunta:

— Que conselho? — Significa que definitivamente não estava muito baixo.

— Não — resmungo e começo a reajustar inutilmente a tábua de frios.

Lynsey suspira.

— Eu disse, Ka... Mercedes, que ela deveria tentar fazer Miles ficar com ciúmes hoje porque isso funciona. Diz a ela que funciona, Dean. — Dean para

de brincar com o gelo e me lança um olhar.

— Isto funciona.

Eu franzo a testa, sabendo que depois do que ele compartilhou comigo no Twin Peak no outro dia, não tem como eu fazer isso com ele.

— Eu não vou manipular Miles para gostar de mim.

— Ele já gosta de você — corrige Lynsey. — Ele só precisa gostar o suficiente para dormir com você.

— Na minha opinião, ele é meio idiota — Dean resmunga.

— Ele não é um idiota — eu defendo. — Ele está... eu não sei o que ele está. Superando alguém, talvez? Uh. Ele só quer algo casual e não acha que posso ser uma garota casual.

— Você pode? — Lynsey pergunta, seus olhos castanhos curiosos.

— Claro que sim, porra! — Eu exclamo com uma dancinha que acho que uma garota casual e legal faria. — Eu escrevo sobre sexo casual como se fosse o meu trabalho, porque literalmente é. — Eu sorrio sem jeito com minha piada idiota, e meus amigos ficam surpresos. — Dane-se, vocês estão bem por aqui, certo? Vou subir e me arrumar, porque vou me atrasar para a minha própria festa. Lynsey, ligue a música e segure as pontas enquanto eu me embelezo!

— Certo, chefe!

— Dean... guarde essa cerveja de merda.



Quarenta e cinco minutos depois, eu desço os degraus e encontro meu FIM com a festa em pleno andamento. Estou usando um short branco rendado e uma blusa nude leve com botas de cor caramelo. Eu amarrei o cabelo em uma trança lateral que desce pelo meu ombro, e estou me sentindo livre e leve. Estou pronta para a festa.

Vários de nossos velhos amigos vieram, assim como alguns rostos novos que Lynsey conhece da faculdade. Eu imediatamente sou envolvida em uma

conversa com alguns casais de namorados da faculdade que me parabenizam por terminar o livro. Um me chama de Kate e eu o arrasto até a cozinha para tomar uma bebida. Principalmente porque acho que Dean pode começar a chorar se alguém encostar os lábios em seu precioso barril.

Dean me apresenta a seus amigos do trabalho, que não param de falar sobre a nova padaria na rua do prédio onde moram. Antes que eu perceba, me dou conta que já se passaram algumas horas desde o começo da festa e Miles ainda não está aqui.

Eu peço licença para alguns amigos para ver quem está lá atrás. Talvez Miles tenha estado aqui esse tempo todo, e eu não soube disso. Faço uma varredura superficial do lado de fora na esperança de ver um cara alto, moreno e bonito, mas eu estou decepcionada por encontrar apenas Lynsey e todos os seus amigos da faculdade.

Ela sorri brilhantemente e vem saindo de seu bar tiki para me passar uma bebida frutada em um copo alto.

— Beba devagar, Mercedes. Essa merda é forte. Eu bebi dois, e acho que estou bêbada no momento.

— Jesus — eu exclamo, tomando um gole e sentindo uma queimadura instantânea na boca. — Não é de admirar. Eu acho que isso pode ser pior do que a IPA de merda do Dean.

O grunhido de Dean me assusta, vindo por trás.

— Não é uma merda. — Sem aviso, ele mergulha direto para as minhas pernas, e eu dou a minha bebida para Lynsey antes de ele me jogar por cima do ombro. — *Mercedes* vai fazer o desafio da cerveja, pessoal!

Nossos amigos gritam e eu berro mais alto do que eles.

— A Mercedes não vai fazer o desafio do barril, porque a Mercedes gosta de Coors Light e do café grátis... e de escrever livros sobre sexo!

Eu ouço gritos de dentro e de fora, e como não sinto nada, decido continuar.

— E sexo intenso contra a parede!

Todos eles riem e comemoram um pouco mais. Isto é divertido! Eu tenho uma torcida, então continuo.

— E Mercedes gosta de uma cena usual onde o cara tira a calcinha de

uma garota e a coloca no bolso do smoking durante toda a noite!

Eu me deparo com silêncio... até que, finalmente, Lynsey fala com animação.

— Isso foi realmente específico, mas, sim!

Todo mundo se junta, mas parece obrigatório e muito menos entusiasmado do que antes, então dou uma última chance.

— E eu *realmente* gosto de escrever sobre sexo anal!

A multidão sucumbe ao riso ainda mais, mas mais maravilhosos aplausos seguem. Eu posso até sentir os ombros de Dean tremendo enquanto ele ri e bate na minha bunda antes de me colocar no chão.

Quando me viro e me endireito, eu sinto tontura e tento focar os olhos no que está diante de mim. Eu estou olhando para o peito muito largo de um homem muito alto com uma jaqueta de couro preta, um arraso. Eu levanto meu queixo e praticamente desmaio quando vejo que é Miles. E ele está usando uma camisa sob a jaqueta.

— Miles! — Eu exclamo e abraço seu corpo firme como pedra, ainda me sentindo eufórica com a multidão de fãs de pouco tempo antes.

Dean pigarreia ao meu lado e murmura:

— Eu vou entrar para tomar uma bebida.

Eu me afasto para acenar para Sam, que parece um pouco desconfortável ao lado de Miles, até que ele finalmente diz:

— Eu vou seguir esse cara.

Lynsey se aproxima ao meu lado ao mesmo tempo, nem um pouco intimidada pelo corpo escultural de Miles. Ela estende a mão e diz:

— Olá, eu sou Lynsey, a melhor amiga e vizinha. Ali é o meu bar tiki.

Miles volta o olhar para ela e oferece um pequeno sorriso enquanto a cumprimenta.

— Eu sou Miles.

— Prazer em conhecê-lo. Posso te dar uma bebida? Meu bar tiki está aberto! — Ela acena com as mãos orgulhosamente.

— Por enquanto não, obrigado — Miles responde e olha para mim. —

Nós podemos ir a algum lugar e conversar?

Eu aceno e pego sua mão para levá-lo de volta para dentro. Um grupo de amigos de Dean está parado em frente à porta do meu quarto, então decido levá-lo para o andar de cima onde eu estava me preparando mais cedo. Quando passamos por Dean no barril, eu o vejo olhar para Miles semicerrando os olhos. Olho para Dean com cara feia, silenciosamente dizendo a ele para “não encher o saco”, e entramos à esquerda.

Estou com pressa para levar Miles para cima.

A luz da lâmpada Edison entra pela janela de trás no quarto escuro, então nem me incomodo com o interruptor de luz. Miles entra no quarto atrás de mim como uma nuvem escura e estrondosa. Quando me viro para olhar para ele, percebo que esse quarto nunca pareceu tão pequeno.

Ele olha em volta, notando os sapatos masculinos no chão do armário aberto.

— Você tem um companheiro de quarto?

Sinto o rosto arder na hora porque isso não está nem perto da conversa que quero ter agora. Especialmente depois que Dean apenas me fez esperar como uma boba na frente de todos dois segundos atrás.

— Mais ou menos — respondo hesitante.

— Então é um cara — afirma Miles, olhando para o armário, em seguida, deslizando os olhos para mim.

Não há como esconder esse fato agora.

— Sim. — Eu dou de ombros.

Ele ri e assente.

— Deduzi. — Ele pressiona a mão contra a testa enquanto anda pelo quarto. — Dean não é esse cara, certo? Você disse que ele era um vizinho.

— Ele é um vizinho. Não é Dean.

— Então quem é?

— Ninguém — eu resmungo, percebendo que Miles está ficando cada vez mais tenso. A última coisa que ele precisa ouvir é que eu ainda meio que vivo com meu ex-namorado idiota. — Ele vai passar o verão fora, então não importa.

— Mas é um cara — ele vocifera, suas mãos se fechando em punhos frustrados ao lado do corpo. — Merda, Mercedes, eu não posso fazer isso!

— Fazer o quê? — Eu pergunto, meu peito se enchendo de esperança.

— Eu sou um cara ciumento! Você sabe disso — ele exclama, jogando as mãos para fora em sinal de rendição enquanto aponta para o andar de baixo. — Este não é o tipo de coisa com que eu lido bem. — Ele passa as mãos pelo cabelo, parecendo prestes a fugir.

Mas eu não quero que ele fuja. Quero que ele fique.

— Eu sinto muito, é melhor eu ir.

Ele se move em direção à porta e eu corro na frente dele, bloqueando sua saída.

— Meu colega de quarto é... gay — eu deixo escapar, e meus olhos se arregalam com a mentira que saiu tão facilmente dos meus lábios. — E ele vai ficar fora da cidade durante o verão.

Miles olha para mim, piscando.

— Sério?

Eu dou de ombros, completamente incapaz de confirmar de novo, porque para começar eu ainda não consigo acreditar que menti.

— Por que você está tão preocupado agora? Eu pensei que você só quisesse ser meu amigo.

Ele bufa.

— É muito mais difícil do que eu pensava que seria.

— Bem, o que eu posso fazer para ajudar? — pergunto, mesmo sem querer ajudar. Eu quero transar.

Miles geme e me olha com um olhar sério.

— Gata, o ciúme é um problema que eu tenho que manter sob controle constantemente. Eu tento não ser assim, mas é quase impossível. Eu passei quase dez anos com uma garota que tinha prazer em me torturar toda oportunidade que encontrava.

— Bem, eu não sou aquela garota — respondo e vou para mais perto, estendendo as mãos para tocar seus antebraços.

— Eu sei que você não é — ele quase grita. — Mas antes de fazermos qualquer coisa, você precisa saber isso sobre mim. Eu sou muito protetor. Autoritário. Muito arrogante. Quase tudo o que faço é ao extremo.

— Ok — eu respondo lentamente e engulo um nó na garganta enquanto ele cobre meu rosto com as mãos ásperas, pairando sobre mim como uma espécie de homem das cavernas possessivo.

Sua voz é profunda e melodiosa quando ele acrescenta:

— E enlouqueço quando acho que um cara está invadindo minha propriedade.

Ok, eu não deveria ficar excitada com isso. Eu sou uma mulher moderna. Eu sou independente. Acho que poderia ser feminista se soubesse exatamente o que diabos isso significa. Mas pessoalmente, não acho que o feminismo deva entrar no quarto. Eu acho que o feminismo tem a ver com ter licença sobre seus próprios desejos, e Jesus, Maria e José, eu acho que senti um jorro de líquido entre as pernas, ou estou enlouquecendo!

Eu balanço a cabeça, tentando focar no ponto principal aqui.

— Mas eu não sou sua propriedade, Miles!

— Na minha cabeça, você é — ele responde, a mandíbula tensa, os lábios contraídos. — E eu preciso que você não faça coisas para me deixar com ciúmes.

— Por quê? — Eu quase choro.

— Porque se você me deixar com ciúmes, não poderei ser apenas seu amigo.

— Por quê? — Meu Deus, cara, apenas me pegue!

— Porque isso vai me fazer querer te foder, então você nunca mais vai querer olhar para outro cara.

Respirações ofegantes.

Batimentos cardíacos ensurdecadores.

Festa pulsando escada abaixo... no andar de baixo. Isso não foi um eufemismo para a minha calcinha, no entanto, agora que disse isso, eu acho que ouvi o seu pau crescer. Tipo literalmente, eu acho que ouvi o jeans dele se alongando entre nós.

Eu estendo a mão e o toco, e ai, meu Deus, sim. Ele está duro e eu estou

afetada, e eu quero que ele apenas...

— Prove isso.

Ele balança a cabeça, a severidade em sua expressão faz um nó se formar na minha garganta.

— Eu espero que você saiba o que está pedindo.

Resmungando, ele encosta os lábios nos meus e mergulha a língua diretamente na minha boca. Fundo. Bem profundo. Como se ele estivesse procurando por amígdalas profundas. Não é exatamente sexy, é incontrolável. Inebriante. Tóxico. Eu não consigo me afastar dele, e não quero. Meus braços se enrolam firmemente em volta do pescoço dele, segurando-o como se fosse possível fundir nossos corpos juntos.

Sem mais beijo de peixe morto. Deus, isso sim é viver!

Miles se inclina, passando as mãos pela minha bunda até a parte de trás das minhas coxas. Ele me agarra com força e me ergue, e minhas pernas instantaneamente envolvem sua cintura. Eu não consigo cruzar meus tornozelos em torno de seu corpo grande, então eu apenas aperto. Aperto-o em mim o mais forte que posso, porque meu Deus, é isso que eu estava precisando. Fogo territorial, intenso e masculino!

Eu quero esse fogo dele por todo meu corpo. Se ele pudesse abrir sua pele e me enfiar dentro dele, eu desejaria isso. Eu quero ser consumida por ele de todas as maneiras possíveis.

Ele passa as mãos pelo meu cabelo e puxa minha cabeça para trás para que ele possa arrastar sua língua ao longo da minha garganta. Eu engulo em seco, ofegante e me contorcendo só por sua língua molhada. Ele está me arrebatando, punindo e me tomando com a boca, e caramba, que delícia.

Ele nos vira para a cama, e suas mãos descem para minha bunda, seus dedos cavando avidamente na dobra das nádegas.

— Você disse que gostava de sexo anal?

Eu grito alto quando seus dedos deslizam ao longo da renda do meu short, e ele pressiona forte através do tecido, bem no meu ânus.

— Meu Deus, eu não sei. Eu apenas gosto de escrever sobre isso!

Ele ri e seu corpo todo vibra. Eu aperto as pernas ao redor dele, tentando experimentar aquela sensação dentro de mim, porque meu Deus, eu preciso ser

fodida agora.

— Temos tempo de sobra para isso mais tarde — ele diz, deixando-me na cama, e se posiciona em cima de mim, cobrindo-me com seu peso quente e delicioso.

— Deus, Miles — solto um gemido, enquanto ele salpica minha clavícula com beijos e mordidas. Eu tiro as botas enquanto meu corpo rola sob o dele, minha pélvis pressionando o grande e duro membro preso dentro de seu jeans irritante. — Tire seus jeans. Eu quero te ver.

— Você primeiro, gata — ele resmunga e se levanta, puxando-me com ele para poder arrancar minha blusa. Minha trança cai de volta sobre meus seios nus, e ele arrasta os dedos ao longo da textura dela. — Você pode soltar os cabelos?

Eu concordo sem nem me dar conta. Tenho certeza que ele poderia me fazer passar por aquela festa nua se promettesse transar comigo. Eu puxo a trança e passo instavelmente os dedos pelo cabelo.

— Eu amo seu cabelo pra caralho. — Ele passa os dedos pelos cachos grossos e sente o cheiro deles. *Deus, ele me cheirou!* — Agora deite-se — ele diz, enganchando os dedos no cós do meu short e deslizando-os pelas minhas pernas quando eu me deito. Ele o joga no chão e pega minha calcinha branca rendada. Solto um gemido enquanto ele a puxa para baixo tentadoramente devagar, seus dedos ásperos acariciando minhas pernas na descida.

Quando ele tira a calcinha dos meus pés, ele a segura para eu ver, em seguida, pressiona-o contra o nariz e inala profundamente.

— Puta merda — eu digo diante da simples visão de ele cheirando minha calcinha. — Você é real mesmo?

— Eu sou completamente real, gata. E você não vai receber esta calcinha de volta. — Ele enfia a tira de tecido branco no bolso da calça jeans e tira a carteira do bolso de trás, pegando um preservativo da aba interna, e o joga na cama.

Ele leva a mão às costas e puxa a camisa sobre a cabeça, e meus olhos brilham diante dele. Ele tem curvas em lugares em que os homens devem ter linhas. Um contorno perfeito de seis gomos largos e definidos, insinuando-se sob seu peitoral enorme e carnudo. E então vejo aquele V. Meus Deus, o V que desce até seu pau é o suficiente para me fazer esquecer cada homem que já veio antes

dele.

Miles poderia estar na capa de cada um dos meus livros. Na verdade, talvez eu deva refazer as capas dos meus livros. Eu provavelmente venderia mais cópias com fotos dele. Eu quero este corpo masculino perfeitamente esculpido estampado no mundo inteiro.

E se eu achava que a parte de cima dele parecia boa, não é nada comparado ao que está embaixo. Ele desliza a calça jeans e a cueca boxer para baixo, e o pau gigante que pula para fora me deixa mais do que um pouco aterrorizada. Extremamente excitada, mas aterrorizada.

Um lindo pau. Forte e orgulhoso. Reto e grosso. Mas cerca de duas vezes o tamanho com que estou acostumada.

Eu pigarreio e digo:

— A frase clichê que você deve dizer agora é: *“não se preocupe gata, vai caber”*.

Ele ri da minha imitação de voz de homem e seu abdômen espesso contrai de uma maneira muito sexy. Depois que ele desenrola o preservativo, posiciona-se entre as minhas pernas e estende seu calor sobre mim. Nossa nudez desliza uma contra a outra como lençóis de seda deliciosamente aquecidos.

Miles brinca com a ponta coberta contra a minha fenda.

— Mas e se eu gostar de machucar um pouco?

Com um empurrão rápido, ele entra em mim tão depressa que perco o fôlego por um momento. Me seguro na cama, busco algo para apertar e segurar enquanto luto contra a repentina invasão bem-vinda entre minhas pernas. Ele oferece as próprias mãos, deslizando os dedos entre os meus de uma forma gentil que está em total desacordo com o aperto impiedoso entre as minhas pernas.

Ele aperta meus dedos e pressiona nossas mãos contra o colchão ao lado da minha cabeça.

— Você está bem? — Ele dá um beijo suave e macio nos lábios.

Dou um gemido alto, a dor tensa crescendo e implorando por mais.

— Vou ficar assim que você começar a se mover. — Eu movo o quadril no ritmo do dele em desespero. — Eu preciso que você me foda, Miles. Por favor, me foda.

— Com prazer — ele responde, soltando minhas mãos e apoiando-se nos joelhos. Jogando minhas pernas sobre seus ombros, ele desliza as mãos ásperas para baixo ao mesmo tempo. — Deus, essas pernas são sensuais pra caralho.

E com esse elogio, ele começa a me penetrar tão forte e rápido que eu não consigo nem gemer. Apenas um monte de soluços arfados parece ignorar meu controle e sai direto dos meus pulmões. Ele penetra, escava e pune minha boceta, e o orgasmo que me rasga é completamente ignorado, como se fosse um dos muitos que ele planeja me dar hoje, então ele não dá muita atenção.

Um segundo orgasmo vem depois do primeiro, e eu juro que não aguentaria ter outro, quando ele se abaixa e esfrega os dedos ásperos no meu clitóris inchado. Dessa vez, consigo gemer de prazer.

— Shh — ele sussurra e move a mão impertinente para a minha boca, enfiando os dedos nela para que eu possa sentir minha excitação por toda parte. — Você precisa ficar quieta, gata. Há uma festa acontecendo lá embaixo, e se eles te ouvirem assim, eu vou ficar todo nervoso novamente.

Ele remove os dedos, e eu solto um gemido.

— Jesus, você é louco. — Mas na minha mente, estou dizendo que não quero que nada disso acabe.

— Você me deixa louco — ele responde e continua seus movimentos em mim até eu atingir meu terceiro orgasmo. — Acho que você já teve o suficiente, não é? — Ele pergunta, enfiando um dedo por baixo da minha bunda e provocando meu ânus. — Ou você quer mais?

— Mais tarde — eu imploro, gemendo e lamentando um pouco. — Mais tarde, eu só quero ver você gozar, Miles.

Eu olho para seu pau deslizando para dentro e fora de mim. Parece muito furioso. Ele precisa gozar.

— Fale sacanagem de novo, então — ele brinca, assentindo para mim em incentivo. — Fale comigo como você fez naquela noite no bar. Deus, eu me masturbei lembrando daquilo pelo menos uma dúzia de vezes desde então.

— Hum — murmuro, meu cérebro precisando acessar um vórtice diferente do que aquele onde estou residindo atualmente. — Ok, foda-se. Eu ameie quando você enfiou os dedos na minha boca um segundo atrás.

— É mesmo? — ele pergunta, com os olhos em chamas e fixos em mim. — Você é uma garota safada, Mercedes?

— Deus. Claro que sim! — Dou um gemido porque, sinceramente, talvez eu tenha sentido falta disso. Eu deveria ter fodido Dryston como meu alter ego, não como a chata da Kate! Mercedes é uma louca tanto no mundo real quanto no fictício. — Eu amei me saborear com você. Meu amargo e o seu salgado. Deus, a mistura de nossos gostos é boa.

— Porra, com certeza — ele responde, olhando para o teto e montando qualquer onda que está pegando, os nervos de seu pescoço grosso em ângulos salientes.

— Eu gosto de suas mãos ásperas no meu corpo — afirmo, pegando uma das mãos e colocando-a no meu peito. Ele olha para baixo e observa sua mão quando eu acrescento: — Veja como somos gostosos juntos. Áspero e macio. Escuro e claro.

Ele aperta meu peito e pressiona meu mamilo com tanta força que tenho que conter outro grito.

— Deus, Miles, porra, goza para mim. Deixe esse pau gigante gozar dentro de mim.

— Oh Deus — ele exclama, congelando no meio do impulso e explodindo dentro de mim como um maldito canhão. As veias de seu pau se contraem e engrossam dentro de mim a cada jato dentro no preservativo. — Jesus Cristo, Mercedes.

Eu rio porque o que mais eu posso fazer? Eu acabei de foder um cara que não sabe o meu nome real na cama que eu compartilhei com meu ex por quase dois anos inteiros. Tem como essa situação ficar mais louca do que isso?

Dou um soquinho em sua barriga.

— Isso, Miles, foi sexo digno de livro.

Ele ri enquanto nos limpamos no banheiro anexo e rapidamente nos vestimos para voltar para a festa. Eu particularmente não quero voltar para baixo, mas já que uma espécie de festa em minha homenagem está rolando e nós nem estamos no meu quarto, não vejo como possa ficar longe a noite toda.

Lynsey aponta para o meu cabelo instantaneamente, e eu fecho os olhos, estremecendo por ter me esquecido de trançá-lo de novo como estava antes. Felizmente, ninguém mais parece notar.

Eu tomo um gole de cerveja e converso com meus amigos pelo resto da noite, sentindo-me relaxada quando os apresento ao meu novo amigo, Miles, da

loja de pneus. Todos riem dizendo que somos basicamente colegas de trabalho desde que escrevi o livro inteiro lá. Se isso fosse um livro, eu definitivamente o rotularia como um romance entre colegas de escritórios, com certeza.

Tudo começou com uma xícara de café de cortesia.

Durante toda a noite, sinto olhares repreensivos vindo de Dean. É provável que ele volte a ser aquele irmão superprotetor, mas não quero que Miles pense coisa errada, então decido manter distância. Dean é um paquerador e, embora inofensivo, é uma coisa difícil para os estranhos entenderem. Eu até fui acusada pelos meus amigos da faculdade de ter um romance com Dean. A ideia é louca.

No final da noite, estou exausta e, quando Sam vai embora, eu franzo a testa, temendo que Miles vá com ele.

— Nós viemos separados — Miles diz, e olho para ver sua moto estacionada em frente à minha casa. — Mas eu posso ir embora, se você quiser.

— Não! — Eu exclamo e estendo a mão para agarrar a dele. — Você deve ficar... se quiser, quero dizer. — Eu sou tão chata, não é nem mesmo num nível engraçado.

Ele concorda com a cabeça e aquele olhar perturbado retorna ao seu rosto. Aquele que ele demonstrou sempre que me rejeitou, ou tentou me rejeitar. Isso me incomoda, mas ele parece estar ignorando isso durante a noite, então eu também irei ignorar.

Depois de um tempo, todos desaparecem, incluindo Lynsey e Dean. Eu apago as luzes, desligo a música e levo Miles da cozinha para o meu quarto.

— Eu estou muito feliz por você não ter me arrastado para cá antes — afirma ele com um sorriso.

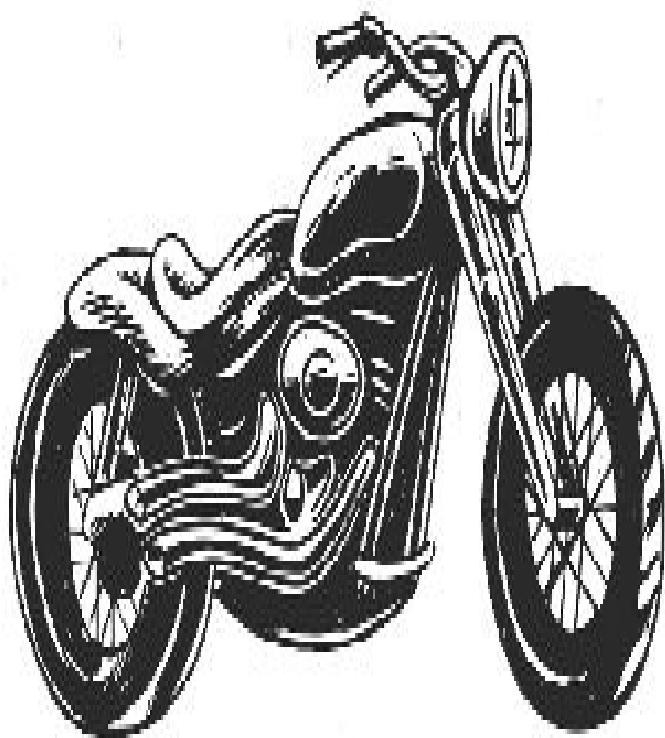
— E por quê? — Eu pergunto, tirando a blusa de pé na frente dele, sem sutiã.

— Porque então todo mundo definitivamente teria ouvido seus gritos. — Ele rapidamente me alcança, e eu grito quando ele me pega para que meus seios estejam pressionados em seu rosto. — Eu não tive tempo suficiente para conhecer plenamente essas garotas antes. Olá, senhoras.

Ele aconchega a mandíbula barbuda entre meus seios, e eu rio e o empurro até que ele me coloca no chão. Com um sorriso feliz, sexy e indescritível, ele prendeu meu cabelo atrás das orelhas e me beija tão docemente,

que acho que acabei de experimentar um tipo de orgasmo que eu nem sabia que existia.

É possível ter orgasmo de felicidade? Eu meio que penso que sim.



15

MILES

Eu acordo com o som de bacon fritando e me sento em um pulo, esquecendo completamente onde estou por um segundo. Eu pisco depressa e o quarto de Mercedes fica totalmente visível. Eu olho para ver que o lado dela da cama está vazio, e exalo quando tudo inunda minha mente.

Eu fiz sexo com a Mercedes ontem à noite.

Tive uma transa foda com a Mercedes ontem... no meio de uma festa.

Eu me inclino e esfrego os olhos, tentando lembrar se fui ruim ontem à noite. Eu cheguei com tudo, claro. Mas vê-la sendo carregada por Dean deixou claro para mim que ele quer mais do que amizade com ela, mesmo que Mercedes não veja ainda.

Eu não deveria ter vindo. Sabia que não deveria ter vindo. Sam foi quem me forçou, me fazendo sentir culpado por não celebrar essa conquista com ela depois de tudo o que passamos juntos na loja de pneus. Mas de alguma forma, eu sabia que se dirigisse até aqui, não iria embora. Agora, aqui estou eu, pelado em sua cama branca, fofa e realmente muito confortável.

Isso vai ficar feio.

Eu me levanto e visto meu jeans, minha mente nublando meu passado e meu presente, criando um nevoeiro rodopiante de dúvida. Faz um ano que Jocelyn e eu terminamos, e eu a superei completamente. Sinceramente, a cadela pode viver feliz para sempre com seu coroa velho e rico, mas eu ainda não superei o estresse de estar em um relacionamento. De cuidar tanto de alguém a ponto de fazer qualquer coisa para protegê-la. É por isso que eu estou só tendo lances casuais. Eu não posso me entregar a ninguém novamente. Ainda não.

E algo me diz que Mercedes é boa demais para algo casual.

Entro na cozinha, e Mercedes está no fogão vestindo um short de ioga apertado e minha camiseta preta, que eu estava procurando. Só de observá-la, com o sol da manhã entrando pela janela sobre a pia, eu sei muito bem, que essa garota não é para algo casual.

Pigarreio.

— Ladra de camiseta — eu brinco e me arrasto para ficar atrás dela.

Coloco as mãos em seus pequenos e bonitos quadris, e todo o seu corpo fica tenso. — O que foi?

Ela ri nervosamente.

— Você está a fim de comer panquecas? Ou com vontade de sair de fininho? Porque ainda não comecei a fazer as panquecas, então agora é a hora de me dizer se vai fugir do meu quarto.

Dou um beijo em sua testa e rio.

— Eu poderia comer.

Eu poderia comer você é o que estou realmente pensando.

Vou até a banqueta da ilha para ter uma visão melhor dela. Como é possível que ela seja tão linda de manhã? Suas bochechas estão coradas e seu cabelo ruivo está amarrado em um coque no topo da cabeça. E ela não parece nada mal com minha camiseta gigante.

— Como você dormiu? — Ela pergunta enquanto começa a bater uma massa de panqueca em uma tigela de vidro grande.

— Como uma pedra — eu admito.

Ela morde o lábio. Eu sorrio com curiosidade.

— Algo que eu disse?

Ela assente.

— Seria de se pensar que eu seria mais madura em relação a isso já que escrevo sobre essas coisas o tempo todo, mas não sou. Você ostentava a maior ereção matinal que eu já vi na vida quando levantei hoje cedo.

Ergui as sobrancelhas.

— Bem, por que você não me acordou para que pudéssemos fazer algo sobre isso?

Mercedes dá um sorriso tímido que é muito lindo, e meu pau pula. Minha escritora de sexo, tímida pra caralho? Meu Deus, ela só melhora.

— Você estava dormindo pesado — ela explica. — E eu pensei que três orgasmos eram suficientes por doze horas.

Eu inclino a cabeça para trás e rio.

— Eu não acho que você deveria colocar um limite em orgasmos.

Seus olhos encontram os meus, e com um olhar quente, a tensão sexual começa a chiar entre nós como o bacon na frigideira. Ela lambe os lábios.

— Você só vai se sentar aí e me lançar olhares sensuais, ou vai me ajudar a fazer o café da manhã?

Eu me levanto e me alongo.

— Eu poderia precisar da minha camiseta. Seria uma pena se queimasse isto com gordura de bacon.

Eu arrasto os dedos ao longo dos gomos do meu abdômen, e Mercedes encara tão fixo que começa a derramar a massa de panqueca no bico do fogão quente.

— Panquecas — eu digo, olhando para a bagunça.

— O quê? — Ela diz, ainda olhando para meu corpo.

— Mercedes, as panquecas! — Eu grito quando a fumaça começa a subir da mancha no fogão. Eu me movo rapidamente e dou a volta no balcão para pegar a tigela da sua mão.

— Merda! — Ela exclama, saindo de seu torpor. Pousa a tigela, desliga o fogo e pega um pano para limpar a bagunça. Seus olhos envergonhados olham para mim através de seus cílios escuros. — Talvez devolver sua camiseta não seja uma má ideia.

Depois que Mercedes pega uma camiseta do seu quarto, eu visto a minha e vou ajudá-la com a comida. É uma coisa de casal muito caseira para fazer sábado de manhã, e quando nos sentamos para comer no balcão da cozinha, meus pensamentos não podem mais ser ignorados.

Colocando xarope de bordo sobre minha pilha pequena, eu decido dizer.

— Eu sinto que preciso te dizer que não vim aqui ontem à noite para... aquilo. — Aponto para cima e para o quarto dela porque são os dois lugares onde estivemos até agora.

Ela franze a testa nervosamente.

— Ceeerto.

— Quero dizer, foi bom, não me entenda mal. Fodemos muito bem, na verdade. Mas quero que você saiba que esse não era o meu plano.

Ela solta o ar e se concentra muito em besuntar suas panquecas.

— Esta é a parte em que você me diz que não está pronto para *gostar* de alguém de novo?

Pouso meu garfo e a encaro até que ela olhe para mim.

— Talvez? — Eu digo, com o rosto tomado por um pedido de desculpa.

Sua mandíbula fica tensa, mas ela olha para baixo, retomando a preparação da comida.

— Está bem.

Eu solto o ar.

— Está?

— Sim — ela diz e olha para mim com um sorriso. — Isso não é nada demais, Miles. Nós fizemos sexo. Você não me pediu para termos algo sério. Não estou entendendo errado.

— Bem... ótimo — respondo, me sentindo um pouco confuso enquanto como um pouco mais de comida e deixo o silêncio nos alcançar. Finalmente, olho para a frente e acrescento: — Eu só... tenho a impressão de que você não é um tipo de garota de encontros fortuitos, e eu não gostaria de colocá-la em uma situação constrangedora.

— Zero constrangimento! — Ela responde com uma risada, dando uma enorme mordida em uma das panquecas. — Ela leva os dedos sobre a boca cheia e murmura: — Eu estou bem... ótima mesmo. Acabei de ter uma bela noite de sexo!

Meus olhos se estreitam com ceticismo. Ela está agindo de forma estranha. Mais estranha do que o normal.

— Então o que significa isso?

Ela dá de ombros e toma um gole de suco de laranja.

— Pode significar o que queremos que signifique. Nós podemos apenas ser amigos, ou não. Nós podemos continuar fazendo sexo ou não.

Eu quase engasgo com um pedaço de bacon.

— Continuar fazendo sexo?

Suas bochechas coram.

— Sim! Você disse que eu não sou mulher de casos fortuitos, não eu. Eu sou bem casual. Casual com um C maiúsculo. Eu escrevo em uma loja de pneus, pelo amor de Deus.

Ergo as sobancelhas.

— Verdade.

Ela se levanta e leva seu prato meio cheio para a pia da cozinha.

— Eu toparia algo casual... sinceramente. Como sou viciada em trabalho, não tenho tempo para dedicar a um namorado.

— É? — pergunto com curiosidade, irritado porque o comentário dela também faz com que eu me sinta um pouco rejeitado. *Sou tão idiota.* — Mas você terminou seu livro. Quanto trabalho pode haver?

Ela ri disso.

— Oh Miles, você não sabe nada do mundo dos livros. A parte na loja de pneus é a coisa fácil. Agora o trabalho duro começa. Edição. Marketing. Além disso, eu já estou começando o próximo livro.

Isso me faz ficar sem reação no meu banco.

— Ok, então, o que você tem em mente?

Ela coloca o prato na máquina de lavar louça, de costas para mim por um bom tempo antes de, de repente, se virar com olhos arregalados e exclamar:

— Pesquisa literária!

— Pesquisa literária? — Eu repito.

Ela assente.

— Eu, hum... talvez precise de alguma ajuda sua novamente com a pesquisa literária. Cenas de quarto, sem cenas de passeio de moto.

Fico curioso.

— Que coisa louca você está escrevendo agora que já não tenha abordado em seus romances eróticos?

Ela revira os olhos e se move para apoiar os cotovelos no balcão à minha frente, me dando o ângulo perfeito de seu decote naquele top apertado.

— Não é isso. Eu preciso de ajuda para entrar na mente de um homem.

Minha série *Bed 'n Breakfast* foi toda feita de um ponto de vista feminino. Mas para o meu novo livro, quero escrever de um ponto de vista duplo. Então, um capítulo estará narrado pela mulher, e o outro, pelo homem. Eu vou alternar entre os dois.

Meu tom é calmo quando respondo:

— Eu sei o que é ponto de vista duplo, Mercedes.

— Ok, desculpe — ela responde com um sorriso envergonhado, tocando a toalha no balcão. — Você acha que consegue me ajudar? — Ela olha para mim com os olhos arregalados e nervosos, claramente ansiosa por se expor assim.

Eu olho de volta e me pergunto se posso enfrentar o desafio. Mais sexo com uma garota de quem eu gosto muito, mas sem laços de relacionamento? Sem compromisso. Sem obrigação. Isso pode ser assim tão fácil?

Eu pego meu prato vazio e dou a volta pelo balcão para a pia. Sinto os olhos dela em mim quando respondo:

— Para deixar claro, você está propondo amizade colorida, certo? — Eu coloco o prato na pia e viro para encará-la, encostando-me no balcão e cruzando os braços.

Ela olha fixamente para meus bíceps por um momento antes de responder com um sorriso doce.

— É um conceito tão antigo quanto o tempo.

Eu rio e sinto uma sensação de euforia passar por mim. Esta manhã está se saindo muito melhor do que eu previa quando saí da cama. Na verdade, está fantástica pra caralho.

Elimino o espaço entre nós e a abraço, pressionando meu corpo contra a dela.

— Devemos começar agora? Sei lá, não quero ver sua educação ser prejudicada nem um minuto a mais.

Ela ri e abre as mãos no meu peito para me empurrar para trás.

— Na verdade, já que estamos com essa coisa toda de amigos, queria saber se você poderia me ajudar com um pequeno projeto primeiro.

Eu ergo as sobrancelhas para ela.

— Um projeto de nudez?

Ela franze a testa e morde o lábio timidamente.

— Você poderia estar nu, se quiser, mas não sei se seria seguro.

Meu sorriso diminui.

— Você acha que poderia me ajudar a passar as coisas do meu colega de quarto para o andar de baixo? Vou arranjar um contêiner esta semana para guardar as coisas dele. Eu quero transformar aquele quarto no andar de cima em uma sala para escrever.

Franzo as sobrancelhas.

— Você não vai continuar escrevendo na loja de pneus? — Percebo a decepção que sinto.

— Eu não sei ainda. — Ela encolhe os ombros. — É possível. Mas quero tentar isso primeiro.

— Ok — eu respondo com uma carranca. — Mas você sabe que ainda pode escrever lá. Ninguém sabe sobre você.

Ela ri e franze a testa para mim com curiosidade.

— Vamos ver. — Ela encolhe os ombros de modo despretensioso novamente, e é irritante. Por que ela não quer mais escrever lá?

Livrando-me de minha agitação, eu me afasto e abro os braços para me alongar.

— Então, o que seu colega de quarto fez para te irritar a ponto de você estar retirando as coisas dele? — Ela revira os olhos. Eu dou risada de sua atitude. — O que ele não fez? Bem, com certeza vou ajudar você. Essa é a coisa que caras como eu nasceram para fazer. — Dou uma piscadela e flexiono os braços de maneira arrogante. — Nós devemos tomar banho antes ou depois do trabalho árduo?

Ela sorri.

— Por que não antes e depois?



16

KATE

— Eu entrei em uma situação casual, de amizade colorida com um mecânico da loja de pneus que pensa que meu nome é Mercedes — resmungo para a minha amiga Hannah, ao telefone, enquanto me esparramo no chão agora vazio do quarto no andar de cima. — Me diga o que fazer.

— Ok, para qual livro é isso?

— Não é para um livro.

— Espere, o quê? — Ela pergunta.

— Não é para um livro. É para mim.

— Isso está realmente acontecendo com você?

— Sim.

— Como na realidade?

— Sim, Hannah! E eu gosto dele muito mais do que apenas um amigo, então você pode acompanhar a conversa, por favor? Estou em modo crise e não sei o que fazer!

— Além de fodê-lo sempre que puder?

— Sim. Quero dizer... estou meio que evitando-o esta semana para meio que agir com calma, para ele não perceber que gosto dele.

— E você gosta.

— Sim, mas eu não quero que ele saiba disso!

— Ouça — ela diz, e eu juro que ouço seu laptop fechar. — Já sei o que você vai fazer. Você vai acampar.

— Acampar? — Eu repito.

— Acampar.

— Por quê?

— Porque caras operários amam essa merda. Diga a ele que é para pesquisa literária e você precisa da ajuda dele.

— Oh! Isso é bom porque eu já usei essa desculpa!

— Perfeito. Eu posso ver isso passando como um maldito filme, e você sabe quando eu imagino, e eles se passam como filmes, é um best-seller.

— Sim! — Eu grito animadamente, sentando-me porque agora eu estou muito ansiosa para me deitar.

Sua voz fica bem falsa, como uma imitação de Marilyn Monroe.

— Você vai ser adorável e atrapalhada, e não saberá como lançar uma vara de pescar, e ele vai perceber como é divertido ir acampar e começar a foder em uma tenda. — Ela muda o tom de voz para muito machona no final, e eu estou literalmente com as mãos na barriga de tanto rir.

— Ai, meu Deus, isso parece bom.

— Mas faça-o suar por um tempo antes de ligar para ele. Quando foi a última vez que você dormiu com ele?

— Dois dias atrás.

— Perfeito. Espere mais alguns dias. Faça-o imaginar por uma semana inteira o que você está fazendo. Isso vai deixá-lo louco. Então quando você o vir, aja com muita calma. Como se você fosse apenas um dos amigos dele.

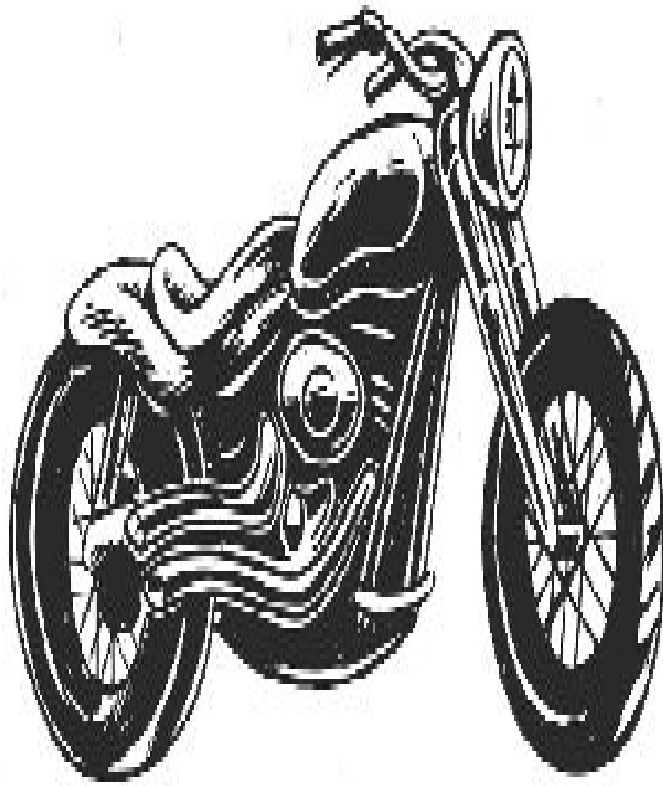
— Gosto disso.

— Tá vendo? As ideias dos livros podem ser aplicadas no mundo real.

— Você é um gênio, Hannah — eu afirmo, sentando-me e olhando ao redor do quarto vazio. Agora é um bom momento para redecorar. — Vou acampar!

— Me avise para onde enviar a pizza.

— Haha. Vaca.



17

MILES

— Meu, você está muito ferrado — Sam diz, pegando-me totalmente desprevenido enquanto eu olho pela janela da loja a oficina.

— Filho da puta, não faça isso! — Eu exclamo, pressionando a mão no peito enquanto sinto meu batimento cardíaco forte. — Por que você está andando tão devagar?

— Eu não estava andando devagar. — Ele diz olhando para os pés.

— Sim, estava — eu resmungo, jogando minha parafusadeira pneumática na caixa de ferramentas. — Eu não te ouvi porque você andou na ponta dos pés na minha direção como um esquisito.

— Eu não estava na ponta dos pés, idiota. Estava andando como gente. Você esteve no seu próprio mundinho a semana toda, espiando pela janela como um adolescente apaixonado. Se há alguém esquisito, é você.

Eu reviro os olhos e tenho que lutar contra o desejo de não olhar pela janela novamente, na esperança de ver Mercedes de relance. Tornou-se um hábito que nem percebo que estou fazendo mais. Possivelmente pior que fumar alcaçuz.

Faz uma semana desde sua festa, e estou ficando cada vez mais frustrado pelo fato de ela não ter retornado para a loja de pneus para escrever. Nem me ligado.

— Pensei que você tivesse dito se tratar de algo sem importância — afirma Sam, apoiando-se em um banquinho de metal e girando uma chave de pressão.

— E é. Eu não estou obcecado. Só estou... me perguntando por que ela não voltou. Eu provavelmente estraguei as coisas.

— Estragou exatamente o quê? Você disse que não quer nada sério com ela.

— Eu quero amizade — eu respondo entredentes, enquanto desabotoo meu macacão e o retiro. — Eu gosto dela como amiga. Ela é diferente de todo mundo que já conheci. Está sempre dizendo algo que me surpreende, e é muito legal de verdade e sem filtro. Ela é mais legal do que você, com certeza.

Sam pressiona o peito fingindo estar magoado com meu insulto.

— Então, por que você não quer mais do que amizade com alguém legal?

— Você sabe por que — eu quase rosno e depois ouço meu telefone apitar do banco da oficina. Meus nervos disparam quando desbloqueio a tela, respondendo a Sam rapidamente.— Eu não posso me envolver em drama novamente.

— Nem todo drama é ruim — Sam murmura enquanto eu olho para a tela.

Mercedes: Quer me ajudar com algumas pesquisas literárias? ;)

Eu: Sim.

Mercedes: Jesus. E se eu dissesse que envolve sexo com um animal ou objeto inanimado ou algo assim?

Eu: Tem isso?

Mercedes: Não.

Eu: Então sim.

Mercedes: Ok, você pode vir à noite?

Eu: Sim.

Mercedes: Legal, traga cerveja e pizza.

Eu: Feito.

Mercedes: E traga aqueles braços de namorado literário. ;)

Estou sorrindo como um idiota quando lembro que Sam ainda está sentado bem na minha frente. Olho para ele e reviro os olhos para sua expressão sombria.

— Vou te falar uma coisa. — Ele leva as mãos ao redor da boca e explode. — Você está ferrado!



Quando chego à casa de Mercedes, me sinto nervoso como nunca senti antes. Quando vim a sua casa para a festa na semana passada, não tinha expectativas para a noite. O que aconteceu entre nós não foi planejado. Eu tinha a sensação de que algo poderia acontecer, mas isso é muito diferente do que estar do lado de fora da casa de uma garota e saber que quando você entrar, você vai transar. Esse sentimento é igualmente emocionante e estressante.

Pare de ser um chorão, Miles.

Eu pego a pizza e a cerveja no banco da minha caminhonete e ando até a porta da frente. Quando ela abre, lembro-me exatamente por que estava nervoso.

Essa garota é gostosa demais para mim.

Ela está vestida com um insinuante vestidinho de verão azul escuro, com grandes flores e rosa por todo lado. Seu cabelo ruivo está liso de novo, como naquela noite no bar quando nos beijamos pela primeira vez. Ela manteve a maquiagem leve, mas seus cílios são longos e estão emoldurando lindamente seus olhos azuis. Seus lábios estão brilhantes, com um gloss rosa que me faz querer me inclinar e...

— Ei, mano! — Ela berra, me socando no ombro.

Eu franzo a testa e me afasto.

— Ei? — Eu digo isso como pergunta, porque não sei por que ela se dirigiu a mim assim.

Ela estende a mão e pega a cerveja.

— Obrigada por trazer as cervejas. — Ela se vira e gesticula para eu entrar enquanto pousa a cerveja em sua mesa de café. Ela avança e pega a caixa de pizza da minha mão em seguida. — Eu estou com tanta fome que poderia comer o rabo de um rinoceronte morto.

— Você está com algum problema? — Eu finjo brincar, porque, sério, que diabos está acontecendo aqui?

— O que você quer dizer? — Ela fala alegremente, com os olhos arregalados enquanto agarra a caixa de pizza.

— Por que você está falando assim?

— Esta é minha voz normal.

Meu rosto vacila em descrença.

— Eu ouvi sua voz normal, e geralmente você fala de forma poética sobre café e biscoitos grátis. Me conte o que você está fazendo.

— Eu não tenho ideia! — Ela exclama e se vira para pegar a pizza e a cerveja. Olhando para trás, ela acrescenta: — Eu estava tentando ser uma amiga. Um mano. Um dos caras. *Au casuale*.

Eu tenho que segurar uma risada.

— Bem, pare com isso. Eu não vou transar com um dos caras, e te vendo gostosa assim com esse vestido, queria transar com você hoje.

— Hannah é uma imbecil — ela resmunga baixinho.

— Quem?

— Ninguém — ela sorri e leva as mãos à cintura. — Então você gosta do meu vestido?

Eu confirmo e ergo a sobrancelha quando a vejo corar.

— Eu imagino que ele ficaria melhor no chão.

Eu me movimento e puxo seu corpo contra o meu, mas ela se afasta.

— Bem, vai ter que esperar porque estou bem faminta.

Eu respiro fundo, um ruído baixo vibrando em meu peito.

— Tudo bem.

Nós nos acomodamos no sofá, e Mercedes coloca algumas fatias em um prato para mim. Eu abro ambas as cervejas e começamos a comer, como se faz em Boulder.

— E aí, como você está? — Eu pergunto enquanto ela dá uma mordida.

— Bem! Você?

— Bem — eu respondo, olhando para suas pernas lisas e descobertas. — O que você fez essa semana?

Ela ergue as sobrancelhas, curiosa.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que não vi você entrar na loja de pneus, então fiquei pensando... onde você escreveu? — Jesus, Miles, se controle! Está realmente com ciúmes e querendo saber onde ela está escrevendo agora?

Ela lambe os dedos antes de responder.

— Bem, eu andei redecorando o quarto do andar de cima.

De repente, noto que tudo do quarto que nós empilhamos não está mais ali.

— Quando o babaca apareceu? Eu lhe disse para me ligar e eu ajudaria você a carregar.

Ela morde o lábio.

— Chegou quarta-feira, mas está tudo bem. Eu consegui.

— Você conseguiu? — Pergunto, incrédulo e franzindo a testa. — Algumas dessas coisas eram muito pesadas. Como você conseguiu?

Ela parece nervosa por um segundo e endireita as costas para responder:

— Lynsey ajudou. E Dean.

Eu me recosto um pouco, sentindo a irritação formigando meu couro cabeludo.

— Eu disse que te ajudaria.

Ela encolhe os ombros.

— Eu não queria incomodar você.

— Não teria sido um incômodo — eu respondo com o queixo tenso de frustração.

— Qual é o grande problema? — Ela retruca, falando mais alto de modo defensivo.

Eu respiro fundo e expiro lentamente. Não é assim que imaginei essa noite. Preciso me acalmar, ou vou estragar tanto a amizade quanto os benefícios dela.

— Nada, desculpe. — Eu pigarreio e dou outra mordida na pizza. — Então, você redecorou?

A mudança de assunto traz um sorriso ao seu rosto.

— Sim! Está muito bonito. Eu até tenho uma nova mesa que sobe e desce para que eu possa escrever em pé, se quiser.

— Por que você desejaria escrever em pé? — Eu pergunto, falando sério.

Ela encolhe os ombros.

— Não sei. Aparentemente, é mais saudável. Eu provavelmente nunca vou usar de qualquer maneira, já que não consigo voltar a escrever.

Eu balanço a cabeça.

— Então por que você não voltou para a loja de pneus esta semana? O café ainda tem o mesmo gosto. Eu verifiquei.

Ela pousa o prato e pega a cerveja.

— Eu não sei. Parece... desnecessário agora. Mais indulgente. Estou frustrada por não poder escrever na minha própria casa. Eu redecorei aquele quarto inteiro, e aquela escrivadinha foi cara pra caralho.

Concordo e pouso meu prato para pegar minha cerveja também.

— Então é por isso que você decidiu que hoje seria uma boa noite para pesquisa?

Ela assente e ergue as sobrancelhas para mim.

— Eu pensei que talvez fosse estimulante, literalmente. — Sua risadinha depois é muito adorável, e eu sinto meu próprio humor melhorando com ela.

Mas todo o humor se perde quando noto um brilho malicioso em seus olhos enquanto ela leva a garrafa aos lábios cor-de-rosa e toma um gole longo e calmo. Meu corpo ganha vida enquanto as lembranças do último fim de semana passam e lembro da sensação deliciosa de senti-la nua contra mim.

— Vamos começar a trabalhar, então — eu quase rosno, olhando para uma gota de cerveja em seu lábio inferior.

Ela engole o líquido e passa a língua enquanto olha para o meu prato.

— Você nem terminou sua pizza.

— Estou com fome de outra coisa — murmuro, inclinando-me e tomando a cerveja da mão dela e pousando na mesa ao lado da minha, fazendo barulho.

Quando me recosto, vou para mais perto, para que as nossas pernas se toquem. Descansando minha mão bem acima de seu joelho, deixo meus dedos pressionarem a parte interna da sua coxa e vou subindo bem devagar. Suas pernas se unem quando meus olhos encontram os dela. Ela treme com um arrepio de excitação.

— Ok, tudo bem, eu estou com fome de sexo também — ela murmura e respira fundo. — Mas eu preciso ouvir o que você está pensando o tempo todo em que fazemos isso... você sabe... para pesquisa e outras coisas.

— Para pesquisa e outras coisas — eu repito, lambendo os lábios e tentando não sorrir.

— Isso é sério, Miles.

— Ok, — eu concordo. — Mas eu tenho que avisá-la. Provavelmente não serei muito articulado quando estiver dentro de você.

Ela engole lentamente e se contorce em seu assento quando minha mão sobe um pouco mais. Sua voz está rouca quando responde:

— Você não teve problema em se articular na noite da minha festa.

Eu rio dessa lembrança.

— Bem, eram circunstâncias atenuantes.

— Eram? — Ela morde o lábio e olha para a minha mão que agora desapareceu sob sua saia.

— Sim — eu respondo com um aperto descarado em sua coxa. — Eu estava sexualmente frustrado. Eu passei semanas vendo você entrar no centro de comodidade tão sexy, e sem conseguir passar sem ser vista.

— Sem conseguir? — Ela exclama defensivamente.

— Sim, você não era o que eu chamaria de camuflada.

— Cale a boca. — Ela ri, e seu lábio inferior se sobressai quando ela simula mau humor.

— Então você me beijou naquele bar e andou na garupa da minha moto. Na noite da sua festa, eu era um louco sexualmente carente. Então eu te pego flertando com aquele cara...

— Eu não estava flertando! — Ela exclama, empurrando-me com força no ombro.

Eu enfio a mão por baixo de seu vestido e uso seu impulso para puxá-la para meu colo. Ela felizmente me atende, montando-me e apoiando as mãos nos meus ombros, brincando sem pensar com a gola da minha camiseta.

Eu deslizo as mãos lentamente subindo por suas coxas nuas, e o

movimento faz suas pernas se abrirem ainda mais.

— Eu sei que você não estava flertando, mas eu queria tanto te foder que não conseguia pensar direito.

Ela morde os lábios e esfrega um no outro, aparentemente satisfeita com a resposta.

— Bem, então, o que nós estamos esperando? — Ela pergunta, fazendo contato visual intenso comigo, enquanto descaradamente mexe seu quadril contra minha virilha.

Meu pau desenvolve sua própria pulsação quando sente o calor dela. Levanto as mãos e envolvo seu rosto, finalmente unindo nossos lábios. Seu brilho labial tem gosto de morango, e eu giro a língua em seus lábios entreabertos para sentir mais dele. Ela enfia os dedos em meu cabelo e dá tanto quanto recebe.

Então...

Ela apoia as mãos no encosto do sofá e começa a me montar intensivamente.

Eu interrompo nosso beijo, sem fôlego e um pouco tonto. Prendendo seus cachos vermelhos atrás das orelhas para poder ver seu rosto com mais clareza, eu pergunto:

— Você está se masturbando em mim?

Ela sorri, os lábios um pouco sensíveis da minha barba enquanto se esfrega de novo.

— Talvez.

Meu pau salta, e minhas mãos descem do rosto dela para apoiar-se em seus quadris enquanto sou levado pelo movimento como se ela fosse algum tipo de piscina de ondas em um parque temático. A textura da minha calça jeans se torna dolorosa quando meu pau fica totalmente duro.

— Diga o que você está pensando — ela diz ofegante, encostando a testa na minha enquanto continua a se contorcer em cima de mim.

Eu pressiono a cabeça contra o peito dela, o aperto doloroso na minha calça é insuportável, mas é algo que não quero parar. É como uma coceira tão boa de coçar, mas você sabe que, se fizer isso por muito tempo, estará esfolado e fodido até o final.

— Em modo de pesquisa já? — Eu pergunto, deslizando as mãos até o lado de suas costelas e segurando seus seios através do tecido de seda.

— Oh — ela geme alto, fechando os olhos enquanto meus dedos roçam seus mamilos claramente livres. — E sim, me diga o que está acontecendo em sua mente.

Eu mordisco seu seio através de seu vestido enquanto ela se esfrega novamente em mim.

— Estou pensando na proximidade de sua boceta enquanto se esfrega no meu jeans áspero e grosso.

— Bem grosso — ela repete, os olhos ainda fechados enquanto rebola no meu colo.

— E é tão bom ter você montando meu pau, mas aposto que seu clitóris está queimando de vontade de gozar, com toda essa fricção e atrito. Aposto que você encharcou sua calcinha.

— Sim — ela solta e passa a mão pelo cabelo enquanto se movimenta mais rápido. — O que mais?

Meu pau está ficando mais excitado a cada segundo, então decido exatamente naquele momento que nós estamos terminando essa sessão de transa a seco.

— Eu quero você nua e na cama, agora.

Seus olhos azuis se arregalam, as pupilas dilatadas e o cabelo numa bagunça selvagem quando ela deixa cair as mãos no meu peito.

— Muito eloquente — diz ela com um sorriso e olha para trás por um segundo. — Mas nós vamos lá em cima. Eu quero batizar aquela cama nova, e não consigo pensar em um momento melhor para fazê-lo.

Com um meio sorriso, eu a ajudo a sair do meu colo e olho para seu rabo durante toda a subida. Meu pau está esmagado no meu jeans, e eu mal posso esperar para deixá-lo livre dentro dela.

Quando entramos no quarto de cima, fico surpreso com a transformação. À direita, há uma mesa branca com uma cadeira estofada cinza que parece realmente muito confortável. Seu laptop repousa fechado em cima da mesa. Não há desordem sobre ela. Sem vida. Está claro que ele foi instalado e deixado completamente inutilizado até agora.

No meio do quarto há uma cama gigante *king-size*. Maior do que a que ela tem no andar inferior. Já que sou um cara grande, isso me agrada muito. Está coberta por um edredom de linho cinza com algumas almofadas coloridas espalhadas por todo o lado. Suspenso há um lustre moderno, que Mercedes reduziu, definindo o clima para mais “pesquisa”.

Ansiando por mais, estendo a mão e agarro a dela, puxando-a para mim para beijá-la. Ela pressiona meu peito, empurrando-me para trás até a parte de trás das minhas pernas bater na cama, e eu sou forçado a me sentar.

— Pesquisa primeiro — ela repreende como se eu fosse um estudante impertinente.

— Você realmente é uma viciada em trabalho — eu provoco.

— Você realmente é um viciado em sexo — ela brinca e se afasta de mim, então está parada sozinha no chão de madeira, completamente fora do meu alcance. — Então, vamos começar com algo fácil. O que corre pela sua mente quando eu faço isso?

Ela rodopia com os pés descalços, seu vestido se espalhando ao redor dela tão alto, que eu tenho um vislumbre de sua calcinha branca e das nádegas.

Ela para e eu levanto minhas sobrancelhas.

— Você quer a verdade pura?

— É claro — ela responde, sua testa franzida como se estivesse se preparando para tomar notas mentais.

— Na verdade, por eu ser como sou, tudo o que penso é que espero que você nunca use esse vestido em público novamente.

— O quê? Por quê? — Ela olha para baixo, de modo acusador.

— Porque quando você rodou, eu vi tudo. Então, ou você não pode usar esse vestido ou precisa usar uma calcinha grande de vovó por baixo. Ou melhor ainda, um dos meus shorts de basquete.

Ela ri dessa ideia.

— Meu Deus, você é demais. Ainda bem que não é meu namorado.

Sua resposta deixa meu rosto um pouco tenso, mas escondo a reação e repito:

— Ainda bem.

— Ok, vamos tentar algo um pouco mais difícil. O que você pensa quando eu faço isso? — Ela se inclina e tira a pequena calcinha branca, a que eu vi tão perfeitamente há apenas alguns segundos. Ela se levanta e a joga por cima do ombro.

— Eu estou pensando em muitas coisas — respondo, passando as mãos pelas coxas vestidas em jeans. É doloroso estar tão longe dela agora, e acho que não vou aguentar muito mais tempo.

— Ok, como exatamente o quê? — Ela gesticula para eu elaborar.

Eu pigarreio, meus olhos passando por ela como se ela fosse um prêmio que quero ganhar.

— Estou pensando que, pela umidade na frente da minha calça jeans, posso ver que você já está molhada. Na verdade, você provavelmente esteve molhada a noite toda. Da mesma forma que eu estava meio duro dirigindo para cá. Então, por você ter ficado tão molhada a noite toda, significa que não há nada que impeça que a umidade escorra das suas coxas.

Ela puxa o ar com força, como se tivesse esquecido de respirar por um segundo.

— E o que aconteceria se você visse um pouco dessa umidade escorrendo pelas minhas coxas?

Eu a observo com um olhar malicioso.

— Eu teria que lambe você com a minha língua, é claro.

— Oh, Jesus, Maria e José — ela cantarola, sua voz uma mistura de choro, gemido e súplica.

Incapaz de ficar longe por mais um momento, eu fico de pé e dou três longos passos para ficar à frente dela. Ela está descalça e completamente nua por baixo do vestido, é um milagre eu ter aguentado por tanto tempo.

Eu corro os dedos pelas laterais de seus braços e sinto arrepios explodindo ao longo de sua pele. Abaixando uma das mãos além da ponta dos dedos, toco a saia do vestido dela, subo silenciosamente por baixo do tecido e encontro sua intimidade com meus dedos.

— Como eu suspeitava — digo asperamente, enquanto meus dedos percorrem suas dobras. — Molhada pra caralho.

— Sim — ela geme, uma mão estendida e segurando meu bíceps para se

apoiar. Quando afundo um dedo dentro dela, a outra mão toca meu peito. — Oh meu Deus.

— Vou cuidar disso — eu falo roucamente em seu ouvido quando retiro a mão do meio de suas pernas.

Eu a viro em meus braços e a levo de volta para a cama. Ela se deita, com a cabeça batendo no travesseiro, os cabelos ruivos espalhando-se descontroladamente. A cama se afunda quando eu pressiono um joelho entre as pernas dela e lentamente subo seu vestido e separo suas coxas.

Eu olho para sua genitália, praticamente tremendo por mais. Lanço mais um olhar ardente antes de me abaixar e mergulhar o nariz entre as dobras.

Respiro fundo.

— Cristo, você cheira a pecado.

— Oh Deus — ela geme, e eu realmente a surpreendo com minha língua provocando sua pele, cheia de terminações nervosas. — E você tem gosto de paraíso — eu acrescento antes de lamber toda a extensão dela.

— Puta merda — ela grita alto e eu a fodo com minha língua.

Deus, ela é receptiva. Já fazia muito tempo desde a última vez em que fiz isso com uma mulher porque me recuso a fazer com garotas aleatórias. Mas Mercedes definitivamente não é aleatória. Ela é perfeita pra caralho enquanto se contorce sob meu toque. Suas costas arqueando repetidamente enquanto ela agarra a colcha e se esforça para lidar com tudo o que proporciono a ela.

Quando eu sugo seu clitóris, as mãos dela agarram meu cabelo, unhas marcam meu couro cabeludo com força, e eu rosno em sua deliciosa boceta.

— Jesus, Miles! Assim!

As vibrações da minha voz só a deixam mais selvagem, porque, de repente, suas coxas apertam minha cabeça com tanta força, que eu fico surdo por um segundo, perdido apenas nas batidas do meu coração acelerado e nos barulhos sensuais da minha boca, enquanto dou voltas com a língua por toda sua intimidade.

Eu posso dizer que ela está perto de gozar, mas não porque seus gritos ficam mais altos. É porque eles ficam mais sensíveis. No pouco tempo que passei com ela, sei que ela perde a voz quando chega a esse ponto sem retorno. É quando ela pode ver a linha de chegada, que paira sobre ela como uma bomba-

relógio.

É uma glória absoluta testemunhar isso.

Eu recuo para olhar para ela enquanto mergulho dois dedos em seu calor úmido. Quando ela gozar, quero sentir isso. Eu quero sentir tudo dessa mulher. Eu colo minha boca de volta em seu clitóris e chupo, forte. E como um simples botão, sua resposta espasmódica é instantânea.

Ela fica imóvel, enrijecendo o corpo todo, exceto no seu núcleo, enquanto os músculos se contraem, me puxando para dentro dela. Eu tenho que conter uma risada orgulhosa enquanto sinto cada tremor de sua boceta contra meus dedos.

É magnífico.

Depois de alguns instantes, sua voz retorna com longos gemidos roucos de delírio. Ela não está dizendo nada. Ela está se recuperando. Está compensando os gemidos que seu orgasmo roubou dela e, porra, é perfeito.

— Quer saber o que estou pensando agora, gata? — Eu pergunto, olhando para ela por entre suas coxas.

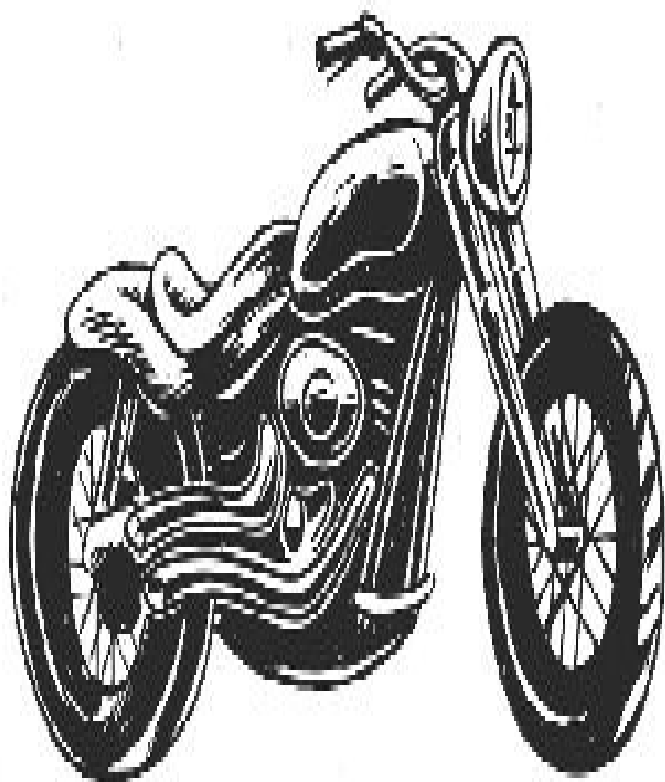
Ela olha para mim, seu cabelo despenteado, olhos arregalados, lábios entreabertos.

— Sim — ela murmura, voz rouca e exausta.

— Estou pensando que sua boceta é a melhor que eu já provei, e não sei se vou conseguir me fartar dela. — Minhas palavras honestas me pegam de surpresa, mas eu rapidamente as encubro, ficando de joelhos e tirando minha camiseta.

Quando tiro a calça jeans, e meu pau sai longo, duro e pronto para sua própria liberação, nós dois esquecemos minha admissão e voltamos ao trabalho.

Afinal, isto é apenas para pesquisa.



18

MILES

O som de batidas suaves me acorda no meio da noite. Eu suponho que deve estar chovendo lá fora e talvez Mercedes tenha deixado a janela aberta, então me viro para dar uma olhada. Tenho que piscar algumas vezes para assimilar a visão da minha ruiva sentada de pernas cruzadas na cadeira em sua mesa. Mas ela não está de frente para a janela, está de frente para a cama. Seu rosto está iluminado pela suave luz branca da tela de seu laptop, e ela está muito focada no que está fazendo a ponto de não perceber que eu a observo.

Ela está vestindo minha camiseta preta, e aposto que não veste mais nada, já que o laptop repousa diretamente na abertura do meio de suas pernas. Sua língua desliza para fora da boca, correndo ao longo do lábio superior e inferior, e acho que ouço um pequeno gemido escapar de seus lábios, mas esse fato não impede que seus dedos voem pelo teclado.

É uma visão adorável, que me deixaria muito inclinado a me sentar e desfrutar se eu já não estivesse com uma ereção furiosa. Eu me apoio na cabeceira e tenho que pigarrear para ela me notar.

— Jesus Cristo! — Ela exclama com um sobressalto, a mão pressionando o peito. — Há quanto tempo você está acordado?

— Apenas alguns minutos. — Franzo a testa ao ver seus olhos arregalados e culpados. — O que você está fazendo no seu computador que é tão importante, no meio da noite?

Minha mão instintivamente pega o cobertor em antecipação, porque se fosse Jocelyn, o que ela estivesse fazendo não seria bom.

Os olhos de Mercedes brilham de excitação.

— Estou escrevendo!

— À esta hora? — Eu pergunto, duvidando, olhando para o relógio digital no criado-mudo que mostra que são 3:18 da manhã.

— Eu não consegui dormir! — Ela encolhe os ombros. — As ideias têm jorrado desde o minuto em que apagamos as luzes.

— Você está escrevendo desde que fomos para a cama?

— Bem, não, eu fiquei pensando durante uma hora primeiro. Estava tentando sussurrar cenas no gravador de áudio do meu celular para não te acordar, mas eu simplesmente não aguentava mais. Tive que me levantar e escrever mesmo!

Ela vira seu laptop na minha direção, para me mostrar um documento de texto cheio de seus esforços.

— Cinco mil palavras em três horas. Essa é a mágica da loja de pneus bem aqui!

Eu meio que sorrio, meu corpo inteiro relaxando com um estranho alívio.

— Talvez seja a mágica de Miles Hudson.

Seu olhar desce para me pegar mais completamente desta vez. Meu peito nu está totalmente exposto, e o cobertor está tão baixo que ela consegue ver o profundo músculo V dos meus abdominais. Não deixo de perceber o olhar intenso em seus olhos.

— Você quer voltar para a cama para que eu possa te mostrar um pouco mais de magia? — Eu agito as sobrancelhas para ela sugestivamente.

Ela morde o lábio e olha para o computador, claramente lutando consigo mesma para decidir o que é mais importante. Aparentemente, é uma conversa rápida porque, num piscar de olhos, ela deixa o laptop de lado e pula em cima de mim.

Eu dou risada e me viro na cama de modo a estar por cima, entre suas pernas, mordiscando seu pescoço e subindo a camiseta para que eu possa sentir suas coxas nuas ao redor do meu corpo.

— Eu acho que acordar ereto vai ser algo constante com você — eu murmuro, mordendo seu mamilo através da camiseta.

Ela grita e se contorce contra a minha virilha.

— Eu acho isso ótimo.

Com todo o contorcionismo que ela está fazendo, a ponta do meu pau encosta em sua genitália. Ela está molhada e quente, e minha nossa, o contato direto da pele com a pele me faz gemer. Eu pressiono o rosto em seu pescoço e solto um gemido:

— Porra, você é muito gostosa.

— Você também — ela afirma, seu quadril pulsando na minha direção, tentando me levar para mais dentro dela.

— Gata, pare — eu digo, deslizando a testa até seu ombro, minha respiração ofegante. — Eu tenho que pegar um preservativo.

Ela dá um leve gemido frustrado quando saio de dentro dela e pego minha carteira na mesa. Eu me deito de costas e desenrolo o preservativo, sentindo seus olhos em mim o tempo todo.

— Este é o meu último, então não há sexo de manhã para você.

— Agora é de manhã — ela retruca, apoiando-se nos cotovelos para que eu possa ter uma visão melhor.

— Sem sexo de café da manhã para você, então — eu corrijo.

Ela ri.

— Tudo bem. Você estará ocupado demais tentando sair de fininho de qualquer maneira.

Eu resmungo com esse comentário engraçadinho e volto a rolar para cima dela, jogando uma de suas pernas no meu ombro. Pressiono a cabeça de meu pênis agora “embrulhado” dentro dela e digo com a voz rouca:

— Eu acho que nós estamos bem além do estágio de sair de fininho, não é? — Quando eu a penetro, esse ângulo me permite entrar tão fundo, que ela grita quando meu pau quase toca o colo do seu útero. Seus dedos se fincam em meus braços.

— Meu Deus, Miles!

— Isso mesmo, querida, quero te ouvir desta vez. — Eu abaixo a cabeça em seu peito e mordisco os seios cobertos com a camiseta. Eu deveria ter tido tempo para arrancar a peça, mas instantes desesperados pedem medidas desesperadas.

Sua voz está rouca quando responde:

— Você está indo muito fundo. Está muito intenso. Não tenho certeza se posso...

— Você pode — eu encorajo, dirigindo-a lenta e duramente. Profunda e longamente. Minha bunda vai para a frente e para trás a cada estocada. — Você pode me levar.

— Ai, meu Deus — ela choraminga, a outra perna envolvendo meu quadril, o calcanhar cavando na parte inferior das costas. — Isto é incrível.

— Puta merda, você está certa pra caralho — eu respondo e percebo com uma súbita surpresa que não é assim com todas. Eu dormi com pelo menos uma dúzia de mulheres desde a minha separação com Joyce, e ninguém chegou nem perto de envolver tão bem meu pau. Nem mesmo Joyce.

Eu aumento a velocidade dos meus movimentos, tentando afastar meus pensamentos rebeldes, e saborear essa foda que está na metade. Entre os ruídos úmidos e eróticos de nossas respirações e a infinidade de gemidos, grunhidos e roupas espalhadas pelo quarto, nós estamos criando a melhor trilha sonora que eu já ouvi.

Mercedes se encaixa embaixo de mim, me encontrando a cada empurrão. Cada vez mais quieta e silenciosa enquanto ela se movimenta juntamente comigo. Nós estamos em sincronia. Sincronia perfeita e libertadora.

Ela envolve meu pescoço com as mãos e pressiona o rosto contra o meu, gritando no meu ouvido ao gozar. É uma mistura de suspiros e respirações arfadas. É uma coisa de louco. Não faz nenhum sentido, mas meu pau gosta disso, e com uma explosão final de energia, vou logo atrás dela, explodindo dentro do preservativo e sabendo que não há como eu não ficar para comer panquecas com essa mulher.



19

KATE

Eu entro na Rise and Shine Bakery, o lugar fofo na Broadway na rua da área de coworking de Dean, no centro. O cheiro de donuts e café fresco faz minha barriga roncar, e vou até o balcão para pedir dois croinuts. *Croinuts* é uma combinação de croissant e donuts, pela qual essa padaria em Boulder é famosa nacionalmente. Uma combinação amanteigada e salgada, mas doce e crocante que é basicamente como um orgasmo em forma de carboidrato.

A adorável loirinha atrás da registradora sorri e responde:

— Você vai ter que pegar uma senha. Nosso próximo lote só deve sair daqui a uma hora e meia. Você está planejando ficar aqui por um tempo?

— Sim, eu não tenho nenhum problema em esperar — respondo, segurando a mochila no ombro para enfatizar.

Ela aponta para a pequena máquina de números que literalmente cospe uma ficha de papel com um número, e eu o puxo. Eu pago por dois cafés e um brownie de aperitivo e avanço para encontrar uma mesa para esperar por Dean.

Dean e eu geralmente tentamos nos encontrar aqui uma vez por semana para nos atualizarmos e trocarmos figurinhas. Este era o lugar onde ele me pedia conselhos sobre como dizer a Lynsey que só queria ser seu amigo. Eles só namoraram por um mês ou dois, mas ele disse que quanto mais a conhecia, mais olhava para ela como uma irmã e não como uma mulher com quem queria dormir.

Por outro lado, eu estava recebendo textos em pânico de Lynsey, dizendo que Dean ainda não estava dando em cima dela, querendo saber o que ela deveria fazer para que ele *virasse homem e a fodesse logo*.

Os dois se separaram, pelo menos romanticamente, definitivamente foi melhor assim. Eles eram muito parecidos. Fiquei feliz por eles terem realmente conseguido manter a amizade. Demorou um pouco mais, mais por parte de Lynsey do que de Dean, mas agora é quase como se nunca tivesse acontecido.

Desde então, esta padaria se tornou meu lugar sagrado com Dean. E é o único local na cidade no qual não me recuso a gastar US\$ 5,79 por uma xícara de café. Porque... croinuts.

Eu caminho para uma cabine vermelha-escura perto da janela panorâmica com vista para a Broadway Street. Eu abro o celular e vejo que perdi uma mensagem de Miles.

Miles: Meu pau sente falta de você.

Eu: Seu pau é insaciável. Só faz dois dias.

Miles: Pois é. Como estão fluindo as palavras?

Eu: Bem. Embora não tão bem quanto naquela noite. ;)

Miles: Talvez isso signifique que você precisa fazer mais pesquisas.

Eu: haha Pode ser. Na verdade, pensei em voltar para a loja de pneus amanhã.

Miles: Eu estou sendo substituído pelo Centro de Comodidade do Cliente?

Eu: Por que eu não posso ter meu bolo e comê-lo também?

Miles: Eu consigo dizer outra coisa que preferiria estar comendo.

Eu: Ai, Meu Deus, você é indecente.

Miles: Diz a escritora de pornografia.

Eu: Se eu disse, deve ser verdade.

Eu jogo a cabeça para trás para rir e quase pulo do assento quando vejo Dean parado ao meu lado, olhando por cima do meu ombro.

— Meu Deus, Dean, diga olá ou algo assim!

— Eu estou literalmente parado aqui há quase cinco minutos — ele retruca, com um olhar sem graça.

— E lendo minhas mensagens? Deus, seu idiota intrometido. Sente-se.

— Eu preciso pegar uma senha — ele diz, apontando para trás.

— Não, você não precisa. Eu pedi para você.

Eu empurro o segundo café para o lado dele na mesa, e ele parece aliviado quando tira o blazer. Ele está vestido com um terno de linho azul marinho hoje, com uma camisa branca por baixo. Sem gravata. Um par colorido de meias listradas azuis e brancas aparece acima de seus caros sapatos marrons. Até mesmo seu cabelo escuro parece caro, cuidadosamente penteado de lado

com gel, uma aparência imaculada que está em contraste direto com a barba masculina. Eu balanço a cabeça pensando no dinheiro que Dean deve gastar só com sua aparência.

Não me entenda mal. Eu tenho uma boa vida. Mas gasto de forma diferente do que ele gasta. E eu gosto das roupas da Target de verdade.

Ele desliza para dentro da cabine, pendurando o blazer na outra extremidade da mesa antes de me fixar com um olhar.

— Eu vi a caminhonete dele na frente de sua casa algumas noites atrás.

— Qual caminhonete? — Eu pergunto, fingindo indiferença.

— A de Miles, de quem mais?

Eu estreito meus olhos.

— Como você sabe que era a caminhonete dele?

Ele ri.

— Porque eu não conheço nenhum outro cara em Boulder que dirija um veículo enorme assim.

— Oh, meu Deus, você é tão esnobe.

— Então ele passou a noite na sua casa? — Ele pergunta rapidamente, com as mãos colocando o café para o lado, para que possa cruzar as mãos sobre a mesa.

Não acredito que ele está perguntando isso.

— O que foi? Você foi conferir novamente na manhã seguinte?

Ele parece completamente desavergonhado quando responde:

— Talvez. — Isso me faz revirar os olhos.

— Pare de se preocupar. Não é nada sério. Nós estamos apenas... brincando.

Ele assente e ri.

— Isso é exatamente com que eu estou preocupado, Kate.

— Por quê? — Eu pergunto, despejando açúcar extra no meu café porque, com o jeito que Dean está agindo, tenho a sensação de que vou precisar de muita energia.

— Porque, para começar, esse cara já te rejeitou uma vez.

— Obrigada pela lembrança! — Eu exclamo, mexendo o açúcar com a colher sobre a mesa.

— Sinto muito, mas ele fez isso. E você ficou chateada pra caralho com isso por dias. Foi um saco te aguentar quando aconteceu.

— Bem, por favor, deixe-me pedir desculpas por permitir demonstrar emoções na frente dos meus amigos.

— Não era das suas emoções que eu estava com raiva. Era desse idiota, Miles.

— Você não sabe se ele é um idiota.

— Oh, por favor. — Ele zomba e passa os braços sobre o encosto. Ele parece muito pomposo e arrogante, sinto vontade de dar um soco nele. — Ele é mecânico em uma loja de pneus. Será que é brilhante?

Eu bato minha colher na mesa.

— Você está me zoando com essa merda?

— Não — diz ele, a mandíbula rígida sob a barba.

— Quem diz isso é alguém que parou de estudar no ensino médio?

— Eu conquistei meu diploma e sou autodidata.

— Em quê? Em ser um fodido idiota? — Eu esbravejo e me movimento para me levantar.

— Sente-se, Kate. — Ele estende a mão para me segurar.

— Eu não vou me sentar! — Eu recuo e me livro de sua mão. — Mas que merda, Dean. — Eu estou irada, me sentindo muito magoada e chateada com o julgamento apressado em relação a Miles. Um homem que ele nem conhece. Isso faz com que eu me lembre do olhar que recebo de pessoas que não apoiam o que eu faço para viver, ou que pensam que sou apenas uma coisa. Miles é muito mais do que Dean pensa, e se ele não pode ver isso, não quero estar perto dele.

Eu repreendo Dean com um olhar sério e digo:

— Eu me envolvo com pessoas que são inclusivas e não preconceituosas, porque tenho um trabalho estranho. Eu escrevo romances eróticos para ganhar a vida, e não quero amigos julgadores no meu lado porque isso me torna uma

hipócrita acerca dos personagens que eu escrevo. E Miles é muito encorajador em relação ao que eu faço. Mais encorajador do que você já foi, e isso conta muito no meu livro! E ele não é burro, em absoluto. Ele é realmente muito perspicaz, e você pode descobrir isso se parar de menosprezar as pessoas.

O rosto de Dean fica vermelho como uma beterraba, o pânico se instalando sobre suas feições enquanto eu me movo para ir embora.

— Não vá, Kate. — Ele se levanta e me puxa de volta para si.

— Não — eu exclamo, me livrando de seus braços. — Sinto muito, mas se você vai começar a agir assim, então não vejo como podemos continuar nossa amizade.

— Kate! — Ele repete meu nome com tanta urgência que eu paro para olhar para ele. Seus olhos estão arregalados e mais aterrorizados do que nunca, uma espécie de pânico dominando seu corpo inteiro quando ele finalmente gagueja: — Gosto de você.

Dou de ombros.

— Bem, eu pensei que gostasse de você também até você se transformar em um boçal idiota.

— Não, quero dizer, eu realmente gosto de você. — Ele fecha os olhos e desliza as mãos para dentro dos bolsos das calças, com uma postura resignada.

Mas por alguma razão, suas palavras ainda não são assimiladas completamente. Minha expressão de raiva se transforma em descrença.

— Você gosta de mim como uma melhor amiga ou você...?

Ele me observa com um olhar severo e responde:

— Eu gosto de você como mais do que uma melhor amiga, e não é algo que eu possa ignorar mais.

— Dean — eu digo com um suspiro, sentindo um frio na barriga como se estivesse em uma maldita montanha-russa. — Há quanto tempo?

— Alguns anos — Ele responde entredentes, senta-se de novo e passa a mão pela barba nervosamente. — Mas eu estava com Lynsey, e você estava com aquele babaca, o Dryston.

Eu me sento de novo, estou boquiaberta, e digo:

— Você nunca disse nada.

— Eu estava esperando o momento certo. — Ele encolhe os ombros.

— Mas Dryston e eu estamos separados há meses.

— Mas ele ainda mora com você! — ele responde, inclinando-se sobre a mesa com olhos arregalados e insistentes. — E vocês ficaram juntos por dois anos, Kate. Você precisava de tempo para superar essa merda. Eu não ia ser o cara do consolo. Eu queria mais que isso. Então essa porra de mecânico surge do nada e, de repente, você é uma Kate casual. Espere, não... *Mercedes* casual.

Eu me recosto, meus dentes rangendo por ele jogar isso na minha cara.

— Você sabe por que eu disse a ele que meu nome era Mercedes.

— Eu sei que é ridículo estar saindo com um cara que não conhece o seu eu verdadeiro.

— Ele conhece o meu eu verdadeiro! — Eu argumento. — Ele sabe mais sobre mim do que Dryston jamais soube em nossos dois anos juntos.

— Mas você está se conectando com um cara que ainda não sabe seu nome verdadeiro. Como você acha que isso vai acabar, Kate?

— Eu não sei. Nós estamos num lance casual agora, mas talvez pudéssemos ser mais.

— Veja! Isso é o que me mata. Eu pensei que Miles seria apenas um cara do consolo, mas você está tentando forçá-lo a ser mais, e eu estou bem aqui tentando te oferecer mais! Esse cara nem sabe o seu nome verdadeiro, e você está chocada com a minha esperança? Saia do seu pedestal, Kate.

— Que pedestal?

— Você é tão cega e egocêntrica. Você deveria ter previsto isso.

Estou boquiaberta.

— Como é que é?

— É verdade. Quando você está no mundo dos livros, você ignora tudo e todos ao seu redor.

— É o meu trabalho, Dean! — Eu exclamo. — Eu não posso evitar. Não é um maldito interruptor que eu possa desligar.

Ele bufa pelo nariz.

— Você realmente não viu os sinais?

Eu fecho os olhos com força e reanaliso o tempo passado. Dean é um paquerador. Ele sempre foi de flertar. Ele fica de mãos dadas, joga meu chinelo para fora das portas, ele diz muitas besteiras para mim... muito mais do que fala para Lynsey. Ele é como uma criança no parquinho, que puxa as tranças de uma garota porque gosta dela.

Essa percepção me atinge como uma tonelada de tijolos.

Eu olho para Dean que parece tão derrotado que me entristece. Mas eu tenho que ser honesta com ele.

— Eu gosto de Miles — afirmo com um simples encolher de ombros.

— Mas ele só quer um lance casual — Dean responde, inclinando-se para mim e agarrando minha mão. — Eu quero muito mais com você, Kate. Eu quero tudo. O bom e o ruim. Você disse que Miles não quer drama. Eu vou aceitar todo o seu drama porque me preocupo com você.

Suas palavras estão me matando. Lentamente me cortam como minúsculas picadas de ansiedade porque, independentemente da disposição de Dean de se comprometer, eu não o vejo assim. Eu livro a mão da sua e respondo:

— Sinto muito, Dean.

Ele se afasta e bufa com um aceno de cabeça.

— Eu ainda quero que sejamos amigos — eu acrescento, mas ele me corta com um olhar mordaz.

— Eu preciso que você vá — ele afirma, com a mandíbula rígida de raiva.

— Dean...

— Eu não estou brincando, Kate. Isso foi pior do que eu poderia imaginar, e eu preciso que você vá antes que este lugar perca a graça para mim. Todos nós temos nossos pequenos lugares em que sentimos a vibe, e esta é a minha loja de pneus. Então, por favor, você pode sair?

Vendo o olhar resignado em seu rosto, que não posso ignorar, pego minha mochila do banco e saio da mesa.

— Eu sinto muito, Dean.

Ele assente friamente, e sem dizer mais nada, eu me viro e saio, deixando Dean para trás esperando nossos pedidos.



20

KATE

— Oi — Miles exclamou, com os olhos arregalados e surpresos enquanto eu dava a volta em uma caminhonete vintage da qual ele estava trabalhando.

Ele me dá um sorriso reluzente, e eu tenho que parar para me estabilizar na caixa de ferramentas ao meu lado. Miles não está vestido com seus macacões padronizados da loja de pneus. Ele está vestido com jeans desgastados e uma camiseta branca que parece um pequena demais para seu peito enorme.

— Eu estava indo em direção ao centro de comodidade, e pensei em falar oi já que a porta da garagem estava aberta.

Ele solta uma peça de carro meio esquisita e puxa a barra da blusa para limpar o suor da testa. *Jesus, Maria e José, até sua barriga está suja.*

Seu corpo inteiro está brilhando com suor e óleo, e seus brilhantes olhos azuis estão elétricos como sempre. Tudo isso está afetando meu corpo.

Eu pigarreio e pisco rapidamente algumas vezes para me controlar.

— O que é isso? — Eu pergunto, apontando para a engenhoca que ele pousou no chão. Preciso distrair meus pensamentos do quanto eu quero fodê-lo aqui nesta garagem suja.

— Um carburador — ele responde, esboçando um meio sorriso.

— Para que serve? — Eu pergunto como a boa aluna que nunca fui.

— Ah, um pouco de tudo. — Ele coça a nuca e levanta-se para me mostrar. — Você realmente quer saber?

Afirmo, quero. Eu quero mesmo. Eu quero ouvi-lo falar um pouco de mecânica para mim agora mesmo.

Ele pigarreia.

— Bem, isso mistura uma proporção adequada de gasolina e ar dentro de um motor para que a combustão ocorra. A proporção correta é necessária com base na velocidade de um carro, distância percorrida e outros fatores para melhor desempenho do motor. Hoje em dia, a maioria dos carros tem injetores de combustível, mas esses clássicos ainda funcionam com esses.

— Interessante — eu digo com a voz rouca, aproximando-me dele e encostando na grade da caminhonete.

Ele se aproxima de mim, seu ombro e sua perna roçam na minha quando ele acrescenta:

— É como uma vela que precisa de oxigênio para queimar. A combustão de um motor não pode ocorrer sem o ar que o carburador traz.

Eu mordo os lábios e depois esfrego um no outro lentamente, meu gloss pegajoso no calor do verão.

— Mais ou menos como um orgasmo não pode ser alcançado sem atrito.

Seu corpo treme com uma risada silenciosa.

— Claro, nós poderíamos traçar esse paralelo.

— Eu gostaria de desenhar esse paralelo em breve — eu respondo baixinho.

Seus olhos se intensificam com o meu pedido muito claro.

— Você tem algo em mente?

Eu me pergunto se uma rapidinha na garagem da loja de pneus é uma opção, mas depois tiro essa ideia horrível da cabeça quando outro pensamento surge.

— Sim, claro. Queria saber se você tem ido acampar.

Sua testa se franze diante desse pedido surpreendente. Claramente Miles estava contemplando uma rapidinha na garagem também. Ele pigarreja e responde:

— Costumo acampar de vez em quando. Sam e eu costumamos ir a *Rainbow Lakes* algumas vezes durante o verão. A pesca é muito boa lá.

— Pesca! — Eu digo animadamente. Porra, é como se isso tivesse se encaixando perfeitamente. — Eu adoraria aprender a pescar. Você consideraria, não sei, me levar para acampar, Miles? No interesse da pesquisa literária, é claro.

— Bem, se é para a pesquisa literária — ele dá uma piscadela enquanto pousa o carburador no carrinho. — Você tem um dia em mente?

— O mais rápido possível — digo e fecho a boca, revirando os olhos para o céu. Isso não foi legal. Eu não estou sendo Mercedes casual agora. —

Minha agenda é realmente flexível, então quando for melhor para você.

Ele assente lentamente, e tira um pano do bolso de trás para limpar as mãos.

— Bem, não há um monte de locais para barracas de acampamento no *Rainbow Lake*, e eles não aceitam reservas. Então teríamos que sair cedo na sexta-feira se nós quisermos conseguir um lugar.

— Você não tem que trabalhar? — Eu pergunto, olhando ao redor da enorme loja cheia de rapazes e carros.

Miles encolhe os ombros com uma expressão envergonhada no rosto.

— Eu tenho férias para tirar.

Não consigo esconder o sorriso de satisfação no meu rosto. E sinceramente, nem quero.

— Você usaria suas férias por mim?

Ele ri e concorda, a timidez tomando seu rosto.

— Bem, eu estou muito comprometido com sua instrução, Mercedes.

Eu rio com essa resposta e toco seu braço.

— Eu vou fazer valer a pena.

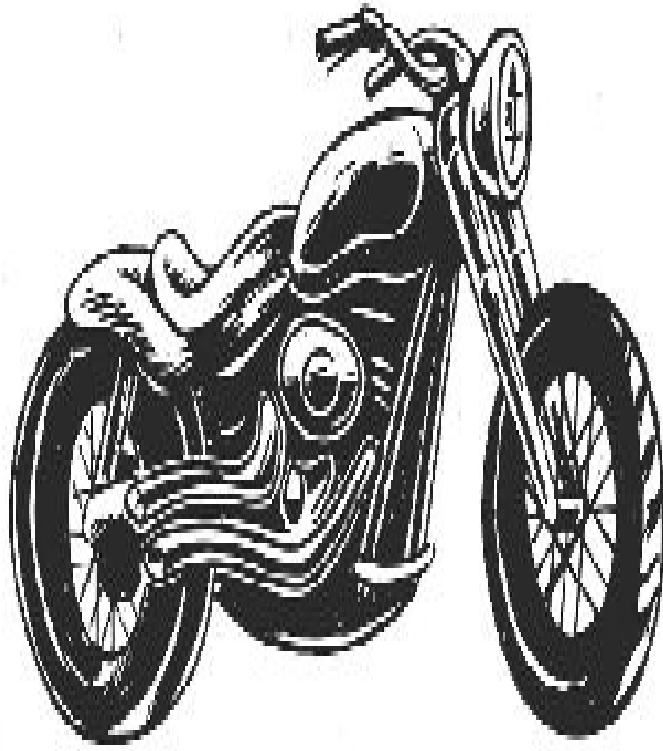
Eu ergo as sobrancelhas sugestivamente, e ele replica:

— Oh, acredite em mim, eu sei que você vai. — Ele anda para trás e balança a cabeça, claramente precisando de algum espaço para parar de pensar besteira. — Ok, então, eu vou buscá-la sexta-feira de manhã, às oito.

— Oito me parece ótimo! — Eu grito e me viro para sair. Eu desço o corredor em direção à entrada dos funcionários e não posso deixar de notar a maneira como ele observa minhas pernas nuas. — É melhor eu ir... de repente eu estou me sentindo muito inspirada.

Eu me viro para correr e quase trombo no amigo de Miles, Sam, que acabou de virar o corredor no mesmo instante.

— Desculpe — eu murmuro com um sorriso tímido e envergonhado, e apresso-me pelo caminho de sempre em direção ao lugar onde iniciei essa louca jornada.



21

MILES

Dirigir pela estrada com Mercedes na minha caminhonete, seu sorriso maior do que eu já vi, não é uma maneira de passar um dia das minhas merecidas férias. Eu não sabia que garotas se animavam tanto para acampar. Embora, para ser sincero, minha experiência com mulheres seja bastante limitada. Jocelyn não gostava nem um pouco do ar livre, e minha irmã, Megan, temia os nossos acampamentos familiares na infância. Então eu acho que esta será uma nova experiência para nós dois.

Depois de um pouco mais de uma hora de carro, nós entramos em *Rainbow Lakes*, e eu estou animado ao ver que nós somos os primeiros a chegar. Existem cerca de vinte locais para barracas e pessoas no esquema de servir quem chega primeiro. Sam e eu tentamos escolher um determinado lugar sempre que estamos aqui, porque ele tem a melhor vista do pequeno lago, com enormes montanhas ao longe. Além disso, o local oferece um pouco de privacidade das outras pessoas, e isso é sempre uma coisa boa.

Não é que eu odeie as pessoas, mas apenas gosto do meu espaço. É por isso que acabei comprando uma casa fora de Boulder. Tudo na cidade parecia muito cheio. Eu não escolhi o Colorado para ter uma vida urbana.

Nós dirigimos por um caminho de terra danificada, através de algumas árvores grandes e até o topo da colina pequena do nosso local. Mercedes se surpreende ao ver a vista.

— Oh, Miles, isso é perfeito! — Ela exclama, saindo do carro assim que eu paro.

Ela se dirige à frente da caminhonete para apreciar a vista, e eu tenho que lutar contra o desejo de puxá-la de volta para dentro e acabar fodendo-a aqui e agora. Ela está linda de shorts curtos cáqui, All Stars brancos e camisa de flanela vermelha e branca. Seu cabelo ruivo está preso em duas tranças que caem sobre os seios, e ela está usando um boné de beisebol dos Yankees puxado para baixo. Eu disse a ela alguns absurdos muito sérios sobre isso assim que a vi hoje cedo. Sério, como você cresce no Colorado e não é fã dos Rockies?

Eu saio para ficar ao lado dela, enfiando as mãos nos bolsos e respiro profunda e calmamente. O ar é fresco, o sol da manhã está quente, e sinceramente não consigo pensar em um lugar em que preferiria estar agora.

— Este lugar é muito perfeito — eu respondo, vendo tudo com novos olhos. Eu aponto para uma área à direita. — Há uma trilha aqui que leva até a água.

— Oh, isso é conveniente — ela diz, olhos brilhantes, sorriso permanente.

— Sim, você pode nadar nesse lago também. A água é cristalina.

Ela olha para mim com olhos acusadores.

— Você não me disse para trazer minha roupa de banho!

Ergo as sobrancelhas.

— Eu sei. — Ela revira os olhos e me bate no braço. Com uma risada, pego sua mão e a puxo de volta para a caminhonete. — Vamos lá, temos trabalho a fazer.

Nós vamos montar nosso acampamento. Primeiro, eu coloco a lona no chão, onde nós montaremos a barraca. Depois, peço-lhe que me ajude a empurrar os bastões da barraca através das ranhuras e fixar com um martelo. Minha barraca é uma tenda de bom tamanho, de dois cômodos, que funciona bem para Sam e eu. Mas para Mercedes e eu, um lado será para nossas malas, e o outro lado será para nós.

Ela ri e me empurra, quase me jogando cair sentado.

— Você é um grande idiota com tesão, às vezes, sabia?

— Diz a escritora de pornografia — eu repito minha brincadeira de nossas mensagens anteriores. Ela fica boquiaberta quando acrescento: — Sério, como você tem credibilidade na comunidade de romances sendo tão puritana?

— Seu filho da puta! — Ela grita e pula em cima de mim, facilmente me derrubando para trás dessa vez, caindo em cima de mim.

Eu rio e dou um gemido quando minhas costas batem em algo no chão.

— Ai! — Grito e levo a mão para me afastar da pedra sob nós. — Viu? Eu não teria me machucado se você fosse capaz de não me agarrar por tempo suficiente para colocar o colchão no lugar.

— Você é tão idiota! — Ela ri e afunda os dedos no meu corpo para tentar me fazer cócegas.

É completamente ineficaz.

Eu rio da língua dela para fora da boca enquanto ela se concentra muito para me fazer me contorcer. Mas sinceramente, só ela está se contorcendo. E com toda essa contorção, e ela me cobrindo, não é de admirar que meu corpo finalmente reaja.

Seu quadril encosta na minha ereção e ela arfa. E para de morder o lábio inferior.

— Sério? — Ela pergunta, com olhos curiosos.

Eu levanto a mão e tiro seu boné, jogando-o para o lado e envolvendo seu rosto deslumbrante em minhas mãos.

— Sério. — Eu puxo seu rosto para o meu, conectando nossos lábios e rolamos para que eu fique por cima. Eu interrompo nosso beijo e digo asperamente: — Eu só vou fazer isso sem o colchão uma vez, então espero que você possa se controlar um pouco melhor quando gozar.

Ela ri e se engasga quando minha mão avança na frente de seu short e desliza sobre os lábios da sua boceta. Eu empurro dois dedos dentro dela, e ela geme meu nome bem no meu ouvido, a umidade de seu hálito quente deixando meu pau maluco.

— Sempre tão molhada — eu digo e chupo forte seu pescoço, sabendo que vou deixar marca.

Eu me afasto e vejo a mancha inflamada vermelha aumentar. A imagem da minha marca nela faz meus dedos trabalharem ainda mais rápido dentro de seu corpo. Ela está balançando o quadril nas minhas mãos de forma bem descarada, eu sei que ela quer mais. E caralho, eu também.

— Tire seus shorts — digo, puxando a mão para fora de sua calcinha e pegando minha carteira do bolso.

Ela se senta e pega a embalagem da minha mão.

— Eu quero colocar dessa vez.

Ergo as sobrancelhas.

— Tudo bem.

Ela morde o lábio e abre o zíper da minha calça jeans, as sobrancelhas franzidas enquanto se concentra. Quando meu pau balança na frente dela no nível dos olhos, eu a ouço inspirar lentamente. Ela é tão gostosa, encarando meu pau como se fosse algum tipo de pintura em um museu sobre o qual ela quer

refletir por um tempo.

É tão sexy que tenho que desviar o olhar.

Quando ela me pega na mão, eu suponho que vai finalmente rolar o preservativo, mas quando sinto um calor quente e úmido, olho para baixo para ver seus perfeitos lábios rosados envolvendo a cabeça de meu pau.

— Caramba, gata — dou um gemido alto, minha voz como um som gutural enquanto ela me chupa bem fundo. Passa a língua ao longo da parte inferior, acariciando uma veia que é sensível a basicamente tudo. — Oh, maldição, gata — eu digo lentamente, grato por ser capaz de formar palavras coerentes agora.

Ela mantém a mão pequena fechada ao redor da minha base e está me bombeando em ritmo perfeito com o balançar de sua cabeça. Deus, ela é sexy. Eu me abaixo e seguro suas duas tranças, agarrando-as em minhas mãos e guiando seus movimentos no meu pau. Quando empurro suavemente para dentro de sua garganta uma vez, ela geme alto enquanto me chupa.

Eu acho que vou gritar.

Eu faço isso de novo, e ela geme mais um pouco, quase como se eu estivesse fodendo sua boca como se fosse tão prazeroso para ela quanto quando eu a penetro.

— Mercedes — eu aviso, mas ela me ignora. — Mercedes, — eu digo de novo, e ela me ignora ainda mais, e move as mãos para baixo para brincar com minhas bolas. — Gata! — Eu digo e arranco meu pau de sua boca, e o afasto dela.

Ela está ofegante, inspirando, sua boca ainda aberta. Lábios ainda molhados e sensíveis de tanto chupar e lambe.

— O quê? — Ela resmunga, aparentemente irritada.

— Você faz um boquete do caralho, mas a menos que você queira que eu exploda em sua boca, você tem que parar, ou eu não vou conseguir te foder.

— Goze na minha boca — ela afirma, estendendo a mão para mim novamente.

Eu me inclino e pressiono a testa no ombro dela.

— Você está brincando comigo?

Ela balança a cabeça, negando.

— Não, é sério.

Jesus fodido Cristo, o que eu vou fazer com essa garota? Eu olho para ela com seriedade.

— Mais tarde — digo ríspidamente, curvando-me para pegar o preservativo que ela abandonou no chão e rasgando a embalagem.

Eu seguro o preservativo para ela.

— Coloque isso em mim para que eu possa te foder por trás com você de joelhos.

Seus olhos se arregalam de empolgação. Ela concorda com essa mudança de direção agora, e concentra toda a sua atenção no meu pau latejante e molhado enquanto ela enrola a camisinha nele.

Eu a ajudo a arrancar seu short e calcinha, e ela rapidamente tira a camisa de botão e gira sobre os joelhos, ficando apenas de sutiã, a bunda no ar, posicionada e pronta.

Meu Deus, sim, ela é linda pra caralho. Bunda redonda e perfeita. Cintura pequena e desenhada. Eu afasto seus joelhos e levanto um pouco seu quadril.

Pressionando a palma da mão na parte inferior das costas, deslizo a mão lentamente por sua espinha para que seu peito se encoste no chão. Eu posiciono meus dedos ao longo de sua fenda e encontro a vagina pronta e esperando. Pressionando meu pau contra seu calor, eu acho onde preciso estar e empurro, profunda e fortemente.

Nós dois gememos alto em resposta à sensação. Quando fica óbvio que ela não vai ficar quieta, rapidamente me parabenizo por ter escolhido um local isolado longe dos malditos vizinhos intrometidos.

— Não vai ser suave, gata. Você está bem com isso?

— Sim, Miles, me come! — Ela grita, sua voz rouca, sua necessidade evidente.

E é exatamente o que eu faço. Eu agarro suas pequenas tranças sensuais, e penetro sua boceta até nós dois desabarmos... juntos.



22

KATE

Miles Hudson foi feito para regiões selvagens. Ele não tem aquele jeitão de homem da montanha que tantos caras do Colorado têm, tem a aparência de um homem que gosta de ar livre e espaços abertos. Provavelmente por ser muito grande. Mas vê-lo aqui de jeans, botas e uma camisa básica branca de manga longa, com as mangas arregaçadas, no cenário de grandes pinheiros, montanhas e lagos ao fundo, é como se ele tivesse encontrado seu lugar no céu.

E talvez os orgasmos que nós dois atingimos mais cedo tenham ajudado.

Nós terminamos de montar o acampamento e caminhamos até a beira do lago com algum equipamento de pesca. Eu estou bem animada por não ter de fingir que não sei pescar. Meu pai é contador, e era mais um “turista de resort” do que alguém que dizia “vamos para um lugar onde não haja eletricidade, água corrente nem chuveiros”.

Então isso é realmente uma experiência nova para mim.

Nós encontramos um lugar em cima de algumas grandes pedras arredondadas ao longo da costa para lançar nossas varas. Miles coloca a minhoca no anzol, suas mãos viris sujas de tripas e lama, que ele apenas esfrega no jeans como se não fosse nada. Então ele me toca com os mesmos dedos com tripas de minhoca enquanto me mostra como lançar.

Isso não é nada grosseiro.

Isso é viril.

Isso é sexy.

Isso é Miles.

Depois de um tempo observando minha boia flutuar, Miles pega o pequeno cooler e o abre para pegar uma cerveja. Ele desrosqueia a tampa da garrafa e me entrega.

— Obrigada — eu digo, pegando-a dele e levando-a aos meus lábios para dar um gole.

— Eu percebi que você estava com sede. — Miles pisca e sorri. — Depois daquela garganta profunda.

Eu rio alto.

— Meu Deus! Esqueça isso.

— Nunca — ele retruca e olha para mim com uma piscadela.

— Eu sou melhor companheira de acampamento do que Sam? — Eu pergunto com um sorriso tímido.

— Uh, sim. Aquele filho da puta ronca — ele responde seriamente. — E usa dentadura.

Eu rio novamente, tão forte que as lágrimas brotam dos meus olhos. Miles recosta-se com um sorriso e me observa recuperar o controle de mim mesma.

— O ar da montanha deixa você engraçado — eu respondo.

— Eu só estou de bom humor — ele responde e gira a vara para jogá-la de novo um pouco mais longe desta vez. — É incrível como é melhor a vida sem drama.

Eu concordo e pondero por um momento.

— Você já falou com sua ex depois do término?

Ele nega.

— Nenhuma palavra. E isso é bom.

— Você nunca me disse o que exatamente separou vocês dois.

Ele encolhe os ombros como se o que está prestes a dizer não fosse grande coisa.

— Ela engravidou de outro cara. — Meus olhos atordoados focam-se em Miles, seu perfil forte e sério enquanto ele olha para a água sem mostrar sinais de emoção.

— Isso é horrível — eu respondo e mordo o lábio por um minuto antes de perguntar: — Então vocês dois ainda estavam juntos na época? — Tradução: Como você sabia que o bebê não era seu?

Ele nega com a cabeça.

— Nós estávamos em um dos nossos intervalos. E a ironia da coisa toda é que nos dez anos em que nós estivemos juntos, nós nunca fizemos sem camisinha. Nem uma vez. Então ela começa a foder um cara rico e, de repente,

eles engravidam! Tire suas conclusões.

Enrugo a testa.

— Você acha que ela engravidou de propósito?

— Não — ele responde seriamente, pegando uma pedra. — Sim. Eu não sei. Provavelmente. Eu odeio pensar nela desse jeito porque então eu tenho que me perguntar que tipo de imbecil eu era por ficar com alguém que acabou se mostrando uma oportunista tão descarada.

Ele suspira e continua:

— Mas faz sentido porque Jocelyn sempre teve problemas com o que eu fazia para viver. Ela pensava que ser mecânico também era a escória de uma profissão. Ela queria que eu fizesse algo para ganhar mais dinheiro.

— O que você faz me parece muito bom — eu digo firmemente, irritada com aquela cadela por projetar tanta merda superficial no homem por quem ela deveria estar apaixonada.

— É? Obrigado — diz Miles, jogando uma pedra na água. — É o que sempre achei. Eu quero coisas simples. Família, amigos, uma casa com vista. Um lugar para desabafar de vez em quando. Tudo o que eu realmente quero, eu tenho. Até a minha casa em Jamestown... precisa de obras, e eu sabia disso quando comprei, que exigiria restauração e reforma. Mas isso é bom para mim. Eu gosto de fazer as coisas por conta própria, e as estruturas do lugar são incríveis. É uma ótima casa, e vai ser uma ótima jogada se eu decidir vender. Mas ainda assim nunca teria sido o suficiente para ela.

— Eu acho que pessoas assim nunca ficarão satisfeitas com nada na vida, independentemente do dinheiro — eu afirmo, puxando meu boné para baixo, bloqueando o sol o suficiente para ver Miles. — Maternidade, amizades, relacionamentos, empregos. Se ela está sempre olhando para a grama do vizinho, está perdendo o que está bem na frente dela.

— Exatamente! — Miles afirma, olhando para mim com um olhar de soslaio. — Agora eu só me sinto chateado por não ter visto isso e perdido os melhores anos da minha vida com ela.

— Quem disse que eles foram os melhores? — Afirmo, me sentindo um pouco magoada com esse comentário. — Olhe ao redor, Miles. Veja que belo dia. — Olho para ele com um olhar sério, e espero que ele note, porque estou sendo totalmente sincera. — Você não precisa de nada, e isso é uma qualidade

incrível em uma pessoa.

Sua carranca se transforma em um sorriso.

— Obrigado.

— Disponha — eu sorrio com uma piscadela. — E olhe para você... você é sexy pra caralho, tem um ótimo trabalho, uma casa, amigos, e uma amiga colorida muito sensual.

Ele ri alto disso.

— É assim que você está se chamando agora?

Dou de ombros e lanço a ele um sorriso torto.

— Talvez. Apenas meio que saiu.

— Eu gosto disso — ele responde.

— Eu também — afirmo, carregando minha vara para me sentar ao lado dele na rocha. Eu o cutuco com o ombro. — Então não se preocupe com o passado.

Concentre-se no agora. Porque, sério, agora eu preciso de ajuda. Minha boia desapareceu há pelo menos um minuto e eu não sei o que diabos isso significa.

— Merda! Sua isca foi fisgada! — Ele exclama e se levanta, largando a vara e me abraçando. — Você tem que puxar o anzol. — Suas mãos seguram as minhas na vara, e ele faz uma pausa para esperar que a boia desapareça novamente. Depois de alguns segundos, ela afunda na água e ele diz bem no meu ouvido: — Agora, puxe de volta!

Seus braços ficam tensos enquanto eu puxo a vara para trás, e a linha fica tensa.

— Você pegou! Agora enrole isso — ele diz animadamente e se afasta e me observa com um sorriso gigante.

Mas por Deus, eu estou aterrorizada pra caralho.

O que vai aparecer do outro lado desse anzol? Isso parece enorme e pesado, e está dobrando muito a vara. Não pode ser bom. Essas coisas são fortes? Que tipos de peixes vivem neste lago? Sem tubarões, claro, eu não sou tão burra assim. Mas e se eu for puxar uma criatura de pântano nojenta, que parece com um castor e um robalo, que foderam durante a lua cheia e criaram

algum tipo de monstro do pântano assustador, que come pessoas como as piranhas? Ai, meu Deus, há piranha no Colorado? Eu deveria ter *googlado* isso!

— Eu não sei de nada disso, Miles — eu lamento, girando a alavanca e recolhendo a linha centímetro por centímetro.

Ele pega a rede de pesca atrás de nós e salta a pedra para se aproximar da água. Olha para cima e me dá um joinha.

— Você está indo bem! Está muito gostosa!

— Sério? — Eu sorrio um pouco, em seguida franzo a testa pensando em como isso é superficial para me fazer feliz neste momento. *Eu preciso ler mais romances.*

Meu rosto se contorce quando a ponta da minha linha finalmente sai da água.

— Você está brincando comigo?

A gargalhada estridente de Miles ecoa nas malditas montanhas enquanto ele se inclina para pegar minha presa na rede.

— Gata, você conseguiu! Você pegou alguma coisa!

Ele puxa minha presa para a pedra, e está rindo tanto que não consegue falar. Ele começa a dizer algo e para, seu corpo curvando-se com histeria.

Eu não estou rindo.

Estou chateada e digo exatamente o que ele está tentando dizer.

— Eu pesquei um maldito pneu de bicicleta.

Ele está gargalhando, abaixado e cobrindo os olhos com as mãos.

Eu estou feliz por ele estar se divertindo tanto porque eu estou chateada. Realmente muito zangada.

— Um pneu? Que diabos, Colorado? Que deselegante! — Eu grito para ninguém em particular. — Deus, eu pensei que esta era uma ótima experiência ao ar livre, e eu acabei de puxar um pneu velho sujo. Minhas mãos doem!

Meu último comentário faz Miles rir de novo, e eu começo a me preocupar com medo de que ele fique sem ar. Finalmente, ele seca as lágrimas dos olhos.

— Gata, como você pode não ver a ironia desse momento? É um pneu!

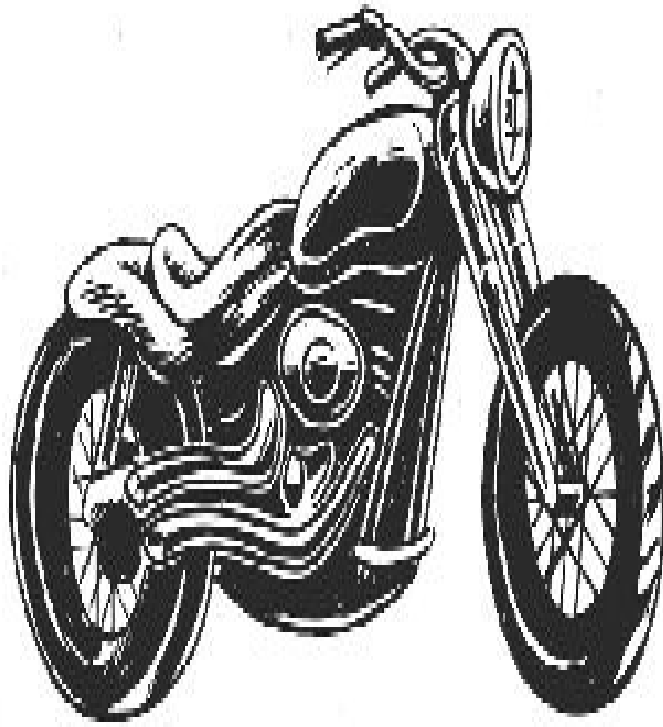
Você é uma escritora de pornografia que escreve em uma loja de pneus. Isso é a porra do destino.

Bem, dizendo assim, não posso deixar de ver um lado bom nisso. Eu coloco a vara no chão e desço na pedra para inspecionar o que pesquei. Olho para Miles e pergunto:

— Acha que eu posso pendurar isso no meu novo escritório?

Ele assente e sorri.

— Porra, você pode. Vou te ajudar.



23

MILES

— Você vai me contar sobre este novo livro que você está escrevendo que requer toda essa pesquisa meticulosa? — eu pergunto a Mercedes enquanto arrumo os restos de nossos hambúrgueres na grelha sobre o fogo.

Está escuro agora, o ar da noite tomado por sons da natureza. Grilos cantando, corujas piando. O vento agitando as árvores à distância. Ocasionalmente, dá para ouvir as suaves ondas batendo na margem do lago. E com o jeito com que o vento está soprando, eu não consigo nem ouvir as outras pessoas acampadas, então eu tenho a ilusão completa de privacidade total. Ao todo, um dia perfeito de folga.

Mercedes e eu viemos acampar.

E foda, isso foi divertido. Ela tem uma ótima atitude sobre praticamente tudo. Ela até tentou iscar seu próprio anzol em determinado momento. Ela falhou, mas pelo menos tentou. Nós almoçamos, então fomos caminhar e ficamos suados. Então nós suamos de outra maneira na barraca. Nós cochilamos depois disso, e sinceramente, esse foi apenas um daqueles dias perfeitos de verão que você nunca quer que termine.

Mas olhando para ela na cadeira dobrável ao meu lado, com os cabelos ruivos se soltando das tranças, o rosto brilhando à luz da fogueira, a cerveja gelada na mão, a lua cheia acima — acho que a noite está revelando-se perfeita também.

— É sobre um mecânico — ela responde finalmente.

— Seu livro é sobre um mecânico? — Eu pergunto, meus olhos arregalados com total descrença. — Você está de brincadeira.

Ela nega com a cabeça.

— Não. A ideia meio que me atingiu.

— Quando foi exatamente que atingiu você? — Eu pergunto, tomando um gole da minha cerveja enquanto a encaro sem qualquer vergonha. Ela cora, totalmente ruborizada, e eu sinto um forte desejo de puxá-la para o meu colo só para sentir o peso dela em cima de mim. — Pode me contar — insisto.

Ela revira os olhos.

— Eu, hum, talvez estivesse olhando para você na loja um dia. — Ela cobre o rosto com as mãos e puxa a camisa xadrez por cima do rosto para esconder a vergonha.

— Qual dia?

Ela encolhe os ombros.

— Foi antes de você e eu começarmos... a nossa amizade colorida. Você parecia tão gostoso e suado, e de repente, um personagem surgiu na minha cabeça, e antes que eu percebesse, eu tinha delineado uma nova história. — Ela me fixa com olhos nervosos.

— Então é sobre mim? — Eu pergunto, sobrancelhas franzidas com cautela.

— Não. — Ela zomba. — É apenas sobre um mecânico. Deixa disso. Nem tudo na minha vida é sobre você, Miles.

Eu rio de seu revirar de olhos, mas sinto uma sensação de alívio com a resposta dela.

— Vai ser sobre um mecânico pervertido. Eu gosto disso.

— Na verdade, não vai ser erótica como a minha série *Bed 'n Breakfast*. — Minhas sobrancelhas se erguem.

— Não?

Ela encolhe os ombros.

— Não. Quero dizer, ainda vai haver sexo, muito sexo, mas será um sexo mais doce. Tipo, talvez eu não escreva anal neste livro.

Eu dou risada.

— Como você vai lidar com isso?

Ela revira os olhos.

— Eu provavelmente ainda vou escrever, mas vou dar aos meus leitores como conteúdo bônus ou algo assim.

Eu rio dessa ideia.

— Você não seria você se não fizesse algo um pouco diferente.

— Tudo bem, chega de falar sobre mim — ela diz, sacudindo o cabelo.

— Vamos jogar um jogo.

— Como o quê? — Eu pergunto, olhando em volta. — Eu não trouxe cartas. — Ela revira os olhos e apoia a cabeça nas mãos.

— Miles, não precisamos de cartas para jogar Verdade ou Desafio.

Eu me recosto na cadeira e tomo um gole da minha cerveja.

— Quem começa?

— Eu, claro. Eu sou a convidada, e tudo isso ainda é do interesse da pesquisa, então... Verdade ou Desafio?

Eu respiro fundo.

— Verdade.

Ela recua, aparentemente surpresa com a minha escolha. Bate o dedo nos lábios e diz:

— Ok, você já ficou excitado no prédio da loja de pneus?

Sua pergunta me faz dar uma gargalhada.

— O quê?

Ela dá um sorriso malicioso.

— Sabe, estamos sempre trabalhando no carro de um cliente, e nossas mãos ficam bem sujas, estamos fazendo consertos... como ficar duro assim?

Eu rio e concordo.

— Eu acho que não.

Ela parece desanimada.

— Mas no carro clássico, por outro lado... — Paro de falar quando seus olhos se iluminam. Com uma risada, eu acrescento: — Se é um carro clássico e eu estou até os cotovelos nele, e eu conecto duas peças, e alguém está atrás do volante, e eu digo a ela para tentar ligar... e um carro velho que não funciona há décadas, de repente, começa a funcionar? Então, sim, meu pau fica totalmente duro.

—Aha! Eu sabia! Perversos atraem perversos. Minha escrita me deixa com tesão demais.

Eu rio dela e digo:

— Verdade ou Desafio?

— Desafio — ela responde instantaneamente.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— Oh, alguém tem segredos que quer manter escondidos. Interessante.

Seu rosto parece corar, mesmo à luz do fogo.

Mas decido que conversamos o suficiente por uma noite.

— Ok, eu te desafio a ir mergulhar pelada no lago.

Ela se surpreende.

— O lago que deu origem ao meu abençoado pneu? De jeito nenhum!
Quem sabe o que mais existe nessa coisa?

Eu lamento com um sacudir de cabeça.

— Eu sabia que você não faria isso.

— Oh, e você faria — ela resmunga de volta.

— Já nadei naquele lago antes. Não é nojento. Um pequeno pneu de bicicleta não muda minha opinião sobre sua limpeza.

Ela faz beicinho.

— Mas provavelmente vai estar frio.

Dou de ombros.

— Está bem. Eu sabia que você não faria isso. Você só fala, não age.

— Você está falando sério?

— Sim — eu respondo, fixando meus olhos nela.

— Eu preciso te lembrar quem está se escondida na loja de pneus há semanas a fio?

Eu dou risada.

— Você chama isso de perigoso?

— Eu estou consumindo as bebidas grátis sem fazer manutenção, Miles.
— Ela balança a cabeça para trás e para a frente com um pouco de seriedade. —
Isso é basicamente tão ruim quanto roubar.

Eu rio da escolha de palavras dela, depois estreito os olhos e respondo com os dentes cerrados:

— Como uma fria e má criminosa.

Ela estreita os olhos para mim, claramente não gostando do meu sarcasmo.

— Tudo bem, eu vou fazer isso, mas você tem que fazer comigo.

— E por que eu faria isso?

— Porque eu vou ficar nua — ela responde, tirando a camisa e jogando-a para mim. Quando o tecido cai do meu rosto, vejo o contorno completo do mamilo através do sutiã rosa que ela usa.

Quando vejo a marca meu chupão, meu pau ganha vida.

— É justo.

Eu me levanto, e nós dois caminhamos na trilha em direção à água para o nosso local de pesca anterior na pedra. É um ponto de mergulho perfeito.

Mercedes respira fundo e tira o short e os chinelos, chutando-os para trás dela, os braços cruzados para se aquecer enquanto está diante de mim, ligeiramente curvada com um conjunto de lingerie rosa combinando.

Eu levanto os braços, tiro minha camiseta e a atiro perto de seu short. Ela me olha descaradamente e ergue as sobrancelhas ao ver meu volume.

— Jeans também, perdedor.

— *Perdedor* — eu imito o que ela diz, balançando a cabeça, desço a calça jeans pelas minhas pernas e os tiro junto com meus sapatos.

Ela estende as mãos para trás e desabotoa o sutiã, arremessando-o com o resto das nossas coisas. Ela não está mais curvada e escondida agora. Está orgulhosa e equilibrada, perfeitamente à vontade consigo mesma enquanto se inclina e tira a calcinha.

Quando ela se ergue, meu queixo cai. O luar, o som da água e a visão dela completamente nua, os cabelos ruivos soprando na brisa da noite... é demais. É sexy demais. É digna de um sonho.

— Vamos lá. Nós chegamos até aqui — ela diz, apontando para minha cueca. Sem pensar, eu a empurro para baixo, meus olhos ainda completamente presos nela.

Ela olha para baixo.

— Vai doer quando você pular na água?

Eu nego.

— Não se você segurá-lo.

Ela ri, e Jesus Cristo, na verdade ela fica mais bonita neste momento. E sem olhar para trás, corre e salta da pedra e entra na água.

Nenhum mergulho gracioso.

Nenhum salto discreto.

Ela pula abraçada aos joelhos sendo a garota original, magnética e real que é.

Eu mergulho depois dela e dou três braçadas fortes para chegar até ela. Eu a puxo em meus braços, seus mamilos duros roçando meu peito enquanto ela passa as pernas firmemente ao redor dos meus quadris.

Ela envolve meu pescoço e me beija docemente, me dando apenas uma pequena amostra de sua língua enquanto eu ando na água e vou girando. Ela se afasta com um sorriso e solta meus ombros enquanto estica sua parte superior do corpo para trás para flutuar. Seus braços estão bem abertos. Seus lindos seios nus brilham ao luar. Ela está deslumbrante.

Meu pau nu está duro e ereto entre nós, mas eu não estou pensando em fodê-la agora. Só consigo pensar na rapidez com que estou gostando dessa garota. Sobre como esses sentimentos são confusos, porque apesar de ela ser muito legal, maravilhosa, sexy e divertida, eu ainda não sei se eu estou pronto para mais. Meu coração e minha cabeça estão completamente em desacordo um com o outro, e eu não sei qual deles sabe o que faz.

Meu coração diz, sim, pegue mais, pegue muito mais. Ela é perfeita!

Mas minha cabeça diz que, assim que você fizer isso, tudo vai mudar, e você convidará o drama de volta para sua vida. Assim como antes.

— Mercedes — digo seu nome com a voz rouca, e sua cabeça se levanta da água, todos os fios penteados para trás perfeitamente, seus olhos azuis arregalados e curiosos. — Você parece...

— Você sentiu isso? — Ela pergunta, seu rosto se retorcendo de um jeito estranho e doloroso.

— Senti o quê? — pergunto, esperançoso de que talvez ela esteja tendo os mesmos pensamentos confusos que eu, e nós possamos conversar sobre eles.

E então as comportas se abrem.

Literalmente, começa a cair chuva sobre nós.

— Ai, meu Deus, a chuva está congelante! — ela grita, desenroscando as pernas de mim e afundando na água o mais profundamente que pode, então apenas seu rosto está fora.

— Sem essa. — Eu olho para o céu. — Eu não vi chuva na previsão.

— Nós devemos ficar na água até passar? — ela grita, porque a chuva batendo na água do lago está fazendo um barulho ensurdecedor agora.

Um relâmpago nos ilumina na escuridão e eu discordo.

— Péssima ideia. Nós temos que sair.

Ela concorda, e nós dois nadamos até a margem e subimos cuidadosamente as pedras até nossas roupas molhadas.

Ela luta para vestir as roupas encharcadas e grita:

— Foda-se, vamos correr. Ninguém vai andar por aqui.

Eu aceno e coloco minha mão na parte de baixo das costas dela para guiá-la através das árvores e de volta para a trilha que descemos. É uma bagunça lamacenta e escorregadia, mas conseguimos voltar para a nossa barraca sem cair.

Ainda bem. Uma queda seria dolorida, estando completamente nus.

Nós corremos para dentro da barraca, e a chuva ainda está ensurdecedora quando bate no nylon fino. Mas nós estamos ajoelhados um na frente do outro, tão perto que podemos ouvir nossas respirações irregulares, pesadas e cansadas da escalada. A adrenalina corre por nossos corpos por causa da tempestade lá fora.

A pressão é grande no espaço limitado dentro da barraca. Isso ocupa todo o ar e espaço, e canaliza em torno de nós como uma bobina com uma mola preparada, pronta para explodir.

Nossos olhos se encontram, e tal como um trovão e um relâmpago, nós nos encontramos, como duas nuvens de tempestade colidindo no céu sem estrelas.

Meus braços se enrolam em sua cintura, e beijo-a com a língua, tão profundamente quanto ela pode aguentar. Suas mãos estão em mim, no meu rosto, meus braços, minha cabeça, minhas costas. Ela não se farta. É como se ela estivesse tentando sentir cada centímetro quadrado do meu corpo, e eu quero dar tudo para ela.

Nós somos uma confusão de chuva, lama e água do lago, mas isso não me impede de cair de volta no colchão e levá-la comigo. Suas coxas estão tremendo sob minhas mãos quando elas se espalham por cima de mim. Meu pau rubro e latejante ergue-se entre nós enquanto eu coloco minhas mãos em sua bunda e aperto-a contra mim.

— Leve-me para dentro de você, gata — eu declaro, com voz áspera, quase perdida na chuva. — Leve-me o mais fundo que puder.

Ela concorda, e procura no escuro pela caixa de preservativos que nós deixamos de fora esta tarde. Pega um e o desenrola por meu pênis.

Levantando-se de joelhos, ela me posiciona perfeitamente antes de se encaixar em único movimento glorioso. Meus dedos afundam-se em seu quadril, e ela usa meus pulsos para se equilibrar enquanto se esfrega em mim, esperando que seu corpo se ajuste à plenitude.

Ela recua e se mexe novamente, gritando meu nome enquanto joga a cabeça para cima.

É a coisa mais linda que já vi.

O cabelo molhado e o corpo nu, as costas arqueadas e a pele corada. É tudo mais bonito do que o lago e as montanhas. As árvores e a lua. Mercedes me montando é mais bonito do que praticamente qualquer coisa que eu já vi.



24

KATE

Você conhece aquela expressão “parece que fui atropelada por um caminhão”? Bem, sou eu quando acordo na manhã seguinte com os pássaros cantando e o sol brilhando. A barraca está meio aquecida, como de costume, porque eu não estou com um enorme homem dormindo ao meu lado. Mas posso ouvir Miles do lado de fora, preparando o café da manhã, e não tentando fugir.

Esse pensamento me faz rir, então eu rapidamente cubro a cabeça com a coberta e contenho um grito de excitação.

Ontem foi incrível. A noite passada foi ainda mais. A maneira como Miles olhou para mim dentro desta barraca e longe da tempestade lá fora.

Nós éramos a puta de uma tempestade.

Nós éramos trovões e relâmpagos e criamos o mais belo redemoinho de paixão que já experimentei com um homem.

Gozei três vezes.

Para completar um dia já perfeito, nós nos aconchegamos. Nós nos aconchegamos bem. Nós ficamos completamente nus e deixamos o delicioso conforto pele com pele nos levar ao melhor sono da minha vida. Parecia que eu estava destinada a encaixar em seu peito, e que seu braço grande foi feito para me envolver e me manter aquecida. Foi mágico.

Esta viagem de acampamento está ainda melhor do que eu poderia esperar. Na verdade, acho que posso até começar a gostar de acampar!

Quero dizer, claro, Miles ainda não sabe meu nome verdadeiro. E sim, tecnicamente, meu ex-namorado ainda mora comigo e vai acabar voltando, e Miles deixou claro que é bem ciumento.

Mas além de tudo isso, ele sabe o que é importante. Ele sabe pelo que eu sou apaixonada. Ele sabe como eu gosto do meu café e como me provocar. Ele sabe onde está o meu ponto G, com certeza! Dryston nunca descobriu isso nem mesmo com instruções explícitas.

Certamente, ele não saber meu nome verdadeiro é um pequeno detalhe, que não terá muita relevância quando, de fato, eu contar a ele. Quer dizer, nós estamos genuinamente conectados, então, com certeza, é o mais importante. Não

meu primeiro nome.

Eu rapidamente visto uma calça jeans e camiseta, optando por deixar meu cabelo seco naturalmente solto. Saio da barraca e percebo que Miles já empacotou muitas das nossas coisas e as colocou na traseira de sua caminhonete.

— Bom dia — eu digo alegremente enquanto ele quebra um par de ovos em uma frigideira portátil.

— Bom dia — ele responde com um sorriso tímido, quase como se não pudesse fazer contato visual comigo.

Ele está se sentindo estranho em relação à noite passada? Deus, se ele estiver, isso pode ser muito ruim. Eu preciso desarmar a situação. Eu preciso ser Mercedes casual de novo, então ele não vai achar que estou me apaixonando por ele ou algo assim.

Eu ando até onde ele está trabalhando na mesa de piquenique e agarro seu braço com força.

— Uau! Não é uma prótese. Ele não teve que arrancar o braço para se soltar das amarras e fugir, pessoal! — Eu grito para ninguém em particular.

Ele concorda com a cabeça e sua timidez desaparece instantaneamente.

— Ainda muito intacto. Mas eu não trouxe massa de panquecas, então não se entusiasme, tudo bem?

Eu sorrio e concordo, então olho em volta me espreguiçando.

— Você está ocupado.

Ele olha para trás, para a caminhonete.

— Sim, vai estar uma confusão lamacenta hoje. Achei que poderíamos sair mais cedo.

Eu concordo e mordo o lábio, sentindo um pouco de desapontamento com isso. Mas como preciso agir com calma, respondo:

— Bem, eu estou morrendo de fome. Como posso ajudar?



Pouco tempo depois, nós estamos de volta na caminhonete de Miles e retornando à realidade. Enquanto o silêncio nos envolve dentro da cabine, fico me perguntando aonde vamos a partir daqui. A noite passada mudou o que somos? Ele com certeza está agindo da mesma forma. Ainda temos apenas uma amizade colorida? Eu volto para Boulder e começo a escrever na loja de pneus novamente?

Depois de um passeio de carro em silêncio, Miles finalmente para na frente da minha casa. Nós dois pulamos para fora e nos movemos para a parte de trás de sua caminhonete, onde ele se estica e pega minha bolsa.

Eu tomo a bolsa dele, e nossas mãos encostam-se quando eu digo:

— Bem, obrigada por me ajudar com a pesquisa. — Dou um meio sorriso para ele, seus olhos azuis intensos em mim.

— De nada — ele responde, sua voz profunda e carinhosa.

— Você está bem? — Eu pergunto curiosamente, protegendo os olhos sob o sol para poder dar uma olhada melhor nele. — Está quieto.

Ele balança a cabeça e me oferece um meio sorriso.

— Apenas cansado.

— Não deveria ter comprado o colchão. — Dou-lhe um empurrão de brincadeira que não o move nem um centímetro.

Um ruído de passos se arrastando por trás faz nossos olhos se voltarem para a minha porta da frente. Minha ansiedade retorna quando vejo Dean parado na minha frente. Ele ajusta os óculos enquanto nos observa atentamente. Os braços dele estão cruzados sobre o peito. Seu corpo está apoiado contra um pilar de sustentação.

Miles pigarreja atrás de mim, e olho para ele enquanto ele murmura:

— Parece que você tem companhia. Vejo você mais tarde, Mercedes.

— Até logo — eu respondo, olhando atentamente para suas costas enquanto ele se move para voltar para sua caminhonete. Para um cara ciumento, ele com certeza não teve problema em se afastar de mim. Embora não tenha ideia de que Dean me disse que queria mais do que amizade apenas alguns dias atrás.

Minha vida está ficando seriamente complicada.

Com um ronco do motor da caminhonete, Miles se afasta e eu respiro fundo. Eu me viro e ando até a porta da frente.

— Ei, Dean — eu murmuro, pegando minhas chaves e destrancando a porta.

— Ei, Kate. — Dean parece desajeitado enquanto passa os dedos pela barba.

Eu tenho pena dele e pergunto:

— Quer entrar para tomar um café?

Ele sorri.

— É cortesia?

Eu olho para ele.

— Para pessoas que não são idiotas, sim.

Seus olhos se voltam para baixo.

— Eu não vou ser um idiota, eu juro.

— Você tem certeza? — Eu pergunto, apontando para a estrada. — Nada a dizer sobre a caminhonete de Miles? Você ouviu o barulho desse escapamento?

Suas sobrancelhas se erguem.

— Eu estou surpreso que você saiba o que é um escapamento.

Eu franzo a testa com esse comentário.

— Eu também, na verdade. Eu acho que algumas das minhas pesquisas estão servindo.

Ele esboça um sorriso.

— Eu vou ser bonzinho, eu juro.

Dean entra comigo, e eu deixo minha bolsa no chão e começo a fazer um pouco de café para nós. O esgotamento também começa a me atingir, mas sei que preciso falar com Dean. Tenho evitado suas ligações e mensagens nos últimos dias, e eu não quero que isso arruíne completamente nossa amizade.

Ele se apoia em uma banquetta e pega o café das minhas mãos.

— Você passou a noite na casa de Miles? — Ele pergunta, seus olhos em meu pescoço.

Eu olho para ele e pisco algumas vezes.

— Você está realmente perguntando isso?

Ele revira os olhos e toca seu próprio pescoço.

— Você está com um...

Meus olhos se arregalam com a lembrança de Miles chupando meu pescoço. Eu me movimento para cobrir a marca, e Dean rapidamente diz:

— Eu não estou julgando, Kate, eu estou apenas fazendo um comentário. Fique tranquila, ok?

Eu respiro fundo e subo minha camiseta para tentar encobrir a marca.

— Nós estávamos acampando.

— Acampando? — A surpresa em sua voz não passa despercebida.

— Sim, acampando — eu respondo, abaixando a mão. — Foi para a pesquisa literária e foi muito divertido.

Dean assente.

— Então eu imagino que você esteja escrevendo algo um pouco diferente de sua outra série?

Eu dou de ombros.

— Estou tentando.

Ele olha para sua xícara.

— A inspiração deve estar fluindo.

— Tem seus altos e baixos. — Mesmo que eles envolvam pequenos chupões sorrateiros.

— E Miles é o cara que desperta isso em você? — Dean pergunta, olhando para mim. Eu procuro cautelosamente por um sinal de julgamento em sua expressão, mas não vejo nada. É uma pergunta genuína.

— Ele não está estragando as coisas. — Eu dou de ombros e apoio meus cotovelos no balcão, curvando-me com a caneca de café entre as palmas das mãos. — Ele não é como os caras com quem eu já saí. Ele é um tipo de cara

simples e direto. Bem diferente de Dryston.

— Bem diferente de mim — ele acrescenta, com um olhar pesaroso por trás dos óculos escuros.

Eu o observo.

— Dean, olha... Eu nunca tive a menor ideia de que você tinha sentimentos por mim. Se eu tivesse, teria feito muitas coisas de maneira diferente.

— Como o quê? — Ele pergunta, suas sobrancelhas franzidas em confusão.

— Eu não sei. Talvez te veria com menos frequência. Agiria de forma diferente. — Eu corro a mão pelo cabelo e suspiro. — Eu te amo como amigo, mas eu não vejo como as coisas podem ser de outra forma, e me desculpe se eu te levei a pensar o contrário.

— Você não estava me enganando, Kate. Você estava sendo você mesma. E isso atrai as pessoas. — Ele me olha com olhos arregalados e compreensivos, e então acrescenta: — É a mesma razão pela qual Miles não pode ficar longe de você, mesmo que ele tenha dito que não quer um relacionamento. Você é tão... magnética.

É realmente estranho receber um elogio de um cara que você acabou de rejeitar, mas eu posso dizer que Dean está se esforçando muito para fazer as pazes, e eu estou bem aliviada.

— Bem, Miles ainda está me mantendo firmemente no lado casual, então, aparentemente, eu não sou um ímã muito forte.

Dean pensa nisso por um segundo enquanto toma um gole de café.

— Acho que se você realmente gosta de Miles, precisa jogar limpo com ele. Se vocês se desenvolverem mais e ele descobrir que você está escondendo coisas dele, não vai acabar bem, Kate.

— Eu sei — dou um gemido e passo as mãos pelo cabelo. — Mas gosto de quem eu sou com ele. Eu gosto de não me sentir pesada.

— Você ainda tecnicamente vive com seu ex, Kate. Esse é o pior peso que você pode carregar. Nenhum cara vai aceitar essa informação na boa, e quanto mais você esperar, mais difícil será.

— Tem certeza de que não posso continuar fingindo ser Mercedes? Ela

nunca teria saído com o babaca do Dryston.

— Você não está fingindo ser ninguém — Dean corrige, ajustando seus óculos para me fixar com um olhar sério. — Você é Mercedes. Você é a Kate. Você precisa parar de olhar para elas como se fossem duas pessoas diferentes, porque ambas são você. Você é a escritora pornô e a amiga. Você é a autora de best-seller e a vizinha. Você não precisa manter as duas em lados separados. Deixe-as se fundirem. Talvez o seu lado Kate que você está contendo seja exatamente o que reunirá você e Miles.

Eu olho para Dean do outro lado do balcão. Meu amigo. Meu verdadeiro amigo com quem me tornei tão próxima nos últimos dois anos. Ele está sentado aqui, me dando conselhos sobre como conquistar um cara, sendo que eu o rejeitei. Quaisquer que sejam as tendências idiotas que ele possa ter às vezes, ele ainda é uma pessoa realmente boa como um todo.

— Obrigada, Dean. — Eu sorrio gentilmente.

Ele exala pesadamente.

— Isso significa que podemos voltar a ser amigos? Você é uma das quatro pessoas de quem eu gosto de verdade em Boulder. Perder você seria um enorme déficit na minha vida social.

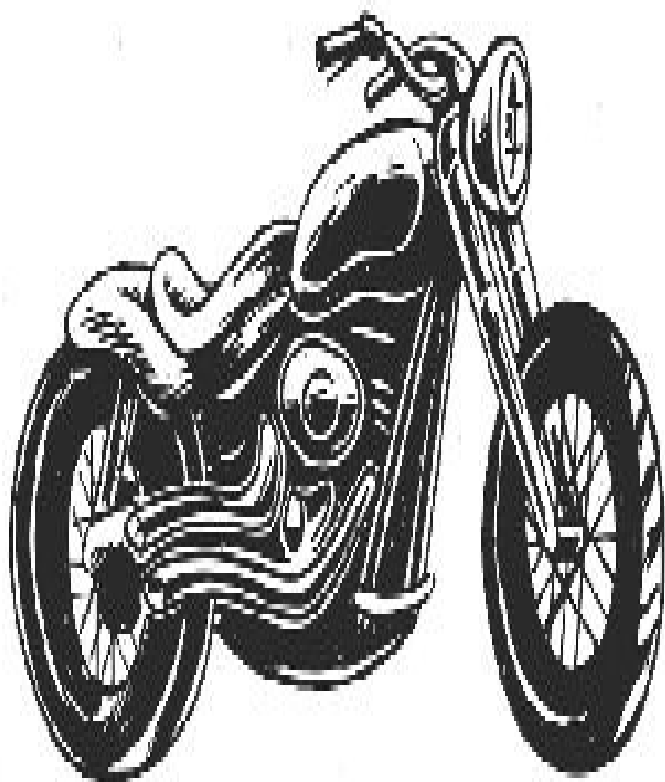
— Claro, nós somos amigos. — Eu sorrio e concordo com a cabeça. — Porque não há nenhuma chance de eu começar a limpar minhas próprias calhas.

Ele ri e passa as mãos pelos cabelos em frustração.

— Eu espero que você possa resolver essa coisa com Miles. Eu estou cansado de ser o maldito faz-tudo da Lynsey e seu. Especialmente porque eu não sou muito habilidoso. Eu já disse isso a vocês. Se você precisar de ajuda com investimentos, eu estou aqui. Mas muito em breve, vou começar a impor limites a favores que me fazem suar.

— Sim, sim... que seja, Dean.

Sorrimos, nós brindamos com as canecas de café e voltamos a ser exatamente o que sempre fomos. Apenas amigos. Grandes amigos.



25

MILES

Eu estou inquieto esta semana na loja. Algo está errado entre Mercedes e eu, e não sei exatamente o que é. Ela entrou e saiu do centro de comodidade. Nós nos paqueramos como sempre, eu entro e como biscoitos, e ela me pergunta sobre o meu dia. Isso é legal. É amigável. Mas é limitado. Ela não me pediu para ajudá-la com mais pesquisas literárias, e acho que eu estou apenas imaginando o que ela está esperando.

Nosso acampamento foi incrível. Mais que incrível. Passar vinte e quatro horas inteiras com uma pessoa e não querer matá-la significa que você realmente encontrou uma amiga verdadeira. E é assim que eu a vejo ainda. Uma amiga. Então, por que parece que ela ainda está escondendo uma parte dela de mim?

Eu vou até o balcão para encontrar Sam e ver se ele quer ir tomar uma bebida neste fim de semana. Eu preciso desabafar sobre isso, para não estragar os veículos ou nem perder os dedos esta semana com meus pensamentos errantes.

Sam está parado no final do balcão longo e alto, onde os agentes de serviço ao cliente registram as pessoas. Eu me aproximo ao lado dele, ainda de macacão, mas não tão sujo a ponto de eu achar que devo tirá-lo primeiro.

— Oi — eu digo, e ele olha para a frente.

— Ei, cara — ele diz com um sorriso que fica praticamente escondido sob sua barba ruiva.

— O que você vai fazer este fim de semana? — Eu pergunto quando ele tira o dispositivo Bluetooth do ouvido.

— Nada — ele responde encolhendo os ombros.

— Cervejas? — Eu aceno e dou uma lenta piscadela.

— Está tão ruim assim? — Ele adivinha.

Eu respiro profundamente e pego o pedaço de alcaçuz vermelho atrás da orelha.

— Eu estou apenas... em uma rotina e não sei. Eu preciso de algo.

— Eu tenho visto Mercedes no centro de comodidades — ele diz,

claramente já pegando onde minha mente está. — Ela está aqui hoje?

Eu sacudo a cabeça

— Eu não a vi ainda.

Ele franze a testa.

— Vocês estão bem?

Dou de ombros.

— Acho que sim. Não sei. Em parte é por isso que preciso de uma bebida.

— Não diga mais nada — ele responde com um sorriso simpático.

Uma luz se reflete na porta da frente quando dois rapazes loiros entram na área da recepção. Eles parecem ter a mesma idade que Sam e eu. Talvez um pouco mais jovens. Eles também parecem que não fazem nada além de vadiar porque seus bronzeados são perfeitos demais.

Mas acima de tudo isso, há algo sobre a maneira como eles andam que me deixa em alerta. Eu decido ficar por perto e fixar meu lugar no balcão.

Sam está ocupado digitando alguma coisa em seu computador quando o cara de camisa polo rosa bate as chaves no balcão.

— Meu pneu furou. Preciso de um conserto.

Eu noto a grosseria dele, e deslizo meu olhar para o outro cara que está vestido com uma camisa de golfe verde néon brilhante. É cegante pra caralho.

Sam sorri polidamente para o de camisa polo rosa.

— Ok, qual é o seu nome e de que tipo de carro nós estamos falando?

— Por que isso importa? — O sujeito grita. — É um pneu. Só preciso dele consertado rapidamente porque tenho coisas para fazer.

O tom condescendente do cara me tira da posição inclinada e faz com que eu fique de pé. Camisa Verde me olha.

Sam não fica nem um pouco desanimado quando dá um sorriso oculto sob a barba e responde:

— Só precisamos saber se você está no sistema. Porque, se por algum motivo o seu pneu não puder ser consertado, nós podemos oferecer-lhe algo

conforme a sua garantia para obter um novo com desconto.

— Por que meu pneu não poderia ser consertado? — Camisa Polo Rosa indaga.

— Se houver uma perfuração na parede lateral do pneu, eles são podem ser consertados, infelizmente. — Sam oferece um olhar de desculpas.

— Que roubo — o cara grita. — Que tipo de negócio é esse?

Eu olho para os sapatos do babaca e sei instantaneamente que dinheiro não é o problema aqui. O privilégio é.

— Ei mano, quem é essa mina? — Camisa Verde pergunta, debruçando-se sobre o balcão mais perto de mim, como se fôssemos amigos ou algo assim.

Eu olho para onde ele está apontando para Alexa, que trabalha a dois computadores de mim.

Dou de ombros evasivamente.

— Ela é uma representante de atendimento ao cliente.

Camisa Verde sorri.

— Perfeito, nós a queremos.

Sam pigarreia.

— Não dá para escolher atendentes. E você já me pegou.

Camisa Polo Rosa aparentemente quer pegar o gancho onde o Camisa Verde parou.

— Acho que poderíamos escolher se realmente quiséssemos.

— E acredite em mim, nós queremos escolher cada parte dela. — Camisa Verde olha para Alexa com tanta malícia que meus dentes rangem.

Eu bato um punho no balcão na minha frente e digo:

— Ei! Isso não é reserva de garota de programa, débil mental. Você quer o seu maldito pneu consertado ou não?

Os olhos do Camisa Polo Rosa se arregalam.

— Quem é seu maldito gerente? Eu quero falar com ele.

A voz de Sam interrompe, nos dizendo para nos acalmarmos quando

Camisa Verde e eu nos encaramos sobre o balcão. Ele é uns bons cinco centímetros mais baixo do que eu, mas seu privilégio faz com que ele pense que é intocável, e eu não suporto babacas assim. É exatamente o tipo de cara que Jocelyn estava procurando e encontrou, aparentemente.

— Gerente. Agora. — Camisa Polo Rosa afirma novamente, e Sam pressiona a mão no meu peito.

— Basta voltar para a oficina — ele diz, virando as costas para os dois idiotas e me empurrando para trás alguns passos. Com os dentes cerrados, ele acrescenta: — Vou deixar meu tio lidar com esses filhos da puta.

Eu estreito os olhos mais uma vez para a dupla e respiro fundo, me viro, saio da área de recepção e volto para a oficina em busca de um pouco de ar.

Eu respiro fundo o ar ameno do verão e mordo as pontas do meu alçaçuz.

— Gostaria muito que isso fosse um cigarro — eu murmuro para mim mesmo enquanto sugo o ar através do buraco.

Frustrado por isso não ter efeito, eu atiro o pedaço de doce estúpido na parede oposta. Estou tão distraído que nem sequer ouvi Mercedes aproximar-se quando ela diz:

— Ôa, ôa, ôa, o que aquele alçaçuz fez com você?

Eu desvio meus olhos para ela e olho sua roupa. É aquele vestido azul de verão com as flores rosa. Aquele que mostra toda sua bunda se ela se gira.

— Nada — eu respondo com os dentes cerrados.

— O que está acontecendo com você? — Ela pergunta, seus olhos azuis me olhando de cima a baixo. — Você parece estar pronto para arrancar a cabeça de alguém.

Eu nego com a cabeça e meu olhar cai em seu vestido.

— Belo vestido. — Ela meio que sorri.

— Eu pensei que você poderia gostar.

— Contanto que você não gire — eu afirmo com firmeza.

Suas sobrancelhas franzem.

— O que está acontecendo com você?

— O que está acontecendo com você? — Eu retruco.

Ela franze a testa confusa.

— Como assim?

— Qual é o lance? Você não está mais a fim de mim? Alguém melhor veio para ajudá-la com sua pesquisa? Dean, talvez?

— Miles, você está agindo como louco. Eu ia perguntar se você me mostraria a sua casa hoje à noite.

— Hoje à noite? — Eu pergunto, pressionando a mão contra o tijolo e tentando me acalmar um pouco de alguma forma.

— Sim, depois do trabalho, talvez. Eu quero ver sua casa, especificamente sua garagem. Você sabe... pesquisa. Sujar nossas mãos. — Ela ergue as sobrancelhas sugestivamente.

Eu assinto, meu maxilar tenso.

— Bom.

— Bem, não parece tão entusiasmado — ela hesita.

Eu pisco lentamente, sabendo que ela não merece isso. Aqueles dois idiotas me irritaram, e ela chegou logo depois, eu ainda estava irritado.

— Desculpe... eu concordo.

— Bem! — Ela afirma e dá um aperto no meu braço. Com esse simples toque de sua mão em mim, meu humor melhora, e ela acrescenta: — Mas eu tenho que dizer que me excita vê-lo de mau humor... Eu espero que isso funcione a nosso favor mais tarde.

Ela pisca e já consigo pensar em cinco lugares diferentes em que quero me perder dentro dela em minha casa. Eu sinto um estranho desejo de tomá-la ainda mais. Olho para ela com seriedade e digo:

— Gata... ter você em minha casa nos dá todos os tipos de vantagens.

Seus olhos brilham de antecipação quando ela responde.

— Mal posso esperar. Agora, desconte sua raiva em algum pobre carro e venha me buscar aqui depois que terminar.

Eu concordo e vejo sua saia balançar ao vento enquanto ela caminha de volta em direção à entrada dos funcionários do centro de comodidade.



26

KATE

Eu poderia ter identificado a casa dele a quilômetros. Com meus braços bem apertados ao redor de sua cintura, Miles desce um pequeno caminho de cascalho que fica afastado da estrada principal que atravessa Jamestown. Quando um rancho chique, mas antigo, aparece aninhado em alguns belos montes aparecem, eu sei que é a casa dele. Apenas grita *Miles*, masculino, rústico e um pouco crescido demais.

O lado de fora é revestido por tábuas de cedro manchado, e tem duas garagens sob uma enorme varanda ao redor. Há duas cadeiras de jardim posicionadas perto da porta da frente, e eu consigo facilmente imaginá-lo tomando uma xícara de café e olhando para o riacho que atravessa a propriedade.

Ele para a moto na frente da garagem e chuta o suporte antes de desligar o motor.

— Oh meu Deus, Miles! — Eu exclamo, segurando seus ombros para mostrar meu entusiasmo.

— O que foi? — Ele pergunta, tirando os óculos e olhando para trás, para mim. Seu humor parece um pouco melhor do que antes, mas tenho a sensação de que eu sei o que vai transformá-lo completamente.

— Sua casa é deslumbrante! — Eu exclamo, olhando para o rosto ao sol poente. As cores douradas realmente enfatizam seus olhos azuis.

— É. — Ele encolhe os ombros e sai da moto, virando-se para tirar meu capacete.

Eu penteio os cabelos com os dedos, meus olhos estão arregalados, surpresos.

— Você está de brincadeira? É linda!

Ele enfia o capacete embaixo do braço e olha em direção ao riacho.

— Eu não consegui encontrar nada em Boulder, pelo menos nada que eu pudesse pagar que me desse um pouco de terra e alguma privacidade. Eu odeio vizinhos.

Eu rio e olho em volta para ver que ele está completamente isolado aqui.

Seu pequeno santuário particular ficava em um trecho do deserto a meros vinte minutos de Boulder.

— Bem, isso é perfeito. Algo assim custaria facilmente dois milhões em Boulder.

— Não brinca — ele responde instantaneamente e leva a mão à nuca. — Como eu disse, é um trabalho em andamento, mas é meu.

Eu sorrio alegremente e desço da moto.

— Mostre-me o interior! — Eu tenho que me controlar para não dar pulos de animação.

Ele ri baixinho.

— Ok, mas depois nós vamos nos sujar na garagem.

— Ok — eu respondo e deixo ele me levar para cima e pela porta da frente.

Ele está com pressa de voltar para a garagem, mas enquanto observo tudo naqueles momentos, posso ver que Miles tem visão. A maioria das pessoas provavelmente não teria dado muita atenção para essa propriedade, mas ele já a transformou em algo realmente único e especial.

Ele primeiro aponta para onde uma grande parede foi derrubada no verão passado, que originalmente separava a sala de jantar da sala de estar. Como se tratava de uma parede de sustentação, ele colocou vigas de suporte de madeira nodosa, que têm manchas de café expresso que contrasta muito bem com o branco em duas paredes da sala de estar. O efeito desejado é uma impressão de fazenda chique esfarrapada e rústica, que transborda charme e luz natural.

Sua mobília é minimalista. Masculina. Um sofá grande de couro e um de dois lugares de frente para uma TV gigante de tela plana. Sua cozinha é seu trabalho atual em andamento, mas as novas bancadas de ardósia foram instaladas na semana passada e agora ele está reformando os armários. As portas do armário foram todas removidas e, aparentemente, estão na garagem, aguardando a próxima camada de verniz.

Ele me mostra seu quarto e há nele uma cama gigante que parece extremamente confortável. Mas quando ele me leva pelo corredor até o banheiro principal, fica claro para onde todo o dinheiro dele está indo.

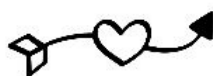
Um enorme chuveiro com cascata dupla ocupa uma parede inteira do

banheiro com uma porta de vidro perfeitamente transparente para mostrar seu incrível trabalho com os azulejos. Eu posso ter morrido de tesão quando ele me disse que fez o trabalho sozinho. Ele também derrubou a parede que separava o banheiro do quarto de hóspedes para que ele pudesse transformar esse espaço em um closet anexo.

Sinceramente, sua ex é uma grande idiota. Este homem é o marido ideal mesmo.

Ele rapidamente me mostra um quarto de hóspedes adornado com carpete felpudo e paredes revestidas de madeira. Ele diz que é o próximo em sua lista, mas é divertido ver por que mostra quanto esforço ele já dedicou a essa casa. Miles claramente não é alguém que fica ocioso.

Enquanto nós descemos os degraus interiores e ele abre a porta para sua garagem, ele sorri olhando para trás e me diz que *lá* é onde a mágica acontece.



Sabe o tipo de sexo que é desastrado, bagunçado, durante o qual muita coisa é derrubada, e você parece se desculpar por tudo o tempo todo, mas ainda consegue, de alguma forma, ter um orgasmo épico e quebrar alguma coisa?

Não?

Sim, nem eu sabia... até hoje.

Miles não só me mostrou sua imunda garagem, como listou todas as ferramentas que mais pareciam brinquedos sexuais. Também demos uma rapidinha, comigo inclinada sobre sua caixa de ferramentas, que deixaram meus braços todos sujos com algum fluido de freio derramado. Depois eu tive que me lavar em sua pia de trabalho salpicada de tinta, só para tirar o cheiro de mim.

O que quer que estava incomodando Miles mais cedo, a visita a sua casa e a rapidinha que demos pareceram ter ajudado a acalmá-lo imensamente. E considerando que eu tive um orgasmo de abalar as estruturas, não estou reclamando nem um pouco.

Antes de subir as escadas para me limpar naquele esplêndido chuveiro,

Miles me leva até sua segunda garagem para me mostrar um projeto no qual ele está trabalhando.

Ele liga um par de interruptores de corrente de metal no teto, e as lâmpadas acesas balançam sobre nossas cabeças, exibindo uma caminhonete clássica impressionante.

— Isso foi do meu avô — ele diz, enfiando as mãos nos bolsos, seus músculos inchados depois de nossos esforços na outra garagem. — É uma caminhonete Ford de 65. Eu acabei de concluir a pintura de tinta branca há alguns meses e o interior feito na semana passada. Agora preciso de um carburador especial que só funciona neste modelo em particular. É realmente difícil de encontrar e eu fico louco por causa disso. A maior parte do meu dinheiro era para reformas da residência, então eu estou esperando até ter fundos para deixar tudo pronto e funcionando novamente.

— Então isso parece bonito, mas não é funcional — eu afirmo, deslizando as mãos sobre a tinta branca brilhante. Está perfeito. O cromado termina mais brilhante do que um espelho. Eu sorrio e acrescento: — Parece arte.

— É possível dizer isso — ele responde, observando-me curioso da porta.

Eu continuo minha análise.

— Parece coisa de um filme da Pixar — sorrio, olhando para a frente e imaginando a grade se abrindo para falar.

Isso faz Miles rir, o que é bom porque eu senti falta do comportamento alegre e engraçado que ele demonstrou quando estávamos acampando. Eu deveria ter adivinhado que os carros clássicos eram dignos de excitação para os mecânicos.

— Você disse que este era do seu avô? — Eu pergunto, dando a volta pelo capô em direção à porta do lado do passageiro, para verificar o interior um pouco mais de perto. O banco de couro branco dentro da cabine é lindo.

— Sim. — Miles assente, sua postura visivelmente tensa quando ele acrescenta: — Ele faleceu há dois anos.

Olho para ele, e a simpatia instantânea toma conta de mim.

— Eu sinto muito por isso.

Ele solta o ar e oferece um sorriso triste.

— Sim, foi um choque para todos nós. Quero dizer, ele tinha setenta e sete anos, então teve uma vida boa e longa. Mas ele era um daqueles caras que pareciam que viveriam para sempre.

— Nunca envelhecia? Como costuma parecer com os vovôs?

— Sim — Miles concorda. — Você tem um avô assim?

Eu rio baixinho.

— Minha avó, que agenda reuniões para mim com seu padre. Ela vai viver para sempre, tenho certeza disso. E se morrer, ela definitivamente vai me assombrar de seu túmulo. — Miles balança a cabeça, mas eu ignoro sua simpatia. — De certa forma, eu gosto de provocar a velha. É nossa conexão especial, sabe?

Ele assente, indo para a frente da caminhonete e olhando para o capô.

— Entendi. Para meu avô e eu, eram os carros. Lembro-me de trabalhar nisso com ele quando criança. Ele me ensinou muito. Eu decorei os nomes das ferramentas antes de decorar os nomes dos meus primos. Minha mãe ficava louca.

Eu dou risada.

— Deus, aposto que você era um garoto fofo. Cabelos escuros, olhos brilhantes. Aposto que você tinha o que você queria do seu avô.

Miles ergue as sobrancelhas.

— Bem, ele sempre mantinha doces no porta-luvas para mim. — Ele caminha até onde eu estou e me tira do caminho para poder abrir a porta do lado do passageiro. Inclinando-se, ele aperta o botão para o compartimento e pega um saco de doces redondos e cor-de-rosa. — Quer um? — Ele pergunta com um sorriso espontâneo, o cheiro mentolado me tomando o nariz.

Eu rio e recuso.

— Não. Se esses eram do seu avô, deveriam ficar onde estão.

Ele assente e responde:

— Eles são bem velhos, mas eu não consigo comê-los nem jogá-los fora. — Ele se inclina para trás na caminhonete e os coloca de volta onde os encontrou.

Quando ele se afasta para fechar a porta, eu acho que vejo um brilho nos olhos dele que não estava lá antes. Ele se apoia na porta e aperta a ponta do nariz.

— Eu acho que o fluido de freio ainda está ardendo em meus olhos.

Eu estendo a mão e esfrego seu braço, em um movimento suave e reconfortante, um nó se formando na minha garganta com a dor que ele está tentando tanto esconder.

— O que é isso? — Eu pergunto, meu polegar esfregando o interior de seu pulso em círculos lentos e suaves.

Ele balança a cabeça com um sorriso triste.

— Nada.

— Miles — eu repito, olhando para ele encorajando-o. — Diga. — Ele exala e se inclina contra a porta aberta.

— Eu gostaria de já ter terminado. — Ele olha para o teto como se estivesse tentando fazer com que as lágrimas que brotam voltassem ao seu corpo. — Foi uma promessa que eu fiz para ele, e me sinto mal por ainda não ter terminado.

— Miles — eu digo com uma risada triste. — Olhe para essa coisa. É linda. É arte! Você já fez muito por isso.

Ele nega com a cabeça e dá uma risada.

— Mas ele reclamaria por eu ainda não ter terminado. Ele gostava de fingir ser um velho rabugento, mas tinha um lado suave que só mostrava para alguns de nós.

Pensar nisso me faz sorrir.

— Esses são os melhores tipos. Significa mais quando você é um dos sortudos que conseguem esse lado deles.

— Exatamente — Miles responde, olhando para mim.

— Ele gostava de sua ex? — Eu pergunto, inesperadamente.

Miles parece envergonhado com essa pergunta, mas se recompõe.

— Não, ele praticamente a odiava. A primeira vez que o ouvi usar a palavra puta foi em referência a ela.

Isso me faz rir tanto que tenho que cobrir a boca.

— Eu acho que eu teria gostado muito do seu avô.

Miles inclina a cabeça pensativamente para mim, avaliando-me de cima a baixo por um momento.

— Por alguma razão, eu acho que ele teria gostado de você também.

— É? — Eu respondo, cruzando os braços sobre o peito e me apoiando no carro. — Por que eu receberia tratamento especial, você sabe?

Ele encolhe os ombros.

— Eu acho que você é bem real, Mercedes. Você não faz tipo para as pessoas, e tudo que você diz é exatamente o que você é. É uma qualidade rara, ser exatamente o que você mostra às pessoas.

A culpa me esmaga com suas palavras. Então, as palavras de Dean no outro dia se acumulam em cima disso. Eu preciso dizer a ele meu nome. Este foi o ponto de hoje à noite. Já passou tempo demais. Eu estou jogando, e num jogo, alguém sempre perde.

Os impressionantes olhos azuis de Miles estão cheios de dor e paixão, e tão abertos para mim que sinto que posso ver sua alma inteira. Eu sei que a hora da verdade é agora. Eu preciso que ele saiba tudo de mim. A parte entediante e a corajosa.

— Miles, eu preciso te dizer...

Não posso terminar minha frase porque a boca dele está na minha. Sua enorme estrutura curvada, e meu rosto embalado em suas mãos enquanto sua língua varre meus lábios para alcançar a minha.

Minhas mãos se esticam e agarram a parte de trás de seus braços, com força, enquanto seus lábios me possuem de uma forma tão tenra que eu sinto borboletas explodirem nos dedos dos pés, nas pernas, na barriga, na cabeça. Até no peito. Especialmente no peito, bem no lugar que bate mais forte quando ele pressiona meu traseiro contra o metal frio atrás de mim.

Ele inclina a cabeça e aprofunda o beijo, prestando uma atenção especial ao meu lábio superior e inferior antes de sua língua mergulhar na minha boca, massageando a minha, dando e recebendo habilmente. Esvaindo e fluindo. Uma reivindicação delicada.

Sinto seu braço se mover e flexionar sob minha mão e ouço a abertura

audível da porta da caminhonete. Sem tirar os lábios dos meus, ele me desliza para que minha bunda atinja o banco macio da caminhonete. Ele me beija até a caminhonete até me deixar deitada de costas, minhas coxas apertando seu corpo enquanto seu peso me pressiona, forte e pesado.

Finalmente, eu me afasto, nossos corpos ondulando-se incontrolavelmente um no outro. — Miles, você tem certeza? — Eu resmungo porque quero que ele esteja ciente de onde nós estamos agora. — Você quer, aqui?

— Shhh, Mercedes — ele rosna, dando um beijo suave nos meus lábios antes de abrir os olhos suplicantes para os meus. — Apenas me dê este momento. Por favor. Sem pesquisas. Sem pensar. Eu... você é tão boa, e eu preciso me sentir bem agora. — Ele exala pesadamente e acrescenta: — Eu preciso disso.

Eu absorvo a agonia de sua voz, minha própria culpa me consumindo completamente quando ele se afasta e abre meu shorts jeans, lentamente puxando-o para baixo e pelas minhas pernas junto com minha calcinha. Ele pressiona a palma da mão e a desliza para dentro de mim.

— Você está sempre pronta para mim. Sempre. — Ele diz isso com tanta reverência que eu quase me sinto culpada.

Ele cai de volta em cima de mim, mordendo meus lábios novamente e me beijando com desespero, sem a menor cerimônia, puxando minha camisa para cima e meu sutiã para baixo para pegar um mamilo na boca. Bem forte.

Minhas mãos enfiam-se em seus cabelos, vasculhando as grossas e curtas madeixas enquanto mexo o quadril sobre ele, dominada pela deliciosa punição que ele está dando ao meu corpo.

Nós nos esfregamos um contra o outro com tanta força, que meu clitóris já está bem sensível por causa de sua calça jeans.

— Miles, eu preciso de você — eu digo com a voz rouca, suavemente, não sou mais capaz de suportar outro momento desta dolorosa tortura.

Ele solta um profundo grunhido.

— Eu não tenho camisinha. — Ele pressiona a testa contra o meu peito, claramente torturado pela ideia de ter que subir.

Eu não quero que ele me deixe assim, então respondo rapidamente:

— Estou tomando pílula. — A cabeça de Miles se ergue, seus olhos tão sérios nos meus. Isso me deixa nervosa, então eu rapidamente acrescento: — E eu confio em você.

Ele me encara, piscando várias vezes e me observando por um longo momento antes de perguntar devagar:

— Tem certeza?

Eu confirmo porque, sinceramente, eu sou a pessoa não confiável aqui. Miles é perfeito.

Eu estico a mão entre nós e começo a abrir seu jeans, um frenesi dominando-me a cada minuto que se passa, que ele não está preenchendo essa dor dentro de mim. Eu preciso dele tanto quanto ele precisa de mim. O prazer vai tirar a culpa e angústia que me consomem. Eu preciso perder-me com seu peso e seu corpo, e não pensar em tudo o que eu estou escondendo dele, e em como tudo isso pode acabar.

Eu empurro sua calça jeans para baixo, e aperto sua cintura firmemente, posicionando-o entre a minha fenda e exatamente onde eu preciso dele.

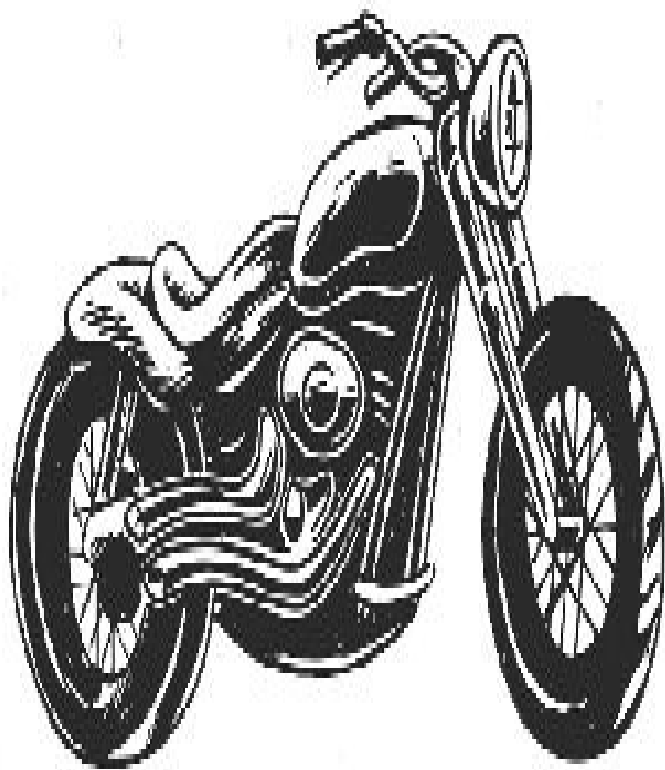
— Miles — eu peço. — Venha.

— Mercedes — ele diz e me penetra. Profundo. Tão profundo.

— Assim — eu grito, porque o contato carne contra carne é maravilhoso. A plenitude é milagrosa. A pressão é afirmação da vida.

— Mercedes — ele geme de novo e mais uma vez, alternando entre o meu nome e beijos no meu pescoço e clavícula. E não demora muito para eu sentir as lágrimas se acumularem em meus olhos fechados. Lágrimas da minha desgraça iminente.

Ele nunca vai me perdoar.



27

MILES

Eu franzo a testa para o meu celular que seguro com força, desejando que ele toque. Tocar. Alguma coisa. Qualquer coisa. Faz dias que eu levei Mercedes para a minha casa, e não soube mais nada dela.

Eu sei que fazer sexo sem preservativo foi perigoso, mas será que ela está com medo de ter pegado alguma doença? Droga, eu não tenho nada. Nós até falamos mais sobre isso depois. Eu nunca faço sem camisinha. Mesmo em todos esses anos com Joce, nós sempre usamos preservativos. Ela era tão paranoica com medo de engravidar, o que é irônico, considerando que foi uma gravidez acidental o que aconteceu entre ela e aquele filho da puta rico.

E eu sei que já dormi com algumas desde então, mas sempre fui cuidadoso. Bem cuidadoso. Eu não sei o que aconteceu comigo naquela noite na caminhonete do meu avô. Eu acho que foram dois mundos colidindo. O velho e o novo e parecia tão certo, tão natural, tão... real. Eu tinha que tê-la. Lá. Naquela caminhonete.

Meu avô também estaria orgulhoso pra caralho. Ele me daria um tapinha nas costas e provavelmente me diria para colocar um anel no dedo de qualquer garota que tivesse aberto as pernas em uma caminhonete antiga.

Eu rio desse pensamento e tomo um longo gole da minha cerveja, em seguida, gesticulo para o barman para trazer outra.

— Cara, você estava ouvindo o que eu disse? — Sam pergunta, virando-se para mim, a barba ruiva longa e desgrenhada, os olhos estreitos e irritados.

— Sim, eu escutei o que você disse. Seu tio quer que você compre dele a loja de pneus. Isso é foda demais, cara.

— É incrível para nós dois, imbecil.

— Hein? — Eu respondo, rasgando um porta-copos do Pearl Street Pub de qualquer modo. — O que eu tenho a ver com isso?

— Se eu for administrar a loja de pneus, eu quero você ao meu lado. Talvez como gerente ou diretor de peças. Eu não sei, cara. Merda, talvez você possa abrir aquela garagem vintage associada à loja de pneus. Você pode finalmente trabalhar em carros clássicos com mais frequência. Nós podemos

anunciar e tudo. Já pensou como a caminhonete do seu vovô ficaria legal em nosso showroom? Essa porra branca na parede da loja. Porra, fico duro só de pensar nisso.

Eu concordo com a cabeça e entrego ao barman minha garrafa vazia quando ele me dá uma nova.

— Eu acho que isso não seria ruim.

— Você está certo, não seria — Sam fala e brindamos. — Jesus Cristo, nós teríamos tudo em uma loja. Pneus, reparos de automóveis e restaurações de carros antigos. Nós poderíamos anunciar em Denver sobre isso porque você sabe que pessoas com carros clássicos dirigirão por um bom trabalho. E você é um maldito rei nos clássicos, mano. Você sabe disso.

Eu assinto, sabendo que o que ele está dizendo é algo que nós sonhamos muito juntos, mas por alguma razão, eu não consigo parar de pensar em Mercedes.

— Cara! — Sam me dá um soco forte no ombro.

Num piscar de olhos, eu estou de pé, minha fúria subindo mais rápido do que o previsto. Minha mandíbula está tão tensa que acho que ouço meus dentes rangerem.

Sam recolhe a mão em sinal de rendição.

— Acalme-se. Eu só estou tentando fazer você sair desse humor irritante. Você precisa transar.

— Foda-se — eu resmungo e me sento no banco.

— É verdade. Você está sofrendo por uma amiga de foda, e isso é estúpido.

— Ela não é uma amiga de foda — respondo e bato em seu braço. — Veja como você fala sobre ela. Eu não estou brincando, cara.

— Ok, ok. Mas você precisa entender suas prioridades imediatas. Não deixe essa garota entrar em sua cabeça e forçá-lo a perder uma grande oportunidade. Eu estou dizendo que podemos ser parceiros de negócios num futuro próximo. Eu estou dizendo que vamos dominar Boulder, e vai ser fantástico demais.

Eu aceno solenemente e assimilo suas palavras. É claro que Mercedes tem ocupado todos os meus pensamentos esta noite, e é exatamente esse tipo de

coisa de que eu não preciso na minha vida. Se ela não vai me ligar, eu não vou me estressar com isso. Nós temos só um lance. Isso é o que eu queria.

Eu *não* queria drama.

Voltando a agir de modo determinado, bato a mão no bar.

— Você está certo, Sam. Isso vai ser incrível.

— Pode apostar que sim! — Ele encosta a cerveja na minha, e ele me observa com confusão enquanto eu me levanto. — O que estamos fazendo?

— Nós estamos indo embora.

— Embora? Embora para onde?

— Vamos comemorar, mano. Nós temos um novo futuro à espera e é hora de sairmos do mesmo cenário antigo. Vamos seguir pela Pearl Street e ver em que tipo de problemas nós podemos nos meter.

Sam ri muito e bate nas minhas costas.

— Eu estou dentro!



28

KATE

— Oh, eu vejo uma mesa que acabou de liberar! — Lynsey grita, correndo com seu chá gelado Long Island, e praticamente caindo em cima de uma mesa de aço inoxidável antes do casal, que atualmente a ocupa, que ainda nem sequer pegaram os casacos para sair.

Eu me encolho pela cena e olho em volta para ver quantas pessoas estão olhando. Não muitas. Poderia ser pior. Mas eu aprecio os esforços de Lynsey porque as mesas são difíceis de pegar no West End Tavern. É um bar em Boulder com três níveis ao ar livre, e seu pátio na cobertura fica sempre cheio no verão. Tem uma vista deslumbrante das montanhas, e é um daqueles lugares que é sempre barulhento, então você se sente parte de alguma coisa.

Eu me aproximo com um olhar tímido.

— Desculpe — digo para o casal que está se afastando lentamente. Lynsey finalmente sai da mesa e senta-se em uma cadeira.

— Ok, então termine onde você parou — ela diz enquanto me sento na frente dela.

— De onde eu parei? — Eu pergunto, tomando um copo de vinho porque a cerveja não vai ajudar depois da semana que tive.

— Bem, Dryston está de volta... — ela começa repetindo minha história anterior.

Eu dou uma risada.

— Sim, bem, isso é praticamente tudo o que eu sei. Eu recebi uma mensagem dele alguns dias atrás, enquanto eu estava no supermercado. Uma mensagem com letras maiúsculas, ONDE ESTÃO MINHAS COISAS, PORRA. E ele colocou um ponto final em vez de um ponto de interrogação... idiota.

— Claramente ele voltou para a casa — Lynsey diz, olhos castanhos arregalados e preocupados.

Eu dou de ombros.

— Eu acho que sim. Ele disse que estava aqui com o amigo dele, Mitchell.

Ela balança a cabeça, pequenas mechas de seu cabelo castanho caindo do coque bagunçado no topo de sua cabeça.

— Isso é estranho.

— Super estranho — eu concordo, segurando meu próprio cabelo e puxando-o para um lado para esfriar meu pescoço por baixo. — Dryston não deveria voltar para ficar mais um mês. Eu pensei que teria tempo para contar a ele que eu levei todas as suas coisas para um contêiner de armazenamento. — *Tradução: Eu pensei que teria tempo para dizer a Miles a verdade sobre o meu colega de quarto.*

— Então, o que você disse? — Lynsey pergunta, tomando outro gole de seu Long Island.

— Eu disse a ele onde o módulo ficava, e que eu poderia ter mandado entregar tudo onde quer que ele estivesse vivendo, porque agora que ele estava de volta à cidade, eu mudaria as fechaduras.

Seus olhos brilham de excitação.

— Oh meu Deus, você não fez isso!

Eu balanço a cabeça, afirmando.

— Eu fiz. Foda-se ele. Ele volta para a cidade sem nem ao menos avisar, pensando que pode simplesmente entrar na minha casa como se estivesse pagando aluguel durante todo o verão? Não é o caso porque ele certamente não tem me enviado cheques. Eu pagarei o depósito que nós dividimos pela casa, se for preciso. Eu não vou me mudar!

— Bom para você! — Lynsey exclama, batendo na mesa, animada. — Você está finalmente tomando uma posição.

— Estou, sim — eu respondo com um sorriso e tomo um gole do meu vinho. — Então, fale-me sobre você. Onde você esteve nos últimos dias? Eu te procurei e você nunca está em casa.

O rosto de Lynsey fica vermelho quando eu mudo de assunto. Seus olhos estão praticamente cintilando.

— Você vai ficar tão orgulhosa.

— Conte-me.

Ela suspira pesadamente.

— Bem, minha tese estava indo horrivelmente mal, então eu decidi voltar para o refeitório do hospital para ver se poderia conseguir o efeito que a loja de pneus tem em você.

Meu sorriso está enorme.

— E você conseguiu? — Eu quase grito.

— Sim — ela grita de volta e cobre o rosto, como o emoji do macaco.

— Por que você está com vergonha? Isso é fantástico!

Ela revira os olhos.

— Bem, meu Deus, eu como lá todos os dias agora, e sinto que as pessoas da cafeteria acham que eu estou lá por alguma razão realmente trágica. Eles normalmente gritam “*próximo da fila*” quando é a sua vez de pagar, mas sempre que me veem, eles dizem “*Vem cá, querida*”. Isso é estranhamente óbvio. Eu acho que as pessoas estão começando a perceber.

Eu dou risada.

— Como quem? Famílias de outros pacientes que são todas temporárias? Eles não ficarão mais do que uma semana.

— Bem... não apenas as famílias dos pacientes. Tem um médico mais velho que é meio idiota. Ele fica de cara feia para mim toda vez que me vê. Eu não sei se é o rosto dele ou se ele acha que eu sou uma louca.

— Apenas ignore-o. Se ele é médico, tenho certeza de que está ocupado demais para se preocupar com você.

— Sim, você provavelmente está certa. Eu só estou reparando nele porque ele é incrivelmente gostoso. Como pegar McDreamy e McSteamy nus aos mesmo tempo. Para você ter ideia de como ele é gostoso.

O vinho quase sai pelo meu nariz.

— Lynsey! Isso foi escandaloso!

Ela dá de ombros.

— Eu conheço uma garota que escreve os melhores livros pervertidos. Você deveria dar uma lida, amplia seus horizontes. — Ela me dá uma piscada e acrescenta: — Então agora que Dryston finalmente se foi oficialmente, significa que não há nada que impeça você de aprofundar mais as coisas com Miles?

— Exceto pelo lance do meu nome verdadeiro — eu respondo, franzindo os lábios porque já estou morrendo de saudade dele. Tenho evitado Miles por medo de Dryston aparecer inesperadamente. Mas eu não serei capaz de ficar longe por muito mais tempo. Eu preciso esclarecer tudo. Pôr tudo para fora e esperar que ele entenda.

Ela ignora tudo isso como se não fosse nada, e toma o resto de sua bebida. São quase onze, mas já posso dizer que vai ser uma daquelas noites em que temos que ir de táxi para casa.

Lynsey olha em volta com uma expressão tensa.

— Não há uma garçonete aqui? — Ela resmunga e se levanta. — Eu vou fazer xixi e pegar bebidas no bar. Outro vinho?

— Por favor! — Respondo.

E assim que me recosto na cadeira para refletir sobre que mensagem devo mandar para Miles, Dryston aparece e se senta ao meu lado.

— Docinho, eu estou em casa! — Dryston ri de modo arrogante e pega minha taça de vinho. Ele a inclina para os lábios, engolindo as últimas gotas restantes e me fixa com um olhar meio sério. — Como você está, Katie?

Eu reviro meus olhos e balanço a cabeça. Ele é o único na minha vida que já me chamou de Katie, e não posso acreditar que já achei isso fofo.

— Eu estou bem, Dryston. Como você está?

Eu o olho para cima e para baixo por um minuto, observando que ele está claramente bêbado. Seu corpo está balançando enquanto ele apoia os braços na mesa de metal. Já faz dois meses desde que ele viajou, e eu não senti falta dele nem um pouco.

E ele ainda está claramente tentando parecer um ricoço, o que significa absolutamente nada em Boulder. Eu olho para baixo e vejo que ele está com seus mocassins, sem meias e sua calça cáqui padrão. Em cima, usa uma camisa branca com pelo menos cinco botões abertos para revelar seu bronzeado de verão ridiculamente perfeito. Seu cabelo loiro está arrepiado com gel, com óculos escuros apoiados no alto da cabeça, embora tenha escurecido há horas.

Ele é exatamente o oposto de Miles de todas as maneiras possíveis. Que diabos eu estava pensando?

Minha única defesa é que foi antes mesmo de eu saber que caras como

Miles existiam. E apesar de Dryston ser um idiota pomposo a maior parte do tempo, nós ainda nos divertimos juntos. Eu não posso negar esse fato. Nós viajamos pelo mundo, eu fui a festas malucas e experimentei muita coisa. Eu acho que ele me manteve por perto porque meu trabalho era tão flexível que se ele quisesse viajar para a praia no fim de semana, nós poderíamos ir. Era fácil ser atraída pela excitação das viagens e ignorar tudo o que faltava entre nós.

A conexão. A emoção. A paixão.

Nós nunca tivemos nada disso. Eu conheço Miles há uma fração desse tempo e temos isso aos montes.

— Porra, Katie. Você realmente ficou melhor quando eu fui embora? — Ele pergunta, seus olhos castanhos se abaixando e absorvendo meu vestido apertado verde-oliva. Ele está amarrado nas laterais, e o decote no pescoço é profundo o suficiente para mostrar um pouco dos seios, mas eu o adoro, principalmente pela sua cor. O verde cai bem para as ruivas, e eu tinha uma esperança doentia de acabar na casa de Miles hoje à noite.

— Isso é típico.

— O quê? — Ele olha.

— Você volta rastejando para a cidade e acha que pode conseguir o que quiser. — Eu balanço a cabeça, desanimada.

Ele não parece nem um pouco desanimado.

— O quê? Não me lembro de seus peitos serem tão bonitos. Eu preciso refrescar a memória.

— Não seja um porco, Dryston.

— Não seja uma cadela, Katie.

Eu olho para ele com um olhar frio, minha postura endurecendo diante de seu tom grosseiro. Com os dentes cerrados, eu pergunto:

— O que você quer?

Ele se inclina no canto da mesa e desliza um dedo ao longo do meu braço.

— Eu quero voltar para casa.

— Não! — Eu exclamo, me afastando de seu toque. — Dryston, nós estamos separados. Suas coisas estão no depósito. Não há absolutamente

nenhuma razão para você voltar para a casa.

— Bem, foi burrice você tirar as coisas sem minha permissão. Se alguma coisa estiver danificada, eu vou fazer você pagar por isso.

— Bem! Envie-me a conta. Eu não me importo.

Ele ri de modo arrogante.

— Então eu suponho que você está fodendo alguém novo agora, e é por isso que você está me dando um pé na bunda?

— Não é por isso — eu grito, meus olhos ferozes nos dele. — Eu quero que você vá embora, porque eu não suporto você, e eu não estou com vontade de viver com meu ex que acabou se tornando um babaca total.

— Como eu me tornei um babaca? — Ele pergunta, boquiaberto de indignação.

— Muitas, muitas vezes! — Eu exclamo, sentindo as veias do meu pescoço incharem. — Mas o pior de tudo era você ter vergonha de me apresentar a sua família. Nós ficamos juntos por quase dois anos, e você queria que eu mentisse para eles sobre o que eu faço para viver.

Ele sacode a cabeça.

— Bem, minha família é religiosa, e o que você faz não é exatamente saudável, Katie.

Eu reviro meus olhos, murmurando baixinho.

— Maldito covarde.

Ele rosna em resposta.

— Bem, você não pode me chutar para fora da nossa casa. Nosso contrato só termina daqui a sete meses.

— Pode deixar que eu pago a sua parte! — Eu exclamo, meus olhos arregalados e acusadores. — Minha melhor amiga mora ao lado. A única razão pela qual eu encontrei aquela casa foi por causa dela. Pare de ser tão egoísta e encontre outro lugar para morar! Ou vá morar com seu amigo. Suas coisas estão todas empacotadas e prontas para ir.

Ele se recosta na cadeira e diz:

— Eu nem tenho um carro que possa rebocar um contêiner de

armazenamento.

Meu rosto enrugava-se incrédulo com seu comentário idiota.

— Eles entregam, Dryston. E não se preocupe, eu vou pagar por isso também. Deus me livre de você ter que usar seu fundo fiduciário.

Ele lança um olhar malvado para mim.

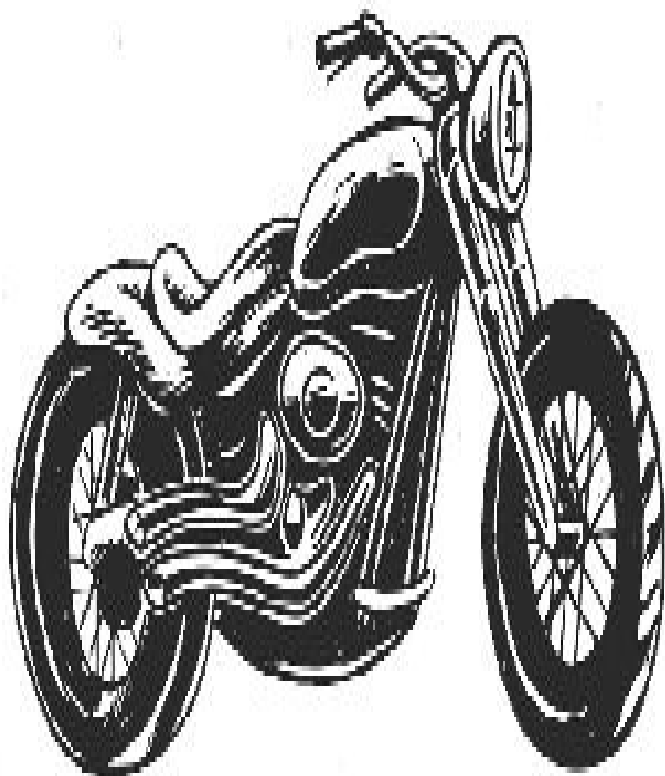
— Você sabe ser uma verdadeira puta, sabia?

— E obscena, então é melhor você fugir antes que seja afetado por mim!

— Eu balanço os dedos em direção a ele de forma dramática quando uma voz grossa e familiar surge ao meu lado.

— De que porra você a chamou?

Eu olho para cima e meu coração congela quando vejo Miles Hudson parado ao meu lado.



29

MILES

Normalmente eu evito lugares como West End Tavern. Eles geralmente estão transbordando de pessoas que estão querendo se divertir sem controle. Um bom momento não precisa de muito para acontecer. Deve vir naturalmente.

Mas hoje, eu estou ansioso para deixar de pensar em Mercedes e na sua falta de comunicação, então eu sigo com Sam pelas escadas até o terraço da West End Tavern. O barulho e a música estão animados, e está cheio, mas não tão cheio a ponto de eu lamentar a decisão de me aventurar.

Sam vê alguns caras que nós conhecemos da loja, então vamos até o bar. Depois de pedir algumas cervejas, eu olho para a direita e vejo uma morena familiar no final do bar.

Os olhos da amiga de Mercedes encontram os meus ao mesmo tempo se arregalam em surpresa.

— Miles? — Lynsey diz com um sorriso e acena para mim.

Dou-lhe um aceno com a cabeça e seguro meu lugar no bar enquanto ela se aproxima de mim. O garçom está me entregando uma garrafa quando ela me alcança.

Ela para ao meu lado e sorri animadamente.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu estou aqui com meu amigo — eu respondo, apontando para trás para Sam. — E você? — pergunto, lutando contra o desejo de fazer uma varredura no local em busca de uma ruiva de quem sinto mais falta do que estou pronto para admitir.

Lynsey me cutuca na barriga e responde:

— Eu estou aqui com a Kate! Quais são as chances de isso ocorrer?

Eu franzo a testa para ela.

— Quem é Kate?

Seus olhos se arregalam e seu sorriso some quando ela olha para baixo por um momento. Lentamente, seus olhos se levantam para uma área acima do

meu ombro, então eu me viro para ver o que a deixa tão assustada.

Naquele momento, eu vejo sangue. Literal e figurativamente.

Minha mão aperta a garrafa de cerveja quando vejo Mercedes sentada a uma mesa com um cara. Isso me incomodaria em circunstâncias normais. Mas o fato de eu reconhecer aquele idiota da loja de pneus, o maldito Sr. Camisa Verde significa que eu não estou apenas irritado. Eu estou puto pra caralho.

E eles não estão apenas sentados em frente um ao outro como um casal de velhos amigos que se reencontrou. Ele está sentado ao lado dela, bem perto, então suas pernas estão se tocando. E ele está inclinado tão perto a ponto de conseguir sentir o cheiro do brilho labial dela.

Sam deve ter notado minha mudança de humor, porque ele olha para mim com uma expressão confusa. Eu mostro com a cabeça para o que estou olhando, e sei que ele instantaneamente reconhece o idiota também.

Sam olha para mim.

— Essa é...? —

Eu afirmo lentamente.

— E ela está falando com...?

Eu afirmo lentamente novamente.

— Que porra é essa, mano?

Minha mandíbula está tensa e um músculo pulso em minha bochecha como um louco pronto a se levantar e destruir todo esse bar.

Quando o Camisa Verde Idiota estica o braço na direção do rosto de Mercedes, eu atravesso o pátio enorme com passos largos e pesados.

— Miles, não é o que você pensa — a voz de Lynsey soa atrás de mim enquanto eu me esforço para passar por um grupo de pessoas. Lynsey segura meu braço, tenta me segurar.

Eu me viro e respondo:

— Isso me parece bem claro, cristalino pra burro.

— Ele não é ninguém — ela diz, mordendo o lábio inferior com nervosismo.

— Então por que você está me segurando? — Eu grito, olhando para a

mão dela no meu braço. Ela me solta, uma atitude inteligente, e eu murmuro um agradecimento e retomo meu ritmo anterior.

Eu realmente não tomei a decisão consciente de vir até aqui e me aproximar deles. Foi uma reação instintiva e automática contra a qual eu realmente não podia lutar.

A voz de Camisa Verde chega em meu ouvido quando estou perto o suficiente para ouvir:

— Você sabe ser uma verdadeira puta, sabia?

Mercedes responde algo mal-humorado e balança os dedos na cara dele antes de eu acrescentar:

— De que porra você a chamou? — Eu quase rosno, me aproximando para ficar do outro lado de Mercedes.

Camisa Verde olha para mim com uma expressão irritada no rosto.

— Como?

— Desculpe-se — eu digo e me inclino, espalmando as mãos na mesa.

— Miles — Mercedes diz, sua voz tensa. Consigo sentir os olhos dela em mim, mas não desvio os olhos do babaca.

— Do que diabos você a chamou? — Eu repito a pergunta anterior e acrescento: — Não vou perguntar de novo.

Camisa Verde, que está com uma camisa branca hoje, apenas ri.

— Esta conversa não tem nada a ver com você, mecânico. Por que você não vaza? Você está claramente cheirando a gasolina.

— Dryston! — Mercedes grita, e o jeito com que ela diz o nome parece íntimo. Como se pudesse ser uma pessoa que ela conhece mais do que eu gostaria de acreditar.

— Você conhece esse estúpido, Mercedes? — Eu pergunto, deslizando os olhos para ela. Ela está ansiosa e nervosa, lutando para fazer contato visual comigo. Seu peito está vermelho como eu nunca vi.

O cara solta uma risada pomposa e desagradável.

— Mercedes? — Ele olha para mim com as sobrancelhas levantadas. — Você acha que o nome dela é Mercedes?

Minhas sobrancelhas franzem e olho para Mercedes para ter a confirmação. Ela concorda rapidamente e diz:

— Eu ia te contar tudo.

— Contar o quê? — Eu grito, as mãos se transformando em punhos na mesa. — Quem diabos é esse cara?

— Ele não é ninguém! — Ela afirma com os dentes cerrados, atenta ao meu rosto e chega a tocar meu braço.

Camisa Verde lança outra risada desagradável e diz:

— Não sou ninguém, eu só vivi com você por dois anos.

— Viveu com você? — Eu pergunto, completamente confuso, porque não acho que esse imbecil seja o amigo gay dela. — Este é o seu colega de quarto gay que você expulsou?

Camisa Verde se inclina sobre a mesa e murmura:

— Eu não fodi com ela como se eu fosse gay, mano.

Raiva. Raiva não diluída rasga meu corpo, e eu me endireito, peito arfando. Mercedes se levanta para agarrar meu braço e me impede de dar a volta na mesa e rasgar a garganta do maldito idiota.

— Miles, por favor, se você me deixar explicar — ela diz rápido, com a voz trêmula e alterada.

— Sim... *Katie* — acrescenta o Camisa Verde —, explique a ele que eu fui seu namorado por dois anos e ainda basicamente moro com você.

— Você não mora comigo, Dryston! — Ela grita, a própria mão em punho ao lado do corpo enquanto bate o pé.

Meu rosto torce em confusão quando me viro para encará-la.

— Por que ele está chamando você de Katie? — Eu digo com os dentes tão cerrados que tenho a impressão que eles podem se quebrar a qualquer momento. — Seu nome é Mercedes.

— O nome dela é Kate Smith, seu retardado. Mercedes é basicamente o nome de puta que ela inventou para escrever aquelas coisas horríveis que ela chama de livros.

Agora chega. Chega desse idiota. Ele disse a última coisa idiota com a

qual eu posso lidar.

Eu alcanço o outro lado da mesa e o coloco de pé pelo colarinho da camisa. Dando um passo de lado, eu o puxo até o meu rosto com tanta força que ele tem que ficar em pé na ponta dos pés para alcançar meu queixo.

— Volte a xingá-la, e você vai se arrepender disso.

O cara mais parece um saco de batatas em meus braços, os olhos meio fechados quando o lábio dele se curva para baixo e ele sussurra:

— Você pode ficar com a puta desprezível. Ela não é adequada como companhia decente, de qualquer maneira.

Meus olhos se arregalam, e quando me dou conta, já dei um belo soco no nariz pomposo desse filho da puta. Um estalo satisfatório vibra contra meus dedos, e o sangue espirra por todo seu rosto.

Ele uiva de dor e cai no chão, a mão cobrindo o nariz.

— Seu maldito mecânico! — Ele grita, sua voz embargada no final. — Acho que você quebrou meu nariz!

— Bom — eu rosno entredentes, quando Sam envolve me agarra e me puxa para trás. Meus ombros se erguem e caem rapidamente enquanto eu respiro forte e me estico e flexiono meus dedos na mão que fizeram contato.

— Você não vai dizer “bom” quando eu te processar, porra! — Camisa Verde grita do chão, onde está de joelhos.

Mas suas palavras nem sequer se registram em minha mente enquanto deslizo meu olhar para a esquerda e vejo Mercedes parada ali com as mãos sobre a boca aberta. Lágrimas surgem em seus olhos.

São por causa desse babaca?

Ela olha para mim e abaixa as mãos, o queixo tremendo incontrolavelmente, e murmura meu nome.

— Miles.

Ela vem para me tocar, e eu me afasto dela e me livro de Sam. Eu a fixo com um olhar sério.

— Não fale comigo.

— Miles! — Ela exclama com um grito. — Eu preciso explicar.

— Explique isso — digo apontando para o ex idiota chorando com um guardanapo de papel. — Explique por que eu dei um soco em um cara por uma garota cujo nome eu nem sei.

Ela soluça e eu nem posso mais olhar para ela. Eu me viro, abrindo caminho através da multidão, entre as pessoas que estão ao nosso redor. Eu passo por Lynsey perto do bar, e ela olha para mim como um cachorro chutado, mas felizmente não diz nada.

Quando eu caminho através da porta em direção às escadas, minha mente se tornou um turbilhão. Pensamos conhecer as pessoas. Pensamos que erramos e que há pessoas boas por aí que podem ser honestas e boas. Reais.

Mas aí descobrimos que nos enganamos, e quebramos a cara.

Eu paro na escada e dou um soco na parede de concreto. Não causa nada à parede, mas tira a dor do meu peito, o que é melhor que nada.

— Droga — resmungo, apertando a mão, meus dedos estalando dolorosamente um no outro enquanto estico meus dedos.

— Miles, espere — a voz de Mercedes ecoa na escadaria escura, iluminada apenas por um candelabro na parede.

Eu estou tentado a ignorá-la e continuar, mas vejo-a Tateando as escadas com um par de sandálias de salto alto. Ela parece prestes a cair a qualquer segundo, então paro apenas para fazê-la parar de me perseguir.

— O que foi, Mercedes? — Eu grito, minha mão segurando o corrimão de metal com tanta força que dói. — Ou é Katie?

Ela para dois passos à minha frente, seu peito subindo e descendo rapidamente. Seus olhos azuis estão tristes quando ela murmura:

— É Kate. Eu ia contar a você.

— Quando? — Eu pergunto, minha voz irregular agora que minha adrenalina diminuiu, e eu estou olhando para a mulher a quem eu desnudei minha alma nas últimas semanas. Eu olho diretamente nos olhos dela e acrescento: — Depois que eu me apaixonei por você?

Ela inspira, aguda e instavelmente, e responde apressadamente:

— Eu ainda sou a mesma pessoa, Miles. Eu sou tanto Mercedes quanto Kate. Mercedes ainda é meu nome, é usado apenas nos meus livros.

— É o seu pseudônimo? — Eu pergunto, e ela acena com a confirmação.
— Então por que mentir sobre isso?

— Eu não sei! — Ela responde com um movimento das mãos. — Porque com o meu ex me acostumei a esconder essa parte de mim. Mas com você, eu não tive que fazer isso, nunca. Kate Smith é quem eu sou quando não estou dizendo às pessoas sobre o que faço. Em uma das nossas primeiras noites juntos, você contou a sua irmã sobre mim. Isso é algo que eu nunca vivi antes, Miles.

Eu balanço a cabeça, sem acreditar.

— Se eu sou tão aberto e receptivo, então por que esconder seu nome verdadeiro? Você teve muito chances de me dizer. Você sabe como eu me sinto idiota por te chamar de Mercedes todo esse tempo? Toda vez que dormíamos juntos. Eu sinto que fui uma piada pra você!

— Você não é uma piada, eu sou! — Ela desce um passo para ficar da mesma altura que eu e estende as mãos para agarrar meu rosto. — Eu gostei muito de você. Todo esse tempo eu gostei de você mais do que como um amigo com amizade colorida. Eu sou a piada porque pensei que poderia ser Mercedes legal e casual, sem amarras, mas essa era a maior mentira de todas. Eu sou simplesmente a chata Kate Smith, e eu estou totalmente apaixonada por você, Miles.

Suas palavras me fizeram escapar de suas mãos e me afastar alguns passos. Eu não me importo se ela está se apaixonando por mim. Quero dizer, olha o que aconteceu esta noite. Ela é pior do que Jocelyn. Ela vai me arrastar sobre brasas, e depois, se eu passar por toda aquela merda pela segunda vez, não sobrá nada de mim.

Eu me viro e desvio o olhar de seu rosto emocionado e sofrido.

— Eu te disse que não quero drama, Kate. Minha ex fazia muito drama, e eu estou farto disso. — Eu olho para trás e aponto para a porta no topo da escada. — Eu nunca dei um soco em ninguém na minha vida, e simplesmente quebrei o nariz daquele idiota.

— Eu sinto muito! — Ela exclama, agarrando o corrimão e apertando com tanta força que seu braço começa a tremer. — Mas eu não sou perfeita. Eu vou ter drama na minha vida. E você não pode me impor uma política de tolerância zero para o drama por causa do seu maldito passado!

Eu nego com a cabeça, recusando-me a ouvir mais. Minha mente está

cheia de besteiras hoje, e eu não posso aguentar nenhum outro segundo.

— Eu estou fora, Kate, Mercedes, quem quer que seja. Você pode manter seu drama e suas mentiras. Continue vivendo sua vida com o seu nome de autora, seu nome verdadeiro, com seu namorado ou ex-namorado. Gay, não gay. Tanto faz.

— Miles, por favor...

— Não, já chega. — Eu aponto para a área do espaço entre nós como se isso representasse tudo o que aconteceu desde o momento em que ela me viu na oficina da loja de pneus. Meu tom é profundo e definitivo quando acrescento: — Este... é oficialmente o FIM da nossa história.

E então viro as costas e desço as escadas para longe da garota que eu achava que conhecia, mas na verdade estava escrevendo ficção o tempo todo.



30

KATE

Sabe aquele ponto em um romance onde a garota desnuda seu coração para o garoto, e ele diz a ela que a amava desde o primeiro momento em que pôs os olhos nela? Não foi assim que minha história com Miles aconteceu.

Na verdade, minha história com Miles passou de uma história de amor épica para uma ficção de mulheres trágicas. Por que como chamar uma história de amor sem final feliz?

Patética pra caralho, é isso.

Há dois momentos negros na minha história com Miles Hudson. E se eu achava que o momento negro número um, quando ele me rejeitou no Walrus Saloon foi ruim, não é nada comparado ao momento negro número dois.

Penso que nunca mais devo escrever outra cena de luta em um bar em um livro.

Eu olho para o cursor piscando no meu manuscrito e meus dedos começam a digitar. Eu me remexo desconfortavelmente na cadeira de praia na parte de trás do pátio da casa de Lynsey, apenas tentando encontrar um ponto ideal que ajudará as coisas a começarem a se encaixar.

É inútil.

Eu tentei todos os lugares na casa de Lynsey para encontrar a minha inspiração de escrita novamente, e nada está fluindo. Nada. E o fato de eu poder ver o rosto idiota de Dryston no andar de cima, na janela do quarto em que uma vez eu tive a minha inspiração, me faz tremer de raiva.

Acabei dando a casa a Dryston para que ele parasse de ameaçar entrar com uma ação legal contra Miles por socá-lo no nariz. Não foi difícil, porque Miles nunca teria socado Dryston se não fosse por mim. Mas agora eu passei as duas últimas semanas lutando para encontrar minha vibe morando com Lynsey. Como colega de quarto, ela é ótima. Mas ela não me inspira do jeito que Miles fazia. Nem mesmo chega perto.

Inferno, eu até fui com Lynsey para a cafeteria do hospital um dia para tentar achar inspiração. Isso não funcionou, e eu tentei ir à padaria perto do escritório de Dean.

Nada funcionou.

Porque eu já encontrei o lugar em que deu certo.

A loja de pneus.

Mas eu fechei essa porta. Miles não retornou nenhuma das minhas ligações nem mensagens, e isso é tudo.

Na minha opinião, eu estou tendo um *momento Rita Hayworth*. Ela foi uma deslumbrante e antiga atriz de Hollywood, que dizia que os homens iam para a cama com Gilda, o ícone bonito, e acordavam com a realidade, uma versão menos glamorosa do sonho.

Mercedes Lee Loveletter é Gilda. Kate Smith é a realidade.

Eu não fui corajosa o suficiente para descobrir se Miles aceitaria menos que Gilda, e agora eu arruinei minhas chances de saber com certeza.

Eu fecho o laptop e solto um grunhido forte assim que Lynsey e Dean chegam ao pátio dos fundos com bebidas na mão.

Dean sorri para mim enquanto me entrega uma margarita.

— Beba, isso vai ajudar.

Eu pego o copo da mão dele e vejo Lynsey caminhar até seu tiki bar e pegar um enorme jarro inteiro de margaritas. Ela olha para mim animada e diz:

— Nós estamos tendo ideias!

— Planejando — Dean corrige com uma piscadela e ocupa a cadeira de praia ao meu lado.

Lynsey senta na outra, então agora eu estou entre meus amigos, com bebidas na mão, uma melhora muito grande para o meu estado de poucos minutos atrás.

— Vocês estão certos — eu respondo e tomo um gole. — Talvez uma nova ideia de livro seja exatamente o que eu preciso para recuperar a inspiração. Algo sobre um piloto ou uma série que apresente um time de futebol inglês, talvez! Vocês sabem que eu amo um sotaque britânico.

— Kate — Dean me interrompe.

— Desculpe — eu me encolho. — Seria futebol se eles fossem britânicos.

Ele revira os olhos.

— Nós não estamos planejando uma nova série de livros. Nós estamos planejando como você pode trazer Miles de volta.

Eu desanimo instantaneamente e tomo um gole.

— É tarde demais, meus amigos. Miles deixou isso perfeitamente claro.

— Oh, pare — Lynsey me repreende. — Ele estava perturbado. Os caras não gostam de ser ridicularizados, e você fez com que ele se sentisse um idiota. Ele vai superar isso.

— Ele não está retornando nenhuma das minhas ligações — eu corrijo. — Já faz duas semanas.

— Isso porque você ainda não fez o seu grande gesto — ela diz, tirando os óculos de sol da cabeça e colocando-os sobre os olhos ao se recostar.

— Desculpe, como é que é?

— Kate! — Lynsey exclama, batendo na lateral da cadeira frustrada. Ela agita as mãos fazendo gestos enquanto continua: — Você escreve essa merda, agora você precisa vivê-la. Você precisa fazer um grande gesto que mostre ao seu herói que você se importa de uma forma profundamente pessoal, que deixa claro que, mesmo sabendo que estragou tudo, você ainda o conhece. Você o conhece e se preocupa com ele, e a grandeza desse gesto provará isso.

— Uau, isso foi longo — dou risada e tomo outro gole.

— Ela está certa, Kate — Dean diz abruptamente, e vejo a seriedade em seus olhos. — Você sabe que ele se importa com você, então apenas conversar com ele não será o suficiente. Você tem que fazer algo importante.

Eu chupo um pedaço de gelo por um momento enquanto penso a respeito.

— Em literaturas eróticas, os grandes gestos são normalmente como uma inversão de poder. Tipo, oh, tudo bem, vou deixar você colocar um plug anal com cauda de cavalo em mim só desta vez.

Lynsey e Dean explodem em gargalhadas, e eu franzo a testa para eles, dizendo:

— Eu estou falando sério.

Eles reviram os olhos e Dean diz:

— Pense mais romanticamente e menos como um animal de fazenda.

Eu permaneço em silêncio por alguns minutos enquanto me pergunto tudo o que amo em Miles. Então penso em tudo o que ele ama, e meus olhos brilham quando me lembro da noite em que compartilhamos a caminhonete do seu avô.

— O avô dele tem uma caminhonete velha que ele está morrendo de vontade de consertar. Mas está direcionando todo o seu dinheiro para as reformas da casa, então está se segurando nisso por enquanto. Ele disse que o carburador precisava ser substituído.

Os olhos de Dean se iluminam com essa revelação.

— Você só acabou de economizar sete meses de aluguel.

— Você acha que isso é uma boa ideia? — Eu pergunto, roendo a unha nervosamente. — É possível simplesmente comprar um carburador para um carro? Ele não teria que... eu não sei... consertá-lo ou algo assim?

— É para isso que existe o Google! — Lynsey grita e estende a mão para pegar meu computador.

— Espere, isso vai ser brochante? — Eu pergunto, interrompendo-a na metade da pesquisa. — Se eu comprar alguma peça cara para a caminhonete do avô dele, ele vai ficar tipo: “Foda-se vadia, eu pago do meu próprio jeito?” — Lynsey e eu olhamos para Dean esperando uma resposta.

— Não se você aparecer nua para dar na caminhonete. — Ele simplesmente encolhe os ombros.

Minha primeira reação foi rir, mas faço uma careta porque Dean não ri junto.

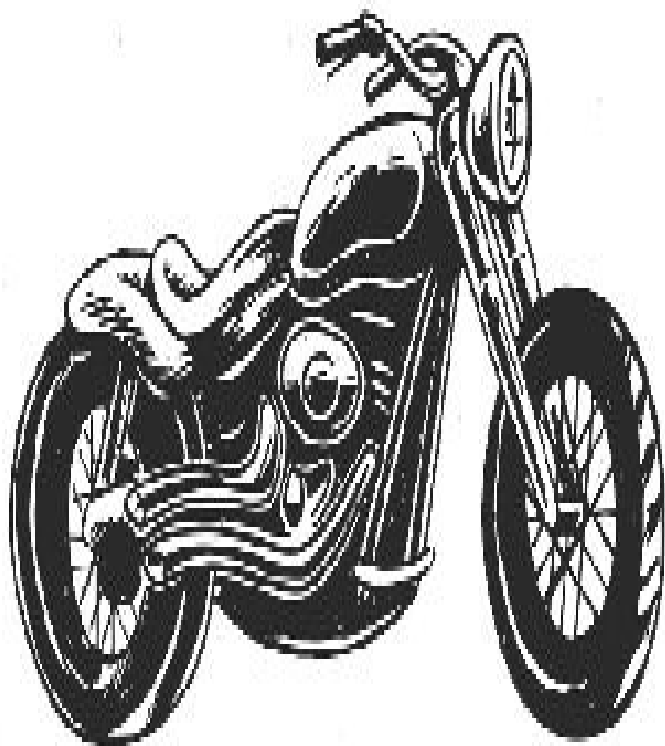
— Espere, isso é sério?

Ele ergue as sobrancelhas e me fixa com um olhar.

— Eu nem curto carros, mas se você vier para mim nua, com um carburador na mão, eu provavelmente ficaria todo interessado nisso.

Eu olho para Lynsey, que também dá de ombros.

— Nós vamos descobrir essa parte mais tarde — eu afirmo com uma risada. — Vamos encontrar este fabricante de orgasmo!



31

MILES

— Mano, qual é o seu problema? — a voz de minha irmã, Megan, atravessa a linha telefônica, me acordando de um sono profundo.

Eu esfrego as mãos no rosto e verifico a hora no meu celular.

— Nossa, por que você está acordada? São 6:30. Meu alarme nem disparou ainda.

— Eu pensei que você trabalhasse para ganhar a vida — ela retruca.

— Eu não saio da minha casa antes das 7:15. Eu tinha uns bons trinta minutos para ficar na cama, sua pirralha.

Ela suspira.

— Mamãe está preocupada com você.

Eu estico meus braços e me sento na cama antes de me levantar para ir ao banheiro.

— Por quê? — pergunto, tirando minha boxer.

— Porque você não envia um e-mail a ela há duas semanas. Você está fazendo xixi?

— Não — eu minto.

— Mentiroso.

— Eu não estou fazendo xixi. É apenas o riacho da minha casa. Correndo muito rápido e forte pela manhã.

— Você é nojento. Tenha a decência de silenciar a linha telefônica da próxima vez.

— Mas então você não seria capaz de me ouvir fazer xixi. — Um sorriso preguiçoso se espalha em meu rosto enquanto coloco o telefone no ombro para lavar as mãos. — Qual é o problema da mamãe?

— Você sempre foi de enviar e-mails para ela nas noites de domingo sem nunca falhar, mas está em silêncio absoluto com todos nós há duas semanas. Nós conversamos sobre isso, Miles. Um e-mail por semana significa que você evita

os telefonemas de duas horas com ela, nos quais ela ameaça ficar com você por uma semana na sua casa. Por que você está relaxando?

Eu respiro fundo e caminho pelo corredor até a cozinha. Minha cafeteira com temporizador terminou o preparo, e eu me sirvo uma xícara.

— Eu estive ocupado.

— Mentira — ela grita quando eu abro a porta da frente e saio para a varanda. O céu está uma mistura de nascer do sol azul e dourado, iluminando as copas das árvores na frente da minha casa.

— Eu não senti vontade de falar, Meg.

Ela resmunga.

— Não me diga que você voltou com Jocelyn. Eu estou lhe dizendo, Miles, nossa família não poderá mais aguentar isso. De qualquer maneira, eu pensei que ela estivesse casada e tivesse um filho.

— Não é Joce — eu digo, revirando os olhos e tomando um gole. — É aquela... garota escritora — eu admito porque conheço minha irmã, e ela não vai desistir até eu confessar.

— Aquela com quem você estava quando me ligou do bar?

Pigarreio e respondo com os dentes cerrados.

— Sim.

— Oh, cara! Eu não sabia que você estava saindo com ela!

— Eu não estou... quero dizer, eu estava. Mas acabou.

— Por quê?

— Porque ela mentiu para mim sobre uma coisa, e eu não quero passar por problemas novamente. Já chega, estou cheio disso.

O pequeno grunhido de Megan do outro lado me surpreende.

— Não pense que toda garota que não é perfeita é como Jocelyn, certo? Eu não conheço essa garota escritora, mas eu te conheço, e você parecia louco de felicidade naquela noite em que me ligou para falar sobre ela, Miles. Mais feliz do que... nunca. Eu diria desde Joce, mas sinceramente, você nunca ficou feliz com aquela garota. Nem um dia na vida. Eu sei que não conheço essa escritora, mas liguei para a mamãe no dia seguinte para contar a ela sobre sua alegria,

porque a diferença era nítida. Nós ficamos empolgadas.

— Sério? — Eu digo, boquiaberto. Eu sabia que minha família tinha problemas com Jocelyn, mas eles raramente diziam isso para mim. Eles sempre apoiaram cegamente as minhas decisões. — Vocês nunca disseram nada.

— Miles, Joce foi má, e ela te fez infeliz. Você ficou mal-humorado por anos por causa daquela garota. Deus, toda vez que vocês terminavam, todos rezávamos para que fosse a última vez.

— Por que você não disse algo para mim sobre isso? — Eu pergunto, segurando o corrimão da minha varanda e apertando, frustrado.

— Porque nós nunca sabíamos quando você poderia voltar com ela! E se admitíssemos como realmente nos sentíamos e você ficasse com ela, isso poderia arruinar nosso relacionamento com você. Na verdade, nós usamos o vovô para lhe dizer que ela era uma puta, porque nós sabíamos que você não o odiaria.

— Oh meu Deus — eu exclamo com um sacudir de cabeça. — O vovô estava nisso?

— Oh, sim — ela responde com uma risadinha. — Lembro-me de ele dizendo para a mãe uma vez... *“Se vocês são muito fracos para dizer a Miles para largar aquela garota, então eu vou fazer isso”*. A mamãe ficou super ofendida, mas era o vovô... você conhece.

Eu rio alto com isso.

— Deus, eu posso imaginá-lo dizendo isso.

— É desnecessário dizer que eu estou feliz que seu silêncio não seja por causa dela. Então, o que está acontecendo com a escritora? Qual é o nome dela, mesmo?

Eu balanço a cabeça e respondo.

— Kate. — Parece estranho dizer em voz alta já que ela foi Mercedes na minha cabeça por muito tempo, mas sinceramente, isso combina com ela muito mais do que Mercedes Lee Loveletter.

— Sobre o que ela mentiu?

— Sobre algumas coisas — eu respondo, sem querer entrar nos detalhes, porque isso faz com que eu me sinta patético.

— Então o que aconteceu quando você descobriu?

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Eu dei um soco em um cara.

Silêncio do outro lado.

— Megan? — Eu chamo. — Megan! — Eu digo um pouco mais alto.

— Desculpe, eu estava processando. Então você realmente deu um soco em um cara?

— Sim. Eu não me orgulho disso.

— Jesus, eu estou... impressionada. Papai sempre dizia que a única mulher que fazia você ficar violento com outra pessoa era eu. Você é uma daquelas pessoas que *“late, mas não morde”*. Seu latido é geralmente bem assustador, porque você é basicamente um gigante. Então o fato de você ter dado um soco por uma garota me faz pensar que você deve realmente se importar com ela.

Este é um conceito que venho ponderando nas últimas duas semanas.

— Eu acho que eu estava realmente começando — eu admito. — Mas acabou agora. Ela mentiu, e eu não vou fazer a mesma besteira que fiz com Joce.

— Há uma grande diferença aqui que acho que você não está considerando, Miles.

— Que seria?

— Joce fez você infeliz, e essa garota te faz feliz, verdadeiro ou falso?

Eu engulo um nó na garganta.

— Verdadeiro.

— Então você vai deixar uma noite ruim apagar vários momentos de felicidade?

— Eu não sei se é assim tão simples, Meg.

— É tão complicado quanto você faz ser, mano. Eu acho que você está exagerando porque foi magoado. E isso é compreensível. Mas não jogue fora uma coisa boa por causa do seu passado. você já perdeu bastante coisa.

Eu corro a mão pela cabeça e suspiro pesadamente.

— Como você ficou tão perspicaz?

— Eu fiquei sábia com o passar dos anos. — Ela ri e eu ouço um farfalhar ao fundo. — Minha aula de kickboxing está começando. Eu tenho que ir. Ligue-me depois que você deixar de ser idiota e fazer as pazes com essa garota!

Ela desliga sem dizer mais nada, e eu não controlo um sorriso. E parte do meu sorriso é porque, pela primeira vez em duas semanas, eu acho que talvez estivesse errado. Não por ficar chateado com Kate por mentir para mim sobre alguma coisa muito importante, mas por não ter permitido que ela explicasse seu lado das coisas. Eu nunca briguei com ela. Eu a bloqueei quando escolhi encerrar o drama em minha vida depois de ter sido tão gravemente ferido por Joce.

Mas o fato de eu nunca ter dado um soco em outro homem até aquela noite com Kate diz alguma coisa.

Diz que Kate Smith é uma mulher pela qual vale a pena lutar.



32

KATE

— Estou suada. Estou cansada. E cheirando mal em pontos onde não deveria. — Eu reclamo, e atiro um olhar para Dean, que está sentado no banco do passageiro parecendo envergonhado.

— O que foi? — Ele exclama com as mãos levantadas. — Eu não sabia que teríamos problemas com o carro. Seu carro não tem nem um ano de idade.

— Eu sei! — Eu grito, batendo a mão no volante e resmungando, frustrada. — Carro velho idiota! — Eu exclamo e aproximo a cabeça da janela para tomar uma brisa. — O maldito ar-condicionado não está mais funcionando. Eu e este carro estamos oficialmente brigados.

— Eu acho que todos nós só precisamos manter a calma — Lynsey cantarola no banco de trás, inclinando-se para a frente, a cabeça dela entre a de Dean e a minha. — Porque, por mais horrível que tenha sido essa viagem, depois de tudo o que aconteceu entre nós três nos últimos dois anos, acho que isso foi realmente uma cura.

Eu fecho os olhos e balanço a cabeça, lamentando o momento em que concordei que uma viagem para as Montanhas Rochosas, para pegar o carburador de quatro mil dólares de algum caipira, que aparentemente não sabia como *“enviar coisas, porque acho que elas podem se perder”*.

Francamente! Como há pessoas que não usam o correio para enviar coisas? Embora, admito, quando nós chegamos à casa da montanha do homem, percebi que ele provavelmente estava mais familiarizado com o Pony Express⁹. E eu não consegui determinar se sua esposa não era sua prima. Mas estou sendo preconceituosa. Ainda assim, não é de admirar que ele não me deixasse pagar com PayPal. Eu tive que pegar um cheque verdadeiro de um caixa de um banco real.

Então, no caminho de volta da montanha, um pneu furou. Dean, Lynsey e eu começamos a trocar juntos, pensando que três cabeças poderiam descobrir como trocar um pneu melhor do que uma.

Num minuto, eu estou gritando com Dean para me entregar a chave de roda, e no minuto seguinte, ele está me perguntando se eu estou sendo uma vadia porque ele me disse que tinha sentimentos por mim. Então Lynsey interrompe,

magoada e desanimada por nenhum de nós ter contado a ela sobre a nossa conversa na padaria, e isso foi uma confusão. E para coroar tudo, meu carro não deu partida de novo! Foi um desastre.

Nós três brigando uns com os outros na beira da estrada parecia um episódio ruim de *Sister Wives*¹⁰: Edição Colorado.

Eu provavelmente deveria fazer mais amigos.

— Deus, eu espero que essa coisa seja original — declara Dean, virando o carburador nas mãos.

— Largue isso. Você está me deixando nervosa — digo, olhando para ele com cautela.

Nós estamos a apenas oito quilômetros da loja de pneus, e eles fecham em dez minutos, então meus nervos estão à flor da pele.

— Eu só quero largar essa coisa e esquecer que toda essa viagem aconteceu.

— Não! — Lynsey exclama. — Siga o plano. Este é o seu gesto grandioso! Sua maneira de alcançar a redenção.

— Eu não quero alcançar a redenção — respondo irritada. Quanto mais tempo passávamos naquela estrada quente tentando descobrir o que havia de errado com meu carro, mais ridículo esse plano se tornava na minha cabeça. — Eu não quero comprar o carinho de Miles de volta. Eu quero que ele me queira por mim. Com defeitos e tudo.

— Então o que você vai fazer? — Dean pergunta, e eu sinto seus olhos preocupados nos meus.

— Vou soltar esse caro pedaço de metal no balcão e sair. Não vou entregá-lo nua a ele, nem segurar algo acima da cabeça como John Cusack em *Digam o Que Quiserem*. Vou largá-lo no balcão da frente e depois iremos embora. Fim da história.

Lynsey opina de trás.

— Parece o pior final para um livro que eu já ouvi.

— Isso não é um livro! — Eu grito. — É a minha vida, e não é de admirar que este plano tenha se tornado uma confusão. Tem desespero estampado por toda parte. Eu só quero ir para casa, comer pizza e chorar um pouco, ok?

O carro está em silêncio enquanto entramos em Boulder até Dean abrir a boca.

— Ei, Kate, eu sei que você está um pouco enlouquecida agora, mas eu realmente não acho que você deveria continuar dirigindo com esse pneu sobressalente. Eles são fabricados apenas para andar por cerca de alguns quilômetros, sabe?

Eu me viro e o fuzilo com os olhos. Ele se encolhe um pouco no assento.

— Tudo bem, vou deixá-lo na loja de pneus essa noite. Um de vocês precisa chamar um táxi porque nós estamos quase lá.

— Eles têm um veículo de cortesia que nos levará para casa! — Lynsey fala solícita do banco de trás.

— Tudo bem — murmuro enquanto entramos no estacionamento da loja de pneus. Eu olho através do vidro frontal do prédio e vejo Sam sozinho no balcão da frente. — Vocês dois vão sinalizar para o motorista do carro de cortesia. Eu sairei em um minuto, ok?

Eles assentem e curvam seus corpos suados para sair do meu veículo, com os rabos enfiadas entre as pernas. Devo a eles muito álcool depois dessa viagem dos pesadelos.

Quando eu entro, os olhos de Sam se arregalam ao me ver. Eu não me olhei no espelho recentemente, mas aposto que estou parecendo o Ronald McDonald depois de uma bebedeira.

Eu levanto as mãos e digo:

— Não pergunte — digo enquanto coloco o carburador na mesa na frente dele, além do meu chaveiro.

— Isso não pode ser do seu Cadillac — Sam exclama, um olhar perplexo quando ele vira o pedaço de metal nas mãos.

— Não é — eu respondo categoricamente. — É o carburador que Miles precisa para colocar a caminhonete do seu avô em funcionamento. Você pode dar a ele? Mas não diga a ele que é presente meu, por favor.

— Você está brincando comigo? — Sam pergunta, seu rosto incrédulo. — Mer... Kate, essa coisa custa uma porrada de dinheiro. Onde você achou isso?

— É uma longa história. Apenas cuide bem dele, e cuide para que ele chegue até Miles, ok? Ah, e meu Cadillac precisa de um pneu novo e de um

reparo. Ele começou a enguiçar comigo. Eu te ligo amanhã para passar os detalhes.

Ignorando sua expressão perplexa, viro-me para sair, mas antes de dar mais de alguns passos, ele grita:

— Ei, Kate?

Eu me viro e coloco as mãos suadas no quadril.

— Sim?

— Por que você mesma não quer dar o carburador a ele? — Ele coça a barba nervosamente.

Eu dou de ombros.

— Porque eu não o quero de volta assim. — Eu me viro para sair de novo, mas ele me interrompe mais uma vez.

— Ei, Kate.

— Sim? — Eu pergunto, virando para ele novamente.

— Você sabe que Miles pagou meu tio por cada semana que você ficou aqui usando o centro de comodidade, certo? — A expressão envergonhada de Sam está dizendo ainda mais do que suas palavras poderiam agora.

— Ele o quê? — Eu pergunto, totalmente confusa.

— Meu tio é o dono da loja de pneus, e Miles fez um acordo de equidade com ele, para ele fazer vista grossa enquanto você trabalhava no centro de comodidade.

Meus olhos se arregalam.

— Eu pensei que estava passando despercebida.

Sam ri.

— Todo mundo viu você entrando e saindo da entrada dos funcionários, Kate. Você sabe que não é invisível, certo? — Eu murcho por dentro. Sam encolhe os ombros. — No começo, meu tio estava chateando Miles. Ele o fez empilhar pneus no andar de cima da loja depois que uma grande remessa chegou. Ele disse que queria ver até onde ele iria por uma garota bonita. — Fico boquiaberta. Sam esfrega a nuca timidamente. — Mas agora eu acho que meu tio está se aproveitando dele, porque ele ainda pede para Miles fazer coisas,

inclusive hoje.

— Miles ainda está aqui? — Eu pergunto, minha voz aumentando em tom, minha barriga fazendo aquela coisa de fogos de artifício novamente, que mais parece diarreia, mas é uma ansiedade deliciosa.

Sam assente.

— Ele está lá em cima.

— Lá em cima? — Eu pergunto, minhas sobrancelhas se franzem.

Sam anda na minha direção e se vira à esquerda para a porta de entrada da oficina. Ele aponta para um conjunto de escadas industriais.

— Ele está empilhando pneus lá em cima. Você mesma deve dar isso a ele. — Ele entrega o carburador para mim, esboçando um sorriso. — Ele sabe que você não é como Jocelyn, Kate. Vá acabar com o sofrimento do garoto.

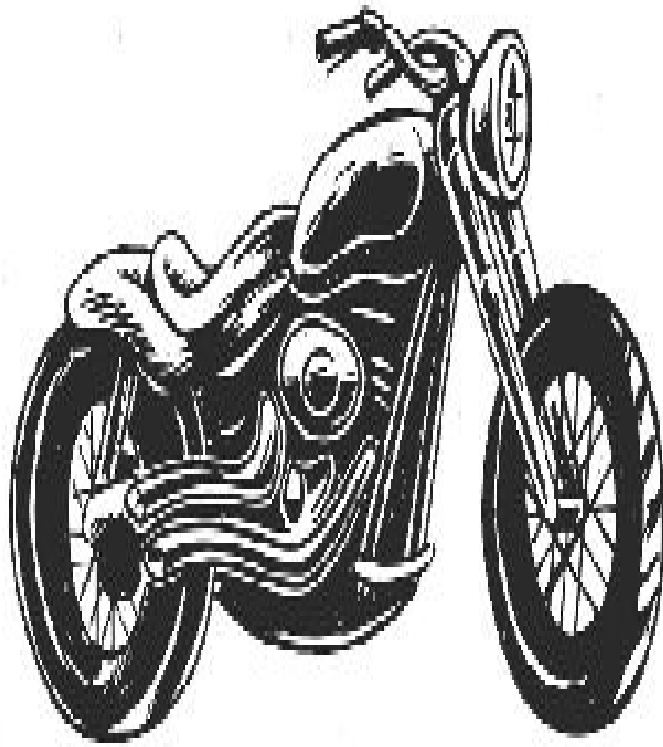
Eu pego o carburador de Sam, e sinto o coração na boca. Estou muito nervosa pelo que estou prestes a fazer, mas Miles não teria feito isso se não se importasse comigo. Isso deve significar algo mais do que casual para ele.

Eu caminho pela oficina tranquila, mas antes de seguir em direção às escadas, eu digo para Sam:

— Há um par de amigos meus, suados, esperando na van de cortesia. Você pode dizer a eles para irem em frente sem mim?

Sam franze o cenho para o estacionamento, mas me dá um sinal de positivo. Eu volto para as escadas e respiro fundo.

Eu estou um desastre, repugnante, e tive um dia horrível. Há apenas uma pessoa que pode melhorar isso. Hora do meu momento digno de livro.



33

MILES

Eu estava muito concentrado durante o dia de trabalho na loja de pneus, porque só conseguia pensar era terminar aqui e ir direto para a casa de Mercedes quando eu finalizasse. Ou Kate, eu devo dizer. Eu preciso falar com ela. Eu preciso ter certeza de que o que nós tivemos foi real. Eu também preciso dizer a ela que eu não quero mais casual. Eu a quero. Somente ela.

Eu terminei com essa tentativa meio burra de compensar a juventude que perdi. Eu só a quero. Ela está certa, não posso comparar seu drama ao drama de Jocelyn. Eu tenho lutado contra os meus sentimentos por Kate pelas razões erradas, e já estou farto dessa merda.

Eu coloco um pneu em uma pilha de oito que estão prontos para ir no caminhão amanhã cedo, quando ouço uma voz atrás de mim.

— Será que você pode me ajudar com mais algumas pesquisas literárias? Tem a ver com um final feliz.

Eu me viro e vejo Kate parada na escada a cerca de seis metros de mim. Cabelo ruivo amontoado em uma bola em cima de sua cabeça. Cachos encaracolados escapando ao redor de seu rosto. Ela está vestindo uma camiseta que está amarrada em um nó para o lado, revelando uma faixa de carne logo acima do short minúsculo. Ela está suja, suada e exausta.

Está perfeita.

Com um sorriso suave, eu pego a barra da minha camiseta branca, que está coberta de preto de borracha de pneu, e limpo o suor escorrendo pela minha testa.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto, lambendo os lábios e tentando impedir que minha pressão sanguínea saia do controle.

Ela move algo metálico para a frente e para trás em sua mão, que eu não posso ver de tão longe, e diz:

— Você pagou ao tio de Sam para que eu escrevesse dentro do centro de comodidade?

Fico desapontado, minhas sobrancelhas franzem quando percebo que ela deve ter falado com Sam.

— Não em dinheiro, mas em tarefas, então, sim, eu acho que sim. — Eu olho em volta para o mar de pneus em torno de mim em resposta.

Ela assente e morde o lábio inferior enquanto se aproxima de mim.

— Você sabe o que é isso?

Eu franzo a testa para o pedaço de metal em suas mãos.

— Isso parece um carburador.

— Você sabe para que tipo de veículo? — Ela pergunta, seus olhos azuis fixos nos meus.

Eu nego com a cabeça e dou de ombros.

— Eu não posso dizer daqui.

Ela faz uma pausa e o coloca em um carrinho ao lado da prancheta de pedidos de pneus que eu verifico quando empilho.

— É para um Ford F100 1965.

Fico boquiaberto.

— Esse é o que você tem em casa, certo? — Ela pergunta, piscando os olhos arregalados para mim.

Eu confirmo. Ela sorri.

— Onde você conseguiu isso? — pergunto, minha voz tomada pelo choque e descrença.

— É uma história longa e maluca. — Eu vejo sua garganta engolir devagar. — Mas espero que tenha um ótimo final.

Minha expressão atordoada se transforma em surpresa.

— Que tipo de final? — Eu pergunto, limpando as mãos no meu jeans enquanto ela para a três metros de mim. Consigo ver o azul brilhante de seus olhos e o brilho de suor em todo o seu corpo.

Ela está deslumbrante.

Ela solta o ar pelo nariz, um rubor subindo por suas bochechas quando ela responde:

— O tipo em que você me deixa pedir desculpas por mentir para você. — Ela me atira um olhar sério e diz: — Eu sou Kate Smith de Longmont, Colorado,

cujo ex tecnicamente ainda vivia com ela até duas semanas atrás, quando ela se mudou para a casa de sua melhor amiga, Lynsey. Eu não sou uma corajosa escritora de romance erótico que gosta de sacanagem, e é tranquila com coisas casuais, e usa um mecânico para pesquisa literária. Eu sou uma garota que está se apaixonando por um cara que trabalha na loja de pneus, e gostaria muito de ir para casa com ele e simplesmente tomar uma porra de um banho.

Ela solta o ar, claramente sem fôlego depois de sua confissão muito prolixa. Eu estou sem fôlego também.

Porque, de repente, com um olhar intenso, sou transportado de volta para aquela noite da tempestade, na qual eu me choquei contra ela como se eu fosse o trovão e ela, o raio. Tudo ao nosso redor desapareceu.

Agora em um mar de pneus, tudo o que vejo é ela.

Num piscar de olhos, ando na direção de Kate e ela está caminhando na minha direção. Nós nos conectamos, e dentro de um único suspiro, ela está em meus braços, nós dois cobertos de suor e sujeira, meu braço esquerdo circulando sua cintura, minha mão direita espalmada em suas costas, segurando-a corada para mim enquanto suas pernas se enrolam e apertam meu quadril.

Uma sensação boa e suave em meus braços. Quente e macia. O calor de uma mulher toda feita para mim. No começo, eu pressiono a testa na dela e respiro o cheiro dela. Entre todos os cheiros da loja, nada supera o cheiro dessa garota. Eu pressiono os lábios na testa úmida, depois na têmpora e depois na curva do lóbulo da orelha dela. Eu arrasto os lábios ao longo de sua mandíbula e pego o canto de sua boca com a minha.

Ela solta um gemido suave, entreabre os lábios para mim, e eu tomo isso como um convite para o banquete enquanto nos beijamos. Minha língua exigente se adianta para encontrar a dela, ansiosa, nossa pele unida com desejo. Com pedido de desculpas. Com duas semanas de ansiedade, estresse e confusão.

Ela passa os dedos pelo meu cabelo curto, enquanto fala contra a minha boca e se esfrega tão forte que eu vibro dentro do meu jeans de tanta vontade.

Eu recuo para olhar para ela.

— Você estava falando sério sobre o banho? — Ela joga a cabeça para trás com uma risada ofegante. — Meu Deus, sim.

— Bom, porque eu estou nojento, e tudo que eu quero fazer é me enterrar dentro de você agora.

Ela ri e solta as pernas em volta do meu quadril, descendo até o chão. Eu pego sua mão, puxando-a para trás quando me aproximo do carburador que ela colocou no carrinho.

— Eu não posso acreditar que você fez isso — eu afirmo incrédulo, pegando a coisa rara na minha mão. — Isso deve ter custado uma fortuna.

Ela levanta os ombros.

— Eu precisava que você soubesse que tudo o que nós experimentamos juntos não foi ficção. A coisa essencial importava para mim. Muito.

Meus olhos suavizam com emoção quando percebo a sinceridade em seu rosto. Eu nunca deveria ter duvidado dela. Eu nunca deveria tê-la colocado na mesma categoria que qualquer outra pessoa. Kate Smith está em outro nível.

Eu curvo o dedo sob o queixo dela e eu roço seus lábios nos meus. Não uma reivindicação sexual como a que eu quero no minuto em que chegarmos à minha casa. É um tenro agradecimento.

— Você é incrível — eu murmuro contra seus lábios. Ela sorri suavemente. — Você também.

Eu deslizo minha mão na dela enquanto descemos as escadas até a minha seção na loja, onde pego meu capacete e as chaves da minha moto.

— Onde está seu carro? — Eu pergunto, quando saímos para o beco onde minha moto está estacionada.

— Ele está ficando aqui durante a noite. Precisa de um reparo e estou com um pneu furado. — Meus olhos a fixam com um olhar curioso. Ela me ignora. — Eu vou falar sobre isso mais tarde. Agora, eu realmente quero subir na parte de trás da sua moto.

Com um sorriso, passo meu capacete para ela e a ajudo a subir a bordo. Com um arranque estrondoso, minha moto ruge para a vida, e eu saio do estacionamento, de Boulder, e sigo para o pequeno lugar que chamo de lar.



Nossos lábios estão trancados um sobre o outro nos degraus da garagem, por toda a sala de estar, cozinha, corredor e meu quarto. Nós interrompemos nosso beijo brevemente para tirar a camiseta. Nós retomamos o dito beijo enquanto minhas mãos alcançam as costas de Kate e soltam seu sutiã. Em um movimento rápido, seus seios estão nus e eu a aperto contra meu peito. Levantando os pés do chão para que eu possa reconectar nossos lábios e sentir sua pele nua contra a minha.

Ela se atrapalha com o botão no meu jeans, então eu a ajudo a se livrar do short e da calcinha. Virando-me para abrir os chuveiros, eu a beijo por mais um minuto, então me afasto para guiá-la para o chuveiro comigo. Colocando-a sob seu próprio jato e eu debaixo do meu, eu olho para ela enquanto a água quente cai sobre seu rosto e escorre por seu corpo.

Ela inclina a cabeça para trás, o cabelo vermelho escorrendo por sua cabeça. Ela entreabre os lábios e seus olhos azuis estão brilhantes, e piscando rapidamente contra a água, enquanto ela me olha observando-a.

Eu entro em seu jato e corro as mãos ao longo de sua clavícula e ombros.

— Eu senti sua falta pra caralho, Kate. — Minhas mãos deslizam para baixo para correr sobre o volume de seus seios nus, segurando-os para testar o peso deles. — É estranho chamá-la de Kate.

Sua respiração acelera quando eu belisco seus mamilos rosados entre o meu polegar e o dedo indicador.

— Você pode me chamar de Mercedes, se quiser — ela diz com um gemido suave.

Eu balanço a cabeça lentamente, deslizando as mãos pelas costelas, sobre seu baixo-ventre e provocando a fenda em sua boceta.

— Eu gosto de Kate. Combina com você.

Ela morde o lábio enquanto eu aumento a pressão, e depois gagueja.

— Você não acha que é sem graça?

Eu discordo com a cabeça e espero que ela abra os olhos para olhar para mim antes de responder:

— Não, eu acho sexy. E sexo no chuveiro com Kate é exatamente o que eu quero.

Ela se mostra surpresa quando eu a puxo para cima e contra mim, e

pressiono suas costas contra a parede fria de azulejos. Suas pernas me envolvem enquanto me posiciono entre suas coxas.

Eu encontro onde eu preciso estar, e com um forte impulso, eu a penetro, duro e nu, minha cabeça pressionando seu ombro enquanto a estico.

Ela grita, sua voz ecoando nas paredes.

— Oh Deus, Miles!

Meus dedos apertam sua bunda quando eu recuo e empurro novamente.

— Kate.

— Miles! — Ela grita novamente.

Eu me esfrego mais profundo nela e solto um gemido.

— Kate. — Mais uma vez. É uma reivindicação. Uma posse do nome dela na minha boca. E parece certo. — Kate — afirmo novamente com voz rouca, lambendo uma trilha do pescoço até a orelha. — Kate, isso não é casual.

— Não? — ela diz duvidando, diante de outro impulso.

— Não — eu confirmo com um grunhido. — Isso não é ficção, e eu não quero mais ser casual. Eu quero que você seja minha.

— Certo! — Ela diz, suas mãos apertando meu pescoço enquanto ela fecha os olhos e tenta encontrar liberação junto à tensão entre as pernas.

Eu recuo para olhar para ela.

— Gata, abra os olhos e olhe para mim. — Ela rola a cabeça contra a parede e finalmente ergue as pálpebras, mas não parece feliz com isso.

— Sim, Miles — diz ela, passando as mãos pelas minhas bochechas como se estivesse tentando me acalmar.

— Eu estou falando sério. Eu quero ser seu homem. E quero que você seja minha mulher.

O sorriso no rosto dela é impressionante, e a risadinha que rola pelo corpo dela faz coisas terrivelmente legais com meu pau.

— Você quer ser meu namorado?

— Sim — respondo com uma carranca diante de sua escolha de palavra. — Mas nada dessa besteira de namorado literário. Eu sou tão real quanto

possível, e vou deixar todos os seus ganhões fictícios envergonhados, você entendeu?

Ela morde o lábio e passa as pontas dos dedos no meu rosto.

— Você já deixa.

— Bom — eu respondo, esfregando meu quadril nela ainda mais. — Então, nós estamos de acordo?

— Totalmente — ela diz em voz alta, fazendo barulhos estranhos e incontroláveis na garganta.

Mas ela se torna mais e mais silenciosa enquanto eu bato nela várias vezes até estarmos flutuando em meio ao vapor quente do chuveiro agarrando-nos.

Juntos, como um.



34

KATE

Limpa e com cabelo úmido, Miles me vira de lado em sua cama grande e masculina que tem um cheiro delicioso, como ele, e puxa minhas costas nuas para seu peito nu. Ele beija o topo do meu ombro, sua boca quente e demorada enquanto ele se pressiona contra mim, sem deixar absolutamente nenhum espaço entre nós.

— Já vamos para a cama? — Eu pergunto, minha voz suave em seu quarto aconchegante, enquanto o brilho fraco do sol poente desaparece cada vez mais.

— Isso é apenas um intervalo — ele responde, a voz profunda vibrando nas minhas costas. — Nós não estamos nem perto de terminar de fazer as pazes ainda.

Eu puxo a coberta para a minha boca para abafar meu riso animado.

— Foi isso o que aconteceu no seu banheiro? Sexo de reconciliação?

Ele resmunga sua confirmação, e empurra o quadril contra meu traseiro.

— Se você tem que perguntar, então eu não fiz um bom trabalho.

Eu me viro, fico deitada de costas e posso olhar para ele.

— Você fez um trabalho excelente. Mas eu acho que teria chamado isso de uma sessão de boas-vindas em casa.

Seus olhos estão fechados, mas suas sobrancelhas franzem graciosamente.

— Você vai se mudar?

Minhas bochechas coram.

— Não... Deus, não é isso que eu quis dizer. Eu só... eu quis dizer que nós nos separamos por um tempo e agora nos reunimos e...

— Gata — ele diz, me cortando no meio do discurso. — Silêncio. Você está ficando tensa, e depois do melhor sexo da minha vida, eu realmente não quero que você azedando a minha vibe.

Eu rio e puxo o cobertor sobre a boca antes de murmurar.

— Melhor sexo da sua vida?

Ele abre um olho e olha para mim, tirando a mão da minha barriga e puxando a coberta do meu rosto. Ele recolhe uma mecha solta de cabelo e confirma sua afirmação com um sexy:

— Porra, sim. Agora fale comigo sobre sua casa. Por que você está morando com Lynsey?

Dou um gemido alto.

— Agora você está azedando minha vibe.

Ele me fixa com um olhar.

Eu suspiro.

— Dryston estava ameaçando te processar por quebrar o nariz dele. Ofereci a casa em troca, para ele prometer não vir atrás de você.

O corpo inteiro de Miles fica tenso, sua mão segurando meu ombro enquanto ele me fixa com um olhar sério.

— Você desistiu de sua casa por mim?

Eu dou de ombros.

— Foi minha culpa você ter sido pego de surpresa, para começar. Eu deveria ter sido honesta com você desde o início.

— Oh, você quer dizer como não mentir para mim que seu ex-namorado ainda vivia com você e não era, de fato, gay, mas um enorme babaca?

Meus ombros tremem com uma risada triste. Solto um gemido e tento esconder meu rosto, mas Miles não me deixa.

— Eu sinto muito. Isso foi completamente idiota da minha parte. Eu realmente gostei muito de você, e morri de medo de você fugir naquela noite. Você estava falando sem parar sobre ser ciumento.

Seus lábios se contraem, um olhar de decepção nublando suas feições.

— Eu não deveria ter te assustado com tudo isso. Eu coloquei muita pressão em você com a conversa do meu passado. Eu sou um cara protetor, Kate, mas espero que saiba que confio em você.

Abro um pequeno sorriso e respiro fundo.

— Bom, porque eu tenho outra confissão.

— Meu Deus, qual? — Miles pergunta, passando a mão pelo cabelo.

— Dean me disse que ele gostava de mim como mais do que um amigo.

— O quê? — Miles grita, erguendo-se no cotovelo para que ele possa me ver mais completamente. — Você está falando sério? Porra, eu sabia!

Eu me sento, segurando o lençol sobre os seios com uma mão e estendendo a outra mão para correr pelo tríceps dele.

— Nós conversamos sobre isso e ele sabe que não sinto o mesmo. Nós somos apenas amigos. Ele sabe disso agora.

— Deus, mais algum cara de quem eu precise saber? Eu posso precisar começar a usar luvas de boxe! — Miles zomba.

— Não, só Dean — eu respondo encolhendo os ombros sem jeito. — E você não vai dar um soco nele porque ele ainda é meu amigo. E ele só me disse porque não tinha ideia de que eu estava completamente apaixonada por você.

Os brilhantes olhos azuis de Miles piscam para se conectar aos meus. Seu corpo ainda mais tenso do que estava antes.

— O que você acabou de dizer?

Meu coração está na minha garganta, mas sei que não há como voltar agora.

— Eu estou apaixonada por você, Miles. Tipo, completamente.

Sua boca se abre quando ele solta todo o ar de seus pulmões.

— Agora eu preciso transar com você de novo — ele murmura e se move em cima de mim, entre as minhas pernas, sua ereção cutucando minha entrada enquanto ele descansa os cotovelos, um de cada lado de meu corpo, e olha diretamente nos meus olhos. — Como você consegue ficar cada vez melhor?

Eu franzo os lábios e toco seu rosto com as mãos.

— Eu estou sendo eu mesma, finalmente.

Ele esboça um pequeno sorriso, que some quando ele responde simplesmente:

— Eu também te amo, Kate.

E sem um momento de hesitação, puxo seu rosto para o meu e o beijo. Beijo como se minha felicidade dependesse disso. Porque neste momento, depende totalmente. Miles Hudson é o sol, o ar, a lua e as estrelas. Ele é maravilhoso para caralho, e ele me ama. Tem como isso ser mais digno de livro?



35

KATE

3 MESES DEPOIS

Eu ouço o ronronar familiar do Ford 1965 entrando na garagem sob meus pés, enquanto retiro do forno a pizza caseira que passei a curtir permanentemente. Eu sei que não é necessariamente uma refeição romântica, mas é uma espécie de como começou nosso relacionamento. Dei a ele uma sobra de pizza em troca de seu silêncio por me deixar na loja de pneus para escrever. Ele acabou sendo o homem dos meus sonhos, e o tipo de cara com quem tenho que comemorar o aniversário de três meses.

Não consigo me conter.

Eu ainda tenho bastões de alcaçuz para a sobremesa porque, como qualquer outro romance, a importância de completar o ciclo sempre torna a cena ainda mais especial. E desde que terminei minha comédia romântica sobre um mecânico, eu estou pronta para celebrar o FIM com o homem que amo.

Mas, por diversão, nós estamos chamando essa noite de “pesquisa de encontro amoroso”, e Miles aceitou isso quase instantaneamente.

Os últimos meses foram um borrão de um relacionamento maravilhosamente descomplicado, que consiste em cafés da manhã em sua varanda, jantares tranquilos fora, e sexo praticamente em qualquer lugar que podemos conseguir. Ah, e palavras. Tantas palavras! Eu estou constantemente tomando notas com Miles abraçado a mim à noite. Ele não fica mais surpreso quando acorda com o despertador, e me encontra digitando no meu laptop, e observando o nascer do sol na varanda da frente.

A casa de Miles Hudson faz a loja de pneus parecer um casebre.

Só brincando! Retiro o que disse. Eu ainda vou rastejando lá para trabalhar pelo menos três dias por semana. As bebidas e biscoitos de cortesia não se consomem por si só! E o tio de Sam finalmente se apresentou para mim, e me disse que eu poderia entrar quantas vezes eu quisesse.

A vida é boa. E estar comprometida com Miles é ótimo. Mas hoje à noite será divertido olhar para atrás e lembrar do modo estranho com que nosso relacionamento começou.

Eu fico chocada ao ouvir a campainha da porta da frente de Miles. Eu acho que ele está levando essa “pesquisa” a sério. Com um sorriso, eu me apresso a calçar minhas sandálias plataforma para abrir a porta, e quase caio morta quando vejo meu homem parado na minha frente usando uma maldita camisa de botão e com uma rosa na mão.

Uma única rosa vermelha.

Mas eu estou olhando além disso agora, porque ele claramente fez muito mais do que simplesmente lavar-se na loja. Seu cabelo escuro parece ter um pouco de gel, e seus jeans escuros estão gastos nos lugares certos. Os lugares em que os jeans de um homem se desgastam quando ele trabalha duro com eles. E meu bom Deus, ele até está usando sapatos.

Ele parece bom o suficiente para comer.

— Meu Deus — Miles fala arrastado, assimilando meu curto vestido vermelho. Foi uma compra por impulso, e muito sacana para se usar em público. Mas estou comprometida com minha pesquisa esta noite.

Miles parece mais do que gostar quando entra e deixa cair a rosa na mesinha lateral. Em um longo passo, ele chuta a porta com o calcanhar e envolve meu rosto em suas mãos.

Encurvando-se sobre mim, ele fala roucamente contra meus lábios.

— A primeira coisa que tenho a dizer sobre o que estou pensando agora para sua pesquisa é que quando uma garota que você está fodendo há meses deixa seu pau duro apenas vestindo um vestido bonitinho, fica bem difícil para um cara decente ser um cavalheiro.

Com um puxão suave do meu cabelo, ele inclina a cabeça para trás e pressiona a boca na minha. Minhas mãos fecham em sua camisa pelas laterais enquanto eu abro meus lábios para ele e dou as boas-vindas à sua língua quente e molhada dentro de mim. Nossas línguas se encontram, e eu sinto uma concentração na barriga que é tão intensa que me faz gemer em sua boca.

Ele rosna em resposta, soando feroz e animalesco enquanto nos leva para trás em direção à parede próxima. Ele me gruda contra ela, uma mão soltando minha bochecha quando ele a estica para puxar minha perna para cima em seu quadril, meu vestido subindo até a cintura. Abaixando o corpo, ele pressiona sua frente no meu núcleo, e eu grito quando ele se esfrega contra mim, mostrando-me como já está duro.

Sério! Como ele conseguiu ficar duro tão rápido?

— Puta merda! — Eu exclamo quando ele separa nossos lábios para passar a mandíbula pelo meu pescoço, sua língua deixando um rastro delicioso de arrepios por todo o caminho. Ele se abaixa para os meus seios e mergulha dentro do meu decote para chupar forte.

— Oh! — Eu grito e o empurro suavemente.

Ele se afasta com um sorriso orgulhoso.

— Isso vai deixar uma marca.

— Seu idiota — eu rosno, empurrando-o para longe. Meu homem tem uma inclinação por deixar marcas em mim, e mesmo que eu finja odiar isso, na verdade, adoro.

Seu peito vibra com sua risada quando ele me abraça.

— Eu não posso evitar. Gosto de te marcar.

Eu reviro meus olhos.

— O que você disse quando entrou? Rapazes decentes são cavalheiros ou algo assim.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Quem disse que eu sou decente?

Eu olho para o meu decote e afasto o vestido para ver a marca vermelha já aparecendo.

— Claramente você não é.

O olhar faminto dele não é de modo algum pesaroso, e eu não consigo não amá-lo um pouco mais por isso. Com as pernas bambas, eu me retiro de seu abraço e pego a flor que ele jogou sobre a mesa sem cerimônia.

— Você me trouxe uma flor. — Eu sorrio e pressiono no nariz enquanto caminho de volta para a cozinha.

Seu sorriso está envergonhado enquanto ele esfrega a nuca.

— Eu pensei que uma flor fosse muito apropriada para um encontro. Digno de Namorado Literário, como você diz. — Ele encolhe os ombros como se não fosse grande coisa.

Eu sacudo a cabeça.

— Pare de agir como se você fosse legal demais para essas coisas agora. Você ama a pesquisa literária.

Ele ri baixinho e se apoia no balcão perto do fogão enquanto eu procuro por um cortador de pizza.

— Na verdade, eu adoro ver você trabalhando.

— É? — Eu respondo, abandonando minha tarefa para pegar algumas cervejas na geladeira. Entrego uma a ele, que abre e devolve para mim, então lhe dou outra.

Ele brinda com as garrafas comigo, toma um gole e aponta para a porta da frente.

— E o fato de você poder se sentar na *minha* varanda e criar suas histórias é o suficiente para deixar meu pau duro.

— Fluido de freio deixa seu pau duro — eu respondo com um dramático revirar de olhos.

Ele me observa com um olhar de advertência e pousa sua cerveja, estendendo a mão e me puxando para ele. Ele nos rodopia, então seus braços me enjaulam contra o balcão, e ele está se pressionado contra mim naquele jeito realmente delicioso e grandioso que ele tem nele.

Ele olha nos meus olhos com muita sinceridade quando diz:

— Eu não estou brincando. Eu gosto de você escrevendo aqui, Kate.

— Bem, a vibe aqui é boa. Ainda melhor que a loja de pneus.

Ele se engasga e sorri.

— E se eu quiser que você passe seus dias e noites aqui?

— Bem, você praticamente já tem todas as minhas noites reservadas — eu afirmo com uma risada. A casa de Lynsey não é propícia a sexo barulhento, então inevitavelmente nós acabamos na casa de Miles com muita frequência.

— Quero dizer permanentemente. — Seu sorriso diminui, seus olhos ficam sérios.

Eu franzo a testa para ele.

— Como morar com você?

— A menos que você prefira dormir do lado do seu ex-namorado?

— Espere, essa é a única razão pela qual você está me pedindo para morar com você? Porque você está tentando me manter longe do meu ex?

— Não — ele responde casualmente, espalhando as mãos sobre meu quadril e me puxando para ele. — Eu estou pedindo para você morar comigo porque quero você na minha cama todas as noites, Kate. Não apenas quando funciona para você. Eu quero ir junto para a loja de pneu onde você pode escrever o dia todo, e eu possa entrar e dar um beijo sempre que quiser. E quando eu sair do trabalho, você vai subir na parte de trás da minha moto, e se pressionar em mim enquanto vamos juntos para casa. Sinceramente, eu não consigo pensar em uma maneira melhor de passar uma parte do meu tempo com você.

— Como você passaria a outra parte?

— Enterrado dentro de sua pequena e deliciosa boceta.

Respiro fundo diante dessa promessa suja. Parece perfeito. Parece que ele acabou de descrever o paraíso, e eu estou parada diante dos portões dourados à espera para entrar.

Mas eu tento parecer calma quando respondo:

— Acho que eu poderia gostar da ideia de morar com você. — Mordo meu lábio inferior e corro minhas mãos até o peito dele, acariciando seu amplo peitoral com apreciação. — Você é certamente a minha melhor inspiração para escrever até hoje.

— É melhor você não estar me usando para suas histórias fictícias, gata — ele diz, deixando um beijo carinhoso em meus lábios. Um desses que é cheio de calor e respeito e adoração. Não é um chupão, um beijo de reivindicação. Não é um beijo lascivo e sexualmente enlouquecido. E não tem nada a ver com pesquisa literária.

É um que eu posso vê-lo me dando todos os dias, pelo resto de nossas vidas.

— Nunca, Miles — eu murmuro contra seus lábios e passo as mãos pelos cabelos. — Embora viver com você definitivamente possa me ajudar a terminar meu livro mais rápido do que o previsto.

Ele se afasta com um sorriso e pergunta:

— Então você vai me dizer sobre o que é este livro?

Eu encolho os ombros.

— É a nossa história de amor. Nada demais. — Ele ri junto ao meu corpo. — Interessante, como é o final disso?

Eu sorrio alegremente para ele.

— Feliz, é claro.

FIM.

AGRADECIMENTOS

Eu sinto que os agradecimentos deste livro são especialmente importantes porque muitas pessoas sabem que essa história foi muito (vagamente) baseada em minhas experiências da vida real e eu quero deixar algumas coisas claras aqui!

Primeiro de tudo, sim, eu entrei na sala de espera de uma loja de pneus. Sim, eu peguei inúmeros carros de amigos, e sim, minha amiga autora realmente me enviou uma pizza, e eu até recebi uma fatura falsa no correio enviada por meus amigos. Foi tudo eletrizante.

Mas basicamente, a história de amor entre Miles e Kate é cem por cento ficção. Eu sou uma mulher muito feliz no casamento e a nossa filha é o nosso mundo. Nunca houve um flerte entre mim e um funcionário da loja de pneus. Ou qualquer mecânico que me notasse entrando. Francamente, os caras da loja local me lembram alguns de meus tios, que são muito queridos.

Além disso, minha família é incrível com o apoio à minha escrita. Minha mãe lê e adora cada um dos meus livros e meu pai envia cópias para seus colegas no trabalho, em todo lançamento. Até minha avó é incrível! Ela gosta de romances Amish e é o exemplo de uma esposa de fazenda saudável, mas aquela mulher maravilhosa compra dois exemplares de cada livro que eu escrevo: um para sua estante em casa e outro para sua biblioteca local com uma população de 800 pessoas. Minha família é incrível e eu nunca me senti envergonhada como Kate nessa história. Na verdade, o orgulho que minha família tem pelo meu trabalho é imenso. Eles são os melhores.

Eu me diverti escrevendo sobre esse começo incomum em uma história de amor. Sou muito grata a todos que conheci através deste processo pouco ortodoxo. Os caras da loja de pneus têm sido especialmente receptivos comigo e estou muito animada por eles terem me dado sinal verde para escrever lá sempre que desejar. A cidade em que eu moro é maior que Boulder e é muito legal ver um charme adorável e de cidade pequena em uma cidade maior.

Mas, no final das contas, quero agradecer a todos que seguiram junto comigo nas redes sociais e riram de mim através de minhas palhaçadas na loja de pneus. Essa história nunca teria sido imaginada se vocês não fossem tão divertidos e se envolvessem comigo nas mídias sociais. E eu me diverti escrevendo este livro.

Acredito firmemente no fato de que suas melhores conexões com as pessoas acontecem quando você está sendo real. E a verdade é que há muito pelo

que se sentir triste ultimamente. Há coisas horríveis acontecendo no mundo o tempo todo.

Mas, às vezes, basta um livro divertido e uma xícara de café realmente bom para tornar um dia sombrio um pouquinho mais brilhante.



Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

Site: <https://allbookeditora.com>

Facebook: <https://www.facebook.com/AllBookEditora>

Instagram: <https://www.instagram.com/allbookeditora>

Twitter: <https://twitter.com/AllBookEditora>

Skoob: <https://www.skoob.com.br/usuario/5521040-allbook-editora>

Você pode encontrar nossos livros em formato digital na Amazon, disponíveis também no Kindle Unlimited: http://bit.ly/AllBookAmazon_eBooks

Os livros impressos, podem ser adquiridos através da nossa loja on-line ou através de nossos parceiros:

Loja AllBook: <http://allbookeditora.com.br/>

Amazon: <http://bit.ly/AllBookAmazon>

Submarino: <http://bit.ly/AllBookSubmarino>

Americanas: <http://bit.ly/AllBookAmericanas>

Shoptime: <http://bit.ly/AllBookShoptime>

Notas

[[←1](#)]

É um grupo religioso cristão anabatista baseado nos Estados Unidos e Canadá. São conhecidos por seus costumes conservadores, como o uso restrito de equipamentos eletrônicos, inclusive telefones e automóveis.

[←2]

Tudo que toca vira ouro.

[[←](#)3]

Fanny Browne ficou famosa por seu romance vivido com o poeta. Foram noivos por três anos e neste período John Keats escreveu seus melhores poemas.

[[← 4](#)]

Hangry: palavra inventada pela autora, junção das palavras hungry (faminto) e angry (irritado).

[←5]

Emongry: palavra inventada pela autora, junção das palavras emotional (emotivo) e hungry (faminto).

[[← 6](#)]

Urban Dictionary é um site que contém um dicionário de gírias e frases em inglês.

[[←7](#)]

India Pale Ale, um estilo que veio da Índia. São cervejas amargas devido a concentração de lúpulos, extremamente aromáticas, refrescantes e fáceis de beber.

[[← 8](#)]

É uma cerveja de baixo teor alcoólico, a segunda mais vendida no varejo americano.

[[←9](#)]

O Pony Express é o nome pelo qual ficou conhecido um histórico correio expresso colocado em funcionamento em 1860, que levava correspondências a cavalo cruzando territórios selvagens dos Estados Unidos da América. A rota ligava as cidades de St. Joseph e Sacramento.

[[← 10](#)]

Um reality show americano sobre uma família polígama (Kody Brown, suas quatro esposas e dezesseis filhos).

Table of Contents

<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>
<u>Capítulo 26</u>
<u>Capítulo 27</u>
<u>Capítulo 28</u>
<u>Capítulo 29</u>
<u>Capítulo 30</u>
<u>Capítulo 31</u>
<u>Capítulo 32</u>
<u>Capítulo 33</u>
<u>Capítulo 34</u>
<u>Capítulo 35</u>

Agradecimentos